



Rafael da Mata Severino

**TIPOS DE SOLUÇÃO DE TRADUÇÃO NO PAR
LINGUÍSTICO PORTUGUÊS-LIBRAS:
uma reflexão a respeito dos conceitos de
procedimentos, estilo e multimodalidade aplicados à
tradução**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-
graduação em Estudos da Linguagem do Departamento
de Letras da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Teresa Dias Carneiro

Rio de Janeiro

Setembro 2022



Rafael da Mata Severino

**TIPOS DE SOLUÇÃO DE TRADUÇÃO NO PAR
LINGUÍSTICO PORTUGUÊS-LIBRAS:
uma reflexão a respeito dos conceitos de
procedimentos, estilo e multimodalidade aplicados à
tradução**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem do Departamento de Letras da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Teresa Dias Carneiro

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

Prof. Marcus Vinícius Batista Nascimento

UFSCar/UFSC

Profa. Silvana Aguiar dos Santos

UFSC

Rio de Janeiro, 26 de setembro de 2022

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e da orientadora.

Rafael da Mata Severino

Licenciado em Letras (Português e Literaturas de Língua Portuguesa) pela UERJ/FFP em 2016. Concluiu o curso de Especialização em Libras: Ensino, Tradução e Interpretação pela UFRJ em 2019. Tradutor e intérprete de Libras e português certificado pelo Exame Nacional de Proficiência em Libras (PROLIBRAS/MEC) em 2009 e pelo curso de formação e extensão universitária oferecido pela UFF em 2011. Atua profissionalmente como tradutor e como intérprete de Libras e português na esfera do serviço público federal desde 2013 estando, atualmente, na UFRJ (2019-atual) — em exercício na Faculdade de Letras (FL) — depois de ter passado pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), onde ficou no período de 2013 a 2019. Desde 2020, faz parte do projeto de extensão Videoteca Acadêmica em Libras (ViaLibras) do Departamento de Letras-Libras (FL/UFRJ) e, como membro pesquisador, integra o Grupo de Pesquisa em Estudos da Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais (GPETILS) na PUC-Rio.

Ficha Catalográfica

Severino, Rafael da Mata

Tipos de solução de tradução no par linguístico português-Libras : uma reflexão a respeito dos conceitos de estilo, procedimentos e multimodalidade aplicados à tradução / Rafael da Mata Severino ; orientadora: Teresa Dias Carneiro. – 2022.

209 f. : il. color. ; 30 cm

Dissertação (mestrado)—Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2022.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Estudos da tradução. 3. Tipos de solução de tradução. 4. Procedimentos. 5. Estilo da tradução. 6. Multimodalidade. 7. Língua brasileira de sinais I. Carneiro, Teresa Dias. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. III. Título.

CDD: 400

Aos meus pais, Silvia e Francisco, que, à sua maneira e dentro das suas possibilidades, sempre foram meus maiores incentivadores nos estudos.

Agradecimentos

Agradeço à professora Teresa Dias Carneiro, pela orientação e leitura cuidadosa do meu trabalho, pela escuta atenciosa de sempre, pelas aulas tão instigantes, que a todo momento me inspiraram a buscar mais conhecimento e fizeram, desde a especialização, florescer em mim o interesse pelos Estudos da Tradução; mas, sobretudo, pelo estímulo constante que, dos tempos de UFRJ em diante, me impulsionaram a ter força e coragem; e por, mais uma vez, contribuir para a minha formação intelectual e profissional.

À professora Silvana Aguiar dos Santos e ao professor Marcus Vinícius Batista Nascimento que, a despeito de suas muitas demandas acadêmicas e profissionais, aceitaram, prontamente, o convite para compor a banca arguidora de minha dissertação; e à professora Marcia do Amaral Peixoto Martins e ao professor Markus Johannes Weininger, pela gentileza de aceitarem participar como suplentes.

Ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da PUC-Rio, que, surpreendido pela situação pandêmica mundial da COVID-19, soube, magistralmente, conduzir as aulas de maneira remota. Especialmente às professoras, já mencionadas, Teresa Dias Carneiro e Marcia do Amaral Peixoto Martins, ao professor Paulo Henriques Britto e à professora Helena Franco Martins — da Linha 3: Linguagem, Sentido e Tradução —, pelas reflexões em sala de aula, e pela rica contribuição dada em cada trabalho final das disciplinas que cursei ao longo do mestrado.

Aos colegas e pesquisadores do Grupo de Pesquisa em Estudos da Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais (GPETILS) da PUC-Rio, pelas reflexões e diálogo preciosos que, certamente, resultaram no amadurecimento das questões que apresento nesta dissertação.

Ao Setor de Tradutores e Intérpretes de Libras-português e ao Setor de Produção de Vídeos em Libras, ambos do Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFRJ, pela acolhida e contribuição para o refinamento de minhas habilidades profissionais e acadêmicas.

Aos meus pais, Silvia e Francisco, ao meu irmão, Daniel e ao sobrinho, Davi, por me acompanharem mesmo de longe, torcerem por mim e entenderem minhas ausências.

Ao meu companheiro, Guilherme, pelo apoio e aconchego perenes sem os quais a caminhada seria, assustadoramente, mais difícil; e por, desde o início desta trajetória, dizer com todas as letras que não sairia do meu lado. E não saiu. Ter sua companhia fez e faz total sentido desde o nosso encontro.

Aos amigos de perto e de longe, em especial Helena e Rodrigo, pela paciência e incentivo constantes, mas, sobretudo, pela alegria e leveza que acrescentam à minha vida. Aos de longa data, André e Fernando, que, desde os tempos de escola, se fazem presentes nas mais diversas fases da minha vida. À Desirée, pelas tantas conversas a respeito de Lacan, acerca de como é ser preto e preta em um país racista como o nosso, e pelos diálogos sobre a vida. Seu jeito de ser e estar no mundo me inspira.

Aos queridos Ebersson Sarmento e Danilo Soares, pela amizade, que se estende por alguns longos anos, mas, especialmente, por terem aceitado o convite para compor a dupla de intérpretes para a defesa.

Aos afetuosos Hércules e Frederico, pela companhia diária e amor incondicional com que me tratam sem esperar nada em troca. A presença diária de vocês me fortalece de um modo tão especial que não conseguiria expressar em poucas palavras.

À psicanalista Vilma Ribeiro Dias, pela escuta atenciosa e intervenções importantes sem as quais o percurso até aqui teria sido esmagador.

Aos funcionários da Pós-graduação em Letras, em especial a Francisca Ferreira de Oliveira e ao Wellington Luiz Cruz de Azevedo Júnior, pela atenção e cuidado dispensados ao longo das diversas trocas de e-mails.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais esta dissertação não poderia ter sido realizada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Resumo

Severino, Rafael da Mata; Carneiro, Teresa Dias (Orientadora). **Tipos de solução de tradução no par linguístico português-Libras: uma reflexão a respeito dos conceitos de procedimentos, estilo e multimodalidade aplicados à tradução.** Rio de Janeiro, 2022, 208 p. Dissertação de Mestrado — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Esta dissertação de mestrado apresenta, a partir da concepção de tipos de solução de tradução, contribuições para análise de traduções no par linguístico português-Libras, partindo de uma reflexão acerca dos conceitos de procedimentos, estilo e multimodalidade. Embora a noção de tipos de solução de tradução, ressaltada na obra *Translation Solutions for Many Languages*, de Anthony Pym, não contemple o par de línguas debatido no presente trabalho, ela dá subsídios importantes para discussões a respeito das tomadas de decisão que tradutores e tradutoras assumem em seu ofício e, consequentemente, contribui para o aspecto formativo de tradutores e tradutoras à medida que oferece um leque maior de opções disponíveis. Nesse sentido, a proposta desta dissertação é, portanto, contemplar os tipos de solução de tradução assumidos por tradutores e tradutoras de português-Libras e refletir sobre a possibilidade de suas escolhas indicarem um estilo próprio de traduzir influenciado não só por componentes linguísticos, mas também sociais, além de discorrer sobre procedimentos específicos adotados por esses profissionais e a multimodalidade contribuindo para tais soluções. Os aportes teóricos desta dissertação se originam dos Estudos da Tradução, da Estilística e da Sociologia da Tradução, além dos estudos acerca de procedimentos e multimodalidade. Para isso, o *corpus* analisado contempla a tradução para Libras da apostila *Introdução aos Estudos da Tradução* disponibilizada ao público no site da Videoteca Acadêmica em Libras do Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Os resultados obtidos indicaram que a tipologia proposta por Pym (2016; 2018) foi utilizada pelos tradutores e tradutoras para finalidades específicas sendo, portanto, evidente a habilidade desses profissionais em lançar mão de determinados tipos de solução de tradução de modo consciente e intencional. Além disso, camadas não só linguísticas como também sociais puderam ser constatadas à medida que o conceito bourdieusiano de *habitus*, aplicado ao contexto de tradução, foi investigado contribuindo para a noção de estilo da tradução. Da mesma

forma, a multimodalidade no texto traduzido pôde ser percebida, dando conta não apenas dos recursos multimodais presentes no texto de partida, mas também compondo o todo semiótico e impulsionando soluções tradutórias.

Palavras-chave

Estudos da Tradução; tipos de solução de tradução; procedimentos; estilo da tradução; multimodalidade; Língua brasileira de sinais.

Abstract

Severino, Rafael da Mata; Carneiro, Teresa Dias (Advisor). **Translation solution types in the Portuguese-Brazilian Sign Language pair: a reflection on the concepts of procedures, style and multimodality applied to translation.** Rio de Janeiro, 2022, 208 p. Master's Degree Thesis — Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This Master's degree thesis presents, from the conception of translation solution types, contributions to the analysis of translations in the Portuguese-Brazilian Sign Language pair, reflecting on the concepts of procedures, style and multimodality. Although the notion of translation solution types, highlighted in the work *Translation Solutions for Many Languages*, by Anthony Pym, does not include the language pair discussed in the present work, it provides important subsidies for discussions regarding the decision-making that translators assume in their work and, consequently, contributes to the formative aspect of translators as it offers a wider range of available options. In this regard, the purpose of this thesis is, therefore, to contemplate the translation solution types assumed by Portuguese-Brazilian Sign Language translators and to reflect on the possibility of their choices indicating their own style of translating influenced not only by linguistic components, but also by social ones as well as to discuss specific procedures adopted by these professionals and multimodality contributing to such solutions. The theoretical contributions of this thesis stem from Translation Studies, Stylistics and Sociology of Translation, in addition to studies on procedures and multimodality. For this, the analyzed *corpus* includes the translation into Brazilian Sign Language of the booklet *Introduction to Translation Studies* available to the public on the website of the Academic Video Library in Brazilian Sign Language of the Department of Letters-Brazilian Sign Language (Libras) of the Faculty of Letters of the Federal University of Rio de Janeiro. The results obtained indicated that the typology proposed by Pym (2016; 2018) was used by translators for specific purposes and, therefore, the ability of these professionals to make use of certain types of translation solutions consciously and intentionally is evident. Furthermore, not only linguistic but also social layers could be seen as the Bourdieusian concept of habitus, applied to the context of translation, was investigated, contributing to the notion of translation style. In the same way, the multimodality in the translated text could be

perceived not only taking into account the multimodal resources present in the source text, but also composing the semiotic whole and driving translation solutions.

Keywords

Translation Studies; translation solution types; procedures; translation style; multimodality; Brazilian Sign Language.

Sumário

| | |
|---|------------|
| 1. Introdução | 17 |
| 2. Fundamentação teórica | 27 |
| 2.1. Estudos da Tradução e o conceito de tradução adotado | 27 |
| 2.2. Conceito de equivalência e devidas implicações | 40 |
| 2.3. Tipos de Solução de Tradução | 47 |
| 2.3.1. Histórico da noção de procedimentos e seus desdobramentos | 54 |
| 2.4. Estilo aplicado aos Estudos da Tradução | 68 |
| 2.5. Multimodalidade (ligada às soluções tradutórias) | 89 |
| 3. Análise do <i>corpus</i> | 97 |
| 3.1. Descrevendo o objeto: A apostila de <i>Introdução aos Estudos da Tradução em Libras</i> (AIET em Libras) | 97 |
| 3.2. Metodologia utilizada | 107 |
| 3.3. Análise propriamente dita | 113 |
| 3.3.1. Retomando os tipos de solução de tradução | 114 |
| 3.3.2. Retomando o conceito de estilo aplicado à tradução | 140 |
| 3.3.3. Retomando o conceito de multimodalidade aplicado à tradução | 147 |
| 4. Conclusões da pesquisa | 162 |
| Referências bibliográficas | 171 |
| Anexo I | 183 |
| Anexo II | 184 |
| Apêndice I | 185 |
| Apêndice II | 198 |

Apêndice III

204

Apêndice IV

208

Lista de figuras

| | |
|---|-----|
| Figura 1: O floreio rabiscado: extraído de Boria e Tomalin (2020, p. 4) | 94 |
| Figura 2: Capa e contracapa da AIET em português | 99 |
| Figura 3: Apresentação da AIET traduzida na ViaLibra | 101 |
| Figura 4: Organização do <i>corpus</i> para análise | 109 |
| Figura 5: Tabela de catalogação e etiquetagem dos vídeos | 110 |
| Figura 6: Cotejamento entre AIET em português e em Libras | 111 |
| Figura 7: Tabela de detalhamento de informações para análise posterior | 112 |
| Figura 8: Exemplo de Cópia de Palavras na AIET em Libras | 116 |
| Figura 9: Exemplo de Cópia de Estrutura na AIET em Libras | 118 |
| Figura 10: Exemplo de Mudança de Perspectiva na AIET em Libras | 119 |
| Figura 11: Exemplo de Mudança de Densidade na AIET em Libras | 122 |
| Figura 12: Exemplo de Ressegmentação na AIET em Libras | 123 |
| Figura 13: Exemplo de Compensação na AIET em Libras | 125 |
| Figura 14: Exemplo de Correspondência Cultural na AIET em Libras | 127 |
| Figura 15: Exemplo de introdução de vídeo sem adição de conteúdo | 129 |
| Figura 16: Exemplo de introdução de vídeo como Adição de Conteúdo | 130 |
| Figura 17: Exemplo de conclusão como Adição de Conteúdo | 131 |
| Figura 18: Exemplos de termos em glossário como adição de conteúdo | 132 |
| Figura 19: Caixas de texto (reflita, debate e pesquisa) extraídas da AIET em português | 148 |
| Figura 20 : Elementos em destaque/definição de conceitos e citação (com recuo) extraídos da AIET em português | 148 |

| | |
|---|-----|
| Figura 21: Elementos em negrito e nota de rodapé extraídos da AIET em português | 149 |
| Figura 22: Exemplos de caixas de texto na AIET em Libras | 150 |
| Figura 23: Exemplos de citações na AIET em Libras | 151 |
| Figura 24: Exemplos de notas de rodapé na AIET em Libras | 152 |
| Figura 25: Exemplos de destaques/definições de conceito na AIET em Libras | 153 |
| Figura 26: Exemplos de elementos multimodais acompanhados de datilografia | 155 |
| Figura 27: Exemplos de elementos multimodais estabelecendo esquemas | 156 |
| Figura 28: Exemplos de elementos multimodais em inserções de vídeos | 156 |
| Figura 29: Exemplos de elementos multimodais utilizados em itens culturalmente marcados | 157 |
| Figura 30: Exemplos de elementos multimodais usados para marcar períodos cronológicos | 158 |
| Figura 31: Exemplos de multimodalidade redundante | 159 |
| Figura 32: Exemplos de multimodalidade concorrente | 160 |

Lista de tabelas

| | |
|--|-----|
| Tabela 1: Pontos positivos no estudo do paradigma da equivalência elaborados a partir de PYM (2017) | 46 |
| Tabela 2: Síntese da tipologia proposta por Pym - Elaboração a partir de Pym (2018) | 52 |
| Tabela 3: Procedimentos de tradução descritos por Vinay e Darbelnet – Elaboração a partir de Barbosa ([1990] 2020) | 58 |
| Tabela 4: Descrição dos vídeos da AIET em Libras | 102 |
| Tabela 5: Proposta de categorização de soluções tradutórias (português-Libras) - Elaboração a partir de Severino (2019, p. 30) | 134 |
| Tabela 6: Tipos de solução de tradução e quantidade de ocorrências destacadas | 143 |
| Tabela 7: Síntese de elementos multimodais iniciais | 154 |

Lista de esquemas

| | |
|--|-----|
| Esquema 1: Etapas de tradução (português-Libras) – Elaboração a partir de Carneiro et al. (2020) | 39 |
| Esquema 2: Síntese dos passos metodológicos | 112 |

Je suis ici.

Luedji Luna,
Um corpo no mundo

...botaram na minha cabeça que eu era inferior. Então, um belo dia, descobri que eu não era [...] e isso ficou na minha cabeça e me alimentou.

Milton Gonçalves
Entrevista à TV PUC-Rio

Uma obra não traduzida só é publicada pela metade.

Antoine Berman,
A prova do estrangeiro

Introdução

Não são recentes as tentativas de apresentar listas que, de algum modo, têm por finalidade sugerir maneiras como tradutores e tradutoras devem agir para solucionar problemas de tradução. Pelo menos desde Vinay e Darbelnet (1958), tentativas desse tipo têm surgido e outras tantas, ao longo do tempo, têm se destacado, como é o caso de Catford (1965), Vázquez-Ayora (1977), Newmark (1988), para citar contribuições mais antigas; além de Aubert (1998), Aixelá ([1996] 2013), Barbosa ([1990] 2020) e Pym (2016; 2018), entre outros.

Na literatura da área, geralmente, a maneira como os teóricos nomeiam soluções tradutórias vem acompanhada de termos como *procedimentos*, *técnicas*, *estratégias* ou até mesmo *modelos de tradução*. Muitas das críticas que essas listas recebem originam-se do fato de que, para alguns dos questionadores, elas são desprovidas de componente cognitivo, se restringem a pares de línguas específicos ou são mal organizadas. No entanto, o que se observa é que, mesmo nos dias de hoje, muitas dessas listas se mantêm fixas e circulando em cursos de formação de tradutores e de tradutoras, o que parece indicar que, a despeito das críticas que recebem, as listas, possivelmente, têm valor, sobretudo, pedagógico (PYM; TORRES-SIMÓN, 2015).

Nesse sentido, fazendo a opção pelo termo *tipos de solução de tradução* — que, tal como Pym (2016; 2018), justifico por ter ciência de que as análises feitas, nesta pesquisa, são baseadas na comparação de textos e não naquilo que acontece na mente dos tradutores e tradutoras, como pesquisas de processo podem sugerir —, tenho, nesta dissertação, o objetivo teórico de alargar os conceitos de procedimento/estratégias e, conseqüentemente, de tipos de solução de tradução, ao mesmo tempo que também tenho a finalidade prática de dar mais suporte para soluções tradutórias e o ensino de tradução.

Para isso, retorno às teorias de base linguística, especialmente, aos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (ETBC) — Baker (2000), Saldanha (2011), Barcellos (2016), Laviosa (2002), Mauranen e Kujamäki (2004) — por entender que, embora minha pesquisa não seja uma investigação de processo, este, de certo modo, se revela na análise de produtos. Em outras palavras, busco no produto — as traduções — evidências do processo, uma vez que, no *corpus* analisado, embora as traduções tenham

passado por etapas de revisão e edição, os tradutores e tradutoras sempre tiveram a palavra final face às suas decisões tradutórias.

Assim sendo, analiso traduções no par linguístico português-Língua Brasileira de Sinais (doravante, Libras) refletindo acerca dos conceitos de soluções de tradução, estilo e multimodalidade aplicados à tradução. Nesse sentido, é importante lembrar que a tipologia proposta por Pym (2016; 2018) pretende contemplar muitas línguas, porém, ao que parece, línguas de sinais não foram consideradas. Mesmo assim, suas contribuições parecem dar subsídios importantes para a discussão a respeito das tomadas de decisão que tradutores e tradutoras assumem em seu ofício, além de colaborar na formação de novos profissionais, o que, possivelmente, também se aplica ao contexto de tradução entre português e Libras.

Desse modo, examino o *corpus* *Apostila de Introdução aos Estudos da Tradução em Libras* (AIET em Libras)¹, disponível — em sítio da internet — na Videoteca Acadêmica em Libras (ViaLibras), do Departamento de Letras-Libras, da Faculdade de Letras, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

A partir do *corpus* selecionado, reflito sobre a possibilidade de as escolhas tradutórias indicarem um estilo próprio de traduzir influenciado não só por componentes linguísticos, como também sociais. Também discorro sobre os tipos de solução de tradução investigando se a tipologia proposta por Pym (2016; 2018) dá conta das soluções adotadas por tradutores e tradutoras de português-Libras e analiso se as categorias de Severino (2019) para soluções tradutórias (português-Libras) se confirmam com o novo *corpus*. Além disso, averiguo de que modo a multimodalidade aparece nas traduções e se, estando presente, poderia fomentar soluções tradutórias.

Portanto, meu aporte teórico tem como base os Estudos da Tradução e da Interpretação — Arrojo (1986), Munday (2016), Pagura (2003), Cavallo e Reuillard (2016), Pöchhacker (2015; 2016), Tymoczko ([2006] 2014; [2007] 2014), Lillo-Martin (2002), McBurney (2002), Wurm (2010), Carneiro *et al.* (2020), Rodrigues e Santos (2018), Pym (2017), Weininger (2009) e outros —, Estilística da Tradução — Baker (2000), Barcellos (2011; 2016), Boase-Beir (2004; [2006] 2014), Saldanha (2011; 2014), Munday (2008), Blauth (2015) e Walder (2013) —, Sociologia da Tradução — Simeoni (1998), Gouanvic (2005), Rakefet (2005), Prunč (2007) e Wolf (2012) —,

¹ Para acessar a AIET em Libras, basta clicar no link:
<http://www.vialibras.letas.ufrj.br/index.php/estudos-da-traducao>

além de estudos acerca da noção de procedimentos e suas implicações — Pym (2016; 2018), Pym e Torres-Simón (2015), Barbosa ([1990] 2020), Vinay e Darbelnet (1958), Munday (2016), Aubert (1998), Aixelá ([1996] 2013), Jääskeläinen (2009) e Bardaji (2009) — e da multimodalidade aplicada à tradução — Kaindl (2020), Boria e Tomalin (2020), Kress (2020), Baptista (2015), Snell-Hornby (2006), Jewitt *et al.* (2016) e Diniz e Carneiro (2021).

Contextualizando, importa dizer que o interesse em estudar *tipos de solução de tradução* surgiu na etapa final de minha especialização em Libras: Ensino, Tradução e Interpretação, realizada na Faculdade de Letras, da UFRJ. Na ocasião, o meu trabalho de conclusão de curso deu origem à monografia intitulada *Estilo dos tradutores: tradução de PT-BR > Libras como processo criativo*. Àquela altura, meu objetivo era tão somente trazer luz ao trabalho de tradutores e tradutoras — que, como afirma Venuti (1996), tende à invisibilidade — e, para isso, busquei identificar como e em que dimensão esses profissionais poderiam imprimir marcas individuais em seu trabalho. Como metodologia da pesquisa, propus que dois tradutores experimentados traduzissem um mesmo texto sob as mesmas circunstâncias de produção — condições semelhantes para a tradução, por exemplo, mesmo nível de formação acadêmica ou similar — de maneira que a possível inexperiência de um ou outro não comprometesse a análise e, assim, fosse praticável a redução de diferenças extratextuais para que, em igualdade de condições, características individuais se destacassem.

Para isso, lancei mão do conceito de *procedimentos técnicos de tradução* (BARBOSA, [1990] 2020) de maneira que pudesse observar preferências dos tradutores envolvidos por certos procedimentos e, de acordo com a sua recorrência, sugerir determinados comportamentos que pudessem indicar marcas estilísticas. Na ocasião, pude constatar que as categorias da pesquisadora não contemplavam todos os procedimentos encontrados nas traduções (português-Libras) no experimento e novas categorias — contribuições minhas — se destacaram. Por esse motivo, pareceu coerente avançar com a investigação do assunto.

Em tempo oportuno, é importante rememorar que, nas últimas décadas, temos observado, no contexto brasileiro, uma série de avanços no que diz respeito ao acesso de pessoas surdas, sobretudo, à educação. Consequentemente, pode ser observado um número cada vez maior de traduções para Libras em suporte vídeo de maneira que o público surdo possa ter acesso a uma variedade mais diversificada de conteúdos que, anteriormente, eram ofertados somente em português.

Desse modo, ao longo do mestrado, pude amadurecer a reflexão sobre esse tema e entender que se impunha necessário aprofundar minhas reflexões. É nesse sentido, portanto, que se debruçam as análises realizadas nesta pesquisa, uma vez que verifico não mais *procedimentos técnicos de tradução*, nos termos de Barbosa ([1990] 2020), por entender que, se assim fora, poderia sugerir que estou fazendo uma pesquisa de processo, o que difere daquilo que é minha proposta. Antes, investigo *tipos de solução de tradução* (PYM 2016; 2018), sobretudo, aqueles específicos utilizados por tradutores e tradutoras do par linguístico português-Libras.

Portanto, antes de prosseguir com a discussão, é válido lembrar que foram as lutas dos movimentos sociais (especialmente os movimentos surdos), em grande parte evidenciadas por meio de força de lei e políticas públicas que, anos atrás, mais especificamente em 2002, proporcionaram o reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação e expressão.

Desse modo, importa destacar que as pesquisas linguísticas acerca das línguas de sinais datam da década de 1960 com os estudos de William Stokoe, um dos mais influentes pesquisadores do ramo cujos apontamentos contribuíram de maneira substancial para o reconhecimento do *status* linguístico das línguas de sinais, sobretudo, a americana (American Sign Language, ou ASL). No contexto brasileiro, as pesquisas são mais recentes e datam da década de 1980 com os esforços, especialmente, da professora Lucinda Ferreira Brito, que desbravou os estudos não só da Libras como também da língua de sinais de Urubu-Kaapor².

Assim sendo, ainda ilustrando a forte relação entre os avanços no que tange ao acesso de pessoas surdas à educação e as legislações, temos, historicamente, o poder legislativo repercutindo também em 2005 quando da promulgação do Decreto 5.626, que regulamentou aquela que ficou conhecida como Lei de Libras e pautou questões que vão desde a inclusão da Libras como disciplina curricular, formação de professores, de tradutores e de intérpretes de Libras e outros assuntos e, evidentemente, a Lei 12.319/10, que regulamenta a profissão de tradutor e de intérprete de Libras.

² No Brasil, como afirmam Silva e Quadros (2019), existem cerca de doze línguas de sinais faladas nas comunidades surdas e comunidades isoladas (zonas rurais e comunidades indígenas). Destas doze, a lém da Libras, pelo menos outras duas línguas de sinais foram minimamente documentadas. São elas: a língua de sinais de Urubu-Kaapor, falada pela etnia indígena dos Kaapor, situados, sobretudo, no estado do Maranhão; e outra conhecida como “Cena”, utilizada em Jaicós, no interior do Piauí. Para aprofundar a discussão, sugerimos a leitura do texto das referidas pesquisadoras, a saber, Silva e Quadros (2019).

Além dos exemplos já mencionados, poderia destacar a Lei Brasileira de Inclusão — Lei 13.146/15 — ou mesmo a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (Declaração de Barcelona), elaborada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura — Unesco — que, em 1996, já enfatizava que todas as comunidades linguísticas têm o direito de decidir de que maneira sua língua estará presente e será veiculada em todos os níveis de ensino.

Ainda neste sentido, posso ressaltar o relatório que trata da política linguística de educação bilíngue (Libras/português), resultado do Grupo de Trabalho (GT) designado pelo MEC que, em 2013, reuniu pesquisadores e pesquisadoras de diferentes regiões do país para discutir a educação de surdos sem deixar de mencionar o fato de, mais recentemente, observar as comunidades surdas argumentando a favor do Projeto de Lei (PL) 4909/2020, que propunha a inclusão de novos itens na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB — Lei 9394/96), de maneira que a educação bilíngue de surdos fosse qualificada como uma modalidade de ensino independente. Como resultado do referido PL, houve o sancionamento da Lei 14.191/21, que, alterando a LDB, dispõe sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Nesse sentido, para efeitos da Lei, a educação bilíngue de surdos é entendida como a modalidade de educação escolar oferecida em Libras, como primeira língua (L1), e em português escrito, como segunda língua (L2). Desse modo, parece ficar evidente que a defesa tem sido favorável a uma educação bilíngue que contemple as demandas reivindicadas pelas comunidades surdas.

Contudo, é importante destacar que esse cenário parece figurar uma necessidade premente de que a discussão a este respeito seja aprofundada. Soares (2020) chama atenção para o fato de que parece recorrente a afirmação de que a escrita não seria natural para sujeitos surdos, uma vez que ela constituiria sua segunda língua (L2). Porém, tendo em vista que, tal como para ouvintes, a aquisição da escrita exige instrução explícita sobre seus mecanismos de funcionamento, é coerente afirmar que a escrita não seria natural nem para surdos nem para ouvintes.

Assim sendo, de acordo com Soares (2020), exames governamentais como, por exemplo, a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) e o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) constataam que estudantes brasileiros, frequentemente, não logram excelentes resultados no que tange à produção e à compreensão escritas. Portanto, face a tal evidência, parece ficar comprovado que ambas — produção e

compreensão escritas — não seriam atividades que se manifestam naturalmente tanto para um grupo quanto para o outro.

Compreendido isso, ainda que informado de que escrita e leitura não são processos idênticos, não me parece soar absurdo afirmar que ambos, quando associados ao contexto de português para surdos, se configuram de maneira um tanto menos equilibrada. Isso fica evidente, sobretudo, quando consideradas as circunstâncias em que grande parte das comunidades surdas brasileiras se desenvolvem. Sendo assim, Soares (2020) contribui para endossar o assunto ao declarar que

Perfis de participantes surdos, encontrados em estudos nacionais e internacionais, revelam que grande parte dessa população adulta não iniciou contato com uma língua de sinais (LS) antes do período de escolarização, além de ter sido submetida a algum tipo de acompanhamento fonoaudiológico com o objetivo de oralização. A LS foi aprendida tardiamente e, portanto, com características de aprendizagem de L2, isto é, com as implicações concernentes a atividades de identificação de padrões de funcionamento de um sistema linguístico complexo e dinâmico cujo contato foi restrito a poucos ambientes, assim como a poucas oportunidades de experiências com a língua. De todo modo, **assim como ocorre com qualquer aprendiz de L2, caso o contato com falantes da LS se torne frequente, passam de aprendizes a usuários da LS, ainda que se verifiquem restrições relativas à amplitude lexical e aos domínios da forma e do significado, durante o uso dessa língua.** Mesmo que para muitos surdos a LS não emergja em condições características de uma L1, **em vários casos é a eleita para interação em comunidades surdas.** A esse respeito, cabem algumas considerações. Do ponto de vista linguístico, se não se pode afirmar que a Libras, por exemplo, é a primeira língua de surdos brasileiros de primeira geração, **politicamente é legítimo e necessário o empenho de pesquisadores e de membros das comunidades surdas para que crianças surdas possam ter acesso precoce a essa língua.** (SOARES, 2020, p. 72) [grifo meu]

Exposto isso — objetivamente, sem a intenção de reproduzir equívocos ou distorções daquilo que é concernente às questões linguísticas de aquisição e aprendizagem de línguas, às temáticas de compreensão e produção escritas, bem como às pautas no que diz respeito à L1 e L2 — aprecio argumentar que, sob minha perspectiva, traduções para Libras possuem uma espécie de relevância adicional. Afirmando isso pelo fato de que, a título de exemplo, tais traduções não apenas impulsionam o acesso e a permanência de pessoas surdas no contexto educacional, como também viabilizam o uso e a circulação de uma língua eleita para interação em comunidades surdas. Como consequência, elas — as traduções para Libras — reforçam, politicamente, o uso corrente desta língua favorecendo o contato cada vez mais reiterado de sujeitos surdos (e não surdos) com a Libras de modo que, aqueles que por algum motivo não o sejam, passem de aprendizes a usuários dessa língua (SEVERINO; CARNEIRO, 2021, p. 464).

Portanto, considerando o papel de relevância de traduções para Libras, parece coerente citar Wurm (2010). Embora trate do contexto britânico, a pesquisadora traça contribuições interessantes que ajudam a reforçar a importância de traduções entre textos escritos (línguas orais) e textos em línguas de sinais (em suporte vídeo). Segundo Wurm (2010)

As práticas de tradução em comunidades Surdas normalmente envolvem a comunicação entre línguas orais e de sinais. No entanto, com pessoas Surdas começando a “romper o teto de vidro”, entrando em uma gama mais ampla de ambientes educacionais e passando de locais de trabalho manual para profissional, e com uma comunidade que cada vez mais participa ativamente dos discursos da sociedade dominante mais ampla, o acesso de pessoas Surdas e a contribuição para eventos e produtos de letramento dominantes estão ganhando importância. O surgimento da prática de traduzir entre textos escritos e sinalizados parece uma consequência natural, que é ainda apoiada pelos avanços tecnológicos que possibilitam a gravação de textos em sinais.¹⁴ Pela capacidade de trabalhar com TFs fixos e gravar e regravar TTs com tempo potencialmente irrestrito e na ausência dos participantes primários, a noção de tradução em língua de sinais está ganhando destaque.³ (WURM, 2010, p. 20)

No entanto, Wurm (2010) segue argumentando que, apesar das práticas de tradução para línguas de sinais serem emergentes — considerando a ocasião em que escreveu sua tese e o contexto britânico, o que parece ser aplicável à conjuntura brasileira atual —, há pouco treinamento específico para tradução entre línguas orais e línguas de sinais. Segundo ela, no Reino Unido, o treinamento tem se concentrado na atividade de interpretação. Além disso, ela destaca que, equivocadamente, o senso comum tende a acreditar que todos os sujeitos surdos são plenamente letrados de modo que, com eficácia, consigam acessar todos os gêneros escritos, mas acrescenta que as línguas orais, frequentemente, se configuram como uma segunda língua (L2) para sujeitos surdos e reforça que há graus variados de bilinguismos, mesmo entre os surdos sinalizantes.

Nesse sentido, Wurm (2010) justifica que traduções desse tipo — de línguas orais escritas para línguas de sinais, por exemplo, em suporte vídeo — proporcionam

³ No original, em inglês: “Translational practices in Deaf communities have typically involved communication between spoken and signed languages. However, with Deaf people beginning to ‘break through the glass ceiling’, entering a wider range of educational settings and moving from manual to professional workplaces, and with a community that increasingly actively takes part in the discourses of the wider dominant society, Deaf people’s access and contribution to dominant literacy events and products are gaining in importance. The emergence of the practice of translating between written and signed texts seems a natural consequence, which is further supported by the technological advances that enable a recording of signed texts.¹⁴ Due to the ability to work with fixed STs and record and re-record TTs with potentially unrestricted time and in the absence of the primary participants, then notion of sign language translation is gaining prominence”. [Esta e todas as outras traduções não publicadas em português são de minha autoria.]

uma espécie de elo não só entre culturas como também entre surdos e práticas convencionais por um meio confortável e aceito pela comunidade. Além de reforçar que essas traduções impulsionam o alargamento teórico dos Estudos da Tradução, a pesquisadora afirma que elas também carregam um significado simbólico e político por contribuírem para o empoderamento de sujeitos surdos como grupo linguístico e cultural de modo que possam se comunicar no tempo e no espaço e acessar as informações escritas, de maneira independente, em sua língua. Portanto, sem que seja necessário que o sujeito surdo recorra a um amigo bilíngue ou, por exemplo, contrate intérpretes individuais para traduzir ou explicar informações escritas, proporcionando autonomia a esses sujeitos (WURM, 2010, p. 21).

Assim sendo, parece coerente dizer que, tanto o *corpus* analisado nesta dissertação — AIET em Libras — quanto a própria videoteca, que armazena essa e outras traduções — a ViaLibras — respondem a essa demanda real e premente por traduções em Libras; além de contribuírem para o resgate histórico do trabalho de tradutores e tradutoras, ao mesmo tempo que reforçam a importância da tradução ao longo da história no contexto geral, mas, sobretudo, no que diz respeito à traduções que envolvam línguas de sinais e, especificamente, a Libras⁴.

Desse modo, a presente dissertação, escrita no período de pandemia da COVID-19 — que impôs a todos os mais variados tipos de restrições —, está dividida em quatro (4) capítulos. O primeiro deles, Capítulo 1, é dedicado à Introdução.

Já o Capítulo 2 destina-se à fundamentação teórica e está subdividido em cinco (5) seções. Na seção 2.1, apresento o conceito de tradução destacando semelhanças e diferenças entre as atividades de *tradução* e *interpretação* e, sem questionar a noção de tradução como atividade que retextualiza e reescreve conteúdos textuais em outra língua, proponho a ampliação do referido conceito de maneira que traduções em línguas de sinais, especialmente, a Libras, possam ser contempladas.

Na seção 2.2, discorro sobre as diversas concepções de *equivalência* — muitas delas, implicitamente, presentes em diferentes listas de soluções tradutórias —, e suas devidas implicações para que, em seguida, na seção 2.3, possa tratar, especificamente, do conceito de *tipos de solução de tradução* proposto por Pym (2016; 2018). A subseção 2.3.1 é destinada a traçar um breve panorama histórico do conceito de

⁴ Embora na presente dissertação fique evidenciada a importância da tradução no contexto acadêmico, se faz necessário sublinhar a relevância de sua expansão também em outros contextos de atuação profissional e pesquisa como, por exemplo, os contextos jurídico, cultural e de saúde.

procedimentos apontando de que maneira ele surgiu e seus desdobramentos até chegar na tipologia proposta pelo já referenciado Pym e utilizada por mim durante esta pesquisa; além de destacar a dificuldade em nomear o fenômeno.

Feito isso, na seção 2.4, retomo alguns dos pressupostos acerca do conceito de *estilo* (aplicado à tradução), que trabalhei na ocasião da minha especialização, e acrescento outros. Sendo assim, ao longo da seção, rememoro que o conceito supra não está restrito a uma ou outra área do conhecimento apenas, embora, tradicionalmente, exista uma tendência a acreditar que a atividade de tradução é derivativa e não criativa e, por esse motivo, o tradutor ou a tradutora não teria um estilo próprio de traduzir. Discordando disso, defendo a noção de estilo como uma espécie de impressão digital que tradutores e tradutoras deixam no produto e extrapolo a ideia de estilo restrita ao nível da linguagem expandindo para o nível sociológico ao utilizar os conceitos de *habitus* e *campo*, da Sociologia da Tradução.

Para finalizar o capítulo teórico, apresento a seção 2.5. Nela discorro acerca do conceito de *multimodalidade* aplicado à tradução, destacando que, embora em seções anteriores tenha abordado o termo *modalidade* para tratar de características distintivas entre línguas orais e línguas de sinais, nesta seção, ao abordar a *multimodalidade*, o objetivo é considerar práticas contemporâneas e, por assim dizer, os vários meios de produção de sentidos. Isso inclui falar de totalidades multimodais e considerar o sentido como constituído por diferentes recursos semióticos. Sendo assim, defendo a possibilidade de recursos multimodais impulsionarem soluções tradutórias.

Em seguida, o Capítulo 3 — dividido nas seções 3.1; 3.2 e 3.3 — é aquele em que me dedico às análises propostas. Na seção 3.1, descrevo o meu objeto de análise, a *Apostila de Introdução aos Estudos da Tradução em Libras* (AIET em Libras), fazendo um breve relato da contextualização histórica de surgimento da Videoteca Acadêmica em Libras (ViaLibras) — onde a tradução está armazenada —, apresentando os autores da versão em português da apostila e os tradutores e as tradutoras que participaram do projeto; além de detalhar como a AIET em Libras está organizada na Videoteca.

Logo após a descrição do objeto, na seção 3.2, apresento a metodologia adotada para as análises. Ancorado nos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (ETBC), destaco os passos metodológicos traçados para que as análises pudessem ser feitas.

Já na seção 3.3, subdividida em 3.3.1; 3.3.2 e 3.3.3, me dedico à análise propriamente dita. Em cada uma das subseções, analiso as traduções, à luz dos

referenciais teóricos, retomando, respectivamente, os conceitos de *tipos de solução de tradução, estilo e multimodalidade*.

Finalizadas as análises, o Capítulo 4 tem por finalidade, mesmo que sem a pretensão de esgotar o assunto, apresentar as conclusões da pesquisa e levantar hipóteses que, eventualmente, possam auxiliar pesquisas futuras.

Dito isso, sigamos para o capítulo e subcapítulos teóricos da dissertação para que, seguidamente, avancemos para as análises e conclusões da pesquisa.

2

Fundamentação teórica

2.1

Estudos da Tradução e o conceito de tradução adotado

Embora não seja meu objetivo discutir terminologia, observo que comumente, no contexto da tradução e da interpretação português-Libras, à atividade profissional são feitas referências do tipo “tradutor-intérprete”, “tradutor/intérprete” ou mesmo “tradutor intérprete” sem a devida distinção, o que parece indicar, por exemplo, alguma confusão ou falta de clareza a respeito das características particulares de cada uma das atividades. Certo de que ambos os processos envolvem de fato uma tradução — na primeira acepção etimológica do termo, como bem já apresentaram Arrojo (1986) e Munday (2016), ou seja, *tradução* do latim *translatio* (transportar), conduzir além ou transferir —, parece importante apresentar não só os pontos de convergência como também aqueles em que os conceitos de tradução e interpretação se distanciam para que, então, possa discorrer a respeito das implicações dessas diferenças para o contexto da tradução português-Libras.

Munday (2016), além de salientar a origem etimológica do termo tradução, destaca alguns dos seus diferentes usos. Segundo ele, atualmente, o termo *supra* pode ser entendido de três formas: como fenômeno, produto ou processo. Ao se referir à tradução como fenômeno, o pesquisador evidencia uma espécie de campo de assunto geral ou mesmo o ato de traduzir; quando trata da tradução enquanto produto, aponta para aquilo que foi traduzido (ou o resultado de uma tradução) e, ao mencionar a tradução como processo, como o termo sugere, trata do processo de produção de uma tradução.

Desse modo, tem-se na referência feita a Munday (2016) apenas uma alusão ao termo tradução e seus usos, mas permanece não esclarecido o que um ou outro termo — tradução e interpretação — teriam em comum, tampouco fica evidente os pontos de divergência existentes entre eles.

Sendo assim, destaco que, diante da não obviedade da diferença entre as atividades, alguns autores como Pagura (2003), Cavallo e Reuillard (2016), Rodrigues e

Santos (2018), Rodrigues e Beer (2015), Pöchhacker (2015; 2016) e outros se dedicaram a definir e distinguir os conceitos.

Nesse sentido, Pagura (2003), ao abordar as semelhanças entre as atividades, destaca o cruzamento de barreiras linguísticas entre comunidades. Citando Harris, Pagura (2003) também acrescenta que, em ambas as atividades, apesar de se manifestarem por modos diferentes, a operação — passar um enunciado (falado ou escrito) para outro idioma — é única. Ainda tratando dos pontos de convergência, o pesquisador ressalta a necessidade de desverbalização da forma linguística para que seja possível expressar ideias em outra língua, além de, tanto em uma quanto em outra atividade, ser necessário dominar os idiomas envolvidos.

Vale mencionar também que, como nos lembra Pagura (2003), profissionais tradutores e profissionais intérpretes precisam ser capazes de se expressar em variadas áreas do conhecimento e, mesmo que de maneiras diferentes, o uso da memória é importante nas duas atividades.

Entendidas as semelhanças, ainda me questiono: quais seriam as diferenças, afinal?

Pagura (2003) afirma que as distinções são, fundamentalmente, operacionais e surgem a partir da diferença entre a fonte da mensagem e o resultado do processo. Ou seja, para ele, na tradução parte-se de um texto escrito e tem-se como resultado também um texto escrito; ao passo que a interpretação seria aquela em que um texto oral é convertido também em texto oral.

Partindo desse princípio tradutores e tradutoras teriam, conseqüentemente, a possibilidade de interromper o seu trabalho sempre que preciso para consultas diversas, sejam elas a dicionários, sites da internet ou mesmo a colegas de profissão ou a especialistas da área na qual se situa o texto a ser traduzido. O mesmo não acontece na interpretação, visto que intérpretes precisam tomar decisões em frações de segundos. Fica, portanto, evidente que o ritmo de trabalho é outro, o que demandará também competências específicas.

Embora os prazos de entrega das traduções sejam curtos em alguns casos, há de se considerar que, na interpretação, o volume de conteúdo a ser traduzido em quantidade de tempo reduzida é maior e não há a possibilidade de revisão. Na tradução, uma vez que os tradutores e as tradutoras tenham acesso ao texto completo que será traduzido desde o início do trabalho, será possível revisar o produto quantas vezes os profissionais julgarem necessário, dentro do prazo acordado com o cliente. Na

interpretação, como observa Pagura (2003), o processo de análise e retenção do conteúdo — ouvir/processar/re-expressar — acontece quase simultaneamente não sendo possível contar com a figura de um revisor.

Outro ponto central para a distinção entre as atividades tem relação com o aspecto da permanência do registro. Na tradução, o produto do trabalho dos tradutores e das tradutoras será materiais que serão publicados, impressos ou de algum modo apresentarão um registro permanente e, por esse motivo, resistirão a longo prazo, ao passo que o produto da interpretação é efêmero, encerrando-se ao final da conferência, atendimento ou de qualquer outra situação de interpretação específica, salvo naquelas ocasiões em que, fazendo uso da tecnologia, as interpretações sejam gravadas — o que não vai impactar no processo de trabalho, como ocorre na tradução.

É interessante observar que, tendo em vista a diferença entre os processos, segundo Pagura (2003), é comum que as atividades sejam desempenhadas por pessoas com características e habilidades também diferentes. Para ele, o trabalho individual e isolado é uma marca da tradução, o que, conseqüentemente, vai exigir profissionais capazes de trabalhar horas sozinhos, em geral, fazendo uso do computador e consultando dicionários e livros, interagindo com colegas de profissão apenas esporadicamente ou à distância; diferentemente, na interpretação, o trabalho acontece em equipe ou, no mínimo, em dupla, o que faz com que consultas possam ser feitas somente aos colegas de cabine ou equipe, visto que as tomadas de decisão precisam ocorrer muito rapidamente. Ainda na interpretação, são previstas as trocas de turno entre os pares tendo, portanto, como parte integrante do serviço de interpretação a figura do *concabino*, termo usualmente empregado para designar o colega de equipe ou dupla em situações de interpretação simultânea em conferências ou *intérprete de apoio*, denominação usada no âmbito das línguas de sinais (NOGUEIRA, 2016).

Sobre o ponto em que se apresenta o trabalho da tradução como individual e isolado, vale mencionar que, pensando no contexto da tradução português-Libras, como analisam Rodrigues e Santos (2018), Galasso *et al.* (2018), Severino e Carneiro (2021), Carneiro *et al.* (2020) e outros autores, na ocasião em que refletem a respeito da referida atividade, sobretudo em ambientes de serviço público, por exemplo, é importante observar que a realidade pode ser diferente, visto que tradutores e tradutoras não trabalham, necessariamente, isolados.

Ainda sobre tal questão, se faz necessário acrescentar que o cenário apresentado por Pagura (2003) parece estar mudando uma vez que, mesmo no contexto de tradução

das línguas orais, em grandes projetos de tradução, atualmente, existe a possibilidade de a atividade ser realizada por vários tradutores e tradutoras que podem se comunicar entre si e, inevitavelmente, também se comunicam com os revisores e gerentes do projeto. Embora, possivelmente, não fosse essa a realidade em 2003, parece ser uma tendência a ser aprofundada no futuro.

Dito isso, outro aspecto levantado por Pagura (2003) e que não se pode deixar escapar é o fato de que, na interpretação, os(as) intérpretes podem sentir a reação da plateia ou público diante da sua interpretação. O mesmo não ocorre na tradução, pois em determinada etapa do trabalho o tradutor ou a tradutora deixa de acompanhar o processo, passando a responsabilidade para outros profissionais até que o resultado de sua tradução ganhe o mundo, sem que seja possível controlar ou acompanhar diretamente o modo como se dará a recepção daquele produto.

Resumindo, partindo das diferenças de fonte e resultado do processo na tradução e na interpretação sinalizados por Pagura (2003), surgem, por implicação, mudanças operacionais importantes que podem ser observadas por meio das seguintes características distintivas: oral/escrito, interrupção/não interrupção, controle/não controle do ritmo de trabalho, permanência/efemeridade, revisão/não revisão, processo de análise e retenção de conteúdo, apresentado de maneiras diferentes, e trabalho isolado/trabalho em equipe.

Ainda nesse contexto, Cavallo e Reuillard (2016) contribuem para a minha discussão ao reforçarem que, frequentemente, as atividades são confundidas; além disso, concordam com a distinção oral *versus* escrita, mas acrescentam pontos relevantes ao discriminarem os termos. Diferentemente de Pagura (2003), Cavallo e Reuillard (2016) destacam outro viés que pode ser interessante para meu argumento ao chamarem atenção para o fato de que tradução e interpretação “se distinguem ainda pelo *setting* e pelas modalidades interacionais com que são praticadas” (CAVALLO; REUILLARD, 2016, p. 354). Ao defenderem a atividade de interpretação como área acadêmica autônoma dentro dos Estudos da Tradução, as pesquisadoras salientam que a interpretação ocorre, geralmente, em eventos científicos, acadêmicos, como também em encontros políticos e de negócios, além de hospitais, tribunais e outros espaços, todos esses marcados por características monológicas, como é o caso de uma palestra, ou dialógicas, como em entrevistas, por exemplo.

Por outro lado, segundo as pesquisadoras, na tradução, tradutores e tradutoras podem desenvolver o seu trabalho em casa, em um escritório ou, quando autônomos,

em qualquer outro lugar que julguem adequado. Cavallo e Reuillard (2016) pontuam também que tradutores e intérpretes se deparam com cargas cognitivas diferentes, o que implicará em condições de prazo e níveis de estresse também distintos.

Ainda a respeito do *setting* de trabalho de tradutores e tradutoras, parece importante sinalizar que no contexto de tradução no par português-Libras nem sempre esses profissionais podem escolher seu local de trabalho. É comum que esses tradutores e essas tradutoras trabalhem em espaços de serviço público, por exemplo, o que exige que desenvolvam a atividade de tradução e cumpram sua carga horária de trabalho dentro desses espaços. Consequentemente, esses profissionais não detêm da possibilidade de optar por outro local, salvo em situações como a da pandemia da COVID-19, que impôs a todos o trabalho em *home office*.

Sendo assim, entendendo que as pesquisadoras tinham por objetivo tratar, sobretudo, a temática da interpretação; parece que, para elas, é importante marcar a diferença das atividades no sentido de demonstrar a sobrecarga cognitiva — já sinalizada por Gile (1995; [1999] 2015), na ocasião em que ele desenvolve o modelo dos esforços⁵ ou mesmo a hipótese da “corda bamba”⁶ — e por esse motivo, Cavallo e Reuillard (2016) marcam a diferença das atividades supra enfatizando a diferença de *setting* e as modalidades de interação.

⁵ Segundo Gile, com base nos avanços da ciência cognitiva e sustentados por princípios teóricos da Psicologia Cognitiva, Neurolinguística e Linguística, na década de 1970, surgiu uma série de modelos de interpretação que tinha o intuito de explicar o funcionamento mental na interpretação simultânea. Posteriormente, já no início da década de oitenta, outros modelos despontaram, desta vez, com o objetivo de explicar erros e omissões observados na atividade de interpretação simultânea e consecutiva. Tais modelos — Modelos dos Esforços — partiam da premissa de que a interpretação reúne os componentes operacionais de: Esforço de Audição e Análise; Esforço de Produção; Esforço de Memória de Curto Prazo e Esforço de Coordenação. A atividade de interpretação seria, portanto, o resultado do somatório desses esforços. Em nota introdutória do autor para a tradução de seu artigo ao português em 2015, Gile acrescenta que o princípio seria o mesmo para um Modelo de Esforços para interpretação que envolva uma ou mais línguas de sinais. Contudo, segundo o pesquisador, mais esforços poderiam ser observados como, por exemplo, Autogestão no Espaço e Interação com Receptores Surdos e acrescenta que, nesse caso, o esforço da memória de curto prazo contempla um componente espacial mais forte do que quando nas línguas orais. Para mais informações sobre o assunto, conferir Gile ([1999] 2015).

⁶ De acordo com Gile, alguns pressupostos estariam, implicitamente, ligados ao Modelo dos Esforços. Um deles seria a ideia de que, em boa parte do tempo, intérpretes trabalham muito próximos do nível de saturação. Sendo assim, qualquer aumento de demanda da capacidade de processamento bem como a má gestão de recursos cognitivos poderia resultar na sobrecarga ou prejudicar algum dos Esforços. Consequentemente, isso influiria na qualidade da produção dos intérpretes. Em vista disso, a hipótese da “corda bamba” seria substancial para explicar o alto índice de erros e omissões constatados na interpretação mesmo em condições em que não são observadas dificuldades técnicas específicas ou de outro tipo no discurso fonte. Para mais detalhes a respeito do assunto, conferir Gile ([1999] 2015).

Dito isso, e entendendo até aqui a variedade de perspectivas acerca do tema, não se pode deixar de mencionar as contribuições de Pöchhacker (2015; 2016), sobretudo no que diz respeito à sua definição de interpretação.

Para ele, o que define uma atividade de interpretação é o fato de que nela aquilo que é produzido, ou seja, o produto da interpretação ocorre, tanto em sua primeira versão quanto na última, baseado em um enunciado da língua-fonte apresentado uma única vez. Fica, portanto, observado que o ineditismo do enunciado a ser interpretado e a não possibilidade de atribuir novas versões àquilo que o intérprete está produzindo, em vista do imediatismo da função, são características substanciais da interpretação para o pesquisador.

Ainda sobre o assunto, Pöchhacker (2016) acrescenta que

Em contraste com o uso comum como refletido na maioria dos dicionários, “interpretação” não precisa necessariamente ser equiparado a “tradução oral” ou, mais precisamente, a “rendição oral de mensagens faladas”. Isso excluiria a interpretação em línguas sinalizadas (em vez de orais) da nossa alçada [...]. Em vez disso, ao elaborar a característica do imediatismo, pode-se distinguir a interpretação de outras formas de tradução sem recorrer à dicotomia oral versus escrita.⁷ (PÖCHHACKER, 2016, p. 10)

Desse modo, diferentemente das definições apresentadas anteriormente, Pöchhacker (2015; 2016) considera as línguas de sinais em sua conceituação e marca o imediatismo como ponto central na distinção entre tradução e interpretação, o que parece ser fundamental para as discussões que serão travadas mais adiante.

Temos visto que, tradicionalmente, o conceito de tradução tem sido vinculado a textos escritos e o conceito de interpretação, a textos orais. Contudo, como se pode observar com a contribuição de Pöchhacker (2016), tal distinção não contemplaria, por exemplo, aquilo que defendo neste trabalho como tradução de/para/entre línguas de sinais e, especificamente nesta dissertação, o par português-Libras.

Ainda nesse contexto, é importante dizer que Pöchhacker (2016) fala da interpretação como um tipo de tradução, mas ainda assim reforço que parece ser fundamental marcar as diferenças entre os processos, o que não implica sobrepor uma atividade a outra ou dizer que essa ou aquela é melhor.

⁷ No original em inglês: “In contrast to common usage as reflected in most dictionaries, ‘interpreting’ need not necessarily be equated with ‘oral translation’ or, more precisely, with the ‘oral rendering of spoken messages.’ Doing so would exclude interpreting in signed (rather than spoken) languages from our purview [...]. Instead, by elaborating on the feature of immediacy, one can distinguish interpreting from other forms of translation without resorting to the dichotomy of oral vs written.”

A presença de tradutores e tradutoras nos mais variados espaços se justifica uma vez que, para fomentar o acesso de pessoas surdas (e em virtude da obrigatoriedade trazida pelas legislações específicas), é preciso garantir também a presença desses profissionais. Ocorre que, constantemente, um mesmo profissional precisa se dividir tanto em atividades de interpretação quanto de tradução o que, em alguns casos, acarreta confusão por parte das chefias como também por parte de alguns profissionais a respeito de quais sejam as especificidades de uma e outra atividade.

Logo, parece oportuno rememorar que, embora seja possível observar uma curva ascendente de pesquisas na área e um número cada vez mais expressivo de publicações a respeito da tradução e da interpretação de português-Libras, a presença de tradutores e intérpretes desse par de línguas nos espaços de serviços públicos e/ou privados ainda é, relativamente, nova. Portanto, além da importância para o debate teórico feito à medida que, auxiliado pelas leituras apresentadas, outros pontos de vista são acrescentados à disciplina dos Estudos da Tradução, o cenário atual parece figurar uma necessidade ainda premente de destacar as diferenças operacionais entre as atividades para que, além de buscarem uma certa identidade, os profissionais possam garantir ou minimamente fomentar melhores condições de trabalho que irão impactar positivamente na qualidade do serviço oferecido e, conseqüentemente, contribuir para a categoria.

Desse modo, em concordância com Tymoczko ([2006] 2014; [2007] 2014), importa considerar uma teoria da tradução que seja capaz de não apenas acomodar como também se nutrir das concepções de tradução que emergem das culturas e línguas menos hegemônicas ou periféricas, pois isso contribuirá para uma espécie de alargamento ou ampliação de escopo dos Estudos da Tradução.

Assim sendo, como afirma Tymoczko ([2006] 2014)

A questão do que é uma tradução ganha um novo significado se a teoria da tradução for reconfigurada de modo a incluir materiais não-ocidentais, pois, se a definição de *tradução* e outros objetos de estudo forem delimitados pela experiência ocidental ou centrados em protótipos ocidentais, ficará difícil para o campo ir além desses próprios delimitadores e estar aberto aos diversos tipos de produtos e processos de tradução que existem em todo o mundo. Não é possível expandir a teoria da tradução se o campo de estudo não puder acolher todos os dados disponíveis. E vice-versa, é claro. Essencial para esse processo é a redefinição dos objetos de estudo na teoria da tradução, e isso envolve tanto a possibilidade de autorrepresentação da tradução em contextos não-

ocidentais quanto o embaçamento das fronteiras ocidentais para a tradução.⁸ (TYMOCZKO, [2006] 2014, p. 21)

Nesse sentido, segundo a autora, uma maneira possível de rever definições de tradução de modo a considerar perspectivas não-ocidentais seria considerar etimologias, cognatos, campos lexicais ou até mesmo histórias específicas. Para exemplificar, Tymoczko ([2006] 2014) chama atenção para o fato de que, na Índia, os termos *rupantar* e *anuvar* são utilizados para fazer referência ao termo *tradução* sendo, portanto, o primeiro entendido como “*change in form*” (mudança de forma) e o segundo como “*speaking after, following*” (falar depois, seguir). O interessante aqui é observar que ambos os termos, segundo a autora, derivam do sânscrito, mas, sobretudo, nenhum deles sugere fidelidade ao original. Para Tymoczko ([2006] 2014), a ideia de *tradução fiel* só atravessou a Índia com o cristianismo.

Tymoczko ([2006] 2014) dá outros exemplos de definições de tradução não-ocidentais e segue argumentando que, atualmente, parece ser evidente que os Estudos da Tradução não estão em um espaço neutro. Desse modo, concepções de tradução ocidentais têm sido consideradas não só por pesquisadores como também por aqueles que ensinam e praticam a atividade. Sendo assim, tais concepções informam uma espécie daquilo que a autora chama de “hegemonia intelectual” que precisa ser reconsiderada e resistida uma vez que, como ela destaca, existem diferenças entre pressupostos dominantes e demais conhecimentos e experiências locais. Em outras palavras, há contribuições significativamente importantes que as concepções não-ocidentais podem oferecer ao campo dos Estudos da Tradução que por vezes deixam de ser consideradas.

Portanto, mesmo ciente de que no contexto de tradução português-Libras não se trata, especificamente, de uma perspectiva não-ocidental, mas, inegavelmente, de uma língua minoritária⁹ (Libras) compondo o par de línguas de trabalho e, por assim dizer,

⁸ No original, em inglês: “The question of what a translation is takes on new meaning if translation theory is reconfigured so as to include non-Western materials, for if the definition of *translation* and other objects of study are bounded by Western experience or centred on Western prototypes, it will be hard for the field to go beyond those very delimiters and be open to the multifarious types of translation products and processes that exist in the entire world. It is not possible to expand the theory of translation if the field of study cannot accommodate all the data available. And vice versa of course. Essential to this process is the redefinition of the objects of study in translation theory, and it involves both the possibility of self-representation of translation in non-Western contexts and the blurring of Western boundaries for translation.”

⁹ Behares (2017) chama atenção para a noção de minoridade, no que diz respeito à língua, grupo ou comunidade linguística dizendo que, à primeira vista, o termo parece trazer a ideia de quantidade em sua

uma língua de menos prestígio social, importa destacar que “o conceito de tradução como atividade que retextualiza e reescreve conteúdos textuais em outra língua não está sendo questionado, mas apenas ampliado levando-se em conta os suportes normalmente utilizados na tradução de/para línguas de sinais” (SEVERINO; CARNEIRO, 2021, p. 469).

Nas últimas duas décadas (ou antes disso, com as contribuições de Stokoe na década de 1960), é possível observar que as pesquisas linguísticas que tratam das línguas de sinais — no contexto brasileiro poderíamos citar Ferreira-Brito (1997) ou mesmo Quadros e Karnopp (2004) e outros — permitem reconhecer a possibilidade de um outro tipo de modalidade de língua se comparada às línguas orais, a modalidade gestual-visual.

Portanto, vale pontuar que, como analisa Lillo-Martin (2002)

Para alguns autores, as diferenças entre as línguas de sinais e as línguas orais são primordiais, pois o estudo dos “efeitos de modalidade” é uma contribuição que a pesquisa em língua de sinais pode dar de forma singular. Para outros, as semelhanças entre as línguas de sinais e as línguas orais são as mais importantes, pois podem nos dizer como certas propriedades dos sistemas linguísticos transcendem a modalidade e são, portanto, verdadeiramente universais. É claro que ambos os objetivos valem a pena [...].¹⁰ (LILLO-MARTIN, 2002, p. 241)

Nesse sentido, visto que a distinção entre as modalidades, inevitavelmente, resultará em efeitos importantes, se faz necessário destacar a diferença entre elas entendendo que tal constatação trará implicações não somente linguísticas como também para a noção expandida de tradução que defendo neste trabalho.

Assim sendo, diferentemente do conceito de modalidade e multimodalidade que abordarei mais adiante, aqui, como destaca McBurney (2002)

A “modalidade” de uma língua pode ser definida como os sistemas físicos ou biológicos de transmissão nos quais a fonética de uma língua se baseia. Existem sistemas

definição. Contudo, como apresenta o pesquisador, outros fatores devem ser considerados, sobretudo pelo fato de que existem, ao redor do mundo, línguas com poucos falantes nativos e, portanto, quantitativamente minoritárias, mas que possuem condições de uso que as tornam prestigiadas e outras que são faladas por grande número de nativos, mas que são tratadas em condições de minoridade. Nesse sentido, considero aqui as línguas de sinais, especialmente a brasileira, como sendo minoritárias visto que, embora haja número considerável de falantes, ainda se encontram em lugar de desprestígio.

¹⁰ No original em inglês: “To some authors, the differences between sign languages and spoken languages are paramount, because the study of “modality effects” is a contribution which sign language research uniquely can make. To others, the similarities between sign languages and spoken languages are most important, for they can tell us how certain properties of linguistic systems transcend modality and are, therefore, truly universal. Of course, both of these goals are worthy [...]”

separados para produção e percepção. Para as línguas orais, a produção depende do sistema vocal, enquanto a percepção depende do sistema auditivo. As línguas orais podem ser categorizadas, então, como sendo expressas na modalidade oral-auditiva. As línguas de sinais, por outro lado, contam com o sistema gestual para produção e o sistema visual para percepção. Assim, as línguas de sinais são expressas na modalidade visual-gestual.¹¹ (McBURNEY, 2002, p. 351)

Dito isso, acrescento que, se anteriormente quando destacada a diferença entre os conceitos — tradução e interpretação — pude observar que já não era simples traçar diferenças entre os processos, agora, ao apresentar a diferença de modalidades entre línguas orais e de sinais, parece estar posto que se trata de um processo ainda mais complexo quando entra em jogo uma língua de sinais no par linguístico, pois consiste em uma tradução que envolve modalidades diferentes de línguas, portanto, uma tradução intermodal (SEGALA; QUADROS, 2015).

Por implicação, tem-se o fato de que, como observado em Rodrigues (2018) e Rodrigues e Santos (2018), por se tratar de uma língua de modalidade visual-gestual, a Libras não possuiu um sistema consolidado e amplamente difundido de escrita, o que faz com que a maneira de registrar a língua usualmente passe a ser não em papel, mas em vídeo, como pontua Rodrigues (2018).

Considerando que o único suporte para as línguas de sinais em sua “produção natural” (performance visual) envolve gravação em vídeo, a definição básica de tradução como um processo envolvendo apenas textos escritos deve ser ampliada em um esforço de incorporação dessa especificidade das línguas gestuais. Portanto, a definição de tradução deve se referir a textos gravados (registrados), em vez de apenas escritos. Isso levaria a um melhor encaixe de diferentes tipos de textos como (textos) escritos e em áudio e vídeo na definição.¹² (RODRIGUES, 2018, p. 307)

Dito isto, tendo em mente o contexto em que a distinção entre interpretação simultânea e consecutiva, nas línguas orais, foi se solidificando — o que ocorreu na

¹¹ No original em inglês: “The “modality” of a language can be defined as the physical or biological systems of transmission on which the phonetics of a language relies. There are separate systems for production and perception. For spoken languages, production relies upon the vocal system, while perception relies on the auditory system. Spoken languages can be categorized, then, as being expressed in the vocal-auditory modality. Signed languages, on the other hand, rely on the gestural system for production and the visual system for perception. As such, signed languages are expressed in the visual-gestural modality.”

¹² No original, em inglês: “Considering that the only support for sign languages in their ‘natural production’ (visual performance) involves video recording, the basic definition of translation as a process involving only written texts should be broadened in an effort to incorporate this specificity of gestural languages. Therefore, the definition of translation should refer to texts as recorded (registered texts), instead of only written. This would lead to a better fit of different kinds of texts such as written, audio and video (texts) in the definition.”

década de 1920 com o advento da tecnologia e o surgimento de equipamentos de transmissão (PÖCHHACKER, 2015) — parece coerente dizer que foi também com o advento da tecnologia que a diferenciação entre tradução e interpretação (português-Libras) foi amadurecendo, visto que somente por meio dos avanços tecnológicos foi possível o registro em vídeo e, conseqüentemente, a possibilidade de tradução para Libras fazendo uso desse suporte.

Ainda nesse contexto, chamo atenção para as contribuições de Wurm (2010), que, sobre as traduções registradas em vídeo, afirma que

[...] as traduções que envolvem línguas de sinais gravadas são necessariamente parte de eventos de comunicação multimídia. Embora isso se desvie das características das práticas tradutórias canônicas tradicionais, a comunicação envolvendo multimídia está ganhando importância em geral. Uma investigação de tais práticas provavelmente desafiará pressupostos anteriores sobre a tradução [...].¹³ (WURM, 2010, p. 28)

Nesse sentido, além da já mencionada contribuição de Wurm (2010), no contexto brasileiro, surgem esforços como os de Campello e Castro (2013), Oliveira e Silva (2014), Galasso *et al.* (2018), Rigo (2015; 2018), Souza e Vital (2018), Lopez e Severino (2018), Carneiro *et al.* (2020) e Severino e Carneiro (2021), em que os pesquisadores acrescentam novas perspectivas ao conceito de tradução que contemplem as línguas de sinais e descrevam as etapas do processo.

Assim sendo, saliento Carneiro *et al.* (2020) e Galasso *et al.* (2018) em que os autores descrevem minuciosamente os agentes envolvidos bem como as etapas pelas quais o texto passa até que se torne produto. O Esquema 1, ao final desta seção, apresenta uma síntese das etapas de tradução (português-Libras) descritas em Carneiro *et al.* (2020).

Dito isso, parece importante destacar que as diferenças entre os processos sugerem a necessidade de formação específica para uma e outra atividade. No entanto, isso parece ainda não ocorrer (ou não ocorre de maneira expressiva) no contexto da tradução e da interpretação (português-Libras).

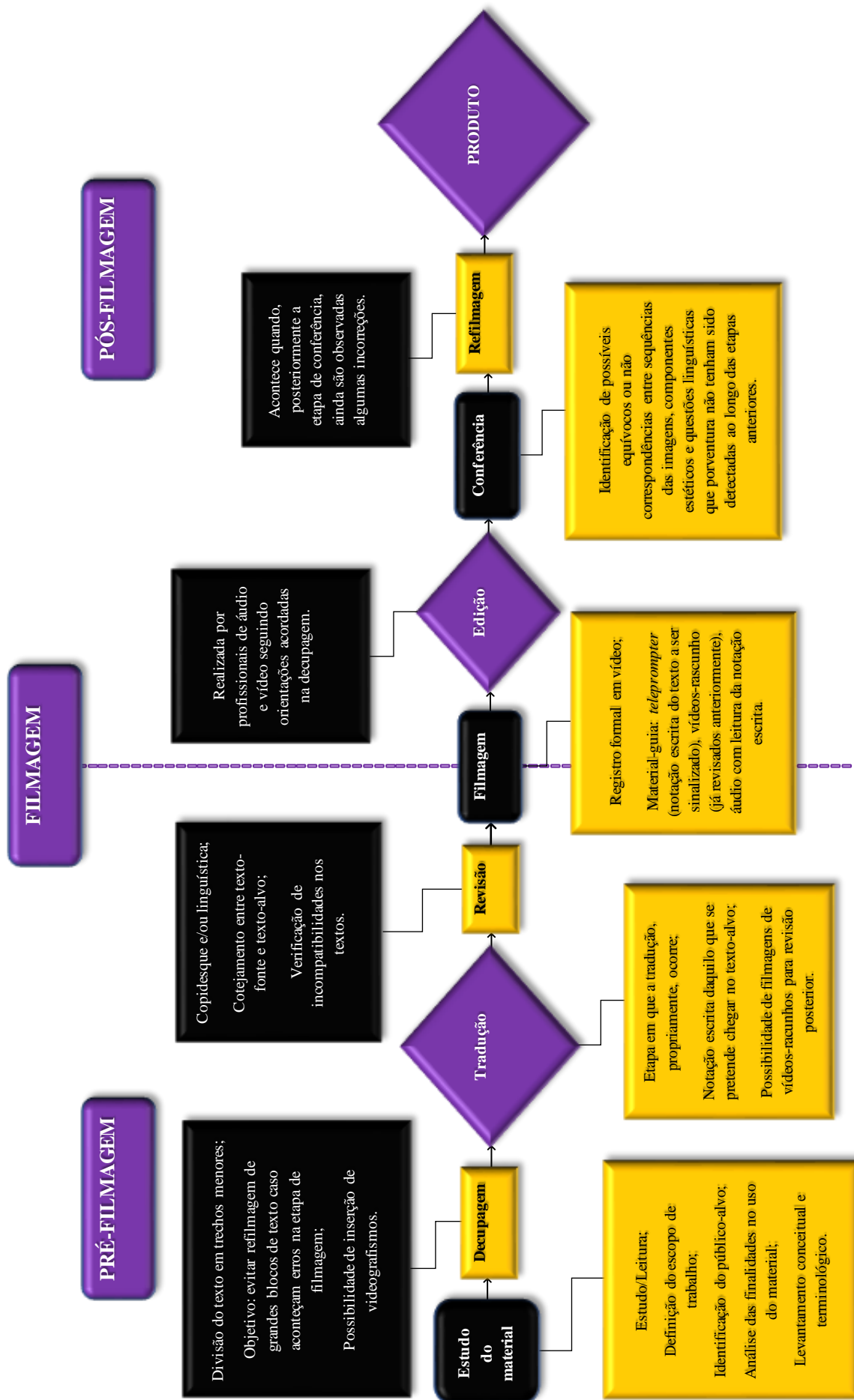
Além disso, fica observado, portanto, que a diferença entre as modalidades das línguas envolvidas constitui um fator importante que vai impactar, sobretudo, na

¹³ No original, em inglês: “[...] translations involving recorded signed language are necessarily part of multimedial communication events. While this deviates from characteristics of traditional canonical translational practices, communication involving multimedia is gaining importance in general. An investigation of such practices is likely to challenge previous assumptions about translation [...].”

maneira como as traduções são feitas, que, como vimos, ocorrem, geralmente, por meio de vídeo. Por conseguinte, uma vez que as traduções para Libras se darão majoritariamente por meio de vídeo, importa destacar outras possibilidades e procedimentos que a tecnologia pode oferecer. Sobre o assunto, discutiremos mais adiante o conceito de multimodalidade e em que medida ele pode ser ou contribuir para a noção de tipos de solução de tradução que analiso neste trabalho.

Ainda nesse contexto, é necessário reforçar que, no que tange à tradução (português-Libras), parece ser importante afirmar as diferenças do processo para que os profissionais alcancem melhores condições de trabalho e possam, conseqüentemente, oferecer melhores produtos. Além disso, à medida que contrasto os termos e aplico ao contexto das línguas de sinais, contribuo para o aprofundamento das discussões da área e expansão dos conceitos.

Desse modo, é importante argumentar que, quando não é marcada a diferença, ocorre que clientes e, em alguns casos, até os próprios colegas de profissão ainda pensem que é tudo a mesma coisa, que basta alguém ler um texto que, automaticamente, alguém começa a sinalizar diante de uma câmera e tem-se, desse modo, um texto traduzido. Porém, como visto ao longo das discussões desenvolvidas neste capítulo, à medida que foram apresentadas pesquisas que mostram as etapas de um trabalho de tradução, fica observado que elas podem se assemelhar, por exemplo, às etapas da tradução editorial por sua complexidade. Diante do exposto, depreende-se, portanto, que tradução não se trata simplesmente do registro em vídeo de uma interpretação.



Esquema 1: Etapas de tradução (português-Libras) – Elaboração a partir de Carneiro et al. (2020)

2.2

Conceito de equivalência e devidas implicações

Ao longo da seção anterior, à medida que trato do campo dos Estudos da Tradução salientando pontos de convergência entre as atividades de interpretação e tradução, mais especificamente desta última em línguas de sinais, em especial a brasileira, observou-se que teorizar faz parte de todo o trabalho dos tradutores e tradutoras. Para além disso, vale destacar que a teorização subjaz à atividade de tradução e, portanto, está presente no trabalho dos tradutores e das tradutoras, estejam eles e elas conscientes desse fato ou não.

Talvez não seja exatamente óbvio, mas sempre que tradutores e tradutoras estão diante de algum problema de tradução precisam tomar decisões e fazer escolhas apoiados em soluções possíveis para determinadas situações. Nesse sentido, toda vez que um tradutor ou uma tradutora formula conteúdo textual em uma nova língua e, assim, faz escolhas, ele(a) está trazendo à tona ideias que refletem maneiras de pensar o que seria a tradução ou de como ela deve ser realizada, por exemplo (PYM, 2017).

Desse modo, vale dizer que, a partir das teorizações, podemos gerar reflexões amadurecidas a ponto de considerá-las teorias. Consequentemente, as teorias são capazes de desenvolver conceituações, explicações as mais diversas para aspectos diversos da tradução. Segundo Pym (2017),

[...] quando esse estágio é alcançado, faz sentido nos referirmos a *paradigmas*, entendidos como conjuntos de princípios que subjazem grupos diferentes de teorias (Kuhn, 1962). Isso acontece, particularmente, quando descobrimos ideias gerais, relações e princípios para os quais há coerência interna e um ponto de partida compartilhado. (PYM, 2017, p. 21)

Sendo assim, o pesquisador segue dizendo que a noção de *equivalência* seria um paradigma importante para o campo dos Estudos da Tradução uma vez que variadas correntes teóricas utilizam o termo. Logo, embora esteja assumindo que existam perspectivas diferentes acerca do que seria equivalência há, nas diferentes teorias, uma espécie de consenso de que equivalência, conceitualmente, pressupõe a comparação entre textos de partida e textos de chegada.

Para mim, importa abordar o conceito de equivalência uma vez que, como veremos mais adiante, ele está presente, mesmo que implicitamente, nas listas de procedimentos de tradução, que, consequentemente, conduzem à ideia de tipos de solução de tradução abordada no presente trabalho.

Não sem motivo, o teórico Eugene A. Nida, se destaca ao tratar do assunto. Em 1964, com a obra *Toward a Science of Translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*, o linguista estadunidense indagava o seu leitor ao questionar: “traduzir é, por exemplo, uma arte ou uma ciência? É uma habilidade que só pode ser adquirida pela prática, ou existem certos procedimentos que podem ser descritos e estudados?”¹⁴ (NIDA, 1964, p. 3). Sua obra deixa claro já no título que ele defende uma espécie de ciência da tradução e, por assim dizer, estava preocupado com aspectos descritivos. Desse modo, diante de sua vasta experiência como tradutor da Bíblia, ao longo de sua contribuição, o pesquisador busca tratar tanto da teoria quanto da prática de tradução.

Barbosa ([1990] 2020) ao falar de Nida (1964) destaca que, em sua proposição, ele se associa aos pressupostos teóricos da gramática gerativa transformacional, o que implica dizer que, para ele, assim como para os seguidores de tal vertente, a língua é concebida como dinâmica e nutrida de uma capacidade de gerar um número ilimitado de enunciados dos mais variados.

Partindo desse princípio, segundo Nida (1964), entender tal concepção de língua é importante para tradutores e tradutoras no sentido de que eles não devem se restringir a comparações das estruturas correspondentes de uma ou outra língua, mas sim buscar descrever os modos pelos quais uma mensagem completa é transformada em uma estrutura de língua diferente — a da língua de chegada.

Entendendo língua como *código comunicativo*, Nida (1964) salienta que “diferenças nas traduções geralmente podem ser explicadas por três fatores básicos na tradução: (1) a natureza da mensagem, (2) o propósito ou propósitos do autor e, por consequência, do tradutor, e (3) o tipo de público”¹⁵ (NIDA, 1964, p. 156). Nesse sentido, para o teórico, na atividade de tradução é necessário que se busque a equivalência tanto quanto seja possível entre a mensagem recebida pelo tradutor ou pela tradutora e aquela produzida por ele ou ela.

Assim sendo, segundo Nida (1964), existem dois tipos de equivalência. O primeiro deles seria a *equivalência formal*, na qual o ponto central está no conteúdo e na

¹⁴ No original em inglês: “Is translating, for example, an art or a science? Is it a skill which can only be acquired by practice, or are there certain procedures which can be described and studied?”

¹⁵ No original em inglês: “differences in translations can generally be accounted for by three basic factors in translating: (1) the nature of the message, (2) the purpose or purposes of the author and, by proxy, of the translator, and (3) the type of audience.”

forma da mensagem do texto de partida. Logo, no escopo da equivalência formal a atenção está, sobretudo, na correspondência estilística, correspondência no nível da frase, conceitos, elementos linguísticos e extralinguísticos do texto de partida. O segundo tipo de equivalência discutido pelo pesquisador, *equivalência dinâmica*, é aquele em que a preocupação está no texto de chegada. Em outros termos, a equivalência dinâmica tem por objetivo alcançar (ou aproximar-se de) uma naturalidade completa entre texto de partida e de chegada de maneira que seja possível identificar elementos importantes como, por exemplo, modos de comportamento ou aspectos extralinguísticos apreendidos, organicamente, pela cultura de chegada, atingindo, assim, aquilo que Nida (1964) chama de *efeito equivalente* (*equivalent effect*).

Ainda assim, é importante frisar que — sem descartar que a discussão do assunto pode ser frutífera e abrir dimensões tanto teóricas quanto práticas úteis à pesquisa e à prática de tradutores e tradutoras — Weininger (2009, p. 19) apresenta que “o conceito de equivalência nos Estudos da Tradução é inevitável e fascinante e, ao mesmo tempo, elusivo e perigoso”. Segundo ele, o conceito supra já foi abordado e aplicado por diferentes autores de diferentes formas e, desse modo, chama atenção para o fato de que concepções teóricas mais modernas de tradução podem ser diferenciadas pelo grau com que se apoiam ou se distanciam da noção de equivalência.

Dito isso, com o intuito de elucidar a discussão à qual se propõe, Weininger (2009) apresenta (e questiona) cinco mitos que, comumente, são atribuídos à tradução: I) a figura do autor; II) a intenção do autor; III) o significado do texto; IV) a figura do tradutor e V) a tradução correta. Sobre eles discorrerei a seguir:

- I) A figura do autor: segundo o pesquisador, “não é o autor quem ‘cria’ o texto a ser traduzido” (Weininger, 2009, p. 22). Nesse sentido, é importante considerar que qualquer pessoa que escreve um texto está inserida em determinado contexto e cada novo texto também; por assim dizer, autor e texto sofrem influências de circunstâncias socioeconômicas e histórico-políticas e são produto do meio no qual estão inseridos;
- II) A intenção do autor: para Weininger (2009), não é possível acessar a intenção de um autor. Como apresentado pelo teórico, alguns autores, quando questionados a respeito de suas intenções em determinadas passagens nem mesmo sabem quais foram. Outros, por sua vez, tentam impedir certas interpretações (mesmo que possíveis) de seus textos;

- III) O significado do texto: de acordo com Weininger (2009), esse mito está ligado ao anterior (mito II). Para ele, “a discussão sobre equivalência na tradução pressupõe que um texto a ser traduzido tenha um significado claramente definido” (WEININGER, 2009, p. 23). Porém, acrescenta que depois de publicado, o autor não tem mais domínio sobre o texto. Sendo assim, segundo o pesquisador, é na mente do leitor que o significado é produzido e isso se dará de acordo com o “mundo individual” de cada um, mesmo que apenas em uma língua;
- IV) A figura do tradutor: para Weininger (2009), esse mito transita entre dois polos. Há aqueles que enxergam o tradutor ideal como aquele que, para além da proficiência em muitas línguas, em alguma medida domina diferentes áreas do conhecimento, sabe com propriedade das características da cultura de origem e chegada e se destaca do autor por circular nos dois mundos. No entanto, na extremidade oposta estaria o tradutor real, que, segundo o teórico, com alguma frequência é tratado como uma espécie de “robô subalterno” que conduz o texto de um idioma para o outro. Ele salienta que “nem a glorificação do tradutor nem a abominação do tradutor (‘traduttori — traditori’) são realistas” (WEININGER, 2009, p. 25);
- V) A tradução correta: encerrada a discussão dos mitos apresentados anteriormente, Weininger (2009) afirma: “não existe ‘a’ tradução correta ou perfeita, tão almejada pela teoria e prática de tradução” (WEININGER, 2009, p. 25). Segundo o pesquisador, o que existe são traduções possíveis e, conseqüentemente, igualmente “corretas”.

Sendo assim, Weininger (2009) ao tratar do conceito de equivalência chega à conclusão de que

Uma aproximação razoável dentro do contexto do uso da tradução é sempre muito melhor para um leitor que não dispõe de proficiência de leitura no idioma do texto de partida do que não ter a versão traduzida com suas limitações inevitáveis. A consciência desta situação e das dimensões aqui expostas, porém, dará ao tradutor muito mais segurança para tomar suas decisões tradutórias. Assim, vejo a equivalência como estrela guia que indiretamente orienta a ação do tradutor e, ao mesmo tempo, como utopia inalcançável que serve, como todas as utopias, à superação de um estado atual passível de aperfeiçoamento e não como destino que realmente precisa ser alcançado. A discussão sobre a equivalência é o telescópio que ajuda a ampliar a visão até o ponto

que seja possível unir os dois pólos [sic], apenas aparentemente antagônicos. (WEININGER, 2009, p. 27)

Ainda nesse contexto, dada a importância do paradigma da equivalência, Pym (2017) dedica dois dos seus capítulos na obra *Explorando teorias da tradução* para tratar do assunto e acrescenta que, não obstante as críticas de teorias mais recentes ao paradigma da equivalência, novas perspectivas não indicam automaticidade no desenvolvimento de teorias ou no surgimento de novos paradigmas.

Portanto, com a finalidade de destacar a complexidade do tema, o teórico apresenta a noção de equivalência destacando aquilo que chama de dois subparadigmas: *equivalência natural* e *equivalência direcional*.

Sendo assim, se faz necessário observar que Pym (2017) parte da ideia de que a equivalência natural seria aquela em que se considera que aquilo que é expresso em uma determinada língua pode ter o mesmo valor quando traduzido para outra. Por assim dizer, a relação entre o texto de partida e a tradução se dará pela equivalência, ou seja, uma relação de igual valor. Contudo, é importante destacar que, desse modo, a equivalência não parte do princípio de que as línguas são todas iguais, mas que podem compartilhar o mesmo valor, seja no nível da forma, seja da função ou outros. Logo, mais especificamente quando se trata da equivalência natural, considera-se que, nas palavras de Pym (2017, p. 26), “os elementos com mesmo valor existem previamente ao ato de tradução”.

Por outro lado, quando se pondera a respeito da equivalência direcional, dialoga-se com uma maneira diferente de pensar o referido paradigma, pois mesmo considerando que o conceito de equivalência permanece, no subparadigma direcional a noção de equivalência não é concebida como se ela fosse natural ou recíproca. A equivalência direcional, portanto, seria aquela em que a direcionalidade é ponto substancial e, por conseguinte, fica evidente que os tradutores e as tradutoras tomam decisões ativas, pois as mudanças no texto traduzido que ocorrem em uma ou outra direção mostram que o conteúdo textual traduzido não permanece incólume ou passivo ao passar pelas mãos do tradutor ou da tradutora. Em outras palavras, falar em equivalência direcional implica dizer que traduzir de uma língua para outra e, em seguida, caso seja feita uma tradução reversa partindo da língua da tradução para a língua de partida original, não necessariamente o produto será um mesmo texto.

Em síntese, o subparadigma da equivalência natural estaria mais ligado à lista de procedimentos de tradução ao passo que a equivalência direcional se destacaria por

envolver apenas dois polos opostos de maneiras diferentes de traduzir como, por exemplo, polo da tradução livre em oposição ao polo da tradução literal.

Embora seja veementemente atacada por algumas teorias subsequentes, analisando o contexto histórico, pode ser observado que o paradigma da equivalência e, conseqüentemente, os subparadigmas natural e direcional tiveram papel importante no período em que surgiram. Vale dizer que, segundo Pym (2017), algumas dessas teorias que entendiam as línguas como visões de mundo apregoavam que a tradução é impossível. O pensamento de que línguas diferentes expressavam visões de mundo diferentes adicionado aos pressupostos de Saussure — funcionamento das línguas explicado de modo que elas formariam sistemas significativos apenas diante da diferença de itens que a comporiam — implica dizer que “uma vez que línguas diferentes classificam o mundo de modos diferentes, nenhuma palavra poderia ser completamente traduzível fora de seu próprio sistema linguístico. A equivalência não deveria ser possível” (PYM, 2017, p. 34). Nesse sentido, lançar mão do conceito de equivalência se tornava uma resposta a essa prerrogativa.

Portanto, como salienta Pym (2017)

Assumimos aqui a visão não muito popular de que o paradigma da equivalência foi e continua sendo muito mais rico do que certas intenções de descartá-lo rapidamente poderiam sugerir. Ele possui o mérito de ocupar um lugar importante relativamente a outros paradigmas mais recentes na teoria da tradução. E isso porque a teorização sobre a equivalência, se olharmos de perto, envolve duas formas de conceitualização concorrentes, as quais denominamos de equivalência natural em oposição à equivalência direcional. A inter-relação entre essas duas noções permite o desenvolvimento de sutilezas consideráveis em algumas teorias, tanto recentes quanto mais antigas. Ela também dá origem a certa confusão, não apenas inerente a algumas teorias da equivalência em si mesmas, mas em relação a muitos dos atuais argumentos contra a equivalência. (PYM, 2017, p. 29)

Sendo assim, a despeito das críticas que o paradigma recebe, algumas delas listadas e discutidas por Pym (2017) — teorias da equivalência tomando o texto de partida como superior; equivalência pressupondo simetria entre línguas; o binarismo da equivalência direcional, para alguns, desnecessário; a não existência de base psicológica nos testes de equivalência; a impossibilidade de uma informação nova ser, genuinamente, natural e algumas outras — há de se assumir que tratar da equivalência não deixou de ser produtivo. Ainda sobre o assunto, Pym (2017) permite analisar pontos positivos do paradigma da equivalência e, conseqüentemente, de seus subparadigmas como pode ser observado na Tabela 1 abaixo.

| PARADIGMA DA EQUIVALENCIA | PONTOS POSITIVOS |
|---------------------------|--|
| NATURAL | 1. Diante do cenário vigente em que o estruturalismo, teoricamente, entendia a tradução como impossível, a ideia de equivalência natural foi importante para defender a tradução como substancial para a prática social. |
| | 2. A possibilidade de, por meio da noção de equivalência natural, apresentar o que de fato poderia ser feito com a linguagem real. |
| | 3. Os teóricos dessa vertente produziram, geralmente, listas de soluções que, de fato, são utilizadas por tradutores, o que tem se mostrado muito produtivo para o treinamento desses profissionais. |
| | 4. Embora algumas noções trazidas pelo subparadigma sejam um tanto idealistas, existe uma espécie de função operacional nisso que corresponde a ideias já difundidas no que diz respeito à tradução. |
| DIRECIONAL | 1. Não produz suposições ideológicas a respeito de qual seja a definição de natural, sobre a natureza das línguas ou se as traduções seriam ou não conservadoras. Bagagem ideológica mais leve. |
| | 2. Conjunto mais amplo, permitindo reconhecer que tradutores tem uma variedade maior de opções para escolher e os fatores que influenciam suas escolhas são para além daqueles linguísticos oriundos do texto de partida. |
| | 3. Algumas teorias assumem que as traduções criam ilusões e podem ser analisadas como tal. |
| | 4. Resolve a aparente impossibilidade da tradução apregoada pela visão estruturalista da linguística. |
| | 5. Suscita discussão sobre a ética dos tradutores uma vez que apresenta as grandes polaridades. |
| | 6. Abre caminho para uma investigação empírica adicional. Ou seja, não determinar como os tradutores devem traduzir, mas sim apresentar de que maneira traduzem em diferentes línguas e culturas bem como em períodos históricos variados. |

Tabela 1: Pontos positivos no estudo do paradigma da equivalência elaborados a partir de PYM (2017)

Os destaques (grifos meus) que aparecem na Tabela 1 estabelecem uma relação direta com aquilo que proponho neste trabalho, uma vez que os tipos de solução de tradução adotados pelos tradutores e tradutoras do par português-Libras que serão

apresentados aqui parecem indicar uma aplicabilidade didática interessante que poderá ser incorporada a materiais didáticos de cursos de formação de tradutores e tradutoras.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que, como apresentarei mais adiante, ao discutir a questão do estilo de tradutores e de tradutoras, implicitamente, a noção de equivalência estará presente. Desse modo, uma vez que discutirei a respeito de uma concepção de estilo sendo influenciada também por componentes sociais, talvez seja importante pontuar que a noção de equivalência será conduzida por uma concepção mais ampla e, ao que me parece, de reflexão ainda necessária a respeito do paradigma. Fica observado, portanto, que, em princípio e tradicionalmente, os procedimentos de tradução e, conseqüentemente, aquilo que chamo, aqui, de tipos de solução de tradução — objeto analisado neste trabalho — são uma temática própria das teorias de tradução de base linguística. No entanto, minha proposição é dar uma visada também estilística e sociológica às soluções, o que implicará em uma concepção de equivalência revisada e, teoricamente, expandida. Por conseguinte, esse novo ponto de vista dará suporte não só às soluções de tradução como também ao ensino de tradução (português-Libras), como veremos nas próximas seções.

2.3

Tipos de Solução de Tradução

Como mencionei anteriormente, assumo no presente trabalho a perspectiva de *tipos de solução de tradução* ancorada, sobretudo, em Pym (2016). Tal defesa se dá pelo fato de que, assim como faz o teórico, as análises aqui realizadas têm como base as soluções que podem ser identificadas nas traduções e não no modo como os tradutores e as tradutoras pensam, o que poderia dar a entender caso lançasse mão do termo “procedimentos”, por exemplo.

Nesse sentido, vale pontuar que, como afirmam Pym e Torres-Simón (2015), tipologias de soluções de tradução têm sido usadas no treinamento e formação de tradutores e de tradutoras desde pelo menos a década de 1950. Segundo os pesquisadores, mesmo diante de críticas recebidas, algumas das versões mais antigas ainda hoje apresentam valor pedagógico para o ensino do ofício de traduzir. Desse modo, é importante mencionar que os tipos de solução de tradução também podem ser encontrados carregando a forma de *procedimentos, técnicas, estratégias* e outros termos

e, portanto, há de se considerar a dificuldade de definição do fenômeno, que tem sua origem, sobretudo, com as formulações de Vinay e Darbelnet, em 1958. Sobre o assunto, discutirei mais detalhadamente na próxima seção. Antes disso, me parece importante discorrer um pouco mais a respeito da noção de tipos de solução de tradução.

Como salientam Pym e Torres-Simón (2015), os tipos de solução de tradução, em geral, são organizados entre sete e dez categorias e elencados em ordem decrescente, dispostos a partir do tamanho da unidade de tradução. Se considerarmos, por exemplo, a versão de Vinay e Darbelnet — que não é a única, mas, talvez, a de maior repercussão — teremos as categorias: Empréstimo, Decalque, Tradução Literal, Transposição, Modulação, Reformulação, Adaptação. Sendo assim, uma das críticas feitas à lista proposta pelos pesquisadores se dá ao fato de que as categorias propostas estariam desprovidas de fundamento cognitivo, além de não oferecerem aos alunos a capacidade de dizer quais soluções usar em quais situações. Além disso, críticas foram feitas no sentido de mostrar que as listas eram mal organizadas ou mesmo restritas a pares de idiomas muito específicos (PYM; TORRES-SIMÓN, 2015, p. 89). No entanto, o que se depreende de tal fato é que, a despeito das críticas observadas, as listas de soluções permanecem circulando e, em alguma medida, estáveis o que, para Pym e Torres-Simón (2015), sugere que há, inevitavelmente, algum valor pedagógico nas listas de solução de tradução que supera as críticas.

Segundo Pym e Torres-Simón (2015), coincidentemente, no mesmo ano em que Vinay e Darbelnet publicaram sua lista de tipos de solução de tradução na obra *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, em 1958, o chinês Loh Dian-Yang publicou uma lista semelhante no livro de sua autoria intitulado (em inglês) *Translation: Its Principles and Techniques*. Algumas das categorias listadas por Loh foram: Transliteração, Tradução Semântica, Cunjagem de novos personagens, Omissão, Amplificação, Repetição, Conversão, Inversão e Negação.

Para Pym e Torres-Simón (2015) parece não ter havido uma ligação direta entre ambos os projetos, mas, provavelmente, de maneira indireta poderíamos estabelecer algumas conexões. Desse modo, os pesquisadores afirmam que

Loh estava se baseando na tradução chinesa de Fedorov (1953), enquadrado por uma tradição linguística formalista que estava nominalmente em contato com a estilística da escola de Genebra a partir da qual Vinay e Darbelnet trabalhavam; não podemos pressupor que qualquer conjunto de tipos de solução seja de alguma forma autóctone. Quaisquer que sejam as complexidades da história, o mesmo ano nos dá duas versões de

tipos de solução: uma para francês-inglês e outra para chinês-inglês. A coincidência fortuita do ano nos permite superficialmente dar a ambas as tipologias uma chance igual, talvez destacando um certo charme retrô compartilhado.¹⁶ (PYM; TORRES-SIMÓN, 2015, p. 90)

Nesse sentido, parece importante sinalizar que, de minha parte, se faz relevante pensar, ainda que hipoteticamente, que ambas as tipologias — de Vinay e Darbelnet; e de Loh — não estavam exatamente sob igualdade de chances de expansão, mas sim sob condições sociais e geopolíticas distintas que, possivelmente, impactaram no modo como uma e outra tipologia foi se ampliando no tempo e no espaço. Tal afirmação parece ir ao encontro das contribuições de Tymoczko ([2006] 2014) — destacadas anteriormente na seção 2.1 — quando a autora fala a respeito da expansão da tradução e de determinadas matrizes de pensamento — especialmente as ocidentais — sendo mais prestigiadas que outras.

Dito isso, ainda sobre o assunto, como verificam Pym e Torres-Simón (2015), alunos que trabalham com línguas europeias — o que me parece se aplicar não só a alunos, mas também a profissionais — tendem a preferir fazer uso da lista de soluções de tradução proposta pelos já mencionados Vinay e Darbelnet, ao passo que aqueles que trabalham, por exemplo, com o chinês preferem a lista de Loh. Tal constatação me leva a questionar a possibilidade de tradutores e de tradutoras do par português-Libras também terem determinada preferência no que diz respeito aos tipos de solução de tradução ou mesmo se destacarem por soluções específicas.

Portanto, é interessante observar que, para além de simplesmente apontar preferências, como defendem Pym e Torres-Simón (2015), abordar a aplicabilidade didática das tipologias em salas de aula, por exemplo, pode fazer com que alunos tenham atitude crítica e analítica no que diz respeito às listas de tipos de solução de tradução e não encará-las como quadros impositivos ou aceitá-las sem reflexão. Logo, os pesquisadores salientam que, durante o experimento proposto por eles aos seus alunos — tradutores e tradutoras em formação —, ao tentarem categorizar as soluções tradutórias que assumiam, os alunos estavam refletindo não só sobre o seu trabalho

¹⁶ No original em inglês: “Loh was drawing on the Chinese translation of Fedorov (1953), who was framed by a formalist linguistic tradition that was nominally in touch with the Geneva school stylistics that Vinay and Darbelnet were working from; we cannot assume that either set of solution type is in some way autochthonous. Whatever the intricacies of history, the same year gives us two versions of solution types: one for French–English, the other for Chinese–English. The fortuitous coincidence of the year superficially enables us to give both typologies an equal chance, perhaps deploying a certain shared retro charm.”

como também a respeito das dificuldades de teorização. Sendo assim, os pesquisadores afirmam que os tipos de solução devem ter relação com a prática real, de modo que a teorização se dê de forma engajada e, por assim dizer, devem também dar conta da variedade de possibilidades que tradutores e tradutoras podem assumir. No entanto, as tipologias não podem ser encaradas como verdades absolutas ou encerradas em si mesmas. O valor pedagógico das tipologias estaria na possibilidade de um aprendizado dinâmico de modo que possam ser capazes de orientar esse processo (PYM; TORRES-SIMÓN, 2015, p. 101).

Em tempo, vale mencionar outra contribuição do teórico, Pym (2018). Sobre o assunto, o autor chama atenção para o fato de que sua preocupação ao tratar de soluções de tradução é regressiva. Isso quer dizer que, para Pym (2018), se faz necessário retornar à linguística.

Por esse motivo, Pym (2018) declara

[...] minha preocupação com soluções de tradução é definitivamente regressiva: estou voltando à velha e chata linguística; estou trabalhando próximo a textos reais; estou levantando questões sobre as quais praticamente nenhum avanço empírico foi feito. Mais cedo ou mais tarde, porém, alguém vai querer aprender a traduzir. E um repertório alargado de soluções de tradução, com mais do que apenas dois termos principais, é uma das ajudas mais valiosas que podemos oferecer.¹⁷ (PYM, 2018, p. 60)

Desse modo, Pym (2018) segue afirmando que, para que seja pedagogicamente eficaz, o ensino de tipologias de soluções tradutórias deve enfatizar alguns pontos:

- I) A natureza das premissas de soluções de problemas de tradução deve ser explicada cuidadosamente;
- II) A tipologia deve ser apresentada de maneira que a lista seja encarada como modos de abordar determinados problemas que não poderiam ser solucionados usando normas de idiomas padrão ou procedimentos de tradução quando em “modo cruzeiro” (*cruise mode*)¹⁸;

¹⁷ No original em inglês: “[...] my concern with translation solutions is definitely regressive: I am going back to boring old linguistics; I am working close to actual texts; I am stirring up issues on which virtually no empirical advances have been made. Sooner or later, though, someone will want to learn how to translate. And a widened repertoire of translation solutions, with more than just two major terms, is one of the most valuable aids we can offer them.”

¹⁸ Segundo Pym (2018), o modo cruzeiro seria aquele em que ocorre o uso normal de habilidades linguísticas, recursos de referência, intuição, ou seja, qualquer coisa que antecede o que chama de modo de colisão. Nesse sentido, quando em modo cruzeiro, não são necessárias soluções especiais.

- III) As tipologias não devem ser apresentadas como se fossem estanques, mas sim de maneira convidativa de modo que haja possibilidade para novas combinações e novas soluções;
- IV) A teorização deve ser mantida o mais simples possível para que seja clara pedagogicamente.

Então, como defendem Pym e Torres-Simón (2015), concluo que “ensinar e tentar aplicar tipos de solução na aula de tradução traz benefícios não apenas para o treinamento e autoformação dos alunos, mas também, esperançosamente, para o desenvolvimento da teoria da tradução”¹⁹ (PYM; TORRES-SIMÓN, 2015, p. 102).

Assim sendo, ao final de seu livro, Pym (2016) propõe uma tipologia de soluções que tem por objetivo atender muitas línguas. Nesse sentido, é importante enfatizar que, em sua publicação de 2018, o pesquisador chama atenção para o fato de que os oito tipos de solução de tradução propostos por ele seguem, portanto, em algum nível, a tradição de Vinay e Darbelnet. Isso significa dizer que sua proposta parte do mais simples para o mais complexo, daquilo que produz menos esforço para o que mais sobrecarrega. Ou seja, vai da instância mais próxima do texto de partida para aquela de maior intervenção tradutória (PYM, 2018, p. 41). A síntese da tipologia defendida pelo teórico pode ser observada na Tabela 2, abaixo.

| | | |
|-------|------------------------|--|
| CÓPIA | Cópia de Palavras | Copiando sons Copiando a morfologia Copiando <i>script</i> |
| | Cópia de Estrutura | Copiando recursos prosódicos Copiando frases fixas Copiando estrutura do texto |
| | Mudança de perspectiva | Alterando o foco da frase Alterando o foco semântico Alterando a voz Renomeando um objeto |

¹⁹ No original em inglês: “teaching and trying to apply solution types in the translation class brings benefits not only for the training and self-training of students but also, hopefully, for the development of translation theory.”

| | | |
|------------------------------|--------------------------|---|
| MUDANÇA DE EXPRESSÃO | Mudança de densidade | Generalização/Especificação Explicitação/Implicitação Tradução múltipla |
| | Ressegmentação | Unindo frases Cortando frases Reparagrafando |
| | Compensação | Novo nível de expressão Novo lugar no texto (notas, paratexto) |
| | Correspondência cultural | Idiomas correspondentes Unidades correspondentes de medição, moeda etc. Realocação de referentes específicos da cultura |
| MUDANÇA DE MATERIAL/CONTEÚTO | Adaptação de texto | Correção/censura/atualização Omissão de material Adição de material |

Tabela 2: Síntese da tipologia proposta por Pym - Elaboração a partir de Pym (2018)

Exposto isso, destaco que Pym (2018) observa que as categorias apresentadas por ele podem ser ajustadas para atender a necessidades pedagógicas específicas. Para uma espécie de simplificação, podem ser consideradas as categorias gerais de Cópia (*Copying*), Mudança de Expressão (*Expression Change*) e Mudança de material/conteúdo (*Material Change*), como são destacadas na primeira coluna da Tabela 2. À medida que pretende-se aprofundar nas soluções tradutórias, as colunas que se seguem (segunda e terceira) constituem subtipos e não só focam como também apresentam mais detalhes acerca dos tipos de solução de tradução.

Contextualizando, Pym (2018, p. 43) define sua tipologia do seguinte modo:

1. Cópia de Palavras: modo de transcrição (em sentido lato) no qual determinados itens de um idioma são transferidos para outro. Pode ocorrer no nível fonético, morfológico ou da escrita;
2. Cópia de Estrutura: correspondente ao “Decalque” descrito por Vinay e Darbelnet, ocorre quando estruturas sintáticas ou composicionais são trazidas de uma língua para outra;

3. Mudança de Perspectiva: se destaca quando, por exemplo, um objeto é visto sob ponto de vista diferente nas línguas envolvidas;
4. Mudança de Densidade: acontece quando há mudança significativa na quantidade de informação disponível em determinado trecho do texto. Neste caso, tradutores e tradutoras podem diluir a densidade textual usando determinadas soluções, como é o caso da Generalização, por exemplo;
5. Ressegmentação: divisão ou ajuntamento de frases, construção de novos parágrafos, em geral, alterando a ordem das partes do texto no nível frasal ou superior;
6. Compensação: ocorre quando determinado valor é apresentado fazendo uso de recursos diferentes daqueles observados, inicialmente, no texto de partida e em posição no texto ou nível linguístico também distintos. Desse modo, também encarada como uma forma de Compensação, as notas e os prefácios do tradutor ou tradutora são exemplos desta categoria, visto que, por meio de recursos diferentes daqueles apresentados ao longo do texto inicial, aparecem em posição textual ou em nível linguístico substancialmente diferente;
7. Correspondência Cultural: chamada por Vinay e Darbelnet de Equivalência, a Correspondência Cultural ocorre, por exemplo, quando expressões idiomáticas são utilizadas de maneira correspondente e
8. Adaptação de Texto: ocorre quando o material semântico ou performativo no texto inicial perde ênfase ou dá espaço a uma atualização ou adição no que diz respeito à forma e ao conteúdo.

Dito isso, é importante considerar a profusão de listas de soluções de tradução que, como destacado anteriormente, em muitos casos aparecem na forma de *procedimentos*. Sendo assim, na próxima seção discutirei o histórico da noção de procedimentos por trás de muitas dessas listas e seus desdobramentos, além de aprofundar a discussão acerca da dificuldade em nomear soluções tradutórias.

2.3.1

Histórico da noção de procedimentos e seus desdobramentos

Desde a ocasião de minha especialização, a ideia de *procedimentos técnicos de tradução*, sobretudo as contribuições de Barbosa ([1990] 2020), tem sido útil para as análises que me proponho fazer quer seja àquela altura — quando investigava marcas estilísticas nos textos traduzidos — quer seja na presente dissertação, em que foco nas soluções tradutórias utilizadas por tradutores e tradutoras. No entanto, desta vez, tendo em vista o acesso que tive a outras leituras, como é o caso de Pym (2016), me pareceu coerente e importante optar pelo conceito de *tipos de solução de tradução*, que apresento na seção anterior, em vez de me manter ancorado à ideia de *procedimentos*, por constatar que, caso permanecesse fazendo uso deste último, poderia estar dando a entender algo diferente daquilo que é a minha proposta. Ou seja, como apresentado anteriormente, tenho por objetivo identificar no produto (textos traduzidos) indícios do processo de tradução, sobretudo, das soluções utilizadas pelos tradutores e tradutoras para dar conta de determinados problemas tradutórios. Não estou, portanto, interessado no modo como esses profissionais pensam ao executarem sua função como pesquisas de processo, que, consequentemente, o termo *procedimentos* poderia sugerir.

Por outro lado, embora assumo a ideia de *tipos de solução de tradução*, não se pode negar que historicamente o mesmo fenômeno (ou se não o mesmo, algo muito próximo de sua definição) tem sido tratado na literatura fazendo uso de termos diversos. Sobre o assunto, discorrerei nas próximas linhas tentando indicar, brevemente, o surgimento do interesse de pesquisa a respeito do tema, inicialmente compreendido como *procedimentos*, seus desdobramentos, além de salientar as divergências e dificuldades em nomear o fenômeno a partir de diferentes perspectivas e autores.

Dito isto, parece interessante pontuar que não são recentes as manifestações ou mesmo publicações no campo dos Estudos da Tradução que tenham como objetivo apresentar maneiras como intérpretes ou tradutores e tradutoras podem solucionar problemas de tradução. Assim sendo, ao analisar de modo mais minucioso o assunto, pude perceber que, de uma forma ou de outra, as tentativas de dar conta de tal temática constantemente vêm acompanhadas de termos como “procedimentos”, “técnicas”, “estratégias”, “tipos de solução” ou até “operadores”.

Como pode ser observado em Pym (2016), ao contextualizarmos historicamente a maneira como surge a ideia por trás das listas de soluções de tradução, o pesquisador traz à tona, sobretudo, linguistas como Charles Bally, Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet.

O primeiro deles, Bally, contribui de maneira importante para minha discussão uma vez que, considerado uma espécie de fundador da estilística linguística, o teórico tinha experiência com o ensino de francês como língua estrangeira e, aliado ao seu conhecimento sobre a linguística alemã, enveredou-se pela estilística. Sendo assim, suas obras de destaque são *Précis de stylistique*, publicada em 1905 e *Traité de stylistique française*, em 1909.

Desse modo, diferentemente da estilística advinda do contexto literário, como apresenta o autor, Bally estava interessado em estudar os recursos expressivos de toda linguagem e não de um determinado escritor ou autor específico, por exemplo. Nesse sentido, o objetivo do linguista era descrever dadas particularidades que não tivessem relação com uma espécie de gramática obrigatória, mas estivessem no campo da *parole* ou, em outras palavras, a língua falada. A estilística de Bally, portanto, estava interessada na língua corrente.²⁰ Em suma, o que parece importante na contribuição de Bally é destacar tendências, opções dentre possibilidades, aquilo que é mais ou menos frequente e de que maneira tais itens aparecem no uso da língua.

Parece oportuno, portanto, apresentar que como Pym (2016) salienta

O verdadeiro interesse de Bally é que seu ponto de partida foi a tradução, sua metodologia baseou-se na equivalência, ele reconheceu que todo o seu procedimento era na verdade uma forma de treinar tradutores e, no entanto, nunca disse nada sistemático sobre tradução. O nome dele não será encontrado em nenhuma lista de teóricos da tradução.²¹ (PYM, 2016, p. 4)

Nesse sentido, como observado por Pym (2016), tanto a análise quanto a perspectiva de tradução dos textos não avançaram como sendo objetivos de Bally, apesar de ele partir da atividade tradutória para trazer consciência das diferenças entre as mais variadas línguas. Em Bally, a noção de equivalência se apresentava no sentido de mostrar que diferentes falantes podem falar a respeito de um determinado assunto de

²⁰ Para aprofundamento do assunto, conferir: Loureiro (2008) e Silva (2015).

²¹ No original, em inglês: “The real interest of Bally is that his starting point was translation, his methodology was based on equivalence, he recognized that his whole procedure was in effect a way of training translators and yet he never said anything systematic about translation. You will not find his name on any list of translation theorists.”

diferentes formas e, desse modo, o linguista defende uma equivalência funcional por assim dizer, que, para ele, seria inerente aos sistemas linguísticos.

Para mim, interessado na atividade de tradução, parece importante estar atento a uma linguística que reconheça o processo de reformulação apesar de concordar que Bally, àquela altura, não estava concebendo uma equivalência em nível interlingual.

Sendo assim, dada a contribuição do linguista sobretudo no que diz respeito à equivalência e reformulação, outros dois estudiosos, Vinay e Darbelnet, encontraram em Bally ambiente propício para que pudessem avançar com alguns dos seus conceitos.

Conforme Pym (2016) chama atenção, em 1958, com a publicação da obra *Stylistique comparée du français et de l'anglais*, a dupla de linguistas (Vinay era franco-canadense; Darbelnet, francês, tendo ensinado na Universidade Laval, no Québec, de 1962 a 1978) menciona um fato interessante: em determinado momento de uma viagem, que saía de Nova York em direção a Montreal, eles observaram que a sinalização da estrada, embora fosse inteligível, só poderia identificar que, de fato, estavam em solo norte-americano, pois em francês as sinalizações de trânsito certamente não seriam expressas daquela mesma forma. Por inferência, poder-se-ia dizer que a estilística da sinalização chamou a atenção dos linguistas e deixou evidente, para além da gramática (por exemplo), que estavam em outro país, mas, sobretudo, que é possível expressar-se de maneiras variadas.

Ao descreverem o modo americano de sinalizar a via, Vinay e Darbelnet pontuaram que seu estranhamento se deu pelo fato de que o modo como a mensagem estava expressa, para eles, sugeria uma espécie de paternalismo e ao mesmo tempo rigidez, que soaria incomum em francês.

Em contrapartida, ao atravessarem a fronteira canadense, os linguistas descreveram que, no recém-chegado território, as sinalizações de trânsito — além de soarem familiares e, conseqüentemente, mais agradáveis — eram bilíngues. Ou seja, por apresentarem tanto o inglês quanto o francês, as informações da estrada os levaram a questionar não só as diferenças entre as línguas como também a equivalência dos termos. Assim sendo, vale mencionar que, nesse momento, os signos linguísticos que se apresentavam não eram propriamente uma tradução, mas levaram os pesquisadores a pensar no funcionamento de ambas as línguas.

Segundo Pym (2016), Vinay e Darbelnet àquela altura pareciam estar defendendo que um modo deveria se sobrepor ao outro e, ao compararem as línguas em jogo, os linguistas estariam tornando evidente aquilo que chamam de estilística

comparada. A partir daí, os estudiosos chegaram à conclusão de que a passagem de uma determinada língua para a outra, a fim de expressar uma mesma realidade, seria o que comumente chamamos de tradução.

Nesse sentido, Pym (2016) acrescenta que

A tarefa da estilística comparada seria produzir um conjunto completo de tais “procedimentos” (*procédés*). Vinay e Darbelnet então propõem que os tradutores que desejem produzir textos que soassem naturais deveriam empregar esses procedimentos. O subtítulo de seu livro é, portanto, “Méthode de traduction”, Método de tradução - a retórica comparada é apresentada como uma forma de tradução, embora nenhum dos exemplos tenha sido necessariamente produzido por tradutores (ou assim parece pela falta de método).²² (PYM, 2016, p. 20)

Parece, portanto, que a partir da estilística comparada surgem as primeiras listas de procedimentos. Assim sendo, temos em Vinay e Darbelnet um trabalho que ganhou relevância para as teorias de tradução de base linguística na medida em que os linguistas foram os primeiros a descreverem os procedimentos.

Como pode ser observado, as contribuições dos estudiosos supracitados tornaram-se importantes e, por esse motivo, foram revisitadas por outros pesquisadores. Barbosa ([1990] 2020), ao discutir o assunto, aponta que Vinay e Darbelnet organizaram os procedimentos em dois eixos: I) tradução direta; e II) tradução oblíqua. Desse modo, segundo a pesquisadora, para os linguistas, o eixo da tradução direta contemplava a tradução literal ou palavra por palavra, o que correspondia aos procedimentos de *empréstimo*, *decalque*, *tradução literal*. Já o eixo da tradução oblíqua seria aquele em que não há tradução literal e seria, portanto, composto por *transposição*, *modulação*, *equivalência* e *adaptação*. A título de elucidação, temos a definição dos conceitos descritos na Tabela 3.

²² No original em inglês: “The task of comparative stylistics would be to produce a complete set of such ‘procedures’ (*procédés*). Vinay and Darbelnet then propose that translators who want to produce natural-sounding texts should employ those procedures. The secondary title of their book is thus ‘Méthode de traduction’, Method of Translation – comparative rhetoric is presented as a way of translating, even though none of the examples need to have ever been produced by translators (or so it seems from the lack of method).”

| EIXO | PROCEDIMENTO | DEFINIÇÃO |
|-------------------------|------------------|--|
| TRADUÇÃO DIRETA | Empréstimo | Usar uma mesma palavra (copiar) da língua original na língua da tradução. |
| | Decalque | <p>Considerado por Vinay e Darbelnet como uma espécie de <i>empréstimo</i>. O <i>empréstimo</i>, portanto, faria referência a palavras isoladas ao passo que o <i>decalque</i> tem relação com os sintagmas. Subdividido em dois tipos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Decalque de expressão</i> – faz uso de palavras já existentes na língua de tradução, preservando estrutura; • <i>Decalque de estrutura</i> – preserva as palavras da língua da tradução, porém com construções incomuns a ela. |
| | Tradução literal | Também chamada de tradução palavra por palavra, é considerada pela dupla de linguistas como solução completa em si mesma uma vez que a retradução resultaria exatamente no texto original. Nesse sentido, para eles, o procedimento respeita características formais, estruturais e estilísticas da língua da tradução. |
| | Transposição | Ocorre quando há uma espécie de afastamento, em nível sintático, da forma do texto na língua original. Determinado significante empregado na língua original e expresso por determinada categoria gramatical é substituído por significante de outra categoria gramatical no texto da língua traduzida. |
| TRADUÇÃO OBLÍQUA | Modulação | Há mudança de ponto de vista ou foco quando contrastadas as línguas envolvidas entendendo que cada uma delas elege um aspecto diferente de uma mesma realidade. |
| | Equivalência | Utilizada, sobretudo, para traduzir provérbios, interjeições e assim por diante quando as línguas envolvidas no processo de tradução dão conta de uma mesma situação fazendo uso de recursos estilísticos e estruturais distintos. |
| | Adaptação | Empregada quando determinada situação extralinguística do texto na língua original não existe na cultura dos falantes da língua de tradução sendo, portanto, necessário recriá-la por meio de outra situação entendida, pelo tradutor, como equivalente. |

Tabela 3: Procedimentos de tradução descritos por Vinay e Darbelnet – Elaboração a partir de Barbosa ([1990] 2020)

Exposto isso, importa mencionar que, embora trate do mesmo fenômeno observado por Vinay e Darbelnet, um dos procedimentos se destaca por aparecer com nomes diferentes em Pym (2016) e em Barbosa ([1990] 2020). O primeiro opta pelo termo *Reformulação*, ao passo que Barbosa ([1990] 2020) privilegia o termo *Equivalência*.

Além disso, Barbosa ([1990] 2020) traça algumas considerações importantes a respeito da categorização feita pela dupla de linguistas. Segundo ela, por exemplo, a categoria *Empréstimo*, por definição, não poderia ser classificada como fazendo parte dos procedimentos de tradução direta por não expressar um paralelismo, mas sim uma divergência extralinguística entre o que chama de língua original e língua da tradução. Nesse sentido, para a pesquisadora, o *Empréstimo* é a manutenção de determinado material textual de uma língua na outra.

Barbosa ([1990] 2020) segue argumentando que também considera inadequado categorizar *Decalque* como tradução direta. Para ela, o *Decalque* é usado quando há divergência entre as duas línguas durante a tradução e acrescenta que, de acordo com Vinay e Darbelnet, tal procedimento seria responsável por incorporar novos modos de expressão na língua da tradução e, por assim dizer, estaria em desalinho com a definição de tradução direta.

Na proposta de recategorização de Barbosa ([1990] 2020), é possível observar também que os conceitos de *Tradução literal* e *Tradução palavra por palavra* não são iguais. No que diz respeito à *Transposição*, mesmo considerando que há casos em que a *Transposição* é obrigatória, a pesquisadora chama atenção para o fato de que Vinay e Darbelnet não se preocupam exatamente com a variabilidade de opções das quais tradutores e tradutoras podem lançar mão em determinadas situações.

Dito isso, tendo em vista as contribuições dadas por Vinay e Darbelnet, parece importante salientar que Barbosa ([1990] 2020) e Pym (2016) não foram os únicos a retomarem sua lista. Munday (2016) também faz o mesmo movimento e destaca que, desde a década de 1950, variadas abordagens linguísticas se propuseram a detalhar listas ou taxonomias em uma tentativa de categorizar ou pormenorizar aquilo que acontece na prática da tradução. Sendo assim, o modelo proposto pelos já mencionados linguistas também é analisado pelo pesquisador.

Segundo Munday (2016), Vinay e Darbelnet investigaram textos em inglês e francês observando diferenças entre os referidos idiomas e identificando o que, nas palavras do estudioso, seriam diferentes *estratégias* e *procedimentos* de tradução.

Partindo desse ponto, já se pode observar algo de diferente entre um termo e outro (discussão que aprofundarei mais adiante ainda nesta seção). Munday (2016) chama de *estratégia* aquilo que, em sentido técnico, seria uma espécie de orientação geral do tradutor ou da tradutora. Desse modo, por inferência poderíamos compreendê-la como uma inclinação a, por exemplo, domesticação ou estrangeirização, tradução livre ou literal. Já o termo *procedimento* é conceituado pelo pesquisador como sendo uma técnica ou método específico de que o tradutor ou tradutora lança mão em determinado ponto do texto. Nesse sentido, para Munday (2016), os eixos *Tradução direta* e *Tradução oblíqua* seriam constituintes do termo *estratégia*, ao passo que os sete procedimentos descritos por Vinay e Darbelnet, como o nome sugere, seriam de fato categorizados como *procedimentos*.

Assim sendo, Munday (2016) descreve que os sete procedimentos principais analisados por Vinay e Darbelnet atuam em três níveis: I) lexical; II) das estruturas sintáticas e III) da mensagem. Esse último descrito por Munday (2016) como fazendo referência ao enunciado e seu contexto metalinguístico. Além do exposto até aqui, o pesquisador também chama atenção para uma questão importante ao enfatizar que os linguistas faziam distinção entre os conceitos de *servidão* e *opção*.

Segundo Munday (2016), Vinay e Darbelnet descreviam a *servidão* como fazendo referência às transposições e modulações obrigatórias, fruto de diferenças entre o sistema linguístico das línguas envolvidas. Já a ideia de *opção* tinha por princípio as mudanças não obrigatórias e, desse modo, poderia indicar preferências ou estilo de tradutores e tradutoras ou até mesmo uma mudança de ênfase. Nesse sentido, de acordo com Munday (2016), para os linguistas supracitados o domínio da estilística estaria, portanto, no que tange ao conceito de *opção*. Logo, o papel do tradutor ou da tradutora seria o de fazer escolhas entre as opções disponíveis, de maneira a conseguir expressar nuances da mensagem (MUNDAY, 2016, p. 94).

Munday (2016) segue argumentando que Vinay e Darbelnet listam *cinco passos analíticos* que o tradutor ou a tradutora deve considerar durante a passagem do texto de partida para o texto de chegada. O primeiro deles seria identificar as unidades de tradução para que em seguida avance para o segundo passo: examinar o texto de partida de modo a avaliar não só o conteúdo descritivo como também afetivo e intelectual das unidades. O terceiro passo diz respeito à reconstrução do contexto metalinguístico da mensagem. Já o quarto seria aquele em que o tradutor ou tradutora avalia os efeitos estilísticos de modo que, na quinta etapa, possa produzir e revisar o texto de chegada.

Sendo assim, Munday (2016) salienta que os linguistas definiam a unidade de tradução como sendo a união entre uma unidade lexicológica e uma unidade de pensamento, portanto, considerada por eles como menor segmento de enunciado em que os signos estão ligados de modo que não devem ser traduzidos individualmente. Munday (2016) também pontua que uma das críticas feitas ao modelo dos linguistas se dá pelo fato de que suas categorias seriam menos aplicáveis em línguas não europeias, como destaca na seção 2.3.

Em tempo, parece oportuno apresentar que, segundo Munday (2016), embora Vinay e Darbelnet não fizessem uso do termo *mudanças na tradução*, era isso que eles estavam descrevendo na prática. Para Munday (2016), o termo parece ter tido origem de fato com as contribuições de Catford, em 1965, na publicação *A Linguistic Theory of Translation*. Especificamente no que trata da tradução, o pesquisador faz distinção entre os conceitos de *equivalência formal* e *equivalência textual*. A proposição de Catford, nesse momento, não é uma discussão central para mim, mas, como o próprio Munday (2016) argumenta, teve sua importância histórica. Nesse sentido, uma contribuição interessante do pesquisador seria a de que a equivalência na tradução depende não apenas de critérios linguísticos formais, mas deve considerar, portanto, outras características comunicativas como função, relevância, situação e cultura. No entanto, segundo Munday (2016), Catford falha ao apresentar exemplos idealizados, descontextualizados e não retirados de traduções reais.

Nesse sentido, Munday (2016) segue dizendo que outras contribuições a respeito dessa ideia de mudanças no contexto da tradução, sobretudo em meados das décadas de 1960 e 1970, foram responsáveis por introduzir um aspecto literário ao assunto. Desse modo, a função expressiva ou estilo de determinado texto passaram a ganhar destaque.

Não à toa, o teórico apresenta que tratar de mudanças estilísticas na tradução, por exemplo, na teoria da tradução mais recente foi ganhando seu espaço. Para ele, dois fatores se apresentam como motivadores para isso. O primeiro deles seria o interesse de pesquisa na intervenção do tradutor ou tradutora, bem como a relação estabelecida entre este último e o autor do texto de partida. O segundo fator diz respeito ao desenvolvimento de equipamento apropriado e informatizado de maneira que fosse possível aprimorar as análises.

Desse modo, como afirma Munday (2016), a mensagem do autor do texto de partida em convergência com a mensagem tradutória é resultado das tomadas de decisão realizadas pelo tradutor ou tradutora, de maneira consciente ou inconscientemente.

Sendo assim, segundo Munday (2016), alguns dos interesses de pesquisa têm sido no sentido de recuperar o estilo e as intenções do tradutor ou tradutora e não mais do autor ou autora. A esse respeito o termo *estilística da tradução* tem sido atribuído. Sobre o assunto, discorrerei mais profundamente na próxima seção. Por enquanto, importa dizer do interesse, como em Baker (2000), pela impressão digital linguística do tradutor ou da tradutora.

No entanto, Munday (2016) salienta a dificuldade em captar os deslocamentos que ocorrem por efeito da língua de partida e as preferências linguísticas do tradutor ou da tradutora, o que estaria relacionado com a distinção que fazem os linguistas Vinay e Darbelnet quando apresentam os conceitos de *servidão* e *opção*. Para o autor, portanto, o mais importante seria estar atento àqueles itens mais marcados e por marcados entenda-se: padrões de escolhas que se destacam incomuns e capazes de chamar atenção do leitor (MUNDAY, 2016, p. 99).

Nesse sentido, para o teórico, nesse contexto da estilística da tradução parece interessante levantar hipóteses a respeito da motivação por trás das tomadas de decisão, bem como questionar de que maneira as escolhas (conscientes ou não) podem ser motivadas pelo ambiente em que o tradutor ou tradutora está inserido ou mesmo a educação e o contexto sociocultural e político em que atua e, desse modo, investigar de que maneira as tomadas de decisão poderiam estar ligadas à identidade ou mesmo à ideologia do tradutor ou da tradutora.

Aubert (1998) é outro teórico que revisita as contribuições de Vinay e Darbelnet. Nesse sentido, em sua proposta, derivada da ideia de procedimentos técnicos da tradução elaborada pela dupla de linguistas, Aubert (1998) destaca que o modelo que ele propõe àquela altura vinha sendo aplicado em situações e variáveis diversas, em especial abordando o par inglês/português. Ao tratar dos procedimentos elencados por Vinay e Darbelnet afirma que, a despeito de quaisquer que fossem suas limitações, a contribuição deles foi ganhando destaque entre pesquisadores brasileiros e, por esse motivo, declara que

Em 1978, Mário Galvão Queirós (1978) defendeu uma dissertação de mestrado que se apresentava como uma versão comentada do modelo. Em 1984, Durvali Fregonezi apresentou uma tese de doutorado, investigando, em grande detalhe, as múltiplas formas de transposição, exemplificadas pela tradução francesa de um texto literário brasileiro. Em 1990, Barbosa, levando em conta alguns dos desenvolvimentos mais recentes da linguística textual, propôs uma revisão sistemática do modelo. (AUBERT, 1998, p. 102)

Assim sendo, Aubert (1998) pontua que seu trabalho está alinhado àquilo que chama de *modalidades de tradução*. Segundo ele, partindo dessa perspectiva, o modelo proposto por Vinay e Darbelnet é reformulado fazendo os devidos ajustes de maneira que os dados gerados possam resultar em tratamento estatístico. Aubert (1998) segue argumentando que, em 1979/80, em uma disciplina de especialização ofertada pela Universidade de São Paulo, Teoria da Tradução, o modelo foi redirecionado a finalidades específicas e, portanto, tinha por objetivo descrever o grau de diferenciação entre texto original e texto traduzido. Desse modo, a preocupação não estava mais em descrever procedimentos e sim produtos. Por esse motivo, de acordo com Aubert (1998), foi que ocorreu a substituição do termo *procedimentos de tradução* por *modalidades de tradução*.

Nessa perspectiva, traçar uma avaliação do grau de diferenciação entre aquilo que Aubert (1998) chama de texto original e de texto traduzido conduz a uma concepção de pesquisa capaz de gerar dados quantificáveis e, conseqüentemente, que permitam o tratamento estatístico. Para o objetivo proposto, o pesquisador destaca a necessidade de enfrentamento de algumas questões de ordem prática e metodológica. Uma delas seria a necessidade de formulação de uma indagação adequada. Por outro lado, segundo Aubert (1998), definir a unidade textual também se apresentava como fundamental para que pudesse servir de base para a quantificação. Além disso, a proposição de novo refinamento de cada modalidade se impunha relevante.

A respeito da primeira questão, Aubert (1998) afirma que a indagação feita era da porcentagem de texto original que reaparece no texto traduzido em uma dada modalidade. No que tange à unidade textual, o pesquisador defende que, se tratando de tradução, o mais indicado seria o enfoque de natureza sintática. No entanto, o estudioso argumenta que, assim feito, o projeto estaria exposto a riscos substanciais visto que o nível sintático não necessariamente corresponde à unidade de tradução utilizada por um ou mais tradutores e tradutoras. Sendo assim, Aubert (1998) conclui que a unidade de tradução tem tendência flutuante e, por assim dizer, está implicada por diversas variáveis como é o caso, por exemplo, da complexidade estilística, maior ou menor habilidade do tradutor ou da tradutora e assim por diante. Além disso, o pesquisador acrescenta que, em textos técnicos em que terminologias específicas se destacam, pode ocorrer da unidade de tradução coincidir com a unidade lexical.

Para as análises de seu *corpus*, Aubert (1998) adaptou a proposta de Vinay e Darbelnet naquilo que resultou em treze modalidades de tradução. São elas: I) Omissão;

II) Transcrição; III) Empréstimo; IV) Decalque; V) Tradução literal; VI) Transposição; VII) Explicitação/Implicação; VIII) Modulação; IX) Adaptação; X) Tradução intersemiótica; XI) Erro; XII) Correção e XIII) Acréscimo. Desse modo, o que parece curioso observar é que Aubert (1998) categoriza as modalidades *transcrição*, *empréstimo*, *decalque*, *tradução literal* e *transposição* como tradução direta ao passo que as modalidades de *explicitação/implicação*, *modulação*, *adaptação* e *tradução intersemiótica* como fazendo parte da categoria de modalidades de tradução indireta. E acrescenta que as modalidades podem ocorrer de maneira isolada ou também apresentarem a forma híbrida com a co-ocorrência de mais de uma modalidade simultaneamente.

Nesse sentido, Aubert (1998), citando Zanotto (1993), chega à conclusão de que a *tradução literal* é menos frequente em textos literários. Já a modalidade de *modulação* ocorre com menos frequência em textos corporativos, mas se destaca em textos jurídicos. Por outro lado, segundo os apontamentos de Aubert (1998), a *explicitação* e os *empréstimos* possuem menos ocorrências em textos jurídicos ao passo que, em textos corporativos, a *omissão* parece ser menos frequente.

Dito isso, é interessante observar que Aubert (1998) apresenta outra maneira de tratar dados estatísticos no que diz respeito às modalidades de tradução. Tal abordagem se caracteriza por focalizar termos culturalmente marcados. Nesse contexto, a investigação do pesquisador se deu no sentido de identificar soluções de que os tradutores e as tradutoras lançaram mão para dar conta de palavras e expressões inerentes a determinada cultura que, de algum modo, não tivessem equivalente evidente. Assim sendo, para o estudioso, “[...] os tradutores certamente buscam desenvolver soluções, por mais *ad hoc* que sejam, como opção preferida à de simplesmente eliminar as excentricidades culturais” (AUBERT, 1998, p. 122).

É interessante observar, portanto, que Aubert (1998), dentre uma série de pontos em que destaca a relevância de estudos sobre modalidades de tradução, também chama atenção para a potencialidade de pesquisas sobre o assunto contribuírem para detectar estratégias preferenciais para tradutores e tradutoras lidarem com problemas de tradução específicos, como é o caso de termos culturalmente marcados. Além disso, o pesquisador salienta aplicabilidade didática do tema ao mencionar que a metodologia aplicada pode auxiliar estudantes de tradução desenvolvendo conscientização da prática tradutória em cursos de formação de tradutores e tradutoras.

A respeito de tradução de itens culturalmente marcados, outra contribuição importante é a de Aixelá ([1996] 2013) em *Itens culturais-específicos em tradução*. O pesquisador, que, além de professor de tradução e interpretação, trabalha com tradução (inglês-espanhol) e se destaca nas áreas de história da tradução e na pesquisa do impacto da cultura nesta atividade, faz também uma categorização de estratégias de tradução que levem em consideração os contextos de culturas presentes tanto na língua de partida quanto na de chegada. Sob a perspectiva de Aixelá ([1996] 2013), a tradução sempre mistura duas ou mais culturas e, sendo assim, por implicação, teríamos uma espécie de equilíbrio instável de poder que será impactado significativamente pelo peso relacionado à cultura exportadora e pela maneira como ela é percebida pela cultura receptora.

Nesse sentido, segundo Aixelá ([1996] 2013), uma demanda de tradução é expressa em quatro campos basilares: I) da diversidade linguística; II) da diversidade interpretativa; III) da diversidade intertextual ou pragmática e IV) da diversidade cultural. Sendo assim, o pesquisador acrescenta que uma dificuldade encontrada nos estudos a respeito de aspectos culturais da tradução seria a de como estabelecer ferramenta apropriada para a análise, de maneira que seja possível indicar especificamente o componente cultural e não aqueles linguísticos ou pragmáticos.

Desse modo, Aixelá ([1996] 2013) chama atenção para um fato importante. Segundo ele, sua lista é organizada em uma escala que vai do menor para o maior grau de manipulação intercultural e está dividida em dois grupos principais caracterizados por sua natureza: conservativa ou substitutiva. O primeiro eixo, aquele em que se sobressaem as estratégias de natureza conservativa, é composto por *repetição*, *adaptação ortográfica*, *tradução linguística (não cultural)*, *explicação extratextual* e *explicação intratextual*. Já o eixo de natureza substitutiva é caracterizado por *sinônimos*, *universalização limitada*, *universalização absoluta*, *naturalização*, *eliminação* e *criação autônoma*.

Parece, então, oportuno destacar que, diante do exposto, fica evidente a variedade de listas e tentativas de contemplar soluções tradutórias. Para além disso, vale salientar a diversidade e dificuldade em nomear o fenômeno que, como pôde ser observado nas discussões travadas até aqui, pode aparecer na forma de *procedimentos*, *estratégias*, mas também como *modalidades de tradução*. Dependendo do enfoque, as soluções podem ser evidenciadas para *itens culturais-específicos* e, como destacarei nas

próximas linhas, em alguns casos aparecem como *operadores* ou *tipos de solução de tradução*, opção que faço para esta dissertação.

Assim sendo, vale pontuar que, além das contribuições já mencionadas, outros pesquisadores tentaram discutir o tema e, à medida que aprofundavam as pesquisas, foram deixando claro a dificuldade de conceituação do fenômeno, como é o caso de Jääskeläinen (2009), que faz a opção de utilizar o termo *estratégias de tradução*. Sobre o assunto ela afirma que

“Estratégia de tradução” é reconhecidamente um dos conceitos elusivos nos estudos de tradução; às vezes as estratégias se referem a fenômenos diferentes, enquanto outras vezes o mesmo fenômeno é referido por nomes diferentes, como procedimentos, métodos ou táticas – até mesmo “normas” são praticamente idênticas a alguns usos de “estratégia”. Como resultado, nem sempre é totalmente claro a que se refere quando se fala em “estratégias de tradução”. A questão me atormenta há anos e eu voltei a ela de tempos em tempos, tentando descobrir o que acontece com estratégias.²³ (JÄÄSKELÄINEN, 2009, p. 376)

A pesquisadora também declara que o termo *estratégia* é de difícil definição não só no campo dos Estudos da Tradução. Segundo ela, o mesmo acontece em outras áreas do conhecimento como é o caso de pesquisas em segunda língua (L2) e em psicologia cognitiva. Nessa última, de acordo com Jääskeläinen (2009), conforme foi se estabelecendo, o conceito se tornou mais ambíguo e, com alguma frequência, não definido claramente. Citando Kearns (2008), a pesquisadora aponta que as estratégias de tradução podem ser divididas entre aquelas que são estratégias textuais e aquelas que são procedimentais. Desse modo, a ideia de estratégia poderia estar relacionada ao que acontece com textos como, por exemplo, domesticação ou estrangeirização, e o conceito de procedimento mais ligado àquilo que acontece no processo de tradução que é passível de rastreamento, por exemplo, por meio de protocolos verbais.

Além disso, Jääskeläinen (2009) divide o conceito de estratégias a partir da visão relacionada ao produto e ao processo. Nesse sentido, sob a perspectiva do produto, a pesquisadora enfatiza que o fenômeno é compreendido como tendo, em alguma medida, relação com outras instâncias do texto como, por exemplo, políticas de tradução que produzem impacto nas decisões a respeito dos métodos de tradução. Para

²³ No original em inglês: “‘Translation strategy’ is admittedly one of the elusive concepts in translation studies; sometimes strategies refer to different phenomena, while at other times the same phenomenon is referred to by different names, such as procedures, methods, or tactics – even “norms” are virtually identical to some uses of “strategy”. As a result, it is not always totally clear what one is referring to when talking about “translation strategies”. The issue has plagued me for years and I have returned to it from time to time, trying to work out what is going on with strategies.”

Jääskeläinen (2009), existem taxonomias diversas que buscam dar conta de resoluções de problemas individuais de tradução. Assim, tais estratégias forneceria uma espécie de rótulo para a relação entre determinado item do texto de partida e seu equivalente no texto de chegada. Logo, a pesquisadora afirma que estratégias de tradução a partir do produto se relacionam tanto com fenômenos textuais quanto em diferentes níveis. Em outras palavras, estrangeirização e domesticação, por exemplo, seriam abordagens gerais, ao passo que transferência direta ou omissão se caracterizariam por serem abordagens locais, que lidam, portanto, com problemas individuais de tradução.

No que diz respeito à perspectiva do processo, Jääskeläinen (2009) declara que a introdução da visão do processo das estratégias de tradução é, geralmente, atribuída ao pesquisador Levý ([1967] 1989), que, segundo ela, defende tradução como processo de decisão e, nesse sentido, se baseia nas escolhas lexicais individuais. A pesquisadora também argumenta que, os estudos de processo, sobretudo aqueles que surgiram na década de 1980, tinham como ferramenta central de pesquisa as estratégias de tradução. Nesse contexto, algumas das definições dadas ao termo seriam as de procedimento utilizado para solução de problemas que o tradutor ou a tradutora encontra ao traduzir determinado segmento de texto. No entanto, Jääskeläinen (2009) chama atenção para o fato de que nem todas as maneiras de conceituar o fenômeno tem como base a solução de problemas.

Em vista da complexidade da questão, outras tentativas de nomear o que acontece na atividade de tradução foram adotadas, como é o caso de Bardaji (2009), que propõe o termo “guarda-chuva” *translation process operators* (operadores de processo de tradução). Para a pesquisadora, o emprego de tal terminologia é válida por pelo menos dois motivos.

Primeiro, porque se refere a um conceito amplamente utilizado no campo da psicologia e, segundo, porque permite abordar uma série de conceitos de uma perspectiva global que, de outra forma, só poderiam ser estudados individualmente ou em contraste com outros conceitos. Além disso, o termo “operador” constitui uma estrutura conceitual conveniente que acomoda uma ampla gama de estudos e publicações acadêmicas que parecem ser independentes e até mesmo conflitantes.²⁴ (BARDAJI, 2009, p.161)

²⁴ No original em inglês: “First, because it refers to a concept widely used in the field of psychology and, second, because it allows one to approach a series of concepts from a global perspective which, otherwise, could only be studied individually or in contrast to other concepts. Furthermore, the term ‘operator’ constitutes an expedient conceptual framework that accommodates a wide range of academic studies and publications which appear to be independent and even conflicting.”

Desse modo, o que se pode depreender da contribuição de Bardaji (2009) é que sua compreensão dos operadores de processo de tradução tem relação com o conhecimento processual quer seja de natureza consciente ou inconsciente, automático ou não, que é inerente ao processo de transferência que ocorre durante a atividade tradutória. Além disso, é curioso observar o apontamento feito pela estudiosa em que, citando Muñoz Martín (2000), ela diz ser paradoxal o fato de que o uso homogêneo de terminologia não é uma característica marcante para a teoria da tradução.

Pym, por exemplo, justificando-se pelo fato de não estar interessado no que se passa dentro da cabeça dos tradutores e das tradutoras, opta pelo termo *types of translation solution* (tipos de solução de tradução) como pode ser observado no trecho em que afirma:

[...] opto pelo termo geral “soluções de tradução” (segundo Zabalbeascoa 2000) em vez de “procedimentos”, “técnicas” ou “estratégias”. Isso porque as tipologias que acabei de citar são todas baseadas em comparações de textos, nas soluções adotadas, e não na análise dos processos cognitivos envolvidos.²⁵ (PYM, 2018, p. 42)

Desse modo, é interessante constatar, na defesa de Pym (2016; 2018), que os tipos de solução de tradução são constantemente ignorados não por serem antigos, desprovidos de abordagem cognitiva ou desatualizados. Para o pesquisador, o que parece ocorrer é que as categorias, a princípio, não foram adequadamente agrupadas e ainda não houve movimento eficaz no sentido de organizar soluções adotadas nos mais variados lugares do mundo e em diversas línguas.

2.4

Estilo aplicado aos Estudos da Tradução

Ao longo da introdução destaquei que a ideia de discutir *tipos de solução de tradução* (PYM, 2016) no par linguístico português-Libras — à época, ainda fazendo uso do termo *procedimentos técnicos de tradução* (BARBOSA [1990] 2020) — surgiu na ocasião de conclusão da especialização em *Libras: Ensino, Tradução e Interpretação*

²⁵ No original em inglês: “[...] I opt for the general term ‘translation solutions’ (after Zabalbeascoa 2000) rather than ‘procedures,’ ‘techniques,’ or ‘strategies.’ This is because the typologies I have just named are all based on comparisons of texts, on the solutions adopted, rather than on a analysis of the cognitive processes involved.”

realizada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que deu origem ao trabalho de conclusão de curso intitulado *Estilo dos Tradutores: tradução de PT-BR>Libras como processo criativo*.

Àquela altura, meu interesse era pesquisar de que maneira o conceito de estilo — objeto de estudo da Estilística — poderia ser aplicado à Tradução. Sendo assim, ao analisar o meu *corpus*, me perguntava como e por que observava, nos produtos, diferentes estilos de tradução (e de tradutores) mesmo que o texto de partida fosse o mesmo para ambos os participantes do experimento proposto. Tentei entender e analisar, portanto, quais eram as marcas individuais e de que maneira elas estavam impressas no texto traduzido e, conseqüentemente, poderiam indicar determinado estilo dos tradutores.

Para tentar responder minhas perguntas, precisava de uma metodologia que desse conta de tornar evidente, por exemplo, as escolhas tradutórias dos participantes. Para isso, lancei mão da noção de procedimentos técnicos de tradução, sobretudo das contribuições de Heloísa Gonçalves Barbosa em *Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta*. O livro de Barbosa, cuja primeira edição data da década de 1990, me ajudou a identificar, mesmo que minhas análises partissem do produto, indícios do processo de tradução realizado pelos tradutores uma vez que os procedimentos fazem parte das decisões dos tradutores, que são tomadas em grande frequência durante o processo de tradução. Ou seja, partindo dos procedimentos técnicos de tradução (BARBOSA [1990] 2020), pude analisar que escolhas haviam sido feitas pelos tradutores e de que maneira elas poderiam sugerir marcas estilísticas.

Como resultado, observei que algumas das categorias descritas por Barbosa contemplavam o que considero ser tradução para Libras. Contudo, outras soluções utilizadas pelos tradutores se destacaram para além daquelas mencionadas pela pesquisadora, o que me pareceu ser uma evidência da necessidade de avançar com a discussão sobre o assunto.

Desse modo, entendendo que o conceito de estilo pode mais uma vez contribuir para a discussão do meu tema central — tipos de solução de tradução no par português-Libras —, vale conceituar aquilo que estou entendendo como estilo nesta dissertação.

Segundo Martins ([1989] 2012, p. 17) o termo *estilo*, atualmente utilizado nos mais variados contextos para fazer referência às características particulares ou individuais, tem sua origem no latim — *stilus* — e nada mais era do que um

instrumento pontiagudo utilizado para escrever sobre tabuinhas enceradas. Com o tempo, o termo passou a ser atribuído à própria escrita e ao modo de escrever.

Não obstante sua origem etimológica, diversas são as áreas que se apropriaram do termo. Para Doria (2012), por exemplo, no âmbito da moda, estilo se refere a um modo de expressão básico e distintivo e sua vinculação com a moda se daria na relação daquilo que é geral com o que é particular. Em outras palavras, segundo Doria (2012, p. 102), estilo é uma forma de individualização, ou seja, uma maneira de mostrar-se distinto perante os seus pares, além de ser aquilo que, diante da massa ou do coletivo, faz com que uma determinada pessoa deixe evidente sua singularidade.

Para além disso, como podemos observar em López-Vargas *et al.* (2011) é possível falar ainda em *estilo cognitivo* e *estilo de aprendizagem*, sendo o primeiro entendido pelos autores como o modo habitual ou típico que uma determinada pessoa pode ter para solucionar problemas, pensar, perceber e recordar; ao passo que o segundo, para eles, se caracteriza pelas preferências, por parte de aprendizes de modo geral, no momento de processar informação e enfrentar uma tarefa de aprendizagem nos mais variados contextos. Nesse caso, segundo os pesquisadores, ambas as noções de estilo (cognitivo e de aprendizagem) poderiam contribuir para o rendimento escolar. Em Gimenez (1998), o mesmo termo — *estilo cognitivo* — é aplicado ao contexto da administração estratégica. Àquela altura, Gimenez (1998) estava interessado em observar a influência dos estilos cognitivos dos dirigentes de pequenas empresas sobre suas decisões estratégicas.

Na psicanálise, por sua vez, como vemos em Ferreira *et al.* (2014), o termo supracitado pode ser aplicado na relação entre campo estético e processos de subjetivação. Seguindo esse raciocínio os autores defendem a ideia de que o *discurso do analista*²⁶ produz determinados efeitos e, paralelamente, torna evidente sua diferenciação em relação aos discursos universitários e demais formações discursivas. Segundo Ferreira *et al.* (2014), quando aprofunda os estudos sobre psicanálise, Lacan traz à tona a maneira como determinados significantes operam logicamente em construções discursivas da cultura e sublinha os possíveis efeitos estilísticos do discurso psicanalítico na subjetividade. Portanto, nesse contexto *estilo* é “[...] aquilo que escapa

²⁶ Segundo Dias (2016), o surgimento da psicanálise e, consequentemente, dos conceitos de gozo, desejo do analista, ética da psicanálise, objeto *a*, tempo lógico e ato analítico inauguram o desenvolvimento do *discurso do analista* e foram aprofundados ao longo da teoria lacaniana. Para Dias (2016), o discurso do analista é o único capaz de fazer o ato analítico. Para aprofundamento do assunto, conferir Lacan ([1969-70] 1992), Dias (2016) e Ferreira *et al.* (2014).

da ordem simbólica, ou seja, é a marca não significante que o analista traz em seu ato” (FERREIRA *et al.* 2014, p. 73). Nesse sentido, os autores partem do princípio de que o estilo é confirmado por uma espécie de singularidade, ideia esta que, conseqüentemente, conduz ao entendimento da via estilística como sendo um espaço propício para a dimensão criativa do saber-fazer com as palavras.

Diante disso, é interessante observar ao menos dois aspectos:

- I) o termo *estilo* não está circunscrito a uma ou outra área apenas e
- II) os pesquisadores das diferentes áreas mencionadas — moda, educação, administração e psicanálise —, ao definirem o conceito de *estilo* que assumem, nos levam a analisar que, apesar de ficarem evidentes algumas dissonâncias, existem também alguns pontos de convergência, sobretudo quando no uso de expressões como *individualização*, *modo habitual*, *preferências*, *singularidade*.

Considerando explícito o argumento expresso no primeiro aspecto mencionado, concentremo-nos no segundo. Diante das definições apresentadas até aqui, parece coerente dizer que *estilo* pode ser entendido como sinônimo de direcionar o nosso foco para uma espécie de dimensão individual, que pode trazer à tona marcas singulares de expressão.

Segundo Barcellos (2016), os estudos de estilo da tradução podem ser encarados sob dois aspectos: como uma espécie de atributo pessoal, ou seja, como estilo do tradutor ou tradutora; ou como atributo textual, caracterizado pelo estilo do texto (nesse caso, o texto traduzido). Para a pesquisadora, no campo dos Estudos da Tradução, o estudo do estilo foi abordado primeiramente por Baker (2000), que, afiliada aos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (ETBC), propunha um estudo rigoroso a respeito do estilo do tradutor ou tradutora além de defender que, se houver alguma pretensão de se justificar, coerentemente, a atividade de tradução como sendo criativa — sobretudo no contexto de tradução literária —, se faz necessário aprofundar a questão do estilo em especial de modo a contemplar a perspectiva do tradutor ou da tradutora e não do autor ou autora. Desde então, as contribuições de Baker (2000) têm sido referência no âmbito dos estudos de estilo de tradutores e de tradutoras uma vez que ela defende a investigação de preferências, por parte desse profissional, de certos padrões ou recursos mesmo diante de outras opções disponíveis na língua.

Nesse sentido, como declara Barcellos (2016), o conceito de estilo aplicado aos Estudos da Tradução é inaugurado pelo diálogo entre os Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* e a Estilística e, portanto, inicialmente, toma-se emprestado definições de estilo no que se refere ao campo da linguagem como base para as análises no cenário da tradução.

No âmbito da linguagem, pode-se dizer que mais algumas acepções do termo são observadas. Com base em Enkvist *et al.* ([1964] 1974) em *Linguística e estilo*, pode-se dizer que

Uma maneira de classificar definições de estilo é pelas etapas básicas do processo de comunicação. Em primeiro lugar, há definições baseadas no ponto de vista do escritor, tal como a de Goethe em *Einfache Nachahmung der Natur, Manier, Stil*. Nela Goethe considera estilo como um princípio ativo, superior, de composição pelo qual o escritor penetra na forma interior do seu tema e a revela. O estilo é o oposto de uma passiva imitação da natureza ou da fácil aplicação de maneirismos ao tema. Em segundo lugar, há definições que tratam de características do próprio texto, tentando a análise do estilo inteiramente em termos [sic] de investigação objetiva de características textuais. Em terceiro lugar, há definições baseadas nas impressões do leitor. Elas são extremamente comuns na maior parte das obras de crítica e história literária que caracterizam estilos individuais ou de grupo. Muitas vezes [sic] uma definição se compõe de mais de uma das três espécies de *dicta*. (ENKVIST *et al.* 1974, p. 25)

Desse modo, vale destacar que os autores fazem menção a textos escritos e aos leitores — pois esse era o foco do capítulo em questão — mas, segundo eles, as observações seriam igualmente válidas para a língua falada. Além disso, vale dizer que eles apresentam a possibilidade de diferentes perspectivas como, por exemplo, ao mencionarem que há definições baseadas nas impressões do leitor. Tal ponto parece dialogar com Boase-Beir ([2006] 2014) quando na ocasião em que a pesquisadora contribui dizendo que a noção de estilo aplicada à tradução produz efeitos: I) no processo real de tradução, uma vez que a maneira como o texto de partida é visto influenciará a leitura do texto pelo tradutor ou pela tradutora (aqui, tradutor e tradutora também entendidos como leitor ou leitora); II) porque o processo de recriação ou reescritura no texto de chegada também sofre influências pelo tipo de escolhas que o tradutor ou tradutora faz, considerando que o estilo é resultado dessas escolhas e III) no sentido que será atribuído ao estilo, pois esse afetará não apenas o próprio tradutor ou tradutora como também a recepção ou o crítico de tradução que interpreta aquilo que o tradutor ou tradutora fez. Um aprofundamento dessa questão — conceito de estilo aplicado aos Estudos da Tradução — será apresentado mais adiante, ainda nesta seção.

Ainda a respeito do conceito de estilo no âmbito da linguagem, destacam-se as proposições de Enkvist *et al.* ([1964] 1974), que, ao aprofundarem as discussões acerca do tema, organizam as diferentes definições do termo em ao menos seis grupos:

- I) Estilo como adição, como uma espécie de revestimento do pensamento;
- II) Estilo como escolha entre possibilidades variadas de expressão;
- III) Estilo como grupamento de características individuais;
- IV) Estilo no sentido de desvio da norma;
- V) Estilo como sendo um composto de características coletivas, por exemplo, o estilo de uma determinada época e
- VI) Estilo como sendo uma consequência das relações entre entidades linguísticas.

O primeiro deles seria aquele em que estilo é entendido como adição, uma espécie de revestimento do pensamento. Desse modo, o termo em destaque não seria definido no sentido de beleza que poderia proporcionar, mas sim como sendo algo eficiente, ou seja, quando alinhado ao núcleo intelectual, produziria um efeito completo e eficaz. Sendo assim, uma obra poderia ser considerada eloquente ou não de acordo com a adição estilística que pudesse ser feita, visto que, segundo essa concepção, diante de circunstâncias previamente calculadas o estilo poderia gerar determinados efeitos desejados.

Duarte (2006), analisando Enkvist *et al.* ([1964] 1974), diz que o segundo grupo, aquele que concebe estilo como escolha, compreende o termo como seleção e ordenação da linguagem. Contudo, ele critica tal aceção por considerar que, ao definirmos *estilo* dessa maneira, estaríamos dando ênfase aos processos mentais do escritor quando tudo a que temos acesso é o texto e nele a seleção já está dada. Sendo assim, o pesquisador parece alinhar-se mais com a ideia de que nem sempre a escolha determina o estilo e acrescenta que “revelar as sutilezas que opõem as diversas alternativas é, muitas vezes, uma tarefa custosa e pouco operacional” (DUARTE, 2006, p. 43). Desse modo, ainda segundo o pesquisador, seria importante que não confundíssemos considerações gramaticais com estilísticas sendo, portanto, do domínio gramatical as normas obrigatórias ao passo que as facultativas estariam no domínio da estilística.

Já o *estilo* entendido como características individuais consiste no entendimento do termo como sendo um elemento da linguagem pessoal e, por assim dizer, faria oposição à linguagem dos demais. Temos, portanto, uma concepção de estilo que se

aproxima do nível idiossincrático. Porém, para uma análise estilística eficaz, ainda assim seria importante definir o que de fato seriam indicativos individuais que dariam base ao estilo distinguindo-se, portanto, daquilo que estaria apenas no campo da *parole* (citando o termo saussuriano). Ou seja, seria preciso acentuar de que maneira o falante foi original e expressivo.

Quando se trata de estilo entendido como desvio da norma, assume-se a noção de traços estilísticos como aqueles que se diferem de um uso dito “normal” da língua.

Para tratar de estilo como conjunto de características coletivas ou de uma determinada época, Enkvist *et al.* ([1964] 1974) afirmam ser possível analisar elementos comuns e convergências quando observados diferentes autores, o que permitiria concluir que é possível também considerar o termo supracitado aplicado no coletivo.

Por fim, estilo entendido como resultado das relações entre entidades linguísticas atribui à Estilística a possibilidade de análise entre tais entidades não só dentro como também para além dos limites da sentença.

Desse modo, fica observado que a análise linguística pode se valer de diferentes olhares e que partir de uma perspectiva não invalida a outra; tampouco diminui ou inviabiliza a Estilística como campo de investigação linguística autônomo e consolidado.

Nesse cenário, podemos destacar ainda as contribuições de Leech e Short ([1981] 2007), que, embora não tenham se dedicado a analisar textos traduzidos, tomam como base a noção de estilo pontuando que ela, de modo geral, “refere-se à maneira como a linguagem é usada em um determinado contexto, por uma determinada pessoa, para um determinado propósito e assim por diante” (LEECH; SHORT, [1981] 2007, p. 9). Os autores acrescentam que uma visão de estilo circunscrita aos limites da *parole* (para usar o termo saussuriano), ou seja, a seleção de um repertório linguístico total definindo o estilo, não permitiria avançar na discussão a que se propõem.

Desse modo, o importante de ser observado aqui é o fato de que Leech e Short ([1981] 2007) propunham que, no que tange a noção de estilo, é mais significativo considerar *por quê?* e *como?* do que simplesmente dar importância ao *o quê?*. Além disso, enfatizam, ao longo de sua obra, que a preocupação está no texto (no estilo dos textos), pois, segundo os autores, é ele o ponto de partida natural para estudar o conceito de estilo visto que é no texto que se pode analisar com acurácia quais palavras são escolhidas em detrimento de outras e, assim, as possíveis relações entre uma e outra escolha linguística. Diante disso, não à toa Saldanha (2011) argumenta que as

contribuições dos pesquisadores podem corroborar uma metodologia de análise do conceito de estilo na tradução mais eficaz e contribuir com a defesa proposta por Baker (2000), qual seja a tradução como atividade criativa.

Sendo assim, partindo da origem etimológica, tendo em vista a usabilidade e abrangência do termo nos mais variados campos do conhecimento e, sobretudo, considerando a atividade de tradução como aquela que retextualiza e reescreve conteúdos textuais em outra língua, questiono: não teriam, os tradutores e as tradutoras, um estilo individual de traduzir?

Como observado anteriormente, o conceito de estilo não estaria circunscrito apenas a uma ou outra área, porém, como analisado por Baker (2000), parece haver uma certa resistência em aplicar o conceito de estilo à tradução em resultado da visão dessa atividade como sendo derivativa.

Sobre o assunto, a pesquisadora contribui argumentando que, como desdobramento dos Estudos Literários e Linguística, os Estudos da Tradução acabaram por incorporar em alguma medida a associação de estilo como sendo a escrita “original” e pouco interesse tem sido observado no que tange a pesquisas que busquem identificar ou estudar o estilo de um tradutor ou uma tradutora, de um grupo de tradutores ou tradutoras ou mesmo de um *corpus* de material traduzido que faça parte de um determinado período histórico.

Segundo Baker (2000), o que motiva tal pensamento é o fato de a atividade de tradução — como foi observado por ela na ocasião da publicação de seu artigo (há vinte e dois anos atrás) — ser encarada como derivativa e não criativa, questão que se apresenta ainda nos dias de hoje. Como corolário, temos que tradutores e tradutoras não poderiam ter um estilo próprio, mas seria sua responsabilidade apenas a de reproduzir o estilo do original (BAKER 2000, p. 244).

Diante disso, é interessante observar o pouco questionamento quanto à impraticabilidade da suposição de que seria a tradução uma atividade subjugada ou menor quando comparada com o texto de partida e, por esse motivo, não teriam os tradutores e as tradutoras um estilo próprio, antes, apenas reproduziriam o estilo de outrem. Parece importante salientar que, como Baker (2000) também pondera, não há possibilidade de se produzir uma extensão da linguagem de maneira que seja completamente impessoal do mesmo modo que, quando manuseamos um objeto, inevitavelmente deixamos nossas impressões digitais nele.

Ainda nesse sentido, outro ponto que merece ser sublinhado é a discussão, que já há algum tempo vem ganhando destaque, acerca da (in)visibilidade de tradutores e tradutoras. Sobre o assunto, destacam-se as contribuições de Venuti (1996). Porém, vale observar, pouco tem sido o empenho em demonstrar de que maneira tradutores e tradutoras imprimem marcas individuais nos textos que produzem.

Exposto isso, parece importante considerar o que Barcellos (2011) contribui ao afirmar que

A ideia de (re)criação em uma língua do que foi originalmente veiculado em outra traz a necessidade de se considerar como e em que extensão as escolhas feitas pelo tradutor estariam atreladas a um contexto individual de produção. As escolhas feitas pelos tradutores podem, a partir do contexto individual de cada tradutor, imprimir ao trabalho final marcas também individuais. (BARCELLOS, 2011, p. 15)

Portanto, avançando com a discussão sobre o assunto, enfatizando e aplicando o conceito de estilo aos Estudos da Tradução, alinho-me à definição trazida por Baker (2000) ao descrever estilo como

[...] uma espécie de impressão digital que é expressa em uma gama de características linguísticas - bem como não linguísticas. [...] Em termos de tradução, em vez da escrita original, a noção de estilo pode incluir a escolha do tradutor (literário) do tipo de material a traduzir, quando aplicável, e seu uso consistente de estratégias específicas, incluindo o uso de prefácios ou posfácios, notas de rodapé, glosas no corpo do texto etc. Mais crucialmente, um estudo do estilo de um tradutor deve se concentrar na maneira de expressão que é típica de um tradutor, em vez de simplesmente instâncias de intervenção aberta. Deve tentar capturar o uso característico da linguagem do tradutor, seu perfil individual de hábitos linguísticos, em comparação com outros tradutores.²⁷ (BAKER, 2000, p. 245)

Nesse sentido, Barcellos (2016) também contribui dizendo que um debate teórico acerca do tema nos permite considerar alguns aspectos importantes. Dentre eles, destaco que, segundo a autora, tradutores e tradutoras parecem optar pela fluência nos textos-traduzidos, fazendo uso, portanto, de convenções e características típicas da língua-alvo. Sobre o assunto, relembro as concepções de equivalência que tendem a focar na língua e cultura de chegada e não na de partida, como foi observado anteriormente.

²⁷ No original, em inglês: “[...] a kind of thumb-print that is expressed in a range of linguistic — as well as non-linguistic — features. [...] In terms of translation, rather than original writing, the notion of style might include the (literary) translator’s choice of the type of material to translate, where applicable, and his or her consistent use of specific strategies, including the use of prefaces or afterwords, footnotes, glossing in the body of the text, etc. More crucially, a study of a translator’s style must focus on the manner of expression that is typical of a translator, rather than simply instances of open intervention. It must attempt to capture the translator’s characteristic use of language, his or her individual profile of linguistic habits, compared to other translators.”

Barcellos (2016) segue dizendo que a análise de mudanças na tradução pode conduzir ao perfil de tradutores e de tradutoras e, conseqüentemente, indicar nuances de seu estilo. Além disso, para a autora, é possível concluir que tanto criatividade quanto preferências individuais influenciam em níveis variados o conjunto de escolhas que poderá ser observado no texto traduzido.

Outro ponto de destaque observado por Barcellos (2016) — e de evidente intersecção com a discussão levantada ao longo desta dissertação — é o fato de que, segundo ela, determinadas estratégias de tradução estão ligadas ao estilo de tradutores e tradutoras individuais.

No entanto, talvez, o destaque mais importante feito por ela esteja na afirmação de que, fazendo referência ao texto de Baker (2000), Barcellos (2016) declara que “é mais provável encontrar indícios da presença do tradutor em hábitos linguísticos fora do seu controle consciente” (BARCELLOS, 2016, p. 24). Diante do exposto, prossigo dizendo que, para esta dissertação, estou mais interessado em hábitos linguísticos mais sutis que podem, portanto, estar sob o controle consciente ou não. Nesse sentido, destaco que à assertiva observada em Barcellos (2016) pode se vincular o conceito de *habitus* da sociologia bourdieusiana, que a sociologia da tradução incorporou, assunto que discutiremos mais adiante.

Nesse sentido, sobre o conceito de estilo aplicado à tradução, além dos pesquisadores e pesquisadoras já apresentados(as) anteriormente, destacam-se contribuições como as de Saldanha (2011; 2014), Munday (2008), Blauth (2015), Walder (2013) e Boase-Beir (2004; [2006] 2014).

Saldanha (2011), por exemplo, chama atenção para o fato de que uma teoria do estilo do tradutor ou tradutora desenvolvida de maneira coerente ocorre justificada por ao menos três razões. Uma delas é que alguns pesquisadores, sobretudo aqueles que estudam normas e regularidades na tradução, apontam diferenças importantes entre tradutores e tradutoras individuais no que tange à ocorrência ou não ocorrência de determinados padrões linguísticos. Outro ponto salientado por ela diz respeito à possível contribuição do conceito de estilo aplicado à tradução para os estudos acerca da ideologia na tradução, citando, por exemplo, o trabalho de Munday (2008). Por último, Saldanha (2011), analisa que o estudo de estilo na tradução pode corroborar ou contestar afirmações feitas em estilística forense — no contexto de estudos de atribuição de autoria, sobretudo — no que diz respeito à existência de um elemento inconsciente de estilo.

Assim sendo, Saldanha (2011) aponta como sendo importante distinguir estilo como atributo textual de estilo como atributo pessoal e propõe uma definição de estilo, segundo ela, revisada ao introduzir requisito de relevância literária. Desse modo, para a autora, estilo seria uma maneira de traduzir que pode ser observada em várias traduções de um mesmo tradutor ou tradutora; que distingue o trabalho do tradutor ou tradutora em relação aos demais; que estabelece um padrão coerente de escolhas; é motivado, em outras palavras, tem função ou funções que pode(m) ser apreendida(s) (SALDANHA, 2011, p. 5).

Dito isso, vale salientar que, como analisado por Saldanha (2011), há mais aspectos intrínsecos ao estilo — por exemplo, a noção de estilo que proponho sendo influenciada também por componentes sociais — do que simplesmente contar ocorrências de características específicas. Isso torna o conceito ainda mais interessante e produtivo. Nesse sentido, ao tratar os hábitos linguísticos estilisticamente relevantes como sendo motivados; o que, segundo ela, implica dizer que tais hábitos seriam significativos e capazes de formular padrões coerentes de escolha, Saldanha (2011) observa que

A questão da motivação tem se destacado em trabalhos sobre estilística de tradução e estilo do tradutor. Malmkjær (2003, 2004), Baker (2000) e Munday (2008) identificam padrões significativos no trabalho de um ou mais tradutores. No entanto, há uma outra camada para a exploração da motivação que vai além do significado funcional das escolhas estilísticas e investiga explicações que só podem ser encontradas na formação sociocultural e na ideologia do tradutor.²⁸ (SALDANHA, 2011, p. 5)

Assim sendo, além da abordagem apresentada até aqui, que compreende a noção de estilo tendo como pano de fundo não só a Linguística como também os Estudos da Tradução, proponho o acréscimo de uma perspectiva também sociológica para a discussão do termo, assunto que desenvolverei nas próximas linhas.

Nesse sentido, vale mencionar que a sociologia da tradução oferece um cabedal teórico interessante que contribui para a reflexão acerca do estilo de tradutores e tradutoras. Ao fazermos isso, extrapolamos a noção de estilo restrita ao nível da

²⁸ No original, em inglês: “The question of motivation has featured prominently in work on translation stylistics and translator style. Malmkjær (2003, 2004), Baker (2000) and Munday (2008) all identify meaningful patterns in the work of one or more translators. However, there is another layer to the exploration of motivation which goes beyond the functional meaning of stylistic choices and delves into explanations that can only be found in the translator’s socio-cultural background and ideology”.

linguagem e expandimos para o nível sociológico da atividade de tradutores e tradutoras.

Desse modo, em um contexto cujas contribuições acerca de uma sociologia da tradução — Simenoni (1998), Gouanvic (2005) e outros — começam a surgir, os conceitos bourdieusianos de *campo* e *habitus* são incorporados aos Estudos da Tradução, como chama atenção Rakefet (2005). Nessa perspectiva, antes que possa prosseguir com a discussão, importa destacar que, segundo a pesquisadora

[...] o conceito de *habitus* sugere que os desempenhos de indivíduos são regulados por esquemas compartilhados, que não estão “simplesmente lá” em suas mentes, mas sim internalizados sob condições históricas semelhantes e compartilhadas.²⁹ (RAKEFET, 2005, p. 2)

Ainda sobre o assunto, Rakefet (2005) segue afirmando que

A lógica do campo, segundo Bourdieu, é a das pessoas que se esforçam constantemente para obter capital simbólico, por meio da apropriação (consciente ou inconsciente) de padrões de comportamento que conferem prestígio, e o *habitus* é o que facilita seu julgamento e uso “instintivo” das escolhas disponíveis (Bourdieu 1980, 1980a, 1986). Segue-se que os atores de um determinado campo tenderiam a ser conservadores ou revolucionários em relação ao repertório aceito no campo, dependendo de sua posição (ou posição aspirada) nele.³⁰ (RAKEFET, 2005, p. 5)

Exposto isso, vale pontuar que, como analisado por Wolf (2007), embora seja realizada por indivíduos, toda tradução está inserida em contextos sociais. Logo, tradutores e tradutoras em geral são sujeitos que tanto constroem quanto são construídos em sociedade. Nesse sentido, parece coerente dizer que as escolhas feitas por tradutores e tradutoras bem como as soluções de tradução adotadas por eles(as) podem ser influenciadas não só textualmente e/ou linguisticamente, como também por componentes sociais que, de maneira consciente ou não, podem impactar no estilo de tradução e no estilo de tradutores e tradutoras específicos.

Simeoni (1998), no texto *The Pivotal Status of the Translator's Habitus* — substancial para a discussão do assunto no âmbito dos Estudos da Tradução —

²⁹ No original em inglês: “[...] the concept of habitus suggests that performances carried out by individuals are regulated through shared schemes, which are not “simply there” in their minds but rather internalized under similar and shared historical conditions”.

³⁰ No original em inglês: “The logic of the field, according to Bourdieu, is that of people constantly striving to gain symbolic capital, through (consciously or unconsciously) appropriating prestige-endowing patterns of behavior, and the habitus is what facilitates their “instinctive” judgment and use of the available choices (Bourdieu 1980, 1980a, 1986). It follows that actors in a certain field would tend to be either conservative or revolutionary with regard to the accepted repertoire in the field, depending on their position (or aspired position) in it.”

interessado na capacidade de os tradutores e as tradutoras realizarem traduções de maneiras aceitáveis, pontua que, na ocasião da escrita de seu artigo, tentava entender a profusão de escolhas feitas por tradutores e tradutoras, mas, para além disso, buscava compreender o porquê de os estilos dos tradutores e tradutoras serem diferentes entre si e em relação aos autores. O teórico mostra-se preocupado também em investigar a dinâmica entre forças internas e externas manifestadas ao longo do aprendizado de tradutores e tradutoras que poderiam moldar não só as habilidades como também o estilo de um tradutor ou tradutora específico. Afinal, o treinamento/a formação de tradutores e tradutoras seria uma forma importante (senão a principal) de o tradutor ou a tradutora adquirir um *habitus* profissional, a ser trabalhado ao longo da sua vida profissional. Desse modo, àquela altura, o pesquisador estava interessado em investigar o que poderia impulsionar as decisões tradutórias na prática.

Para isso, tendo em vista que, segundo o autor, a tradução sempre ocorre por motivos particulares e em um contexto particular, Simeoni (1998) afirma ser importante considerar ambos, estilo e habilidades, no que tange ao desenvolvimento cognitivo complexo, e acrescenta que tal atitude suscita a discussão sobre a partir de que ângulo o desenvolvimento cognitivo será estudado. Nesse sentido, o autor chama atenção para o fato de que, para tratar do desenvolvimento cognitivo de tradutores e tradutoras, é preciso considerar uma espécie de dimensão biológica da mente, que poderia ser subdividida em neurologia e psicologia experimental e uma dimensão que ele, citando Bruner (1990), chama de “mente cultural”. Portanto, fica posto que natureza humana e cultura são interdependentes. Porém, o teórico pontua que sua defesa seria por uma certa preferência pelos aspectos culturais em relação àqueles de natureza biológica, postura essa que, para ele, estaria se aproximando em alguma medida dos Estudos Descritivos da Tradução (DTS, na sigla inglesa) orientados para a função, como proposto por Gideon Toury.

Antes de prosseguir com a discussão, é importante retomar aquela que ficou conhecida como Teoria dos Polissistemas. Segundo Snell-Hornby (2006), considerando o contexto da tradução literária, teóricos proeminentes dessa vertente entendiam que a tradução ocorre por meio de um conjunto de sistemas — ou polissistemas — em uma determinada sociedade e, nesse sentido, gêneros, tendências, escolas de pensamento e outros aspectos estariam reiteradamente em disputa não só por leitores como também por prestígio e poder. Para Snell-Hornby (2006), a publicação do volume *The Manipulation of Literature*, editado por Theo Hermans em 1985, tem papel de destaque,

dado que propunha estabelecer um novo paradigma para o estudo da tradução literária, entendendo que a atividade de tradução exige, em maior ou menor grau, a manipulação do texto de partida para fins específicos. Um dos autores do volume é o já mencionado Gideon Toury, que apresenta os Estudos Descritivos da Tradução. Assim sendo, a questão central deixa de ser as características linguísticas do texto de partida e passa a ser a função da tradução na língua/cultura alvo. Logo, nesse contexto, a literatura era vista como um sistema complexo e dinâmico e, de maneira inovadora, se contrapunha a uma ideia de tradução prescritivista.

Sendo assim, parece coerente dizer que Simeoni (1998) aponta sua preferência por aspectos culturais em detrimento daqueles biológicos acrescentando que tal posição se aproxima dos pressupostos dos DTS no sentido de que, como afirma Snell-Hornby (2006), “com ‘cultura’ Toury está implicando todo o contexto social envolvido na tradução, juntamente com as normas, convenções, ideologia e valores daquela sociedade ou ‘sistema receptor’ [...]”³¹ (SNELL-HORNBY, 2006, p. 49).

Diante disso, Simeoni (1998) traz contribuições interessantes quando tratando dos DTS e acrescenta que a interação do tradutor ou tradutora com o ambiente é permeada por uma série de questões. Dentre elas, estão a maneira como tradutores e tradutoras são formados bem como o reconhecimento, por parte dos seus pares, de sua competência.

Desse modo, é importante destacar que as traduções são tanto produtos mentais quanto sociais (SIMEONI, 1998, p. 5). Nesse sentido, o pesquisador declara que, como pano de fundo de seu artigo, ele traz a ideia de que a investigação de uma espécie de mente tradutora deve ocorrer contemplando a diversidade de ambientes (ou campo, para usar o termo bourdieusiano) em que a tradução é realizada, entendendo as circunstâncias em que ela opera. Portanto, é possível dizer que tradutores e tradutoras, estejam eles e elas em processo de formação ou não, com alguma frequência se deparam com situações em que são levados a encarar esse ou aquele comportamento como norma. É somente quando o comportamento normativo é internalizado em sua prática que, aos poucos, tradutores e tradutoras vão se desvencilhando das pressões externas. Assim sendo, fica observado, por meio das pressões externas, que há algum nível de restrição que se impõe aos tradutores e às tradutoras que, inevitavelmente, vai impactar

³¹ No original em inglês: “with ‘culture’ Toury is implying the entire social context involved in the translation, along with the norms, conventions, ideology and values of that society or ‘receptor system’ [...]”

nas escolhas tradutórias. Desse modo, vale observar que tais restrições extrapolam o nível linguístico, sendo também de caráter social.

Como vimos em Baker (2000), em seu artigo publicado há pouco mais de duas décadas, a tradução é encarada como derivativa (inconveniente que persiste ainda hoje) e, por esse motivo, há dificuldades em pensar a atividade tradutória para além da reprodução e, portanto, existe uma resistência em entendê-la como passível de evidenciar marcas estilísticas dos tradutores e das tradutoras. Desse modo, parece que em alguma medida espera-se uma subserviência por parte de tradutores e tradutoras e, em alguns casos, eles e elas próprios assumem tal postura. Por sua vez, Simeoni (1998) pontua que essa suposta subserviência não é inata e que, possivelmente, existe uma motivação para tal pensamento, seja ela de natureza individual ou coletiva, e contribui para a discussão declarando que

O tradutor comum no final do século XX, portanto, se comporta perante o seu cliente (portanto, perante toda a estrutura da sociedade) da mesma maneira que os autores, começando com os primeiros gramáticos da modernidade (ver, por exemplo, Illich e Sanders 1988; Trudeau 1992), costumavam se comportar em relação aos monarcas que encomendavam seu trabalho. Esses primeiros períodos de submissão forçada culminaram nas nações mais avançadas da Europa no que veio a ser conhecido nas tradições posteriores como *El siglo de oro*, *Le Grand Siècle*, *The Age of Dryden* etc., dando origem infalivelmente aos conjuntos mais rigorosos de regras convencionais, tão imperiosas para o aspirante a escritor da época que o único espaço deixado para a criatividade residia no “arranjo de palavras” dentro do texto. Para tudo o mais, ele/ela dependia de uma matriz de pensamentos cujas normas eram tão imperativas e codificadas quanto as de um jogo cortês. Desrespeitar as regras significava ser desqualificado, ridicularizado, ignorado, condenado ao ostracismo, enviado para a prisão ou pior.³² (SIMEONI, 1998, p. 9)

A respeito desse assunto, Simeoni (1998), mais uma vez mencionando Dryden, segue dizendo como as restrições, nesse contexto específico, são resultados tanto de uma internalização de crenças quanto são historicamente aplicadas. Nesse sentido, Simeoni (1998) acrescenta que, no contexto britânico, por exemplo, ao termo “boa tradução” era associada a ideia de que ela refletia uma espécie de política intermediária

³² No original, em inglês: “The common translator at the end of the twentieth century thus behaves vis-à-vis his or her client (therefore vis-à-vis the whole structure of society) in the same way that authors, beginning with early grammarians in modern times (see e.g., Illich and Sanders 1988; Trudeau 1992), used to behave with respect to the monarchs who commissioned their work. Those earlier periods of enforced submission culminated in the more advanced nations of Europe in what came to be known in later traditions as *El siglo de oro*, *le Grand Siècle*, *The Age of Dryden*, etc., unfailingly giving rise to the most stringent sets of conventional rules, so imperious for the aspiring writer of the day that the only space left for creativity lay in the “arrangement of words” within. For everything else s/he depended on a matrix of thoughts whose norms were as imperative and codified as those of a courtly game. Disregarding the rules amounted to being disqualified, ridiculed, ignored, ostracized, sent to jail, or worse.”

da persuasão, ao passo que, para os franceses, eram ressaltadas as regras ditadas pela corte como sendo parte da etiqueta linguística. Como observado pelo pesquisador, duas sociedades distintas acabaram por resultar numa espécie de comportamento único, o da submissão. Nesse sentido, Simeoni (1998) chama atenção para o fato de que, à época da publicação de seu artigo, se tornar tradutor ou tradutora no contexto ocidental implicava em concordar em alguma medida com ser subserviente seja ao público, ao cliente, ao autor, à língua ou a outras instâncias. Consequentemente, segundo ele, tal atitude de subserviência conduziu a figura do tradutor ou tradutora à invisibilidade (SIMEONI, 1998, p. 12).

Desse modo, o que parece importante analisar aqui é em que medida os tradutores e tradutoras estariam se ajustando para dar conta de se adequarem à norma, visto que estamos cercados por sociedades altamente distintas e relações interpessoais as mais variadas e, assim sendo, a sujeição ou não pode se manifestar de maneiras também diferentes ou, ainda, observar de que modo o contato com diferentes áreas e nuances ao longo da tarefa de traduzir — diferentes contratos, contatos com clientes, o trabalho com variedade maior de idiomas — poderia causar uma espécie de contraste com a submissão historicamente marcada.

Portanto, parece fundamental acompanhar o movimento feito por Simeoni (1998) e retomar à Aristóteles que, segundo o pesquisador, em seus escritos já anunciava conceitos basilares para aquilo que depois viria a ser entendido como a ideia de *habitus*. Para Simeoni (1998), Aristóteles, em sua *Retórica*, estabelece uma espécie de relação entre o que chama de *hexis* — esta última explicada por Simeoni (1998) como sendo um atributo dos seres humanos e, portanto, associada e evidenciada por meio da idade, caráter, posição social e assim por diante — e variação estilística. Nesse sentido, por inferência seria possível dizer que, para o autor, a *hexis* de uma pessoa é manifestada em seu estilo de falar. Evidentemente, como venho argumentando, a via estilística, portanto, pode ser observada na produção linguística dos indivíduos, o que implica dizer que é influenciada por fatores linguísticos, mas, como chamo atenção, é igualmente impactada por fatores sociais. Desse modo, como argumenta Simeoni (1998), a contribuição aristotélica mencionada há pouco sugere que aquilo que escrevemos — e entenda-se aqui tradução como reescritura — estará em consonância com nosso *habitus*.

Em virtude disso, é importante destacar que, para o estudioso, a noção de *habitus* é composta por duas dimensões importantes. Ou seja, o *habitus* é, ao mesmo

tempo estruturado e estruturante. Assim sendo, tratar do conceito de *habitus* como estruturado implica dizer que ele não é inato, tampouco constituído aleatoriamente, mas sim adquirido e moldado a partir de um determinado momento no curso da vida social dos indivíduos. Nesse sentido, fazendo menção às contribuições de Toury, Simeoni (1998) acrescenta que as decisões de um tradutor ou tradutora individual não ocorrem sem uma dada regularidade, mas, ao contrário, têm uma forte tendência à padronização. Por outro lado, tratar da dimensão estruturante do *habitus* significa considerar que, uma vez adquirido, ele vai contribuir substancialmente para formulação de normas e convenções, o que, conseqüentemente, reforçará sua possibilidade de amplitude e poder. Daí a importância de se preocupar com cursos de formação, por exemplo, visto que, como Simeoni (1998) salienta, o aprendizado e, portanto, a internalização de certas estruturas limita a possibilidade de escolhas, fazendo com que sejamos resistentes a mudanças.

À vista disso, Simeoni (1998) segue afirmando que

É claro que há servidão – sujeição às normas – na tarefa do tradutor, mas essa servidão não é passiva. Inconscientemente, toma a forma de *servitude volontaire* jogando naturalmente nas mãos do costume e da ordem. Em outras palavras, somos responsáveis como tradutores pelas decisões conservadoras que tomamos, não apenas porque desejamos evitar “sanções negativas” (TOURY 1995, p. 163), mas também porque essas escolhas são aquelas que conhecemos e assimilamos plenamente durante nossos períodos de treinamento, e nossa prática, dado também o caráter relacional de nossas origens altamente personalizadas. Nossas trajetórias no(s) espaço(s) social(is) em que nos encontramos ativos são guiadas por modelos que tentamos emular com mais ou menos sucesso, mais ou menos conscientemente. Sem esse impulso social ou libido para emulação, as normas perderiam muito de sua força.³³ (SIMEONI, 1998, p. 23)

Nesse contexto, parece coerente dizer que não só as influências de base linguística, como também a dimensão social atinge as escolhas tradutórias impactando, portanto, aquilo que venho discutindo nessa seção — o estilo dos tradutores e das tradutoras — sem deixar de enfatizar sua possível implicação nos tipos de solução de

³³ No original em inglês: Clearly there is servitude – subjection to norms – in the translator's task but this servitude is not passive. Unwittingly, it takes the shape of *servitude volontaire* playing naturally into the hands of custom and order. In other words, we are responsible as translators for the conservative decisions we make, not only because we wish to avoid "negative sanctions" (Toury 1995:163) but also because those choices are the ones we know and fully assimilate during our training periods, and our practice, given also the relational character of our highly personalized backgrounds. Our trajectories in the particular social space(s) in which we find ourselves active are guided by models that we try more or less successfully, more or less consciously, to emulate. Without this social impulse or libido for emulation, norms would lose much of their strength.

tradução de que esses profissionais lançam mão (consciente ou inconscientemente) durante o ato tradutório.

Isso posto, ainda é preciso retomar as contribuições de Gouanvic (2005). Ao tratar de pesquisas em sociologia da tradução, Gouanvic (2005) destaca que — apesar de Simeoni (1998) tratar da noção de *habitus* incluindo a ideia de normas e englobar a dimensão dupla de função estruturante e estruturada —, ele não consegue substituir a noção de norma pela de *habitus* uma vez que negligencia o contexto geral da teoria social de Bourdieu (GOUANVIC, 2005, p. 148). No entanto, o teórico reitera que o *habitus* do tradutor ou tradutora sempre influenciará a maneira como a tradução é praticada e acrescenta que é o *habitus* específico, adquirido em determinado campo, que implica determinadas escolhas, ainda que inconscientes. Sendo assim, entendendo o conceito de *habitus* como sendo aquilo que em alguma medida pretende atender às demandas do campo. Parece coerente dizer que ele — o *habitus* no contexto geral, mas também no que se refere aos tradutores e tradutoras — é prévio ao indivíduo e, nesse sentido, as histórias individuais são moldadas por ele, portanto, reflete as experiências formativas adquiridas ao longo da vida ou mesmo as práticas coletivas apreendidas no contexto tanto familiar quanto de classe.

Como argumentado por Prunč (2007), no que diz respeito à tradução, o poder de controle, não só dos textos como também dos significados que são atribuídos a eles, pode ser instituído de maneira autoritária ou democrática (em maior ou menor grau), a depender do tipo de estrutura hierárquica que determinada sociedade possui e, sobretudo, do modo como a elite dominante tenta fazer a manutenção do controle com relação à comunicação entre culturas. Desse modo, para Prunč (2007), uma revisão histórica da tradução que tenha a perspectiva sociológica como pano de fundo, trará à tona evidências de que o *habitus* dos tradutores e das tradutoras compreende mais do que simplesmente uma internalização do aspecto subalterno já anunciado por Simeoni (1998). Segundo o pesquisador, o que ocorre é uma gradação de *habitus* que ora se aproxima do que chama de *habitus of the priest* (*habitus* do sacerdote) — uma espécie de posição sacerdotal em que os tradutores e as tradutoras se veem como guardiões da palavra e, em alguma medida, como construtores da cultura — e ora convoca aquilo que ele caracteriza como *habitus of the self-effacing pariah* (*habitus* do pária modesto) — uma alternativa mais extrema para a ideia de servo por excelência, posição esta em que tradutores e tradutoras, imbuídos de uma condição subalterna, considerariam o cliente como rei, por exemplo.

Sendo assim, diante das questões apresentadas, Prunč (2007) declara que, se analisarmos a história da tradução como uma atividade que produz uma vasta gama de textos e significados, sem esforço nos depararemos com a discussão a respeito daquilo que seria mais adequado — tradução “livre” ou “literal”, por exemplo — e acrescenta que isso evidencia uma espécie de debate social sobre o poder/impotência dos tradutores e das tradutoras, o que, conseqüentemente, reflete os jogos de poder entre forças sociais, sobretudo aquelas que têm interesse ou monopólio no que diz respeito à interpretação de um texto (PRUNČ, 2007, p. 49).

Portanto, parece ficar mais uma vez evidente que as disputas de poder e narrativa, a aspiração por capital simbólico e outros aspectos sociais vão impactar as escolhas tradutórias, visto que tais questões estarão em pauta durante as tomadas de decisão realizadas por tradutores e tradutoras ainda que inconscientemente, o que vai ao encontro daquilo que Barcellos (2016) salienta ao afirmar que, possivelmente, os indícios da presença do tradutor ou da tradutora — e, conseqüentemente de suas marcas estilísticas — podem ser atestados em hábitos linguísticos que estariam fora do seu controle consciente, como mencionei anteriormente.

Outra contribuição que parece seguir o mesmo raciocínio é a de Rakefet (2005). A autora chama atenção para a natureza inconsciente das escolhas como sendo interdependente em relação ao *status* social. Rakefet (2005) ainda acrescenta que, entendendo a noção de campo como sendo permeado por lutas por capital, o *habitus* seria aquilo que leva os indivíduos a optarem por determinadas formas de ação de mais prestígio. Nesse sentido, para ela, a competência tradutória seria constituída também como parte de um processo de socialização amplo e, assim sendo, nem sempre se daria de maneira consciente.

Sobre o processo de socialização mencionado, Rakefet (2005) pontua que

É o processo pelo qual os indivíduos constroem seus hábitos e preferências linguísticos (por exemplo, seu senso de sutileza linguística, seu estilo de escrita, sua habilidade ou incapacidade de mudar entre os registros linguísticos, seu respeito ou desrespeito por fontes literárias canônicas, e assim por diante), juntamente com muitos outros modelos de comportamento que moldam suas atitudes gerais como “eus” culturais.³⁴ (RAKEFET, 2005, p. 14)

³⁴ No original em inglês: “It is the process through which individuals construct their linguistic habits and preferences (e.g., their sense of linguistic finesse, their style of writing, their ability or inability to shift between language registers, their respect or disregard for canonical literary sources, and so on), together with many other behavioral models that shape their general attitudes as cultural ‘selves’.”

Dito isso, é importante destacar que a autora concorda com Simeoni (1998) ao dizer que, de fato, o *habitus* ultrapassa as fronteiras da competência profissional e reflete, ao mesmo tempo, todo um modelo de pessoa. Assim sendo, para Rakefet (2005), reside aí uma ambiguidade na argumentação de Simeoni (1998) que é herdada da própria teorização de Bourdieu visto que ora fala-se sobre *habitus* do campo ora fala-se em *habitus* pessoal. Talvez seja por esse motivo que Rakefet (2005) adverte, mencionando Simeoni (1998), que cada caso deve ser analisado de forma particular e acrescenta que determinados campos acabam por influenciar na formação de um *habitus* individual. Porém, para a pesquisadora, a recíproca parece ser verdadeira, pois preferências individuais específicas empregadas por tradutores e tradutoras, por exemplo, poderiam reconfigurar o campo uma vez que o *habitus* do campo não é homogêneo ou rigidamente definido.

Nesse sentido, como contribui Rakefet (2005), entender a prática da tradução como uma atividade social, logo, organizada e impactada por forças sociais implica em não mais considerar os tradutores e tradutoras como meros reprodutores de procedimentos textuais. Desse modo, analisando Simeoni (1998), a autora pontua como exagerada sua argumentação acerca da submissão de tradutores e tradutoras. Segundo Rakefet (2005), o entendimento dessa submissão como sendo inerente ao *habitus* de tradutores e tradutoras pode acarretar a ideia de uma invariabilidade ou mesmo uma espécie de universalidade do *habitus* na qual não haveria possibilidade de escolhas ou variação na agentividade dos tradutores e das tradutoras. Sob essa perspectiva, o corolário extraído seria de que tradutores e tradutoras não poderiam desempenhar papel de inventores e/ou revolucionários (RAKEFET, 2005, p. 3). Diante disso, parece ficar claro que, para a autora, a noção de conformidade às normas não exclui divergências. Sendo assim, não faria sentido a suposição de um *status* inferior como marca de todos os indivíduos que trabalham com tradução tampouco como característica fixada em todos os espaços e períodos culturais. Para Rakefet (2005), generalizações desse tipo reforçariam a ideia de tradução como atividade secundária.

Desse modo, em conformidade com as contribuições de Rakefet (2005), para mim, — interessado nos tipos de solução de tradução assumidos por tradutores e tradutoras de português-Libras — importa observar a versatilidade de escolhas feitas por esses profissionais e suas preferências ainda que influenciadas por sua filiação a um determinado grupo (ou campo) e, sendo assim, chamar atenção para características pessoais que poderiam se configurar como distintivas para os indivíduos. Nesse sentido,

associo-me também às contribuições de Wolf (2012), que sinaliza que determinadas decisões de tradução podem ser relacionadas com o *habitus* do tradutor ou da tradutora que participa de um momento histórico específico. Nessa perspectiva, a noção de *habitus* em certa medida pode ajudar a explicar por que determinadas estratégias de tradução são adotadas em detrimento de outras e, conseqüentemente, apontar para um processo intensivo envolto em uma rede de “negociações” que ocorrem até que a tradução venha a ser produto (WOLF, 2012, p. 135).

Em síntese, parece oportuno dizer que o conceito de *habitus*, no escopo desta dissertação, se caracteriza como operacional. Em outras palavras, quero dizer que, em alguma medida, ele nos serve para fazer uma espécie de ponte entre aquilo que é individual e/ou subjetivo — inculcado em nós desde a primeira infância, herança da classe social ou família, gostos e preferências individuais etc. — e aquilo que aprendemos socialmente — disposições e predisposições, aquilo que de algum modo assimilamos quando em formação, o que apreendemos nos lugares em que trabalhamos, as orientações profissionais que recebemos, aquilo que em determinado momento aprendemos a utilizar e assim por diante. Dessa forma, concluo que a noção de *habitus* do tradutor ou tradutora tem forte relação com as escolhas, estratégias, procedimentos e, conseqüentemente, os tipos de solução de tradução assumidos por tradutores e tradutoras, pois manifesta não só aquilo que o profissional gosta ou não — o que, nesse caso, estaria sob uma perspectiva unicamente individual marcando sua subjetividade —, mas também traz à tona aquilo que é socialmente aprendido e incorporado às práticas profissionais, ou seja, aquilo que, por exemplo, é/foi desejado em determinada situação de tradução ou local de trabalho.

Assim sendo, se configura adequado estabelecer que a ideia de *habitus* do tradutor ou tradutora e suas manifestações podem ser caras à análise de estilo da tradução e de tradutores e tradutoras visto que o estilo — ou “impressão digital” como define Baker (2000) — parece ser um cruzamento entre preferências individuais e comportamentos socialmente incorporados.

Diante do exposto, vale rememorar que, ao longo desta seção, localizei o leitor a respeito do ponto de partida assumido para tratar do assunto geral da presente dissertação. Nesse sentido, pontuei a noção de *procedimentos técnicos de tradução* de Barbosa ([1990] 2020) como fazendo parte da metodologia empregada na ocasião de minha especialização para identificar marcas estilísticas dos tradutores e das tradutoras no texto traduzido e sinalizei minha preferência, no presente trabalho, pelo uso do termo

tipos de solução de tradução de Pym (2016). Além disso, acrescentei a dimensão social nas minhas análises e, assim, abordei os conceitos de *habitus* e *campo*, advindos da sociologia da tradução, enfatizando o meu interesse pela versatilidade e preferências dos tradutores e das tradutoras por determinadas escolhas, mesmo que pressionados por fatores sociais. Portanto, encerro esse subcapítulo desejoso de que as dimensões linguística e social não sejam uma espécie de “ponto cego” no que diz respeito à análise de estilo, uma vez que, sob a perspectiva deste trabalho, o conceito supra é constituído de algo como uma dupla face em que ambos — aspectos linguísticos e sociais — vão impactar nas escolhas feitas pelos tradutores e pelas tradutoras. Na próxima seção destacarei de que modo o conceito de multimodalidade pode ser aplicado à tradução e, conseqüentemente, indicar tipos de solução de tradução.

2.5

Multimodalidade (ligada às soluções tradutórias)

Como vimos anteriormente, mais especificamente na seção 2.1, em que tratei da diferença entre as definições de tradução e interpretação, o conceito de modalidade já foi apresentado no sentido de destacar diferenças e implicações na atividade de tradução que envolva as línguas orais (como é o caso do português, francês, inglês e outras) e línguas de sinais (a brasileira — Libras, a American Sign Language — ASL, a Langue des Signes Française — LSF e outras). Como salientei àquela altura, o primeiro grupo é caracterizado por línguas de modalidade oral-auditiva ao passo que o segundo seria aquele em que ficariam evidentes as marcas da modalidade gestual-visual. Ou seja, dentro desse conjunto de definições, o conceito de modalidade estaria relacionado aos modos de produção e recepção das línguas.

Diferentemente da acepção trazida a priori, nesta seção o conceito de multimodalidade, embora carregue o termo *-modalidade*, contempla sobretudo as definições de pesquisadores como Kaindl (2020), Boria e Tomalin (2020), Kress (2020), Baptista (2015) e Snell-Hornby (2006). Pesquisas como as desses autores apontam para a ideia de que o significado de um texto pode ser composto para além daqueles elementos linguísticos e podem, como veremos a seguir, ter relação com o campo dos Estudos da Tradução.

De acordo com Jewitt *et al.* (2016), o termo *multimodalidade* tem sido extensamente utilizado no contexto acadêmico e pode ser observado um crescimento

significativo de publicações explorando o termo desde que foi cunhado pela primeira vez na década de 1990. Nesse sentido, segundo os autores, as reflexões em torno do termo têm se dado por meio de diferentes disciplinas, como é o caso da semiótica, linguística, estudos de mídia e até mesmo educação, sociologia, psicologia e tantas outras; o que mostra quão produtivas podem ser as pesquisas a respeito do assunto, bem como as questões suscitadas pelo termo.

Segundo Jewitt *et al.* (2016), o termo foi usado por Charles Goodwin, em 1998, na ocasião em que ele submeteu, para a revista *Journal of Pragmatics*, aquele que se tornaria um artigo seminal para os estudos de multimodalidade. De acordo com os pesquisadores, Goodwin, em solo norte-americano, trabalhava o conceito tendo como pano de fundo a etnometodologia e a análise da conversa. Ainda nesse contexto, os autores seguem dizendo que o termo foi empregado também por Gunther Kress e Theo van Leeuwen em *Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication*, publicado em 2001, mas que esteve em preparação por vários anos. No caso de Kress e van Leeuwen, não nos EUA, mas sim no Reino Unido, os pesquisadores estavam embasados pela tradição da semiótica social. Paralelamente, segundo Jewitt *et al.* (2016), Kay O'Halloran, na Austrália, começou a fazer uso do termo *multisemiótico* para fazer referência às características multimodais de textos da matemática. Diante disso, Jewitt *et al.* (2016) acrescentam que os estudiosos mencionados foram fazendo uso do termo de maneira independente.

Assim sendo, é importante destacar que, como Jewitt *et al.* (2016) chamam atenção,

[...] a multimodalidade questiona que uma estrita “divisão de trabalho” entre as disciplinas tradicionalmente focadas na construção de significado, com base no fato de que, no mundo que estamos tentando explicar, *diferentes meios de fazer sentido* não estão separados, mas quase *sempre aparecem juntos*: imagem com escrita, fala com gesto, simbolismo matemático com escrita e assim por diante. É o reconhecimento da necessidade de estudar como diferentes tipos de construção de significado são combinados em um *todo integrado e multimodal* que os estudiosos tentaram destacar quando passaram a usar o termo “multimodalidade”.³⁵ (JEWITT *et al.* 2016, p. 2)

³⁵ No original em inglês: “[...] multimodality questions that a strict ‘division of labour’ among the disciplines traditionally focused on meaning making, on the grounds that in the world we’re trying to account for, *different means of meaning making* are not separated but almost *always appear together*: image with writing, speech with gesture, math symbolism with writing and so forth. It is that recognition of the need for studying how different kinds of meaning making are combined into an *integrated, multimodal whole* that scholars attempted to highlight when they started using the term ‘multimodality’.”

Nesse sentido, os autores defendem que a inauguração do termo foi uma espécie de reconhecimento de uma necessidade premente de não permanecer circunscrito aos limites de uma ou outra disciplina, mas sim avançar com teorias e métodos que pudessem dar conta dos variados *modos* coexistindo e contribuindo para a produção de significados. Além da co-ocorrência e diferentes meios de se fazer sentido, segundo Jewitt *et al.* (2016), no momento de instauração do termo, seus adeptos também estavam interessados nas possibilidades e restrições que cada *modo* poderia permitir. Assim sendo, parece importante lembrar que os autores salientam que, com o crescente uso das tecnologias digitais, foi possível perceber com mais clareza de que maneira a multimodalidade se apresenta. Isso vai ao encontro do que Baptista (2015) também advoga.

Diante do exposto, vale destacar que Baptista (2015), além de enfatizar o aspecto polissêmico do termo supracitado, contribui dizendo que

Os conceitos de modo e multimodalidade surgiram como propostas para conceituar as práticas contemporâneas, as quais resistem cada vez mais a abordagens que pretendem caracterizá-las como conjuntos de recursos semióticos isolados. [...] A linguagem verbal era tida como o único meio plenamente capaz de articular discursos. Os demais recursos semióticos eram considerados como subordinados à linguagem verbal. (BAPTISTA, 2015, p. 32)

Portanto, é importante considerar que, com os avanços tecnológicos, possibilidades outras foram surgindo e, com elas, a alternativa de utilizar outros recursos semióticos nas mais variadas interações sociais. Desse modo, como nos chama atenção Baptista (2015), “...há, portanto, muitas novas possibilidades de produção de textos e, conseqüentemente, a linguagem verbal está deixando de ocupar o papel central nas interações sociais, dando espaço para outros recursos semióticos” (BAPTISTA, 2015, p. 33).

Seguindo por esse aspecto, retomando às contribuições de Jewitt *et al.* (2016), destaco que, de acordo com os autores, nos primórdios do uso do termo, o questionamento não era a respeito de qual recurso poderia ter mais ou menos proeminência. Para eles, a noção de multimodalidade marcou uma espécie de afastamento da tradicional oposição comunicação *verbal x não-verbal*, visão que, para os pesquisadores, poderia sugerir que o verbal é primário e as demais formas de fazer sentido poderiam ser relegadas a um único ou mesmo termo (JEWITT *et al.* 2016, p. 3).

Portanto, acrescento que os pesquisadores chamam atenção para três aspectos que destacam como sendo premissas-chave da ideia de multimodalidade. São eles:

- I. O sentido é constituído por meio de diferentes recursos semióticos em que cada um deles poderia oferecer não só potencialidades como também limitações diferentes;
- II. O significado é construído envolvendo a produção do que chamam de totalidades multimodais e
- III. Caso queiramos estudar o significado, é fundamental reconhecer todos os recursos semióticos que contribuem para formulação de um todo completo.

Embora tenham chamado os três aspectos mencionados acima de premissas-chave, os autores insistem que, sobre o assunto, é preciso fazer algumas ressalvas. A primeira delas diz respeito à constatação de que nem todos que investigam multimodalidade trabalham com a ideia de construção de significados. Segundo os pesquisadores, a depender da formação disciplinar, os estudiosos podem empregar termos como, por exemplo, comunicação multimodal, discurso multimodal ou mesmo interação multimodal. Em outros casos, há preferência por termos como *recurso* ou *recurso semiótico* em detrimento do termo *modo*.

Outro ponto que merece destaque é o fato de que o interesse por tratar das intersecção de diferentes meios de fazer sentido não é inaugurado com o conceito de multimodalidade, pois se trata de uma curiosidade acadêmica anterior ao uso do termo.

Diante disso, Jewitt *et al.* (2016) também apontam que as perspectivas epistemológicas daqueles que se interessam pela multimodalidade e suas implicações também são as mais variadas, o que faz com que alguns se mantenham inclinados a pensar como possível o estabelecimento de princípios comuns no que diz respeito à construção de significados, ao passo que outros acreditam não ser possível discutir, por exemplo, imagem e fala dentro de um mesmo escopo.

Não menos importante, Jewitt *et al.* (2016) acrescentam como fundamental, no que tange a todas as premissas, que exista uma preocupação com os recursos sociais e culturais para fazer sentido e não uma preocupação com o sentido propriamente. Segundo eles, embora haja relação entre os sentidos e os meios pelos quais eles são produzidos, é importante estar atento à distinção entre as duas coisas.

Dito isso, é importante enfatizar que, no campo dos Estudos da Tradução, não seria diferente. Ou seja, o termo *supra* também pode ser analisado por sua aplicação à atividade de tradução. Pesquisas mais recentes, como é o caso de Diniz e Carneiro

(2021), fazendo alusão ao conceito de viradas³⁶ nos Estudos da Tradução (SNELL-HORNBY, 2016), propõe, inclusive, a possibilidade de uma virada multimodal no campo justificada, sobretudo, pelo que os autores chamam de “mudança na percepção do status do que é língua, escrita, registro, unidade de tradução e função da tradução para públicos específicos” (DINIZ; CARNEIRO, 2021, p. 101).

Desse modo, fica posta a relevância do tema para tradutores e tradutoras e pesquisadores e pesquisadoras da tradução que, como eu, se propõem a relacionar ambos os conceitos. Assim sendo, destaco contribuições como as de Boria e Tomalin (2020), que, sobre o assunto, declaram que

[...] a necessidade de uma consideração focada da tradução em contextos multimodais está se tornando cada vez mais urgente no mundo moderno já que a comunicação envolvendo palavras, imagens, movimentos, gestos, música e assim por diante ocorre com frequência cada vez maior. As primeiras décadas do século XXI testemunharam uma proliferação sem paralelo de mudanças sociais, econômicas, culturais e tecnológicas interconectadas que já começaram a transformar a natureza da comunicação humana de maneiras perceptíveis. Muitos desses desenvolvimentos estão intimamente ligados aos processos conjuntos de globalização e inovação tecnológica. [...] Além disso, a onipresença da internet e o rápido crescimento das redes sociais, telefones celulares e outras tecnologias digitais geraram um momento cultural em que textos, imagens e sons se combinam regularmente para transmitir mensagens complexas.³⁷ (BORIA; TOMALIN, 2020, p. 3)

Ainda nesse sentido, é importante observar que os autores seguem chamando atenção para o fato de que, mesmo que seja possível observar aumento inquestionável em seu uso, a discussão a respeito da proliferação desses mais variados recursos não é nova, o que conflui com o que chamei atenção, com base em Jewitt *et al.* (2016), na

³⁶ Segundo Snell-Hornby (2006), o campo dos Estudos da Tradução, com o passar dos anos sofreu mudanças significativas de paradigmas. Em alguns casos, tal fato se deu pelo contato com outras disciplinas, o que possibilitou novos modos de reflexão acerca dos objetos de estudo do campo ou a té mesmo pela mudança do próprio objeto ou da maneira como ele é estudado. Desse modo, são reconhecidas algumas viradas importantes nos Estudos da Tradução como é o caso da “Vira da Cultura I”, em que se assume o contexto cultural onde a tradução está inserida como relevante para o fazer tradutório, “Vira da Sociológica”, trazendo luz para elementos além daqueles linguísticos, mas também destacando o papel das relações interpessoais, bem como um olhar mais atento para o sujeito que traduz e não só para o produto de sua tradução, e outras. Para aprofundamento do assunto, conferir Snell-Hornby (2006).

³⁷ No original em inglês: [...] the need for a focused consideration of translation in multimodal contexts is becoming increasingly urgent in the modern world as communication involving words, images, movement, gesture, music, and so on occurs with ever greater frequency. The first decades of the twenty-first century have witnessed an unparalleled proliferation of interconnected social, economic, cultural, and technological changes that have already begun to transform the nature of human communication in discernible ways. Many of these developments are closely linked to the joint processes of globalization and technological innovation. [...] In addition, the ubiquity of the internet, and the rapid burgeoning of social media, mobile phones, and other digital technologies, have engendered a cultural moment in which texts, images, and sounds regularly combine to convey complex messages.

ocasião em que discuti a respeito do interesse em investigar a co-ocorrência de modos de fazer sentido sendo anterior ao surgimento do termo multimodalidade.

Segundo Boria e Tomalin (2020), os objetos multimodais podem ser identificados em qualquer cultura e em, praticamente, qualquer período histórico. Ao contrário do que por desatenção poderíamos pensar, podemos observar a ideia de multimodalidade presente até mesmo em livros infantis ilustrados, manuscritos do século XII e assim por diante. Para os pesquisadores, tal contexto evidencia certas dificuldades que podem surgir quando comunicações significativas expressas em determinado modo precisam ser reexpressadas em outro.

Para exemplificar, Boria e Tomalin (2020) fazem menção ao romance *The Life and Opinions of Tristram Shandy, Gentleman*, de Laurence Sterne. De acordo com os pesquisadores, nele existe um longo diálogo entre dois personagens, *Uncle Toby* e *Corporal Trim*. Em certa altura, discutindo sobre os termos *bachelorhood* e *celibacy* — que, contextualizando, significariam ambos *celibato* (em português) — um dos personagens declara que um homem é livre e, em seguida, dá uma espécie de floreio com sua vara e diz “assim...” ao que, no texto, é acrescentada a figura abaixo:



Figura 1: O floreio rabiscado: extraído de Boria e Tomalin (2020, p. 4)

Segundo Boria e Tomalin (2020), para o narrador homônimo da história, mesmo que fossem usados outros silogismos, ainda assim eles não dariam conta de falar mais a respeito de *celibacy* (celibato) do que o efeito produzido pela imagem. Os autores seguem dizendo que, com o exemplo dado, fica evidente a natureza multimodal da conversa e acrescentam que “[...] o floreio físico do bastão no ar é um gesto significativo, e a dificuldade comunicativa surge quando esse significado deve ser

representado em um modo não gestual (isto é, escrito)”³⁸ (BORIA; TOMALIN, 2020, p. 5).

Embora, com o exemplo apresentado, fique evidente certa dificuldade encontrada por romancistas ao tentarem descrever com detalhes conversas mais realistas tendo em vista que as relações humanas ocorrem para além de somente por meio de sequência de palavras, como alertam os autores, reside aí o ponto em que quero chegar: o uso de elementos multimodais como um tipo de solução de tradução. Sobre o assunto, discorrerei nas próximas linhas.

Ao longo desta seção, tratando do conceito de multimodalidade, vim destacando os avanços tecnológicos como exercendo papel de relevância nesse contexto uma vez que, por meio deles, foi possível contato com um número maior de modos de expressão ou modos de produção de sentidos. Além disso, anteriormente, sobretudo quando fundamentando as definições de tradução e interpretação assumidas por mim no presente trabalho, chamei atenção para o fato de as traduções para Libras ocorrerem em sua grande maioria em suporte vídeo. Parece, portanto, coerente dizer que há algo de relevante na associação dos dois aspectos — multimodalidade e tradução — que está para além do quesito puramente estético, mas parece indicar uma certa possibilidade de agenciamento por parte dos tradutores e das tradutoras e, assim sendo, tal associação pode ser usada com determinada intenção: solucionar problemas de tradução.

Ainda no contexto da multimodalidade aplicado à tradução, Snell-Hornby (2006) contribui afirmando que

Hoje, existem quatro termos padrão para quatro classes diferentes de texto que dependem de outros elementos além do verbal:

1. Textos *multimídia* (em inglês, geralmente audiovisuais) são veiculados por meios técnicos e/ou eletrônicos envolvendo imagem e som (por exemplo, material para filme ou televisão, legendas/*surtitling*),
2. Textos *multimodais* envolvem diferentes modos de expressão verbal e não verbal, abrangendo imagem e som, como no teatro e na ópera,
3. Textos *multissemióticos* usam diferentes sistemas de sinais gráficos, verbais e não verbais (por exemplo, quadrinhos ou anúncios impressos, cf. 4.2.2),
4. Textos *audiomediais* são aqueles escritos para serem falados, portanto, alcançam seu destinatário final por meio da voz humana e não da página impressa (por exemplo, discursos políticos, apresentações acadêmicas).³⁹ (SNELL-HORNBY, 2006, p. 85)

³⁸ No original em inglês: “[...] the physical flourishing of the stick in the air is a meaning-bearing gesture, and the communicative difficulty arises when that meaning has to be represented in a non-gestural mode (i.e., writing).”

³⁹ No original em inglês: “Today there are four standard terms for four different classes of text that all depend on elements other than the verbal:

Fica observado, portanto, que esses textos destacam, sobretudo, aspectos da linguagem não-verbal dos textos, o que, como Snell-Hornby (2006) chama atenção, até os anos 1980 eram pouco ou raramente analisados pelos Estudos da Tradução. Porém, vale pontuar que traduzir no par português-Libras não significa, necessariamente, que estamos passando para a linguagem não-verbal, pois, embora seja uma língua de sinais, ainda sim é constituída por elementos verbais.

Assim sendo, no presente trabalho analisarei, sobretudo, esses elementos verbais e/ou não-verbais que contribuem para o todo semiótico nas traduções para Libras em suporte vídeo. Além de identificá-los e analisar de que maneira eles aparecem nas traduções, também tentarei investigar de que modo eles poderiam indicar tipos de solução de tradução utilizados de maneira consciente e/ou inconsciente pelos tradutores e pelas tradutoras observando o seu uso para mais do que com finalidade puramente estética do produto.

-
1. *Multimedial* texts (in English usually *audiovisual*) are conveyed by technical and/or electronic media involving both sight and sound (e.g. material for film or television, sub-/surtitling),
 2. *Multimodal* texts involve different modes of verbal and nonverbal expression, comprising both sight and sound, as in drama and opera,
 3. *Multisemiotic* texts use different graphic sign systems, verbal and non-verbal (e.g. comics or print advertisements, cf. 4.2.2),
 4. *Audiomedial* texts are those written to be spoken, hence reach their ultimate recipient by means of the human voice and not from the printed page (e.g. political speeches, academic papers)."

3

Análise do *corpus*

3.1

Descrivendo o objeto: A apostila de *Introdução aos Estudos da Tradução em Libras* (AIET em Libras)

Tendo em vista meu objetivo no presente trabalho — quer seja analisar tipos de solução de tradução destacando, sobretudo, aqueles específicos do par linguístico português-Libras — escolhi como *corpus* a apostila de *Introdução aos Estudos da Tradução em Libras* (AIET em Libras), elaborada por três autores. São eles: Teresa Dias Carneiro, Dafny Saldanha Hespanhol Vital e Rodrigo Pereira Leal de Souza.

Teresa Dias Carneiro, atualmente, é professora de Tradução do Departamento de Letras e de Estudos da Tradução no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL) da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e líder do Grupo de Pesquisa em Estudos da Tradução e Interpretação em Línguas de Sinais (GPETILS) da mesma instituição. Na ocasião da elaboração da referida apostila, era professora de Estudos da Tradução do Departamento de Letras-Libras (DLL) da Faculdade de Letras (FL) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Além de sua atuação acadêmica nas referidas instituições, doutora em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio (2014), mestre em Literatura Comparada pela UFRJ (1999), a professora também é tradutora profissional de francês e inglês desde 1988 e tradutora juramentada de inglês no estado do Rio de Janeiro desde 2001.

Dafny Saldanha Hespanhol Vital, mestranda em Estudos da Linguagem pelo PPGEL da PUC-Rio também pesquisadora no GPETLS, atua profissionalmente como tradutora e intérprete (Libras/português) desde 2008. No âmbito da UFRJ, é servidora pública federal desde 2010 atuando como tradutora e intérprete, tanto na graduação quanto na pós-graduação. Na mesma instituição, foi substituta eventual da supervisão do Setor de Tradutores e Intérpretes de Libras/português (SETIL) do DLL/FL/UFRJ entre os anos de 2017 e 2018 e, atualmente, coordena o projeto de extensão Videoteca Acadêmica em Libras (ViaLibras), a respeito do qual discorrerei mais adiante ainda nesta seção. Além disso, é bacharel em Letras-Libras pela Universidade Federal de

Santa Catarina (UFSC), graduada em Turismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e especialista em Libras: ensino, tradução e interpretação pela UFRJ. Nos anos 2013 e 2014, participou de projetos de tradução na Editora Arara Azul (EAA) traduzindo para Libras conteúdos didáticos de Geografia, Letramento e Alfabetização e Matemática.

Rodrigo Pereira Leal de Souza, mestre em Linguística pela UFRJ, sob orientação do professor Roberto de Freitas Júnior, defendeu, em 2021, a dissertação intitulada *Análise da proficiência de leitura de alunos do ensino superior a partir de textos em Libras*. Atualmente, na mesma instituição, ocupa o cargo de tradutor e intérprete (Libras/português) trabalhando, especificamente, na produção de traduções para Libras de textos acadêmicos. Possui experiência como intérprete educacional tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior, acessibilidade cultural em peças teatrais e interpretação de conferências. Em 2014, participou da tradução para Libras de livros didáticos das disciplinas de Língua Portuguesa, Ciências e Geografia nos projetos *Nova Edição Porta Aberta* e *Projeto Buriti* da EAA. No contexto acadêmico da UFRJ, além de ter sido aluno do bacharelado em Letras-Libras, recentemente, como professor substituto, ministrou disciplinas como Introdução aos Estudos da Tradução, Laboratório de Tradução e Interpretação Libras-português I, II e III, Laboratório de Interpretação Libras-português IV e outras. Na supracitada UFRJ, além das atividades já mencionadas, no âmbito da extensão universitária, também coordena o projeto ViaLibras. Entre os anos de 2017 e 2018, foi supervisor do SETIL do DLL/FL/UFRJ. Como os demais autores, atua como pesquisador no GPETLS da PUC-Rio.

Nesse sentido, vale destacar que a AIET foi elaborada, inicialmente, para atender aos discentes do Departamento de Letras-Libras (FL/UFRJ), que conta com dois cursos de graduação, bacharelado e licenciatura, o primeiro formando tradutores, tradutoras e intérpretes (Libras/português) e o segundo formando professores de Libras.

A AIET teve sua versão em português elaborada no ano de 2016 e é composta por cinco (5) unidades que vão tratar de assuntos como: I) o conceito de tradução; II) descobrindo a tradução; III) tradução, língua e cultura; IV) tradução e interpretação e V) procedimentos técnicos de tradução. As referidas unidades se subdividem em alguns tópicos, que versam a respeito de assuntos que vão tratar desde o sonho da língua universal, a língua portuguesa no mundo lusófono, passando pelos tipos de tradução segundo Jakobson, além de discorrer sobre o conceito de tradução ao longo tempo, tratar das influências culturais no uso da língua que vão impactar na tradução e discutir

a diferença entre os conceitos de tradução e interpretação no contexto das línguas orais e as devidas implicações no que tange às línguas de sinais, até concluir com a apresentação de procedimentos técnicos de tradução, a partir de Barbosa ([1990] 2020), apresentando exemplos envolvendo tradução entre português e Libras. A Figura 2 abaixo apresenta a capa e contracapa da versão em português da AIET.



Figura 2: Capa e contracapa da AIET em português

Já na tradução para Libras da AIET participaram cinco (5) tradutores e tradutoras:

- I) Maria Helena Paes da Silva Mora, licenciada em Letras (português/literaturas) pela UFRJ com experiência no ensino de Literatura Brasileira. Atualmente, mestranda em Educação pela Universidade Estácio de Sá (UNESA) e especialista em Libras pela Faculdade de Educação São Luís (FESL). Desde 2019, servidora pública federal, atuando como tradutora e intérprete (Libras/português) no DLL/FL/UFRJ, traduzindo textos acadêmicos e interpretando na graduação, pós-graduação, extensão e demais atividades acadêmicas. Além disso, possui experiência de interpretação na Educação Básica e em conferências. De dezembro de 2019 a novembro de 2021, ocupou a

função de substituta eventual da supervisão do SETIL do DLL/FL/UFRJ. Na ocasião de sua participação na tradução da apostila, sua atuação como tradutora no projeto foi na qualidade de bolsista;

- II) Natália Maia Silva Moraes de Souza, graduada em Letras-Libras pela UFRJ (2021), possui experiência profissional que vai desde contextos educacionais até o de conferências. Além de ter atuado, como intérprete (Libras/português), em contexto jurídico, sobretudo, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (ALERJ), interpretando palestras, audiências públicas, reuniões extraordinárias, atendimentos de surdos por assistentes sociais e/ou advogados. Como servidora pública federal, esteve entre os anos de 2017 e 2019 ocupando o cargo de tradutora e intérprete (Libras/português) na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). No momento presente, por redistribuição, atua no Departamento de Ensino Superior do Instituto Nacional de Educação de Surdos (DESU/INES). Na ocasião de sua participação na tradução da apostila, era bolsista.
- III) Rafael da Mata Severino (eu), mestrando em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio, especialista em tradução e interpretação pela UFRJ (2019) e, em 2016, graduado em Letras (português e literaturas de língua portuguesa) pela Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ). Atuo, profissionalmente, como tradutor e intérprete (Libras/português) desde 2009, participando de contextos de Educação Básica e Ensino Superior, interpretação de conferências, esfera midiática e cultural e na tradução de material didático para mídias digitais. Em 2010, participei do projeto de tradução *Coleção Porta Aberta – Letramento e Alfabetização Linguística* da Editora Arara Azul traduzindo livros didáticos do 1º e 2º anos escolares. Nos últimos anos de atuação como servidor público federal no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), me dediquei às traduções para Libras da plataforma online do Curso de Pedagogia Bilíngue na modalidade semipresencial, vinculado ao Plano Viver Sem Limites. Atualmente, (como servidor), ocupo o cargo de tradutor e intérprete (Libras/português) da UFRJ em exercício no DLL/FL/UFRJ, onde atuo no âmbito da graduação, pós-graduação e extensão. Além disso,

participo, como pesquisador, do já referenciado GPETILS da PUC-Rio. À altura da participação no projeto de tradução da AIET, meu vínculo com o projeto também era na qualidade de bolsista;

- IV) Dafny Saldanha Hespanhol Vital e
- V) Rodrigo Pereira Leal de Souza.

Como pode ser observado, os dois últimos, já mencionados anteriormente quando descrevi os autores da apostila, além da produção da AIET também atuaram como tradutores no projeto. No entanto, diferentemente dos demais colegas, que, embora na ocasião já fossem profissionais experientes, mas atuaram como bolsistas, seu vínculo com o projeto foi na qualidade de servidores da UFRJ.



Figura 3: Apresentação da AIET traduzida na Via Libra

Disponibilizado no site da ViaLibras⁴⁰, o projeto de tradução da apostila gerou ao todo onze (11) vídeos que se subdividem de maneira a contemplar as cinco (5) unidades que compõem a apostila em português acrescidos de um (1) vídeo de apresentação. Desse modo, como pode ser observado na Figura 3, as informações disponíveis na plataforma para cada vídeo variam, mas, geralmente, são acompanhadas de título do texto; nome dos autores e dos tradutores e das tradutoras; ano de publicação

⁴⁰ Para conhecer mais sobre a Via libras acesse: <http://www.vialibras.lettras.ufrj.br/index.php/sobre-o-projeto>

(que alternam entre 2016 e 2019 a depender do vídeo); palavras-chave; pequeno sumário em que é possível avançar ou retroceder nos minutos do vídeo em que aparece determinado assunto ou conceito e um ícone de glossário, que permite acessar os sinais específicos utilizados ao longo de cada vídeo.

Já na Tabela 4 podem ser observadas, ainda em síntese, algumas das informações a respeito de cada um dos vídeos que compõe a AIET em Libras. Para mais detalhes, conferir as etiquetas elaboradas para os onze (11) vídeos da tradução disponibilizadas no Apêndice I.

| | NOME | TEMPO | ANO DE PUBLICAÇÃO |
|-----------------|--|----------|-------------------|
| VÍDEO 1 | Apresentação da Apostila de Introdução aos Estudos da Tradução | 00min.24 | - |
| VÍDEO 2 | O conceito de tradução | 10min.01 | 2016 |
| VÍDEO 3 | O sonho da língua universal | 12min.24 | 2016 |
| VÍDEO 4 | A língua portuguesa: usos e mitos (Parte I) | 12min.36 | 2016 |
| VÍDEO 5 | A língua portuguesa: usos e mitos (Parte II) | 10min.54 | 2016 |
| VÍDEO 6 | Quais são as línguas mais faladas no mundo? | 06min.24 | 2016 |
| VÍDEO 7 | Os tipos de tradução segundo Jakobson | 11min.38 | 2019 |
| VÍDEO 8 | Outros tipos de tradução | 09min.09 | 2018 |
| VÍDEO 9 | O conceito de tradução ao longo do tempo | 22min.37 | 2018 |
| VÍDEO 10 | Tradução, língua e cultura | 12min.42 | 2018 |
| VÍDEO 11 | Tradução e interpretação | 14min.05 | 2018 |
| VÍDEO 12 | Procedimentos técnicos de tradução | 23min.35 | 2018 |

Tabela 4: Descrição dos vídeos da AIET em Libras

Exposto isto, vale contextualizar dizendo que a ViaLibras, como consta em seu site, inicialmente, foi um projeto que surgiu a partir de uma ideia para trabalho final de

uma disciplina de graduação e, posteriormente, foi adaptada para responder à demanda de produção de materiais em Libras de maneira a atender discentes surdos do Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da UFRJ.

Tudo começou ainda em 2010⁴¹. Na ocasião, o já referenciado professor e tradutor Rodrigo Pereira Leal de Souza, um dos atuais coordenadores da Videoteca e coautor da AIET, cursava uma disciplina de graduação em Pedagogia no Centro de Educação Superior à Distância do Estado do Rio de Janeiro (CEDERJ)⁴². A disciplina em questão tratava da Educação Especial e, para o trabalho final, os alunos deveriam desenvolver algum material que pudesse ser útil para alunos com deficiência. Àquela altura, ele trabalhava como intérprete em uma escola regular e a demanda por materiais didáticos em Libras já se impunha necessária. Sendo assim, com o objetivo de minimizar tal lacuna, o professor e tradutor idealizou a possibilidade de que um site na internet hospedasse materiais em Libras. Inicialmente, a proposta foi de elaborar aquilo que, a princípio, era uma espécie de enciclopédia em Libras na qual conceitos seriam apresentados em ordem alfabética e, desse modo, serviria como uma espécie de fonte de pesquisa para alunos surdos e o público em geral.

Apresentado o trabalho final da disciplina, por indicação de sua professora, o professor e tradutor apresentou o projeto na Semana Pedagógica do seu curso e foi selecionado. Sendo assim, elaborou um protótipo no computador e nele acrescentou um vídeo em Libras em que abordava o assunto Grécia Antiga. Ele fazia planos de levar o projeto para a escola que trabalhava, mas, antes que pudesse fazê-lo, acabou interrompendo o seu trabalho na instituição, o que fez com que o projeto não fosse adiante.

Em 2012, depois de ingressar como servidor público no cargo de tradutor e intérprete na Universidade Federal Fluminense (UFF) — onde trabalhou até o ano de 2015 —, ele tentou resgatar a ideia, dessa vez adaptando para o contexto do Ensino Superior. Nesse momento, o que antes era chamado de enciclopédia, no contexto

⁴¹ Parte das informações de contextualização histórica da criação da Via Libras aqui descritas foram extraídas de conversas com Rodrigo Pereira Leal de Souza, idealizador do projeto. O uso das informações foi consentido por ele por meio do *Termo de Consentimento* apresentado no Apêndice IV.

⁴² Criado em 2000, o Consórcio Cederj, segundo consta em seu site, tem por objetivo democratizar o acesso ao Ensino Superior público, gratuito e de qualidade no que tange à modalidade de Educação à Distância (EaD). Nesse sentido, fazendo uso de acordo de cooperação técnica, o Cederj agrega três instâncias: Governo do Estado do Rio de Janeiro, Fundação CECIERJ e Instituições de Ensino Superior (IES). Para maiores informações a respeito, conferir: <https://www.cecierj.edu.br/>.

universitário, inicialmente ganhou o nome de *Videoteca Acadêmica Virtual*. Embora ainda não tivesse consciência de especificidades como, por exemplo, a noção de direitos autorais e suas implicações, o objetivo, naquele momento, era traduzir materiais que tivessem relação com os cursos em que havia alunos surdos matriculados. Ou seja, mesmo com número reduzido de profissionais e grande quantidade de demandas de interpretação, ficava evidente que, no contexto do Ensino Superior, também existia demanda por tradução. No entanto, face às dificuldades enfrentadas, o projeto não se solidificou.

Em 2015, tendo sido aprovado em novo concurso público para tradutores e intérpretes de Libras-português, Rodrigo ingressou na UFRJ. Nesse sentido, parece oportuno rememorar que, como destacam Severino e Carneiro (2021), compor equipes de tradução, em muitos casos, implica em tirar profissionais da interpretação de sala de aula. Sendo assim, de acordo com os pesquisadores, tal atitude pode gerar resistência em algum nível, sobretudo, por parte das coordenações e/ou direções. Desse modo, ainda que Souza e Vital (2018) relatem que a presença de tradutores e intérpretes de Libras-português na UFRJ date do ano de 2010, inicialmente, não havia espaço para que o projeto se efetivasse.

Nesse contexto, a tradutora e professora Teresa Dias Carneiro, também coautora da AIET, teve papel importante visto que, depois de sua chegada ao Departamento — o que ocorreu em 2014 — o desejo de produzir traduções para Libras também foi impulsionado. Além disso, foi figura importante na consolidação da atividade de tradução para Libras no referido departamento e no esclarecimento da relevância de uma equipe que pudesse se dedicar a tradução. A partir daí, o projeto que, originalmente, surgiu para atender a uma demanda de trabalho final de disciplina vem à tona mais uma vez e Rodrigo fez contato com Dafny Saldanha Hespanhol Vital — que já trabalhava na instituição desde 2010 — tradutora, coautora da AIET e que, ao lado de Rodrigo, eventualmente, tornou-se coordenadora da ViaLibras. Desse momento em diante, Dafny começou a colaborar na construção daquilo que se tornou o que hoje conhecemos como *Videoteca Acadêmica em Libras*, ou ViaLibras.

Diante do exposto, é importante considerar que a tradução da AIET também se destaca por ter sido uma demanda apresentada em um período em que ainda não havia, formalmente, trabalhos especificamente de tradução no referido departamento. Como afirmam Severino e Carneiro (2021), somente em 29 de junho de 2018, em reunião ordinária do DLL, foi aprovada, por unanimidade, a institucionalização formal do Setor

de Tradutores e Intérpretes (SETIL) — com a observação de, seguidamente, serem investigados os possíveis desdobramentos da decisão — e, por consequência, posteriormente foi possível estabelecer uma equipe que se dedicasse, especificamente, à tradução.

Sendo assim, como afirmam Souza e Vital (2018), coordenadores da ViaLibras, precisou-se, portanto, ir em busca de metodologias de tradução entre Libras e português que resultassem em procedimentos eficazes e produtos de qualidade. Desse modo, em um primeiro momento, foram consultados textos que abordavam o assunto como é o caso de Pyfers (2000), Souza (2010), Marques e Oliveira (2012) e outros, além de examinar o *Manual para normalização de trabalhos monográficos em Libras e Língua Portuguesa do DESU/INES*⁴³. Desse modo, Souza e Vital (2018) destacam que, tendo feito revisão bibliográfica a respeito do tema, observaram que, àquela altura, parte da literatura se dedicava a tratar da estruturação do texto final e pouco aprofundava questões a respeito, propriamente, da metodologia utilizada ao longo do processo de tradução. Portanto, foi necessário estabelecer contato com outras instituições federais que já desenvolviam trabalho semelhante. Por exemplo, o Núcleo de Educação Online (NEO/INES), onde, desde 2015 — como afirmam Severino e Carneiro (2021) —, por meio da Portaria nº 10 de 30 de outubro, atuavam, especificamente com tradução, os tradutores Mônica Raquel de Souza Lopez, Rafael da Mata Severino e Roberto Gomes de Lima. Com o tempo, mais publicações foram surgindo, como foi o caso de Galasso *et al.* (2018), Medeiros (2018) e outras pesquisas que, conseqüentemente, contribuíram para aquilo que resultou na metodologia adotada, de maneira que fosse possível atender à realidade e ao contexto da UFRJ.

Em síntese, a metodologia adotada é contemplada por profissionais que desempenham algumas funções específicas: tradutor-apresentador, aquele que, propriamente, realiza a tradução, além de elaborar rascunhos para que revisores possam fazer os devidos apontamentos e sugestões, como também é aquele que grava as traduções oficiais e, desse modo, tem sua imagem registrada no produto; revisor copidesque, responsável pelo cotejamento dos textos das línguas envolvidas na tradução podendo fazer sugestões sempre que julgar necessário; revisor linguístico, aquele que analisa o texto traduzido estando atento a questões gramaticais da língua de chegada

⁴³ Link de acesso ao manual: <http://www.ines.gov.br/images/desu/Manual-de-Monografia-em-Libras-e-LP-2015.pdf>.

podendo, tal como o revisor copidesque, fazer sugestões quando julgar necessário de maneira que o resultado seja um texto tão natural quanto possível; supervisor de filmagem, como o nome sugere, é aquele que acompanha o momento de filmagem com o intuito de observar questões técnicas minimizando equívocos e, assim, evitando refilmagens; e técnico em audiovisual, responsável técnico por fazer a gravação das traduções e edição dos vídeos (CARNEIRO *et al.* 2020, p. 143).

As etapas do processo de tradução utilizadas atualmente na produção de vídeos para a ViaLibras — 1. Estudo do material; 2. Decupagem; 3. Tradução; 4. Revisão; 5. Filmagem; 6. Edição; 7. Conferência; 8. Refilmagem; e 9. Disponibilização do produto — já foram descritas, detalhadamente, no Esquema 1, elaborados a partir de Carneiro *et al.* (2020) e apresentados no encerramento da seção 2.1, mas também podem ser vistas com mais detalhes no vídeo *Bastidores da Videoteca Acadêmica em Libras* disponibilizado na aba *Publicações ViaLibras* no site da videoteca⁴⁴.

Assim sendo, à medida que as traduções iam ficando prontas, crescia também a necessidade de disponibilizar esses materiais aos alunos de forma prática. Daí a consolidação de uma plataforma que pudesse hospedar os vídeos traduzidos e que fosse de fácil acesso para os alunos. Consequentemente, a ViaLibras atendeu não só ao corpo social do DLL, mas também ao público externo à universidade.

Desta maneira, pouco a pouco, mais professores e professoras foram solicitando traduções, a videoteca foi adquirindo robustez, de modo que o trabalho que, inicialmente, contava com dois (2) tradutores, atuais coordenadores do projeto, um técnico em audiovisual e um programador web, mais recentemente, em setembro de 2020, se tornou um projeto de extensão da universidade. A partir daí, pôde-se contar com a participação de alunos de diferentes habilitações que atuam como monitores-autores produzindo conteúdo acadêmico, sob orientação de professores da área. Por sua vez, o conteúdo produzido por esses alunos pode ser traduzido por monitores-tradutores também sob orientação de profissionais da área, proporcionando, assim, um caráter formativo ao projeto.

Sendo assim, é importante dizer que a AIET em Libras, bem como a ViaLibras de um modo geral, atende a uma demanda real por materiais em Libras como já discutimos na introdução deste trabalho.

⁴⁴ Link de acesso ao vídeo: <http://www.vialibras.lettras.ufrj.br/index.php/publicacoes-vialibras>.

Além disso, tanto a AIET quanto a videoteca parecem contribuir de maneira significativa para o resgate histórico do trabalho de tradutores e tradutoras e o entendimento da atividade e importância da tradução ao longo da história. Contribuições semelhantes podem ser observadas a partir dos trabalhos de autores como Joly (1998), Delisle e Woodsworth (2003), Hirsch (2008), Harden (2009), O’Sullivan (2012), Silva-Reis e Milton (2016) e outros, que chamam atenção para a importância de pesquisas em história da tradução e o resgate histórico da atividade, visto que, como mostram as pesquisas, ao longo do tempo — nem sempre com seu valor reconhecido — tradutores e tradutoras têm desempenhado uma espécie de função-conexão entre os mais variados conhecimentos, sociedades e culturas que, de alguma maneira, se distanciam por barreiras linguísticas. Sendo assim, parece coerente dizer que o mesmo ocorre quando se trata de tradução para Libras.

Desse modo, acrescido aos motivos já apresentados até aqui, que destacam a relevância e singularidade da AIET em Libras, a escolha da referida apostila para as análises propostas também se dá pelo fato de que, apesar de existir uma versão em português, todos os vídeos da AIET são apresentados na videoteca, inicialmente, somente em Libras — o que me parece interessante quando uma das ideias é analisar a multimodalidade nesses vídeos — além de seguirem etapas rigorosas que contemplam o que entendo como sendo, de fato, traduções para Libras. Outro ponto relevante da AIET é o fato de que ela constitui um todo organizado, cuja sequenciação está disponível em um único lugar, contando com uma variedade interessante de tradutores e tradutoras, que cederam direito de imagem e autoria das traduções para que o material pudesse ser veiculado na internet.

3.2

Metodologia utilizada

Ao longo das seções anteriores, destaquei que a presente pesquisa se dá a partir das análises feitas da *Apostila de Introdução aos Estudos da Tradução* (AIET) em Libras. Nesse sentido, metodologicamente, minha pesquisa vai ao encontro daquilo que Saldanha e O’Brien (2014) tratam quando descrevem pesquisas orientadas ao produto. Como se pode inferir, todo produto — nesse contexto, refiro-me, especificamente, a textos traduzidos (o que, sob minha perspectiva, inclui textos traduzidos para Libras) —

é resultado de um processo. Sendo assim, o propósito em debruçar-me sobre textos traduzidos para Libras é descritivo, uma vez que a análise de tais textos em seu contexto de produção pode trazer à tona evidências das tomadas de decisão dos tradutores e tradutoras e, conseqüentemente, destacar indícios do processo (SALDANHA; O'BRIEN, 2014, p. 50).

Desse modo, parece coerente o uso da concepção de *tipos de solução de tradução*, tendo em vista sua própria definição que, segundo Pym (2016; 2018), se justifica pelo fato de que a opção pelo termo ocorre devido ao não interesse por componente cognitivo dos tradutores e tradutoras, mas sim pelas soluções identificadas nas traduções (PYM, 2018, p. 42).

Dito isso, é importante destacar que, tendo como exemplo a tradução editorial de línguas orais, o produto reflete não só as decisões dos tradutores e tradutoras, como também dos revisores e editores. No entanto, parece pertinente sublinhar que, no caso da AIET, embora as traduções tenham sido revisadas, os tradutores e as tradutoras tiveram a última palavra quanto às alterações ou sugestões indicadas na etapa de revisão.

Nesse contexto, a metodologia de pesquisa desta dissertação está ancorada nos Estudos da Tradução Baseados em *Corpus* (ETBC), cujas contribuições que posso destacar são de Baker (2000), Saldanha (2011), como também Barcellos (2016) quando afirma que, somente em 1995, com a publicação de Lawrence Venuti intitulada *The Translator's Invisibility*, que o assunto — ETBC — foi ganhando destaque no âmbito dos Estudos da Tradução de maneira a embasar discussões no que diz respeito à investigação da presença discursiva do tradutor ou da tradutora no texto traduzido. Todas essas referências — Baker (2000), Saldanha (2011) e Barcellos (2016) — já foram mencionadas na seção em que discuto acerca do estilo de tradutores e tradutoras. Além dessas contribuições, Laviosa (2002) aponta para a possibilidade de os ETBC serem úteis para descrever diferenças entre textos traduzidos e não traduzidos. Já o volume *Translation Universals: do they exist?*, organizado por Mauraanen e Kujamäki (2004), traz publicações de pesquisadores que também vão tratar da relevância do uso de *corpus* para análises em Estudos da Tradução e sua aplicabilidade na verificação de universais no que diz respeito às traduções.

Assim sendo, como afirmam Saldanha e O'Brien (2014), embora alguns linguistas defendam que a linguística de *corpus* (ou LC)⁴⁵ seria apenas uma espécie de paradigma de pesquisa, as autoras reconhecem — o que também faço no presente trabalho — que ela é, de fato, uma metodologia que pode ser utilizada como base para diferentes objetivos de pesquisa a depender dos interesses do pesquisador. O meu, assumidamente, é investigar *tipos de solução de tradução*.

Para isso, antes de dar início, propriamente, às análises, me pareceu importante criar uma subpasta, que intitulei de “Análise de *Corpus*”, dentro de uma pasta que já tinha salva no computador — a pasta “Dissertação de Mestrado” —, na qual eu já acrescentava todo conteúdo que surgisse e, porventura, pudesse ter relação com a dissertação. Na referida pasta, que pode ser vista na Figura 4, abaixo, foi onde coloquei os textos que utilizei como referências para a pesquisa organizados por assunto; as versões da dissertação até a conclusão do trabalho; como já mencionado, todo o conteúdo para as análises; e, por último, documentos e termos pertinentes à elaboração da pesquisa.

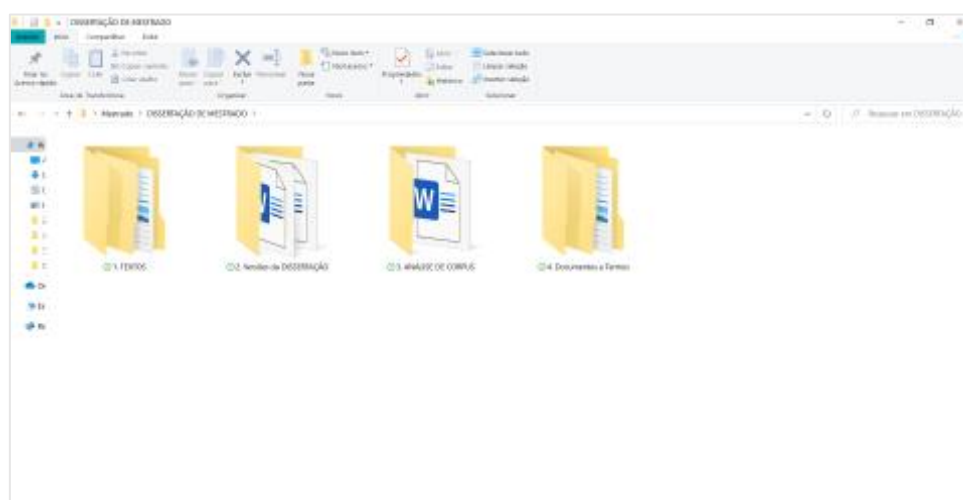


Figura 4: Organização do *corpus* para análise

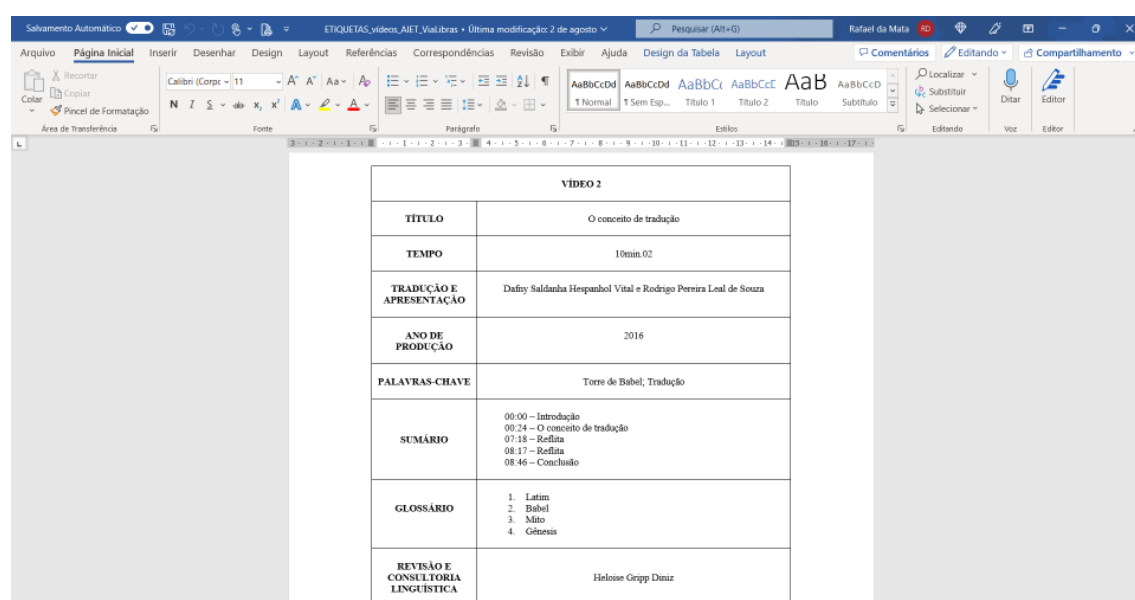
Na subpasta Análise de *Corpus*, adicionei a *Apostila de Introdução aos Estudos da Tradução* (AIET) em sua versão em português, que também serviu de base para as análises que me propus e acrescentei todos os vídeos que compõe a AIET em Libras, que, pelo próprio site da ViaLibras é possível acessá-los diretamente no Youtube, apesar de serem vídeos não-listados. O objetivo de deixá-los salvos no computador se deu para evitar que, por algum motivo, eles fossem retirados ou saíssem do ar no site da

⁴⁵ Para aprofundamento do assunto — Linguística de *Corpus* —, conferir Bowker e Pearson (2002).

ViaLibras e/ou eu não conseguisse acessá-los pelo Youtube. Com isso observei que o tempo dos vídeos no Youtube e, portanto, nos arquivos salvos no meu computador pessoal diferem do tempo dos vídeos no site da Videoteca. No entanto, apesar da precaução tomada, não foi necessário utilizar os vídeos pelo Youtube nem aqueles salvos em meu computador. Sendo assim, todas as análises foram feitas acessando o site da Vialibras e todas as marcações de tempo de vídeo descritas nesta dissertação tomam por base as postagens no site da Vialibras.

Além disso, dentro da Análise de *Corpus*, organizei, por assunto, pastas em que adicionei conteúdos referentes à análise de tipos de solução de tradução, à análise de estilo e à análise de multimodalidade.

Dito isso, é importante declarar que os passos metodológicos desta dissertação se deram de maneira a identificar e catalogar todos os vídeos da AIET e etiquetá-los com as informações observadas no próprio site da ViaLibras. Algumas das informações extraídas foram: título dos vídeos, tradutores e tradutoras envolvidos, ano de publicação, palavras-chave, glossário, revisores, supervisores de filmagem e outras. Os detalhes podem ser apreciados, brevemente, por meio da Figura 5 (abaixo) e pormenorizados no Apêndice I.



| VÍDEO 2 | |
|-----------------------------------|---|
| TÍTULO | O conceito de tradução |
| TEMPO | 10min.02 |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Dafny Saldanha Hespanhol Vital e Rodrigo Pereira Leal de Souza |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2016 |
| PALAVRAS-CHAVE | Torre de Babel, Tradução |
| SUMÁRIO | 00:00 – Introdução 00:24 – O conceito de tradução 07:18 – Refina 08:17 – Refina 08:46 – Conclusão |
| GLOSSÁRIO | 1. Latim 2. Babel 3. Mito 4. Gênesis |
| REVISÃO E CONSULTORIA LINGÜÍSTICA | Helaine Grupp Diniz |

Figura 5: Tabela de catalogação e etiquetagem dos vídeos

Feito isso, partiu-se para o cotejamento dos textos em português e em Libras para que, desse modo, pudesse identificar as ocorrências dos tipos de solução de tradução, marcas estilísticas e recursos multimodais.



Figura 6: Cotejamento entre AIET em português e em Libras

O cotejamento se deu de maneira a observar ambos os textos — em português e em Libras — além de, constantemente, retornar ao referencial teórico para fazer com que as informações dos dados obtidos e a teoria estivessem sempre em diálogo e para que pudesse me certificar daquilo que, aos poucos, ia identificando.

À medida que avançava com as análises, fui sentindo necessidade de registrar algumas informações a respeito das ocorrências que iam se apresentando, como por exemplo:

1. Elemento observado;
2. Número da página na apostila em português em que aparece;
3. Número de vídeo da ocorrência e
4. Tempo no vídeo em que os exemplos se destacaram.

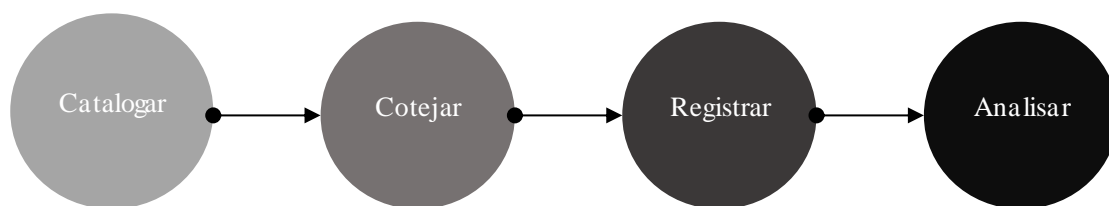
A junção dessas informações resultou na elaboração de tabelas, como, por exemplo, a que está representada na Figura 7, abaixo. As referidas tabelas não só contribuíram para o registro das informações como deram celeridade para a localização dos fenômenos observados e as análises dos mesmos.

| | CITAÇÕES [destacadas com recuo] | Nº da página AETT (português) | Tempo do vídeo Aiet (Libras) |
|---|---|----------------------------------|---------------------------------|
| 1 | Gênesis 11 | pág. 7 | 04:13 [video 2] |
| 2 | Art. 13 – Constituição Federal Brasileira | pág. 10 | 00:51 [video 4] |
| 3 | Art. 1º – Lei nº 10.436 e Parágrafo Único | pág. 11 | 02:22 [video 4] |
| 4 | Roman Jakobson (1999) | pág. 21 | 02:30 [video 7] |
| 5 | Umberto Eco (2007) | pág. 32 | 19:19 [video 9] |
| 6 | Santiago (2012) | pág. 61 | 12:41 [video 12] |
| 7 | Barbosa (1990, p. 70) | pág. 62 | 13:29 [video 12] |
| 8 | Barbosa (1990, p. 74) | pág. 65 | 17:53 [video 12] |
| 9 | Barbosa (1990, p. 76) | pág. 68 | 21:18 [video 12] |

Figura 7: Tabela de detalhamento de informações para análise posterior

Sendo assim, o levantamento feito permitiu que as análises fossem desenvolvidas levando em consideração as perguntas de pesquisa e toda a fundamentação teórica elaborada anteriormente.

Nesse sentido, uma síntese dos passos metodológicos adotados para a presente dissertação pode ser observada por meio do Esquema 2, apresentado abaixo.



Esquema 2: Síntese dos passos metodológicos

Exposto isso, na próxima seção me dedicarei a, propriamente, analisar os dados obtidos a partir do *corpus* Aiet em Libras. Em tempo oportuno, para melhor entendimento da organização deste trabalho, bem como da metodologia utilizada para apresentação das ocorrências observadas, reforço que todos os vídeos da apostila mencionada, que foram referenciados ao longo das análises, podem ser acessados no site da ViaLibras, especificamente, na seção dedicada aos materiais que tratam de

assuntos de interesse dos Estudos da Tradução (<http://www.vialibras.letras.ufrj.br/index.php/estudos-da-traducao>). Dito isso, sinalizo que — à medida que os exemplos dos fenômenos observados foram apresentados ao longo desta dissertação — destaquei também o número do vídeo e a minutagem em que as ocorrências aparecem. Além disso, para alguns daqueles exemplos mais proeminentes, foram gerados QR Codes, destacados juntamente com as figuras correspondentes, que darão acesso aos vídeos pontuados.

3.3

Análise propriamente dita

Considerando que, ao longo dos capítulos e seções anteriores, explicitarei todo o referencial teórico e expus os passos metodológicos da pesquisa, a próxima etapa tem por finalidade o tratamento dos dados obtidos. Sendo assim, no decorrer da presente seção, discorrerei sobre o *corpus* AIET em Libras e os tipos de solução de tradução encontrados. Para isso, o segmento de texto abaixo está dividido em subseções que, em cada uma delas, aprofundarei a discussão acerca dos conceitos de tipos de solução de tradução, estilo e multimodalidade aplicados à tradução em diálogo com os vídeos da apostila supracitada. Antes disso, importa retomar as perguntas que pautaram o meu levantamento e impulsionaram a busca por respostas:

1. Embora Pym (2016; 2018) tenha tentado categorizar tipos de solução de tradução para muitas línguas, as línguas de sinais, sobretudo a brasileira, Libras, é contemplada por sua tipologia?
2. As categorias que identifiquei na ocasião da elaboração do meu trabalho de conclusão de curso de especialização — *pergunta retórica*; *recurso espaço-visual*; *repetição/reforço* e *transposição redefinida* — se confirmam?
3. De que modo marcas estilísticas podem ser observadas nas traduções?
4. Além de elementos linguísticos, tais marcas também sugerem alguma espécie de componente social?
5. De que maneira a multimodalidade aparece nos textos traduzidos?
6. Se aparece, pode fomentar soluções tradutórias para além de apenas compor, esteticamente, o produto?

3.3.1

Retomando os tipos de solução de tradução

Anteriormente (seção 3.3), mencionei que algumas perguntas pautaram o meu levantamento e me impulsionaram a buscar respostas. Especificamente sobre tipos de solução de tradução, expus o desejo de identificar se as categorias propostas por Pym (2016; 2018) para dar conta de muitas línguas contemplariam, por exemplo, a tradução para Libras. Além disso, assinalei meu interesse em observar se as categorias *Pergunta Retórica*, *Recurso Espaço-Visual*, *Repetição/Reforço* e *Transposição Redefinida*, que identifiquei quando observando meu *corpus* de análise da especialização, seriam confirmadas com os novos dados.

Sendo assim, nas linhas que se seguem, retomarei os conceitos supracitados e analisarei de que modo eles podem ser observados (ou não) na AIET em Libras.

Como destacado na seção 2.3, em que trato dos *tipos de solução de tradução*, sobretudo, as contribuições de Pym (2016; 2018), já foram apresentadas as categorias que ele propõe. É importante observar que, na tipologia de 2018, diferentemente daquela apresentada em 2016, o pesquisador sugere oito (8) categorias em vez de sete (7), como havia feito anteriormente. Sua justificativa se dá pelo fato de que, segundo ele, a Ressegmentação é, legitimamente, uma categoria à parte, embora, conseqüentemente, possa resultar em uma mudança de densidade em um sentido mais amplo. Além disso, vale destacar que, nas contribuições já referenciadas, Pym chama atenção para a possibilidade de muitas soluções estarem sempre disponíveis. Em outras palavras, segundo ele, não se trata de uma perspectiva tradicional em que uma espécie de binarismo se impõe de maneira que só duas opções sejam possíveis. Ao contrário disso, Pym defende que as soluções propostas por ele podem ser aplicadas, criativamente, a inúmeros problemas.

Nesse sentido, a tipologia proposta por Pym parte de três (3) categorias simples: a Cópia de algo que aparece no texto de partida, a Mudança de como algo foi expresso ou a Mudança de conteúdo. Essas categorias simples dão origem a outras oito (8), que, conseqüentemente, podem desenvolver uma série de listas abertas e, provavelmente, ilimitadas (PYM, 2016, p. 221). Em síntese, poderia descrever, a partir de Pym (2016; 2018), tais categorias como:

1. Cópia de Palavras (*Copying Words*). Segundo o pesquisador, o termo não é exatamente mais adequado, visto que existem línguas compostas por ideogramas — e eu, particularmente, acrescentaria que existem as línguas de sinais, que são línguas de modalidade visual-gestual (seção 2.1) —, porém sua decisão pelo termo foi, segundo ele, o mais claro que conseguiu chegar. Na categoria Cópia de Palavras definida por ele, os principais níveis linguísticos envolvidos são da fonética (sons), as unidades de expressão de significado (morfemas) e a forma escrita (*scripts*). Para Pym, copiar pode ser uma solução muito útil em situações em que tradutores e tradutoras se veem diante de extrema dúvida. Ele também acrescenta que, possivelmente, Copiar Palavras é uma solução limitada ao item textual ocasional, o que pode acontecer porque outras alternativas são piores (tanto por serem mais dispendiosas quanto pelo risco de acarretarem problemas futuros) ou porque o objetivo ao utilizá-la é somente para dar um efeito textual. A estas contribuições, Pym acrescenta que determinados efeitos textuais em que palavras estrangeiras são copiadas são comuns em não-traduições de determinados gêneros textuais, mas parecem não ser muito utilizados por aqueles tradutores e aquelas tradutoras presos à ideia de que é preciso passar todo o conteúdo textual para outra língua. Resumindo, para Pym, a Cópia de Palavras é de baixo nível de esforço e pode funcionar bem a longo prazo, além de ter potencial para adicionar cor e elegância ao texto.

Entendido isso, me parece coerente dizer que, na AIET em Libras, ocorrências daquilo que Pym define como sendo Cópia de Palavras podem ser observadas, por exemplo, no uso de datilologia (ou alfabeto manual). Em vários momentos os tradutores lançam mão da datilologia para dar conta de nomes próprios ou expressões, que não possuem um sinal específico, por exemplo, Zamenhof (Vídeo 3 – 02:00); Babilônia (Vídeo 2 – 03:24); [língua] franca (Vídeo 3 – 01:11) e outros casos. Mas também para dar ênfase a determinadas palavras, como ocorrido em *traducere* (Vídeo 2 – 00:47) ou até mesmo nas palavras *traduzir* e *tradução* (Vídeo 2, respectivamente, 01:47 e 01:51), que embora tenham sinal em Libras, ao que parece, o tradutor optou pela datilologia para enfatizar que um termo se tratava de um verbo e o outro de um substantivo. Além

de tantas outras ocorrências em que os tradutores e tradutoras optaram pelo uso de datilologia.

Outro ponto que parece merecer destaque é o fato de que, como Pym (2016) apresenta, a Cópia de Palavras pode ser responsável pela criação de neologismos na língua de chegada. Nesse sentido, me pergunto se sinais soletrados, como é o caso de “OU”, hoje em dia já incorporado na Libras e que aparece no Vídeo 2 (02:11; 02:18), inicialmente não poderiam ser tratados como neologismos resultantes do processo de Cópia de Palavras, por exemplo.

Outra questão que, até o momento, não consegui chegar a uma resposta diz respeito às ocorrências em que mesmo que o tradutor ou tradutora faça determinado sinal em Libras, a palavra referente ao sinal aparece copiada em português escrito na tela (língua artificial no Vídeo 3 – 00:54, por exemplo). Quando a cópia se dá apenas por meio de grafismos ou legendas que aparecem em tela e não, necessariamente, na sinalização do tradutor ou tradutora também pode ser considerado Cópia de Palavras nos termos de Pym (2016; 2018)? E mais: uma vez que o aspecto “som” não se aplica às línguas de sinais, poderíamos considerar o uso da datilologia como uma Cópia de Palavras do tipo Copiando Script que, por definição, ocorre quando há, por exemplo, alternância entre diferentes escritas como acontece na passagem de determinadas palavras de um tipo de alfabeto para outro (cirílico para latino)? Ou, já que, como Pym afirma, a lista é aberta sendo possível o acréscimo de uma variedade, possivelmente, ilimitada de exemplos, poderíamos considerar o emprego de datilologia por tradutores e tradutoras como um subtipo independente?



Figura 8: Exemplo de Cópia de Palavras na AIET em Libras

2. Cópia de Estrutura (*Copying Structure*). De acordo com o pesquisador supracitado, o entendimento de “estrutura” aqui faz referência às relações

entre determinadas expressões, sobretudo, à ordem em que elas são apresentadas. Desse modo, uma maneira de pensar a categoria seria como Decalque (fazendo referência à proposição de Vinay e Darbelnet) e, segundo Pym, se aproxima do literalismo palavra por palavra. Contudo, ele enfatiza que as soluções, nesse caso, não são obrigatórias, ou seja, se a sintaxe do texto de partida pode ser facilmente reproduzida no texto de chegada não há, necessariamente, uma solução envolvida uma vez que não se impôs nenhum tipo de problema. Mas há aqueles casos em que determinado padrão sintático incomum ou pouco frequente é trazido para a tradução. Nesse sentido, para o pesquisador, existem os subtipos Copiando Recursos Prosódicos (rima, ritmo, aliteração), Copiando Frases Fixas (sintaxe, expressões idiomáticas, expressões comuns) e Copiando Estrutura do Texto (parágrafo e unidades principais de organização). Para Pym, copiar estruturas é, em alguma medida, pouco frequente, embora seja uma maneira importante para disseminar expressões fixas e determinados formatos de texto, principalmente, formas literárias.

Nas traduções analisadas, parece coerente dizer que casos do tipo Cópia de Estrutura podem ser observados, por exemplo, nas ocasiões em que os tradutores e tradutoras optam por manter a estrutura de nomes de determinadas instituições como ocorre com a expressão “Comissão de Unificação de Sinais” (AIET em português, p. 9), que, na tradução para Libras (Vídeo 3 – 05:59), segue a mesma estrutura; ou no Vídeo 3 (07:13), em que o mesmo acontece para dar conta do termo “Língua de Sinais Americana”, mesmo que, em seguida, seja acompanhada do sinal “ASL”. Algo semelhante parece ocorrer no Vídeo 8 (02:31), quando o título da dissertação de Rimar Ramalho Segala é mencionado e a opção, na tradução, foi de sinalizar, mantendo a estrutura, o título *Tradução intermodal e intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*. Mais adiante, agora no Vídeo 9 (08:50), a expressão “Prefácio às Cartas de Ovídeo” parece ter sido traduzida também fazendo uso do tipo de solução Cópia de Estrutura; o que ocorre, também no Vídeo 9 (10:31), para dar conta da tradução de título de ensaio, “Sobre os diferentes métodos de tradução”, em que parece ter sido mantida a mesma estrutura fixa na tradução. Porém, há de ser considerado que em grande parte essas ocorrências que, aqui, considero como

Cópia de Estrutura, são acompanhadas de grafismos ou elementos na tela que também indicam esses termos em português. Situação análoga a isso que estou argumentando acontece, também no Vídeo 9 (09:52), quando, para fazer referência à publicação de Alexander Fraser Tytler, *The Principles of Translation*, a opção foi por seguir a mesma estrutura na sinalização em Libras, mesmo que o título da obra em inglês apareça em tela na forma de grafismo com imagem e ano da obra. Vale ressaltar que, nesse último caso, o título em inglês é seguido de tradução para o português, entre parênteses, na AIET em português (p. 29) e, de igual modo, segue a estrutura do título em inglês.



Figura 9: Exemplo de Cópia de Estrutura na AIET em Libras

3. Mudança de Perspectiva (*Perspective Change*). Segundo Pym, poderia ser chamada também de Modulação no seu sentido mais amplo. Isso significa dizer que se trata de um tipo de solução de tradução que considera a possibilidade de que um determinado objeto possa ser visto sob uma perspectiva ou ângulo diferentes. Além disso, o pesquisador chama atenção para o fato de que esse tipo de solução se tornou de extrema relevância para aqueles tradutores que, por algum motivo, se veem bloqueados pelo literalismo.

Na AIET em Libras, algumas ocorrências chamaram atenção. No Vídeo 3 (01:40), por exemplo, a expressão “mais conhecida” foi traduzida por “mais famosa”, o que, segundo a definição de Pym, parece indicar uma Mudança de Perspectiva do subtipo Mudando o Foco Semântico. Além disso, é oportuno lembrar que, segundo Pym, a distinção entre Transposição e Modulação — como fazem Vinay e Darbelnet (1958), Barbosa ([1990] 2020) e outros teóricos — não se sustenta.

Nesse sentido, outro trecho em que parece haver uma espécie de Mudança de Perspectiva é, ainda no Vídeo 3 (03:05), quando o tradutor, para solucionar a tradução

do termo “esperantista” (AIET em português, p. 8), usa “grupo + a favor + esperanto” (grifo meu), esse último termo sendo feito em datilologia. Nota-se, portanto, que o termo que, no texto de partida, aparece como “esperantista”, no texto de chegada assumiu a forma de uma composição contendo o termo “esperanto”. A mesma solução foi utilizada em outros momentos do texto em que o termo se repete (Vídeo 3 – 03:37; 04:25). Como Pym esclarece, não há problema algum que as soluções se sobreponham ocorrendo, assim, mais de um tipo de solução simultaneamente. Isso me leva a crer que, especificamente, na solução mencionada — “grupo + a favor + esperanto” — ocorre uma solução do tipo Mudança de Perspectiva, como também uma Mudança de Densidade do tipo Explicitação.

Dito isso, outro caso que me parece de evidente Mudança de Perspectiva aparece no Vídeo 8 (03:29). Para dar conta da expressão “... não significa dizer que as línguas de sinais sejam recentes” (grifos meus) (AIET em português, p. 26), a opção na tradução foi de dizer que as línguas de sinais não são novas, mas que já existem há anos. Ainda no Vídeo 8 (07:19), para fazer referência à expressão “tradução automática bem acessível” (grifo meu), a escolha, em Libras, foi de dizer que qualquer pessoa pode usar.

Já no Vídeo 11 (00:55), a Mudança de Perspectiva se dá quando, para dar conta da expressão “...as duas atividades se confundiam” (grifo meu) (AIET em português, p. 44), a opção foi dizer que elas — as atividades — não eram separadas. Além disso, no Vídeo 10 (10:25), no destaque que trata de Lawrence Venuti, a opção feita para “invisibilidade do tradutor” (grifo meu) (AIET em português, p. 40) foi de apagamento do tradutor, o que parece ser mais um caso de Mudança de Perspectiva.



Figura 10: Exemplo de Mudança de Perspectiva na AIET em Libras

4. Mudança de Densidade (*Density Change*). Para Pym, esse tipo de solução tem por característica a mudança em relação à proximidade com

o objeto, embora não haja uma mudança de ângulo. Para exemplificar, pode-se dizer das mudanças entre o grau de generalização ou especificação ou se uma determinada informação aparece de maneira mais implícita ou mais explícita. Ou seja, a mesma informação é expressa, porém fazendo uso de recursos gramaticais diferentes, mas sem alterar o ângulo como ocorre na Mudança de Perspectiva. Nesse contexto, portanto, as metáforas de “zoom” e “focagem” podem ser aplicadas. Desse modo, segundo o pesquisador, nesse cenário, densidade é entendida como quantidade de texto usado para transmitir determinado conjunto de informações e, como ele enfatiza, é usado com alguma frequência por determinados modos de tradução que não costumam ser considerados por teóricos que se preocupam em tratar de soluções tradutórias, como é o caso da legendagem, interpretação de conferências e até mesmo na edição prévia de serviços de localização. Além disso, como afirma Pym, a Mudança de Densidade e, mais especificamente, a redução de densidade pode ser aplicada e apreciada, por exemplo, na tradução para imigrantes recém-chegados em determinada região e que, por esse motivo, precisam de uma linguagem mais acessível.

No contexto de análise a que me dedico nesta dissertação, a Mudança de Densidade pode ser observada, por exemplo, ocorrendo no Vídeo 3 (02:00), em que o subtipo Implicitação é acionado. Para dar conta do nome do médico judeu que criou o esperanto, Ludwik Lejzer Zamenhof, a opção feita foi fazer a datilologia somente do último nome, Zamenhof, tornando implícita a referência ao médico e, por se tratar de datilologia, parece coerente dizer que houve, concomitantemente, uma solução do tipo Cópia de Palavras. Considero esse caso como Mudança de Densidade, pois, por meio do recurso de Implicitação, ocorreu diminuição na quantidade de texto usado para transmitir a informação. Por outro lado, também no Vídeo 3 (02:21), ocorre expansão da densidade ao ser utilizada a Explicitação. Isso acontece quando, por meio de imagem que aparece em tela, são acrescentadas as informações de ano de nascimento e morte do inventor do esperanto, o que ocorre não simultaneamente com a sinalização do tradutor como em outros trechos do vídeo, mas com a inserção de uma cartela específica com tais informações, que não aparecem no texto em português e, conseqüentemente, aumentam a extensão e, portanto, a densidade do produto, da tradução no suporte vídeo.

Outro exemplo de Mudança de Densidade pode ser observado, ainda no Vídeo 3 (03:53), quando, para se referir à “Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura”, escrito por extenso na apostila em português (AIET em português, p. 9), foi utilizado direto o termo “UNESCO”, modificando também a quantidade, ou seja, a densidade de informação no determinado trecho. De igual modo, no Vídeo 3 (no trecho que vai de 07:05 até 07:07) é possível observar a informação extra de que “Sinais Internacionais” e “Gestuno”, em Libras, possuem o mesmo sinal, o que não aparece no texto em português e, portanto, parece indicar mais um caso de Explicitação.

Continuando no Vídeo 3 (08:22), é possível destacar que, para dizer que Paul Frommer é professor da *Marshall School of Business*, da *University of Southern California*, optou-se por generalizar e/ou implicitar, sem dizer o nome da Escola, ao informar que o local trata da área de negócios e fica na Universidade do Sul da Califórnia, nos Estados Unidos. Sendo assim, parece que, pelo fato de não dizer o nome *Marshall School of Business*, informando apenas que se trata da área de negócios, houve uma espécie de Generalização, por não especificar qual era a escola. Ao mesmo tempo que, ao dizer que correspondia à *Universidade do Sul da Califórnia*, deixou a informação implícita. Seria, portanto, um caso do subtipo Tradução Múltipla, que, na definição de Pym, ocorre quando mais de uma solução de Mudança de Densidade coocorrem? Além disso, é importante lembrar que, também no Vídeo 3, há inserção de trechos do filme *Avatar* e do filme *A intérprete*, respectivamente nos trechos 08:58 e 10:09, que também aumentam a densidade geral da tradução em vídeo.

Já no Vídeo 4 (01:01), pode ser constatado mais um caso de Implicitação quando, para fazer referência à “República Federativa do Brasil” (AIET em português, p. 10), faz-se a opção por dizer só “Brasil”, em Libras. Também no Vídeo 4 (07:26), ocorre Implicitação quando, em vez de dizer “Lei de Diretrizes e Bases” (AIET em português, p. 12), a escolha feita foi por sinalizar apenas “LDB”, em Libras. Situação semelhante acontece no Vídeo 5 (04:12), quando a informação “Comunidade Econômica Europeia” (AIET em português, p. 14) é traduzida por “CEE”.

Além dos exemplos já mencionados, se destacaram como Mudança de Densidade o Vídeo 9 (08:42; 10:18; 11:02; 11:18) e outros. Especificamente sobre os trechos 11:02 e 11:18, vale a pena mencionar que a Mudança de Densidade ocorreu por meio do recurso de multimodalidade, cuja análise aprofundarei na seção 3.3.3. Nos trechos mencionados, em vez de escrever o nome dos teóricos Walter Benjamin e Lawrence Venuti, bastou fazer os respectivos sinais e acrescentar nome completo e

imagem deles na tela, otimizando a quantidade de informação que o tradutor ou tradutora precisaria sinalizar.



Figura 11: Exemplo de Mudança de Densidade na AIET em Libras

5. Ressegmentação (*Resegmentation*). Em Pym (2016), essa categoria estava incluída, como subtipo, no grupo Mudança de Densidade. Porém, em Pym (2018), ela aparece como uma categoria à parte, justificada pelo fato de que, segundo o pesquisador, ela se destacava em relação às demais e, apresentada desse modo (à parte), pedagogicamente se configura mais eficaz para que os alunos se lembrem que cortar e juntar frases, configurando uma solução da qual eles podem lançar mão.

Exemplos de Ressegmentação podem ser constatados, por exemplo, no Vídeo 3 (01:47 – 01:54). Como a sinalização do primeiro parágrafo termina com a palavra “esperanto” e o parágrafo seguinte fazia referência ao mesmo termo, a impressão é que o tradutor uniu as duas frases em uma só, sem que fosse necessário repetir o termo “esperanto” como ocorre no texto em português. Só depois de juntadas as frases é que há um ponto de corte com a inserção de uma cartela com imagem do médico que inventou a língua. Além desse trecho, ocorre Ressegmentação no Vídeo 6 (01:00 – 01:10). Na AIET em português (p. 16), depois de ser informado que, algumas pesquisas apontam a língua portuguesa como a 4^a língua mais falada no mundo e outras que indicam estar na 5^a ou 6^a colocação, a informação seguinte, na apostila em português, é uma lista de línguas faladas no mundo. Só depois desse ranking é que vem a informação de que, independentemente de qual seja a fonte, é surpreendente que a língua portuguesa esteja em posição de destaque em termos de número de falantes. No entanto, a tradução em Libras não obedece a essa ordem. Depois de dizer que existem pesquisas que apontam a língua portuguesa em colocações diferentes no ranking de línguas, logo na sequência, o tradutor une a frase em que diz que, não importando a fonte, é

surpreendente a posição da língua portuguesa. Dito isso, o novo parágrafo reconfigurado se encerra dando lugar a uma cartela em que aparece a lista de línguas faladas no mundo.

No Vídeo 11, por exemplo, o trecho que vai de 05:13 até 07:39 seria o equivalente a um único parágrafo da apostila em português. No entanto, por se tratar de um trecho longo, alguns cortes foram feitos, como pode ser observado em 05:48 e 06:46. Os cortes podem ser percebidos, sobretudo, com a mudança no tipo de plano de filmagem (plano mais aberto ou fechado) ou pela posição do tradutor na tela, que deixa marcada uma pausa, um respiro em um trecho longo de informações, que, em português, poderíamos considerar como uma espécie de criação de novos parágrafos. Nesse sentido, além de auxiliar a compreensão do trecho por parte do leitor da tradução em Libras, esses pontos de corte também se mostram importantes para o próprio tradutor ou tradutora. Diante de um bloco grande de informações, o tradutor ou a tradutora no caso de, no momento de filmagem, errar não precisa retomar do início de um trecho tão longo, mas da parte em que o corte foi estabelecido, portanto, dando celeridade à etapa de filmagem.

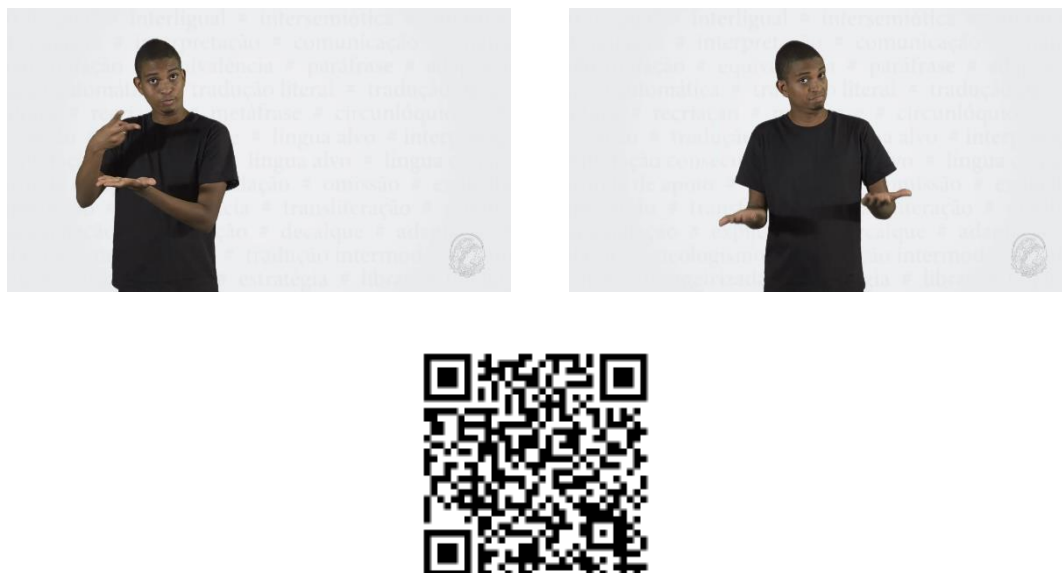


Figura 12: Exemplo de Ressegmentação na AIET em Libras

6. *Compensação (Compensation)*. De modo geral, é o tipo de solução de tradução que pode ser entendido como a atitude de colocar a solução em

novo local do texto ou em novo nível linguístico. Segundo Pym, tal solução tem valor pedagógico também no sentido de indicar aos alunos e às alunas (ou tradutores e tradutoras iniciantes) a possibilidade de determinada informação ser apresentada de outros modos e em outras partes do texto, não sendo necessário, portanto, focar em apenas um determinado segmento do texto. Nesse sentido, Pym chama atenção para aquilo que tradutores e tradutoras podem fazer utilizando, por exemplo, as notas de rodapé e os prefácios ou outros materiais paratextuais, e acrescenta que, de forma alguma, as categorias são estanques, mas podem ocorrer mais de um tipo de solução em uma mesma situação.

Acerca daquilo que Pym caracteriza por Compensação, considerando o *corpus* em Libras da AIET, parece coerente dizer que, por exemplo, no Vídeo 4 temos um caso do referido tipo de solução de tradução. As notas de rodapé 1 e 2 (“autóctone” e “alóctone”) da Unidade 1 que, inclusive, aparecem em páginas diferentes na apostila em português (respectivamente, p. 11 e p. 12), na tradução (04:19 e 04:55) — embora destacadas por cartela de bordas vermelhas, troca de tradutor ou tradutora para o trecho e outras características que analiso com mais profundidade na seção 3.3.3 — a opção feita foi por inserir ambas as notas, uma seguida da outra, no corpo de texto, sem que estivessem destacadas no final do vídeo ou da seção em que aparecem. Na primeira ocorrência de um dos termos, imediatamente a informação das notas é introduzida. Nesse sentido, se configura interessante observar que, no caso das traduções para Libras, parece que acontece um movimento contrário daquilo que parece ocorrer nas traduções entre línguas orais: em vez de informações contidas no corpo do texto irem para notas de rodapé, por exemplo, o que ocorre são as informações das notas de rodapé irem para o corpo do texto, em alguns casos. Diferentemente do que ocorre no exemplo mencionado acima, no Vídeo 5 (01:28), a informação, destacada como nota de rodapé, “lusofonia” não aparece logo na sequência em que o termo é mencionado no texto em Libras, mas ao término do parágrafo, o que, ao mesmo tempo, parece se confundir com uma espécie de Ressegmentação.

Outro exemplo de Compensação parece ocorrer no Vídeo 4 (06:23). Na AIET em português (p. 12), aparece uma sequência de onze (11) línguas indígenas que possuem mais de 5.000 falantes. Por opção, a tradutora, em vez de sinalizar o nome de cada uma das línguas no corpo do texto em Libras no suporte vídeo — o que,

provavelmente, aconteceria fazendo uso de datilologia, visto que, possivelmente, as referidas línguas não teriam sinais específicos em Libras ou, caso tivessem, seriam, ainda, de pouca circulação — foi resolvido, por Compensação, colocar essas informações em uma cartela, à parte, com os nomes das línguas em português.

Já no Vídeo 5 (02:18), a Compensação pode ser observada quando, para dar conta da sequência de países onde a língua portuguesa é oficial, a escolha feita foi também colocar a lista de países em cartela separada, ou seja, em outra parte do texto. O mesmo ocorre no Vídeo 5 (02:58), para informar as comunidades em que a língua portuguesa é falada e, no Vídeo 5 (05:45), para indicar os países em que fala-se crioulo com vocabulário da língua portuguesa e, mais adiante, no Vídeo 5 (06:48), para destacar os dialetos crioulos falados em Angola. Já no Vídeo 5 (07:23), a Compensação foi usada para fazer referência aos dialetos crioulos em Cabo Verde.

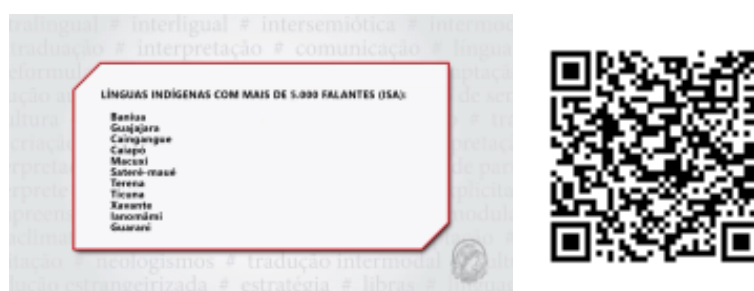


Figura 13: Exemplo de Compensação na AIET em Libras

7. Correspondência Cultural (*Cultural Correspondence*). Segundo Pym, faz sentido agrupar de algum modo o uso de expressões idiomáticas correspondentes e seus respectivos referentes funcionalmente, ou seja, aqueles que funcionam para a atividade tradutória. Para exemplificar, o teórico menciona o uso dos termos “críquete” sendo substituído por “beisebol” em traduções e afirma não haver necessidade de supor que os diferentes itens culturais ocupam exatamente a mesma posição em diferentes sistemas culturais. Sobre o assunto, ele acrescenta que, geralmente, tradutores e tradutoras tem a tendência de optar, muito rapidamente, por alternativas mais fáceis, fazendo uso, portanto de equivalentes em vez de optarem por determinados termos ou expressões mais marcados culturalmente, o que, para ele, resulta em textos mais planos e desinteressantes. Além disso, acrescenta que o uso de uma ou

outra expressão oferece informações relevantes como, por exemplo, sobre quem está dizendo isso ou aquilo, quem está sendo abordado e assim por diante. Pym, que, no contexto de tradução, reforça não haver correspondência neutra, destaca os subtipos: Idiomas Correspondentes e Itens Específicos da Cultura Correspondentes (unidades de medidas, moedas, formas de endereço e assim por diante).

No contexto da AIET em Libras, o que, primeiramente, me chamou atenção no que diz respeito a itens culturalmente marcados foram os vídeos que tratam, especificamente, de expressões idiomáticas, jargões da língua portuguesa, referências a termos em outros idiomas etc. Minha hipótese era de que, devido ao assunto desses vídeos, possivelmente, os tradutores e tradutoras se deparariam com determinadas questões que poderiam se apresentar difíceis de solucionar. Porém, ao longo de minhas análises — que se deram não só nos vídeos que tratavam, especificamente, de cultura — não constatei exemplos expressivos que se destacassem pelo uso do tipo de solução Correspondência Cultural definido por Pym. Acredito que isso possa ter ocorrido pelo gênero textual utilizado nas análises, que tende a ser mais acadêmico. Talvez, um outro *corpus*, que contemplasse uma diversidade maior de gêneros, pudesse trazer à tona soluções desse tipo.

No entanto, é interessante observar que, nos trechos específicos em que se faz menção a itens culturais, expressões idiomáticas, jargões, questões de polissemia e homonímia nas línguas e assim por diante, parece coerente afirmar que a solução encontrada foi apresentá-los, no corpo de texto, fazendo uso de recursos multimodais com a inserção de imagens, frases e exemplos em tela. Alguns desses exemplos podem ser observados no Vídeo 10 (01:05), em que há inserção de cartela apresentando uma sequência de expressões como, por exemplo, “Cara de um focinho de outro”; Vídeo 10 (02:05), em que, sem uso de cartela, aparecem expressões em francês escritas na tela e, em seguida, no Vídeo 10 (02:19), expressões em espanhol. Ainda no Vídeo 10 (07:00; 07:24), respectivamente, aparecem exemplos de polissemia e homonímia. No mesmo Vídeo 10 (08:27), nova cartela apresentando em tela expressões, escritas em português, como “Quebra galho”, “Pisar na bola”, “Tirar de letra”, “Cara de pau”, “Bater as botas” e outras.

Já no Vídeo 12 (02:57), por exemplo, é apresentada uma cartela mostrando expressões em inglês e suas traduções para o português. No mesmo Vídeo 12 (03:05), o

que fica evidente é uma cartela apresentando uma tradução de expressão escrita em português e um vídeo de sua tradução em Libras. Em 06:20, também no Vídeo 12, aparece um exemplo de Modulação obrigatória, em que a palavra em inglês *keyhole*, escrita em tela, é traduzida para o português como *buraco da fechadura* — exemplo retirado de Barbosa ([1990] 2020) —, apresentada também na sua forma escrita. Já em 06:36 (Vídeo 12), o que se apresenta é a expressão, escrita em português na tela, “Melhor que nada” ao lado de um vídeo de seu correspondente em Libras “P-I-O-R nada”.

Sobre a multimodalidade operando de maneira significativa na solução de tradução de itens marcadamente culturais, discorrerei, com mais profundidade, na seção 3.3.3.



Figura 14: Exemplo de Correspondência Cultural na AIETem Libras

8. Adaptação de Texto (*Text Tailoring*). Esse tipo de solução é descrito por Pym como sendo aquele em que, em determinadas situações, o tradutor ou tradutora, de modo legítimo, altera aquilo que é veiculado no texto de partida, o que pode ocorrer na correção de erros, exclusão de trechos significativos de material que, por algum motivo, o tradutor ou tradutora julgou não serem relevantes para o objetivo do novo texto, a adição de material que possa aprimorar o novo material que vá ao encontro de seus objetivos. Para exemplificar, o pesquisador aponta as ocasiões em que tradutores e tradutoras lançam mão de extensas explicações de termos e costumes historicamente datados ou pouco conhecidos. Porém, Pym faz a ressalva de que, cientes das críticas, tradutores e tradutoras não estariam autorizados a fazer isso em contextos específicos, como é o caso de situações em ambiente jurídico, e destaca que, em um contexto em que

crece o número de traduções automáticas, o que faz com que o trabalho de tradutores e tradutoras humanos somente na etapa de pós-edição se torne mais econômico para o cliente, adaptar textos — alteração e seleção de textos — se manifesta importante até porque, como o pesquisador afirma, em nenhum momento a ideia de “tradução” esteve ancorada em alguma espécie de essência em que a manipulação de textos fosse impossível.

É, portanto, interessante observar que, no contexto da AIET em Libras, parece coerente dizer que existem casos de Adaptação de Texto. Uma das maneiras que Pym apresenta como possibilidade para o que ele chama de Adaptação de Textos é a Adição de Conteúdo, que, como exemplo desse tipo de solução de tradução, ele considera o acréscimo de notas, glossários, entrevistas com o autor, ilustrações e assim por diante. Nesse sentido, me parece coerente afirmar que toda a AIET em Libras é carregada de exemplos de Adição de Conteúdo. Uma análise mais minuciosa dos vídeos deixará evidente que, além do Vídeo 1, que faz uma apresentação da apostila — e, de fato, não é um conteúdo presente na versão em português, mas que compõe a AIET em Libras —, a quase todos os outros onze (11) vídeos foi acrescentada uma parte introdutória, na qual os tradutores e tradutoras apresentam uma espécie de resumo dos assuntos que serão abordados naquele vídeo, e uma conclusão, em que é feita uma espécie de revisão dos conteúdos que foram discutidos ao longo do vídeo e, em alguns casos, indicando que assunto será abordado no próximo vídeo.

O Vídeo 7, exemplificado na Figura 15, no trecho que vai de 00:11 até 00:39, traz um exemplo de introdução que menciono, porém sem que pareça ser uma Adição de Conteúdo. Nesse caso, primeiramente, aparece uma cartela apresentando a Unidade 2 seguida do tradutor que sinaliza os conteúdos que serão abordados e, para finalizar a parte introdutória e dar início ao conteúdo, aparece mais uma cartela com o título do assunto que será abordado posteriormente. No entanto, o trecho sinalizado pelo tradutor contempla um texto introdutório que também está presente na apostila em português por meio do trecho:

Nesta unidade, vamos tratar dos diferentes tipos de tradução a partir da clássica divisão proposta por Roman Jakobson: tradução intralingual, interlingual e intersemiótica. Além disso, ao longo desta unidade, vamos discutir os diferentes conceitos de tradução através da abordagem de diversos teóricos ao longo do tempo (AIET em português, p. 21).

A Figura 15, abaixo, exemplifica o trecho referenciado acima e, ao que parece, se trata de uma introdução sem Adição de Conteúdo. O mesmo acontece no Vídeo 10 (00:05 – 00:27), cujo conteúdo também faz referência a informação presente no texto em português. Já no Vídeo 11 e no Vídeo 12, por exemplo, não parece haver uma seção introdutória específica. Os tradutores, portanto, partem direto para a tradução das informações do texto em português.

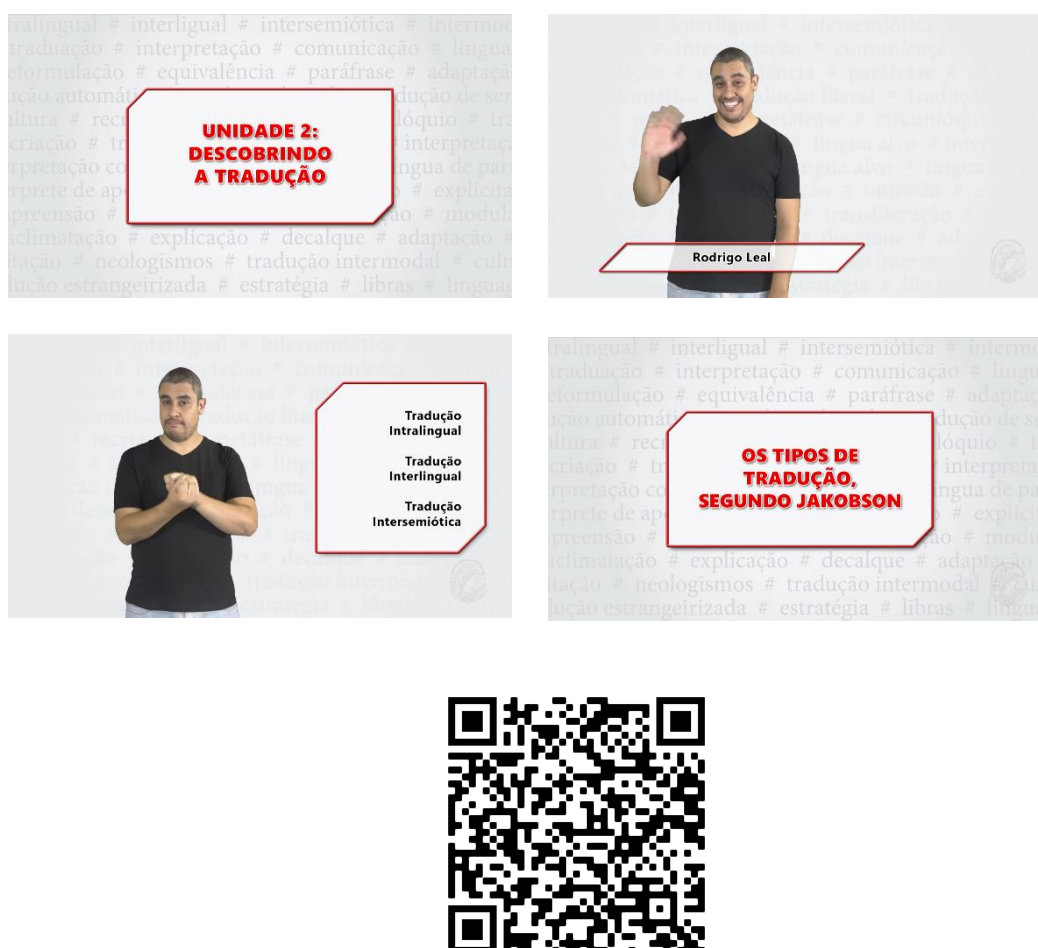


Figura 15: Exemplo de introdução de vídeo sem adição de conteúdo

Porém, há aqueles vídeos em que existe uma parte introdutória antes de dar início ao conteúdo, propriamente, porém sem que esteja fazendo referência a alguma parte específica do texto em português, o que me leva a crer que pode ser exemplo daquilo que Pym considera como o tipo de solução de tradução chamado de Adaptação de Texto e, sobretudo, a subcategoria de Adição de Conteúdo. Isso ocorre, por exemplo, no Vídeo 2 (trecho que vai de 00:06 até 00:24), exemplificado na Figura 16, abaixo. No vídeo em questão, aparece uma cartela introdutória com o nome da apostila. Na

sequência aparece a tradutora indicando, em Libras, que, ao longo do vídeo, serão abordados assuntos como o conceito de tradução, o que é, de onde surgiu, por que a tradução é importante para a comunicação e, para finalizar, deseja aos expectadores bons estudos. Só depois disso é que aparece uma nova cartela, desta vez com os dizeres “O conceito de tradução”, e, então, dá-se início à tradução, propriamente, do conteúdo presente na apostila em português. A partir daí, inclusive, nesse vídeo específico, é um outro tradutor quem assume a sinalização dando, portanto, continuidade ao vídeo. O mesmo — introdução como adição de conteúdo — também parece ocorrer no Vídeo 3 (00:06 – 00:35); Vídeo 4 (00:06 – 00:28); Vídeo 5 (00:05 - 00:52); Vídeo 6 (00:05 – 00:28); Vídeo 8 (00:16 – 01:05) e Vídeo 9 (00:09 - 00:56).

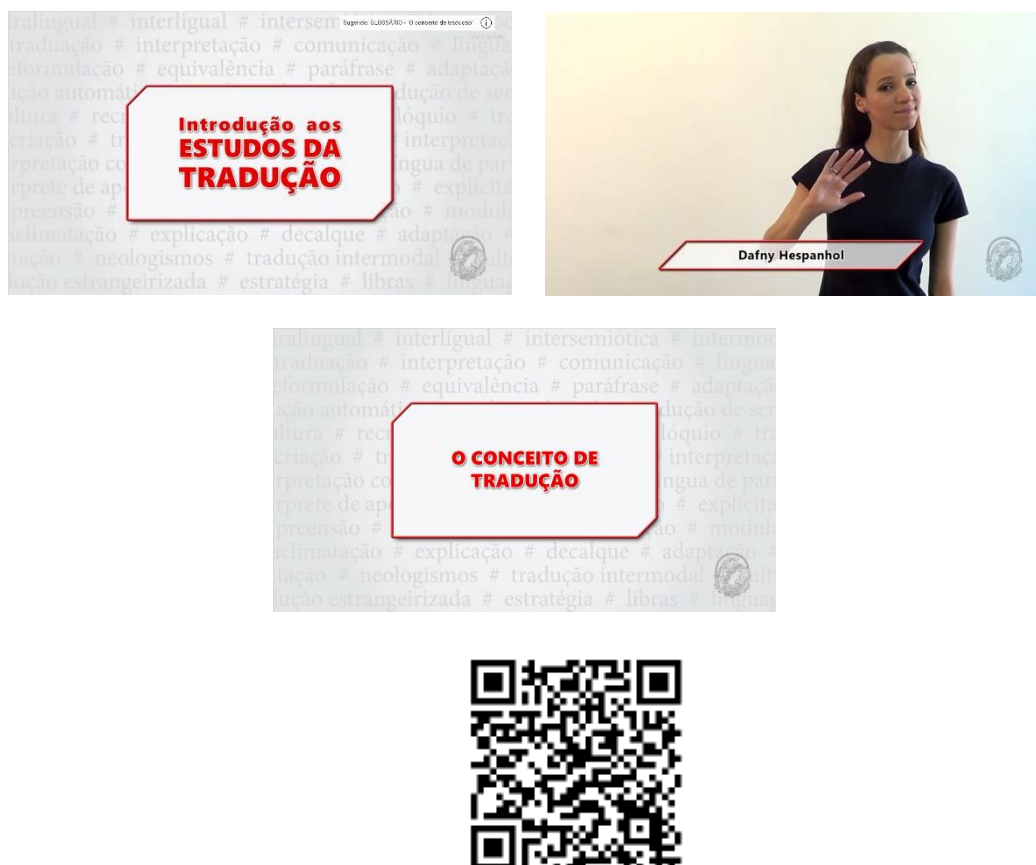


Figura 16: Exemplo de introdução de vídeo como Adição de Conteúdo

Acerca daquilo que mencionei anteriormente como, possivelmente, sendo mais um caso de Adição de Conteúdo — uma espécie de conclusão nos vídeos que não aparecem na AIET em português — pode ser observado no Vídeo 2 (08:47 – 09:50), destacado na Figura 17, abaixo. No referido trecho, a tradutora recapitula alguns dos

temas abordados ao longo do vídeo, além de retomar que a tradução faz referência à apostila em português de Introdução aos Estudos da Tradução e sugerir que, no caso de haver dúvidas a respeito dos assuntos abordados, que os expectadores — na ocasião, especificamente, os alunos da disciplina — interagissem com os colegas de classe e professora, sem que deixassem de ler o conteúdo também em português. Outros exemplos de Adição de Conteúdo (conclusão) podem ser constatados no Vídeo 3 (11:18 – 12:13); Vídeo 4 (11:10 – 12:24); Vídeo 5 (09:28 – 10:33); Vídeo 6 (04:57 – 06:13); Vídeo 7 (10:06 – 11:18); Vídeo 8 (07:40 – 08:57); Vídeo 9 (20:56 – 22:19); Vídeo 10 (11:22 – 12:19); Vídeo 11 (13:01 – 13:50); Vídeo 12 (22:29 – 23:16).

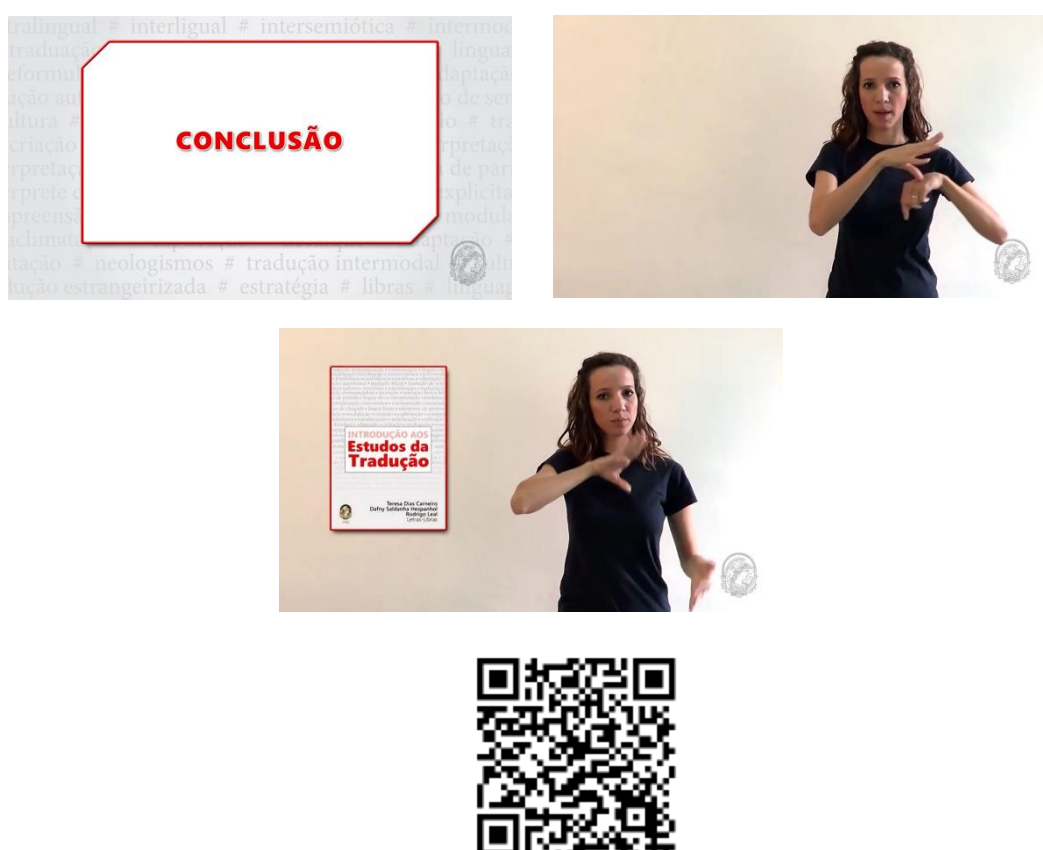


Figura 17: Exemplo de conclusão como Adição de Conteúdo

Outro caso que me parece um exemplo claro de Adaptação de Texto, na definição de Pym é que vários dos vídeos da AIET em Libras são acompanhados de glossário, o que não ocorre no texto em português. Os termos incorporados ao glossário foram selecionados pelos tradutores e tradutoras e o objetivo parece ser de apresentar determinado sinal utilizado nas traduções, alguns deles muito específicos ou de pouca circulação, de maneira que a leitura das traduções ficasse mais palatável para o público.

Sendo, desse modo, aplicado com objetivo específico parecendo, portanto, indicar um tipo de solução de tradução não só pelo fato já mencionado como também para chamar atenção de determinados termos grafados em **negrito** na apostila em português. Dessa forma, vale destacar que, de todos os vídeos analisados, somente o Vídeo 4, o Vídeo 5 e o Vídeo 6 não apresentaram termos em glossário. Os demais vídeos foram todos contemplados com esse tipo de solução de tradução. A Figura 18, abaixo, mostra alguns exemplos de termos em glossário da AIET em Libras.

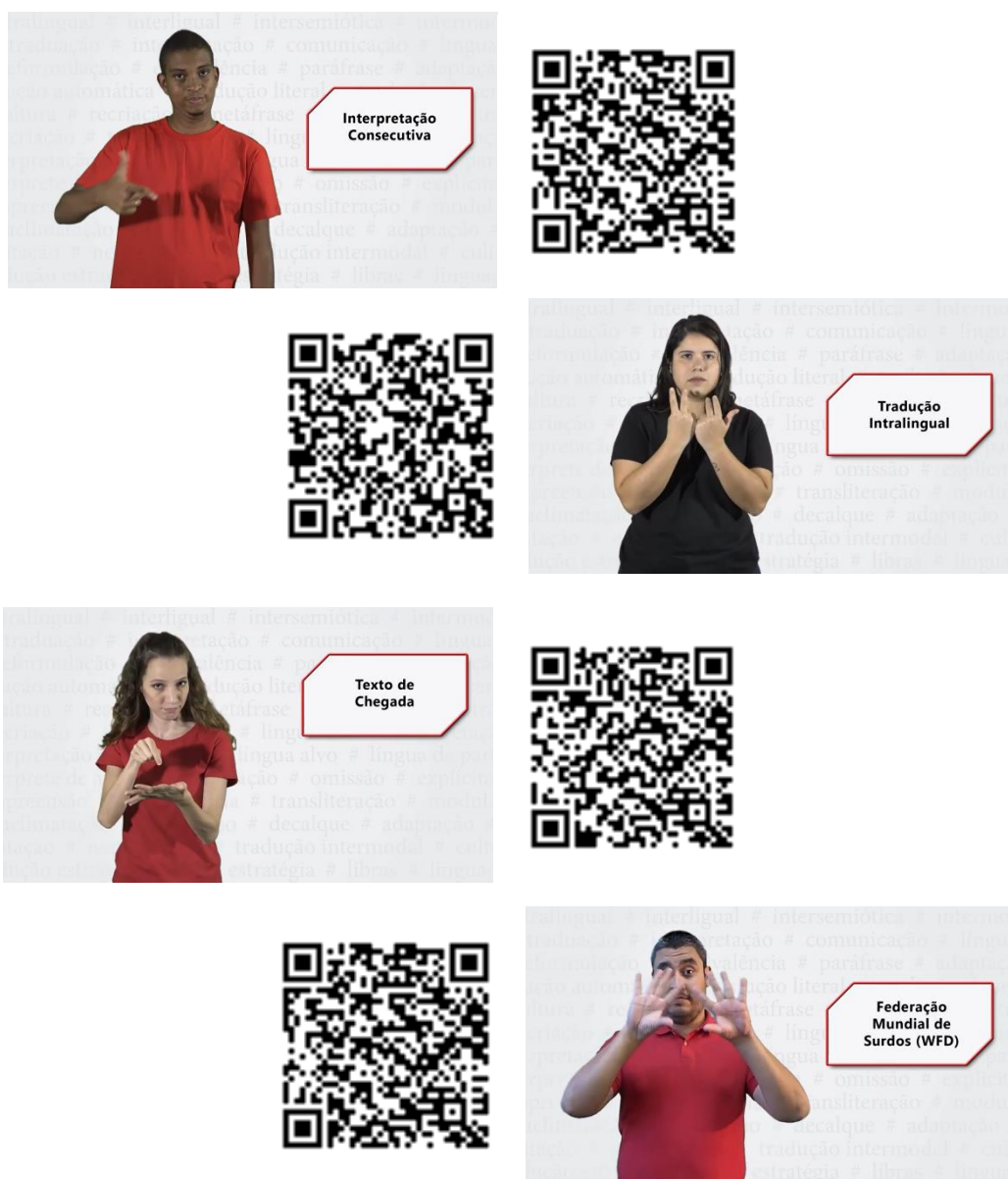


Figura 18: Exemplos de termos em glossário como adição de conteúdo

Além disso, de um modo geral, parece coerente dizer que a própria inserção de imagens de autores, de trechos de filmes, linhas do tempo (analisados com mais detalhes na seção 3.3.3, em que reflito a respeito da multimodalidade presente nas traduções) e assim por diante comprovam a adição de conteúdo por parte dos tradutores e tradutoras na AIET em Libras, tendo em vista que são elementos que não estavam no texto de partida e foram adicionados às traduções com finalidades específicas.

Ainda nesse contexto, tratando da Adaptação de Textos como um dos tipos de solução de tradução, vale mencionar que Pym considera como fazendo parte dessa categoria a Omissão de Conteúdo. Segundo ele, tal solução tem por característica a supressão de parágrafos ou até mesmo capítulos inteiros quando, de algum modo, não forem pertinentes ao propósito da tradução. Na AIET em Libras, algumas situações me parecem se encaixar nessa definição. Uma delas é quando a informação em nota de rodapé que explica o que vem a ser “celibatário” (AIET em português, p. 22) não aparece na tradução (Vídeo 7). Em outras palavras, o trecho a que a nota de rodapé faz referência não aparece na tradução. Outro caso omissivo acontece no mesmo Vídeo 7, em que dois parágrafos subsequentes à caixa de texto (reflita) presentes no texto em português (AIET em português, p. 24) não têm a sua tradução contemplada no vídeo traduzido. Outra omissão ocorre na informação também em nota de rodapé “Esta apresentação resumida, com fins didáticos para apresentação em sala de aula, não substitui de forma alguma o interesse pela leitura da obra da autora” (AIET em português, p. 52) também não aparece na tradução. Tudo indica que, de fato, como Pym salienta, os casos em que há Omissão de Conteúdo ocorreram por se tratar de trechos ou informações não pertinentes ou acessórias ao propósito da tradução.

Como mencionei anteriormente, outra pergunta que me impulsionou a buscar respostas durante as minhas análises foi se as categorias que observei na ocasião de minha especialização — mesmo que àquela altura tendo como base as contribuições de Barbosa ([1990] 2020) e, conceitualmente, fazendo uso do termo *procedimentos técnicos de tradução* adotado por ela — se confirmariam no novo *corpus*.

Sendo assim, antes de definir se as categorias foram ou não contempladas na AIET em Libras, se faz necessário pontuar e definir a que tipos de solução de tradução me refiro. Para isso, importa observar a Tabela 5, a seguir.

| TIPOS DE SOLUÇÃO DE TRADUÇÃO | DEFINIÇÃO |
|--------------------------------|---|
| Pergunta Retórica | Ocorre quando o tradutor ou tradutora transforma determinado enunciado, do texto de partida, em outro, no texto de chegada, fazendo perguntas que ele (ou ela) não necessariamente responde ou para as quais espera respostas — ou seja, retóricas. Em Severino (2019) não foram encontrados registros de que tal solução tenha sido obrigatória, mas sim facultativa. |
| Recurso Espaço-Visual | Devido ao fato de a Libras ser uma língua de modalidade espaço-visual, ela permite que o tradutor ou tradutora faça uso de estratégias visuais no texto traduzido. Sendo assim, quem utilizar esse tipo de solução poderá, por exemplo, fazer distinção entre duas ideias marcando uma e outra no espaço de sinalização usando a notação da Libras. Como a <i>Pergunta Retórica</i> , Severino (2019) também argumenta que esta parece ser uma solução tradutória de uso facultativo. |
| Repetição/Reforço | Consiste em repetir termos, geralmente no início e no fim de orações, para reforçar ou dar ênfase a determinada ideia ou pergunta. Assim como os tipos de solução definidos acima, de acordo com Severino (2019), a <i>Repetição/Reforço</i> parece ser, igualmente, facultativa. |
| Transposição Redefinida | A ideia de <i>Transposição</i> é contemplada por Barbosa ([1990] 2020) e consiste em o tradutor ou tradutora alterar a categoria gramatical de elementos do texto de partida no texto de chegada. No entanto, as análises de Severino (2019) apontam para a possibilidade de haver mudança de substantivos concretos para abstratos e vice-versa, o que parece expandir a noção de <i>Transposição</i> assumida por Barbosa ([1990] 2020) e, por esse motivo, foi atribuída como <i>Transposição Redefinida</i> . |

Tabela 5: Proposta de categorização de soluções tradutórias (português-Libras) - Elaboração a partir de Severino (2019, p. 30)

Sobre a categoria Transposição Redefinida, de antemão, me pareceu que, face aos tipos de solução de tradução propostos por Pym (2016; 2018), por se tratarem de soluções cujas definições são mais abertas, contemplando um número maior de possibilidades e, como defende o pesquisador, sendo possível adicionar um número ilimitado de subtipos, me parece coerente dizer que, no caso específico da categoria Transposição Redefinida, ela já está contemplada pela proposição de Pym não sendo, portanto, necessário o acréscimo de mais esse subtipo à lista. Mesmo porque, como o próprio teórico defende, não há distinção entre Transposição e Modulação, o que, nessa nova proposta, se sustenta. Lembrando que, na tipologia de Pym (2016; 2018), a Modulação é entendida como Mudança de Perspectiva. Sendo assim, não me parece coerente afirmar que a Transposição Redefinida se sustenta nas traduções para Libras, pois se encaixa, por definição, na Mudança de Perspectiva de Pym..

Por outro lado, com o novo *corpus* — AIET em Libras —, as demais categorias observadas por Severino (2019) parecem ter sido reforçadas de modo que, por enquanto, não consigo vislumbrá-las como enquadradas a qualquer um dos subtipos propostos por Pym (2016; 2018). Desse modo, momentaneamente, parece fazer sentido deixá-las à parte e aperfeiçoar seus respectivos conceitos.

Acerca da Pergunta Retórica como tipo de solução de tradução, sugiro um refinamento da definição outrora proposta por mim em Severino (2019).

De acordo com Araujo e Freitag (2010), perguntas são *estratégias de interação* que, por sua vez, constituem aquilo que as autoras — citando Marcuschi (1989), Risso (2006), Urbano (2006) e outros pesquisadores — denominam de *procedimentos discursivos*. Sendo assim, as estratégias de interação, que fazem parte da gramática da língua e estão presentes tanto no registro escrito quanto falado, têm por objetivo aproximar escritor/falante de seus leitores/ouvintes. Segundo Araujo e Freitag (2010) — que analisam ocorrências do fenômeno no português brasileiro (língua de modalidade oral-auditiva) —, na fala, as perguntas podem ser evidenciadas por meio de sintaxe interrogativa com entonação ascendente; e, na escrita, podem ser percebidas pelo sinal de pontuação específico, a interrogação (ARAUJO; FREITAG, 2010, p. 323).

Dessa maneira, fazer perguntas (estratégia interacional) se manifesta importante para proporcionar envolvimento e interação entre escritor e leitor, por exemplo. Nesse sentido, segundo Araujo e Freitag (2010), elas podem se revelar em um contínuo pergunta plena > pergunta semirretórica > pergunta retórica. Isso implica dizer que:

- I) Pergunta Plena – é aquele tipo de pergunta do falante que, em alguma medida, implica uma resposta do interlocutor. Ou seja, “são perguntas em que um indivíduo pergunta e outro responde” (ARAUJO; FREITAG, 2010, p. 325);
- II) Pergunta Semirretórica – é uma pergunta feita pelo falante e que ele mesmo a responde. Em outras palavras, são “aquelas perguntas que não aguardam do interlocutor uma resposta, pois esta é respondida pelo próprio falante/escritor” (ARAUJO; FREITAG, 2010, p. 327). Nesse sentido, ela teria tão somente a finalidade de guiar o interlocutor por sua linha argumentativa; e
- III) Pergunta Retórica – é aquela em que o falante pergunta, porém, nem ele nem o interlocutor respondem. Desse modo, ela é elaborada “com fins

essencialmente argumentativos, e consiste em interpelar o interlocutor a aderir ao que se anuncia” (ARAUJO; FREITAG, 2010, p. 326).

Embora as autoras chamem atenção para o fato de que em determinadas contribuições, como as de Urbano (2006) e Risso (2006), não haja distinção entre Perguntas Retóricas e Perguntas Semirretóricas, diante das análises da AIET em Libras, parece fazer sentido diferenciar os termos.⁴⁶

Portanto, para além de ser um procedimento discursivo permitido pela língua, nesta dissertação, defendo que tanto uma quanto outra são usadas como estratégia de interação, mas, sobretudo, constituem um tipo de solução de tradução. Declaro isso por observar suas ocorrências no *corpus* analisado e perceber que, diante de determinados enunciados afirmativos no texto de partida, tradutores e tradutoras optaram por intervir e apresentá-los em forma de perguntas no texto de chegada. Em outras palavras, quer seja com a intenção de aproximar o leitor ou para adicionar uma espécie de estilo ou efeito estético às traduções, as perguntas foram utilizadas como soluções tradutórias.⁴⁷

Sendo assim, refinando a definição da categoria Pergunta Retórica apresentada por mim em Severino (2019), proponho que, ao fenômeno — agora revisado — seja atribuído o termo *Pergunta Semirretórica/Retórica*.

Dito isso, partindo para as análises do referido tipo de solução de tradução na AIET em Libras, posso dizer que a Pergunta Semirretórica/Retórica, pôde ser constatada em diversas ocorrências ao longo de toda a tradução. Algumas dessas ocasiões podem ser destacadas no Vídeo 2 (01:06) quando, para dar conta da expressão “Atualmente, seu leque de significados é muito vasto e, além do original ‘transferir’, quer dizer...” (grifo meu) (AIET em português, p. 6), que aparece na forma afirmativa, a escolha, na tradução, foi por transformá-la em pergunta: “...significado original transferir só? não é...”. Ou seja, é uma pergunta porque, como se pode notar no vídeo, aparece em forma e entonação de pergunta, e semirretórica porque, de fato, não se espera que o leitor da tradução responda, mas o próprio tradutor ou tradutora o faz.

⁴⁶ Para aprofundamento do assunto, além das autoras mencionadas — Araujo e Freitag (2010) —, conferir as contribuições de Ramos (2000).

⁴⁷ Embora o referencial teórico usado para detalhamento dos conceitos de pergunta semirretórica e retórica estejam contextualizadas no âmbito da Linguística — o que leva as autoras a usarem, por exemplo, o termo “escritor” — entendo a atividade de tradução como aquela que retextualiza e reescreve conteúdos textuais em outra língua (seção 2.1). Desse modo, parece fazer sentido utilizar as referências mencionadas, fazendo as devidas ponderações, uma vez que considero, tradutores e tradutoras, escritores e escritoras de suas traduções.

Face ao exposto, parece oportuno dizer que, na maioria das ocorrências verificadas na AIET em Libras, se destacaram exemplos que tendem a se comportar de maneira semirretórica. No entanto, como destacarei mais adiante, pude constatar episódios que se aproximaram mais da retórica.

Seguindo com as análises, no Vídeo 3 (04:50), a solução Pergunta Semirretórica/Retórica pode ser depreendida quando a frase “O sonho dos esperantistas é unir pessoas...” (grifo meu) (AIET em português, p. 9) aparece na tradução como “esperantistas sonho deles o quê? é unir pessoas”. Outro exemplo, ainda no Vídeo 3 (06:07), ocorreu na tradução da frase, em português, “...tendo como parâmetro a seleção de sinais mais compreensíveis...” (grifo meu) (AIET em português, p. 9), que, em Libras, ficou algo como “... parâmetro/regra o quê? seleção de sinais mais compreensíveis...”.

A solução Pergunta Semirretórica/Retórica ocorre também no Vídeo 3 (05:48) quando, depois de apresentar o sinal de “WFD”, o tradutor pergunta “o quê?” — como quem pergunta o que aquele sinal significa — e segue dizendo que se trata da *Federação Mundial de Surdos*. Simultaneamente, é acrescentado, escrito na tela, a tradução do nome da entidade em inglês — *World Federation of Deaf* —, informação que, na apostila em português (p. 9), aparece entre parênteses.

No Vídeo 6 (02:52), a afirmação “...mas nem sempre foi assim.” (AIET em português, p. 18) foi traduzida adicionando a Pergunta Retórica ficando, portanto, algo como “mas sempre foi assim? não...”.

Além dos exemplos de solução Pergunta Semirretórica/Retórica mencionados acima, outros dois se destacaram. Desta vez, com comportamento que tende mais à retórica e menos à semirretórica.

No Vídeo 6 (01:29 – 01:37), para fazer referência ao trecho “... o fato de uma língua ser falada por muitas pessoas não significa que ela seja a mais importante.” (AIET em português, p. 17), o tradutor decidiu apresentar algo como “... se uma língua é falada por várias pessoas significa que ela é importante, superior, É?” e, na sequência, não apresenta qualquer tipo de resposta à pergunta, continuando a tradução.

Algo semelhante ocorre no Vídeo 10 (00:40 – 00:49). Um dos parágrafos da apostila em português começa com o enunciado “Vejam os casos da tradução de provérbios ou ditados populares.” (AIET em português, p. 35). Para traduzir o trecho, a decisão tomada foi de sinalizar algo como “...pergunto: ditado popular [ele] traduzir COMO?”. Note-se que, especificamente no referido trecho, — além da supressão do

termo “provérbios”, uma vez que ambos (provérbios e ditados populares) poderiam ser considerados uma espécie de sinônimos, — o tradutor, no início da frase, adicionou o sinal de “perguntar” indicando que, na sequência, seria apresentada uma pergunta e, de fato, assim o fez. A entonação ascendente evidenciando a pergunta fica demarcada em especial quando, ao término da sentença, o tradutor sinaliza “como?”. Em seguida, não é apresentada qualquer tipo de resposta. Assim sendo, o tradutor chamou atenção para o assunto ou, em outras palavras, gerou proximidade com o interlocutor e, sem dar respostas à pergunta, seguiu com a tradução.

Desse modo, vale destacar que esses não foram os únicos exemplos de Pergunta Semirretórica/Retórica observados, mas, possivelmente, os mais proeminentes. E, indo ao encontro da definição inicial proposta por Severino (2019), parecem indicar o uso não obrigatório, mas sim facultativo da solução. Além disso, diante das análises, considero coerente pontuar que os episódios de Pergunta Semirretórica/Retórica, cujo comportamento se aproximou mais da retórica, parecem figurar uma intervenção maior dos tradutores e tradutoras quando comparados com aqueles de tendência à semirretórica.

A respeito do Recurso Espaço-Visual, posso considerar que se destacaram as ocorrências observadas, por exemplo, no Vídeo 3, na extensão que vai de 07:18 até 07:42. No referido trecho, para fazer distinção entre os conceitos de “línguas artificiais” e “línguas naturais”, a tradutora opta por, movimentando o corpo para a direita ou esquerda, diferenciar os termos supracitados. Toda a informação referente ao conceito de “línguas naturais” é feita com o corpo, levemente, inclinado para a direita da tela, ao passo que, tudo o que faz referência à ideia de “línguas artificiais”, é sinalizado com a tradutora, levemente, inclinada para a esquerda da tela. Nesse sentido, é importante dizer que a mesma informação contida no texto em português aparece linearmente. No entanto, como já sublinhado anteriormente (seção 2.1), por se tratar de uma língua de modalidade visual-gestual, é possível que o tradutor ou tradutora se utilize do espaço de sinalização para soluções desse tipo.

Outro momento em que o tipo de solução Recurso Espaço-Visual pode ser identificado ocorre no Vídeo 6 (03:17 – 03:22). No referido trecho, para falar dos continentes África, Ásia, Europa e Oceania, o tradutor optou por, semelhantemente ao exemplo anterior, fazer uso do espaço de sinalização. Como se existisse um mapa imaginário diante dele, o tradutor faz o sinal dos continentes marcando nesse espaço onde, supostamente, estaria cada um deles.

Para finalizar o argumento de que, com alguma frequência, a solução do tipo Recurso Espaço-Visual ocorre, trago o exemplo do Vídeo 9 (10:38 – 10:55). Na sequência de texto, mais uma vez o espaço de sinalização é utilizado de modo estratégico. As informações no texto de partida (AIET em português, p. 30) eram: “ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele” e “ou o tradutor deixa o leitor em paz e leva o autor até ele”. Na tradução, houve marcação no espaço de sinalização de onde estava o autor, o leitor e o tradutor. Feito isso, foi possível descrever quem era conduzido para quem, ou quem era deixado em paz.

Como reforçado há pouco, na Libras, por se tratar de uma língua de modalidade visual-gestual, é natural que toda a sinalização e, portanto, toda a tradução ocorra fazendo uso do espaço de sinalização. Porém, há momentos, como os citados nos exemplos acima, em que esse recurso oferecido pela língua é usado estrategicamente, com determinada intenção e, por isso, parece coerente sugerir que, quando isso ocorre por parte de tradutores e tradutoras, estamos lidando com um tipo específico de solução de tradução, o Recurso Espaço-Visual.

Sobre Repetição/Reforço, três ocorrências se destacaram. A primeira delas aparece no Vídeo 4, no trecho que vai de 07:57 até 08:09. Na sequência referida, para dar conta da informação “...algumas línguas africanas são faladas, no Brasil, em rituais de cultos afro-brasileiros ou em comunidades quilombolas.” (grifo meu) (AIET em português, p. 12), a tradutora escolhe repetir a informação “línguas africanas”. Como se pode ver a expressão aparece uma única vez na referência em português, mas, na tradução, ocorre no início e no fim da sentença, ao que tudo indica, para reforçar o dado. Desse modo, no texto em Libras, a sequência traduzida ficou em torno de algo como: “... algumas línguas africanas são faladas em rituais de cultos afro-brasileiros como também em comunidades quilombolas. Nos dois casos, línguas africanas são faladas.”

A Repetição/Reforço ocorre novamente no Vídeo 9 (19:52 – 19:57). Na apostila em português, na citação de Umberto Eco, a frase é “... ‘fidelidade’ das traduções não é um critério que leva à única tradução aceitável [...]” (grifo meu) (AIET em português, p. 32). O que pode ser observado na tradução é “... [ela] fidelidade não leva a uma única tradução aceitável não...”. Nesse sentido, diferentemente do que ocorre em português, houve repetição da negação e, portanto, parece figurar mais uma evidência do tipo de solução Repetição/Reforço.

Terceiro e último exemplo de Repetição/Reforço que destaco, ocorre no Vídeo 11, no trecho que vai de 01:58 até 02:03. Para traduzir o trecho em português “No caso

das línguas de sinais, pode haver as duas atividades, tradução e interpretação...” (grifo meu) (AIET em português, p. 44), o tradutor escolheu, possivelmente para dar ênfase, repetir o verbo “poder” ficando, portanto, algo como: “No caso das línguas de sinais, pode haver as duas atividades, tradução e interpretação, pode...”. Isso me leva a crer que a solução tradutória do tipo Repetição/Reforço pode ser bastante produtiva nas traduções para Libras.

Como mencionei anteriormente, na ocasião de minha especialização também observei essas três últimas categorias apresentadas — Pergunta Retórica, Recurso Espaço-Visual e Repetição/Reforço — e constatei, por meio das análises feitas, que o número de ocorrências dos referidos tipos de solução de tradução variou entre os dois tradutores que participaram do experimento proposto. Àquela altura, o direcionamento foi de que ambos tivessem que traduzir para Libras um mesmo texto. Naquele momento minha intenção era a de identificar o que poderia indicar o estilo próprio de traduzir de um e de outro. Como resultado, pude perceber que, além das outras soluções tradutórias das quais lançaram mão, um deles utilizou quatro vezes a Pergunta Retórica, quatro vezes o Recurso Espaço-Visual e duas vezes a Repetição/Reforço. Já o outro, fez uso da Pergunta Retórica onze vezes, do Recurso Espaço-Visual nove e apenas uma vez utilizou a Repetição/Reforço.

Nesse sentido, parece interessante pontuar que as categorias, independentemente do número de ocorrências, foram mais uma vez comprovadas com o novo *corpus*. Dito isso, importa dizer que, além dos tipos de solução de tradução propostos por Pym (2016; 2018), foram identificados, na AIET em Libras, ocorrências também das categorias apresentadas por Severino (2019).

3.3.2

Retomando o conceito de estilo aplicado à tradução

No início da seção em que me dedico propriamente às análises do *corpus* AIET em Libras (seção 3.3), pontuei que, no que diz respeito ao conceito de estilo, duas perguntas principais orientaram minha investigação. Uma delas refere-se ao modo como as marcas estilísticas poderiam ser evidenciadas nas traduções. Já a segunda remete à hipótese de, caso constatadas, tais marcas indicarem componentes sociais, para além de somente linguísticos, envolvidos nas traduções.

Nesse sentido, é importante lembrar que, como Barcellos (2016) chama atenção, é possível compreender o conceito de estilo tanto como atributo pessoal, ou seja, estilo do tradutor ou da tradutora, quanto como atributo textual, nesse caso, estilo do texto traduzido. Além disso, como acrescenta Baker (2000), a análise do conceito de estilo aplicado à tradução requer a investigação de padrões de escolhas ainda que outras opções estejam disponíveis. Assim sendo, é possível considerar estilo de um tradutor ou tradutora específico, como também de um grupo de tradutores e tradutoras ou de determinado *corpus* de um período histórico.

Desse modo, tendo em vista as características da AIET em Libras — composta por onze (11) vídeos com as traduções e um (1) vídeo de apresentação, variedade de tradutores e tradutoras envolvidas no projeto etc. — parece coerente me debruçar não só em características individuais, mas, sobretudo, naquilo que pode indicar, marcadamente, um estilo desse grupo de profissionais.

Como pôde ser observado na ocasião em que descrevo meu objeto de análise, a quantidade de texto traduzido por cada um dos tradutores e tradutoras — por motivos diversos, especialmente, pelo tipo de vínculo institucional que cada um ocupava à época — varia. Desse modo, em termos de estilo, quantificar individualmente qual dos tradutores e tradutoras optou mais por esse ou aquele tipo de solução, ao que me parece, seria pouco praticável visto que a quantidade de ocorrências seria desproporcional. Além disso, minha pesquisa se caracteriza por uma abordagem qualitativa dos dados e não quantitativa.

Logo, minha opção — analisando as traduções dos diferentes tradutores e das tradutoras — foi por observar características que, sendo manifestadas pelas escolhas pessoais, compõem possíveis marcas estilísticas desse coletivo de profissionais sublinhadas no texto traduzido. Tal proposição parece se assemelhar à contribuição dada por Saldanha (2011) ao sugerir uma abordagem que mescla entre a noção de estilo como atributo pessoal e atributo textual. Porém, no caso das minhas análises, enfatizando o grupo.

Ainda nesse contexto, é importante lembrar que, como afirma Saldanha (2011), embora pareça simples identificar marcas estilísticas, na prática, demonstrar de que maneira elas se manifestam em textos traduzidos é, relativamente, mais complexo do que constata-las em textos não traduzidos, pois, no caso destes últimos, as escolhas linguísticas são evidências de estilo autoral. Mas, para observar estilo de tradutores e

tradutoras, não se deve explicá-lo como evidência do estilo do autor ou autora e, por assim dizer, pautá-lo sob o ponto de vista do estilo do autor do texto de partida.

Assim sendo, considerando que — como destaquei anteriormente (seção 2.4) citando Wolf (2007) — toda tradução está inserida em contextos sociais, aparenta fazer sentido considerar que, em alguma medida, por estarem todos em uma mesma instituição e serem colegas de trabalho, as escolhas tradutórias possam ser influenciadas pelo contexto em que esses profissionais estão, além de estarem inseridos em um período histórico específico, período esse que afigura uma espécie de expansão da demanda por materiais traduzidos para Libras.

Desse modo, tendo como base o *corpus* analisado, no que diz respeito aos tipos de solução de tradução a que os tradutores e tradutoras lançaram mão, busco, mais do que contabilizar ocorrências, explorar o que elas podem significar em um sentido mais amplo. Sendo assim, antes de refletir acerca daquilo que os dados podem sugerir, importa apresentar a Tabela 6, em que exponho os tipos de solução de tradução sugeridos por Pym (2016; 2018) e Severino (2019) e o número de ocorrências que mais se destacaram para cada tipo na AIET em Libras. Cada um dos itens listados já foi analisado na seção 3.3.1 na ocasião em que trato, especificamente, sobre o assunto; além de poder ser observado, individualmente, em mais detalhes no Apêndice II, ao final deste trabalho.

| | TIPOS DE SOLUÇÃO DE TRADUÇÃO | Nº DE OCORRÊNCIAS QUE SE DESTACARAM |
|------------------|------------------------------|-------------------------------------|
| PYM (2016; 2018) | CÓPIA DE PALAVRAS | 15+ |
| | CÓPIA DE ESTRUTURA | 6 |
| | MUDANÇA DE PERSPECTIVA | 6 |
| | MUDANÇA DE DENSIDADE | 16 |
| | RESSEGMENTAÇÃO | 3 |
| | COMPENSAÇÃO | 8 |

| | | |
|-----------------|---------------------------------|----|
| SEVERINO (2019) | CORRESPONDÊNCIA CULTURAL | 9 |
| | ADAPTAÇÃO DE TEXTO | 19 |
| | PERGUNTA SEMIRRETÓRICA/RETÓRICA | 15 |
| | RECURSO ESPAÇO-VISUAL | 3 |
| | REPETIÇÃO/REFORÇO | 3 |

Tabela 6: Tipos de solução de tradução e quantidade de ocorrências destacadas

Exposto isso, parece ficar evidente que, dentre as ocorrências coletadas durante as análises, algumas soluções se manifestaram mais proeminentes que outras. É o caso, por exemplo, da Cópia de Palavras, Mudança de Densidade, Adaptação de Texto e Pergunta Semirretórica/Retórica. Diante disso, parece coerente afirmar que os tipos de solução de tradução mais patentes — com exceção da categoria Cópia de Palavras — sugerem uma espécie de comportamento que implica mudanças no texto traduzido e, consequentemente, maior intervenção por parte dos tradutores e tradutoras.

Nesse sentido, ter um número significativo de ocorrências de Adaptação de Texto, sobretudo, manifestadas pela Adição de Conteúdo (inserção de introdução e conclusão nos vídeos, por exemplo) e quantidade considerável também do tipo Mudança de Densidade parece indicar características importantes de manipulação e intervenção dos tradutores e tradutoras no texto traduzido, o que pode ser justificado também pelo fato de serem os próprios tradutores e tradutoras quem assinam a autoria dos roteiros das traduções (Apêndice I).

Essa possibilidade de intervenção no texto sugere também uma preocupação que vai ao encontro das contribuições de Saldanha (2011) na ocasião em que a pesquisadora chama atenção para a possibilidade de pesquisas estilísticas em tradução impulsionarem estudos acerca da ideologia na tradução. No nível macro, os dados obtidos parecem indicar uma preocupação dos tradutores e tradutoras destinada ao texto de chegada e não restrita ao texto de partida, o que informa, em alguma medida, o tipo de concepção de tradução que esse grupo de profissionais (consciente ou inconscientemente) assume.

Ainda assim — uma vez que, sob minha perspectiva de análise, os dados apontam como sendo característico desse grupo a possibilidade de intervenção e manipulação dos textos —, talvez seja interessante questionar o porquê da quantidade de ocorrências do tipo de solução Cópia de Palavras. Como destacado anteriormente, por Cópia de Palavras estou considerando o uso de datilologia, que é usual na Libras para fazer referência a substantivos próprios ou a determinados termos ou conceitos que ainda não possuem sinal específico, por exemplo. A Cópia de Palavras poderia sugerir um menor grau de intervenção dos tradutores e das tradutoras. No entanto, como pôde ser observado nos exemplos destacados, há ocorrências da referida solução em que, mesmo havendo sinal já consolidado para determinados termos, a opção foi usar a Cópia de Palavras para dar ênfase. O que, portanto, parece reforçar a habilidade dos tradutores e tradutoras em recorrer a soluções diversas para finalidades igualmente distintas.

A respeito da Pergunta Semirretórica/Retórica, parece coerente argumentar que se trata de uma categoria que, por ser evidenciada por recursos linguísticos da língua do texto de chegada, quando utilizada, também reforça a ideia de que os tradutores e tradutoras estão mais interessados na fluência do texto em Libras e não limitados ao texto de partida. Isso parece convergir com aquilo que Barcellos (2016), citando Baker (2004), enfatiza ao pontuar que a pesquisadora, analisando determinado *corpus*, à época, identificou a preferência, por parte dos tradutores e tradutoras, pela fluência nos textos traduzidos e acrescentou como característica desses textos — traduzidos — o emprego de elementos linguísticos realizando determinadas soluções tradutórias. Nesse sentido, de acordo com Barcellos (2016), seria coerente dizer que a opção por determinadas soluções pode estar relacionada com o estilo dos tradutores e das tradutoras.

Dito isso, sem o desejo de ser anacrônico — já que discorrerei a respeito da multimodalidade somente na próxima seção (3.3.3) —, mas entendendo que, a opção de usar (ou não) elementos multimodais nas traduções, pode ser indicativo de marcas estilísticas dos tradutores e tradutoras, nas próximas linhas, traço algumas breves considerações a respeito do assunto.

Como destaquei anteriormente (seção 2.5), o conceito de multimodalidade carrega consigo a ideia de que o sentido pode ser constituído através de diferentes recursos semióticos. Em outras palavras, poderia dizer que existem diferentes meios de produção de sentidos e, graças à inovação tecnológica e as diversas mudanças no

contexto social, cultural e assim por diante, podemos observar as totalidades multimodais produzindo sentidos e sendo empregadas em traduções.

Nesse sentido, o interessante de ser observado, sobretudo, no que tange às análises de estilo na AIET em Libras é que os recursos de multimodalidade foram utilizados pelos tradutores e tradutoras de modo estratégico, com finalidades específicas e, tal como vários dos exemplos mencionados das escolhas de tipos de solução de tradução, adicionar esse ou aquele elemento multimodal, não se apresenta, necessariamente, obrigatório, mas sim facultativo. Sendo assim, parece coerente dizer que o uso desses elementos pode ser mais uma forma de identificar marcas estilísticas no texto traduzido e, como pude observar, o conceito de multimodalidade esteve presente em todo o *corpus* de análise sendo utilizado por todos os tradutores e tradutoras. Desse modo, a constância no uso de recursos multimodais também parece ser uma marca estilística desse grupo, sendo utilizados para dar conta de traduções de citações, por exemplo, ou mesmo como uma espécie de recurso para soluções do tipo Explicitação, por exemplo. Um aprofundamento das análises de multimodalidade será feito na próxima seção (3.3.3).

Face ao exposto, parece coerente dizer que diversas das marcas estilística dos tradutores e tradutoras individualmente são compartilhadas pelo grupo. Isso traz à tona o conceito de *habitus*, do contexto da Sociologia da Tradução, já mencionado na seção 2.4. Anteriormente, citando Rakefet (2005), destaquei que o referido conceito está relacionado às performances praticadas por indivíduos, mas que, em alguma medida, são estruturadas através de esquemas compartilhados e internalizados sob condições históricas semelhantes. Nesse sentido, até mesmo a competência tradutória poderia ser entendida como constituída a partir de um processo de socialização mais amplo e a habilidade em fazer escolhas e determinadas preferências podem ser influenciadas pela filiação de tradutores e tradutoras a certos grupos.

Como observado anteriormente, a metodologia utilizada para as traduções na ViaLibras e, conseqüentemente, utilizada pelos tradutores e tradutoras do *corpus* analisado partiu não só de pesquisas bibliográficas, como também de consultas com outros grupos que já desenvolviam tradução. Portanto, o conceito de *habitus* parece evidente através do seu *modus operandi* estruturado e estruturante. Estruturado no sentido de que não é inato, mas sim aprendido, adquirido; ao mesmo que tempo estruturante porque contribui para a formulação de normas e convenções. Nesse sentido, quando observando a noção de *habitus*, o contexto analisado, parece refletir as

experiências formativas do próprio grupo de tradutores e tradutoras da AIET em Libras, como também das práticas coletivas apreendidas em contato com outros tradutores e tradutoras quer seja de maneira consciente ou não.

Entendendo, portanto, que tradutores e tradutoras não são meros reprodutores de processos textuais, poderíamos dizer que, no caso da AIET em Libras e de maneira mais abrangente na ViaLibras, a busca por metodologia em outros setores pode, de certo modo, ter influenciado a maneira como a atividade é praticada no projeto de extensão, mas, ao mesmo tempo, uma vez que a metodologia está estabelecida, ela também exerce influência e pode reconfigurar o *campo* (fazendo referência ao conceito bourdieusiano). E, nesse caso, entenda-se por *campo* o contexto de tradução das línguas de sinais, mais especificamente a Libras, mas, de modo geral, também o contexto dos Estudos da Tradução, que, como vimos com Tymoczko ([2006] 2014), deve comportar novas concepções de tradução para além das ocidentais e — acrescento eu — também das línguas de menor prestígio social.

Desse modo, parece importante destacar que, com as análises feitas fica observado que a dimensão linguística, evidentemente, tem sua importância, mas os aspectos sociais não devem ser pontos cegos para os quais não nos atentamos quanto às análises de estilo. Ou seja, há outras camadas de investigação — além daquelas linguísticas — cujas explicações quanto às motivações podem ser encontradas na formação sociocultural e na ideologia do tradutor ou da tradutora. O conceito de *habitus*, nesse sentido, se mostra bastante operacional de modo que faz uma espécie de elo entre aquilo que é individual e/ou subjetivo e aquilo que aprendemos socialmente quer seja nos períodos de formação profissional, ou assimilado nos lugares que trabalhamos, nas trocas com colegas de profissão ou entre instituições ou mesmo as orientações que recebemos e aquilo que em determinado momento aprendemos a usar. E, desse modo, é um conceito que tem forte relação com as escolhas tradutórias e, conseqüentemente, com os tipos de solução de tradução.

Nesse sentido, o uso dos tipos de solução de tradução adotados pelos tradutores e tradutoras da AIET em Libras, quer sejam aqueles listados por Pym (2016; 2018) quer sejam aqueles salientados por Severino (2019), além do modo de utilização ou não de recursos multimodais, uma vez que, facultativos, parecem comprovar que são marcadores estilísticos importantes. Além disso, o aspecto social trazido pela concepção de *habitus* tradutório e, conseqüentemente, as escolhas dos tradutores e das tradutoras deixando evidente sua filiação ao *campo* e a dimensão estruturada e estruturante do

habitus demonstra importância significativa e, portanto, não deve ser desconsiderada quando analisando estilo em tradução.

Além disso, parece interessante sublinhar que a filiação de tradutores e tradutoras a determinados grupos poderia contribuir para o desenvolvimento de competência tradutória — sob uma perspectiva sociológica — configurando, portanto, uma hipótese inicial de tese de doutorado a ser explorada futuramente.

3.3.3

Retomando o conceito de multimodalidade aplicado à tradução

Antes de dar prosseguimento à discussão proposta, penso ser relevante, sobretudo na presente seção, retomar a ideia de que, embora o assunto central de discussão envolva uma língua de sinais (a Libras), ainda assim trata-se de uma língua constituída por elementos verbais. Em outras palavras, mesmo que tal língua, a Libras, seja, linguisticamente, caracterizada por sua modalidade visual-gestual, não estamos lidando aqui com uma linguagem não-verbal.

Exposto isso, partindo do pressuposto de que textos escritos — e aqui faço uso do termo me referindo, especificamente, a textos escritos no que se refere às línguas orais — também são multimodais (BARROS, 2009), antes de analisar, propriamente, os vídeos traduzidos, procurei observar na AIET em português características marcadamente multimodais. Nesse sentido, vale destacar que, como pondera Barros (2009), não só a linguagem como também a diagramação, qualidade do papel, formato e cor das letras e outros elementos impactam nos sentidos produzidos através dos textos. Desse modo, meu ponto de partida foi observar, na apostila em português, elementos que pudessem se destacar, visualmente, acreditando que eles poderiam sugerir a utilização de elementos multimodais também nas traduções.

Dito isso, vale lembrar que as análises feitas na AIET em português se deram a partir da versão digital (arquivo em PDF) e não de uma versão impressa. Sendo assim, características como tamanho ou qualidade do papel não se aplicam. No entanto, como resultado de uma primeira investigação, pude constatar que, além das cores da capa (Figura 2) e as imagens que compõem as páginas de início de cada capítulo, no decorrer de toda a apostila, elementos como caixas de texto — que aparecem com diferentes

rótulos (reflita, debate, pesquisa) —, citações, notas de rodapé, destaques/definição de conceitos e palavras em negrito se destacavam. Como minha hipótese é de que o uso de elementos multimodais pode fomentar tipos de soluções tradutórias, foquei naqueles elementos que, possivelmente, trariam à tona soluções de que os tradutores e as tradutoras poderiam lançar mão. Para esclarecer, alguns desses elementos podem ser verificados nas Figuras 19, 20 e 21, abaixo.



Figura 19: Caixas de texto (reflita, debate e pesquisa) extraídas da AIET em português

A tradução intralingual é aquela que ocorre dentro de uma mesma língua. Essa operação normalmente é conhecida como paráfrase ou reformulação e consiste na interpretação dos signos verbais de uma língua por outros da mesma língua.

Segundo Jakobson,

"a tradução intralingual de uma palavra utiliza outra palavra, mais ou menos sinônima, ou recorre a um circunlóquio. Entretanto, via de regra, quem diz sinonímia não diz equivalência completa [...] (1999: 64).

Figura 20 : Elementos em destaque/definição de conceitos e citação (com recuo) extraídos da AIET em português

Ásia: Entre os séculos XVI e XVIII, o português atuou como língua franca nos portos da Índia e sudeste da Ásia. Atualmente, a cidade de Goa, na Índia, é

³ "Lusofonia": segundo o Dicionário Aurélio: 1. Adoção da língua portuguesa como língua de cultura ou língua franca por quem não a tem como vernáculo; tal como ocorre, p. ex., em vários países de colonização portuguesa. 2. Comunidade formada por povos que habitualmente falam português.

Figura 21: Elementos em negrito e nota de rodapé extraídos da AIET em português

Identificados os elementos que, a princípio, se destacaram por serem, marcadamente, multimodais no texto em português, a etapa seguinte foi observar de que maneira eles eram apresentados (se apresentados) nas traduções para Libras.

Desse modo, pude constatar, por exemplo, que na AIET em Libras, em geral, as caixas de texto (reflita, debate e pesquisa) são informadas na plataforma da videoteca por meio do sumário. Nele, o expectador pode identificar em que tempo, no vídeo, as caixas aparecem. Descrevendo, propriamente, as soluções utilizadas pelos tradutores e tradutoras para dar conta dos referidos elementos nas traduções para Libras, posso destacar que elas — as caixas de texto — se diferenciam por terem seu conteúdo antecipado por cartelas de fundo branco e bordas vermelhas (o que parece fazer alusão às cores da capa na versão em português) acrescidas, a depender do caso, das palavras “Reflita”, “Debate” e “Pesquisa”. Na sequência, aparece o tradutor ou a tradutora que, em algumas situações, é o mesmo ou a mesma que participa de todo o vídeo e em outras não. Portanto, pode haver alternância de tradutores e tradutoras, o que chama atenção para o fato de que determinado trecho difere de outras partes do texto, como ocorre na apostila em português. Além disso, a imagem dos tradutores e tradutoras, durante a sinalização em Libras das caixas de texto, aparece emoldurada por bordas vermelhas e os profissionais trajam camisa também na cor vermelha. Para exemplificação, temos a Figura 22, abaixo.

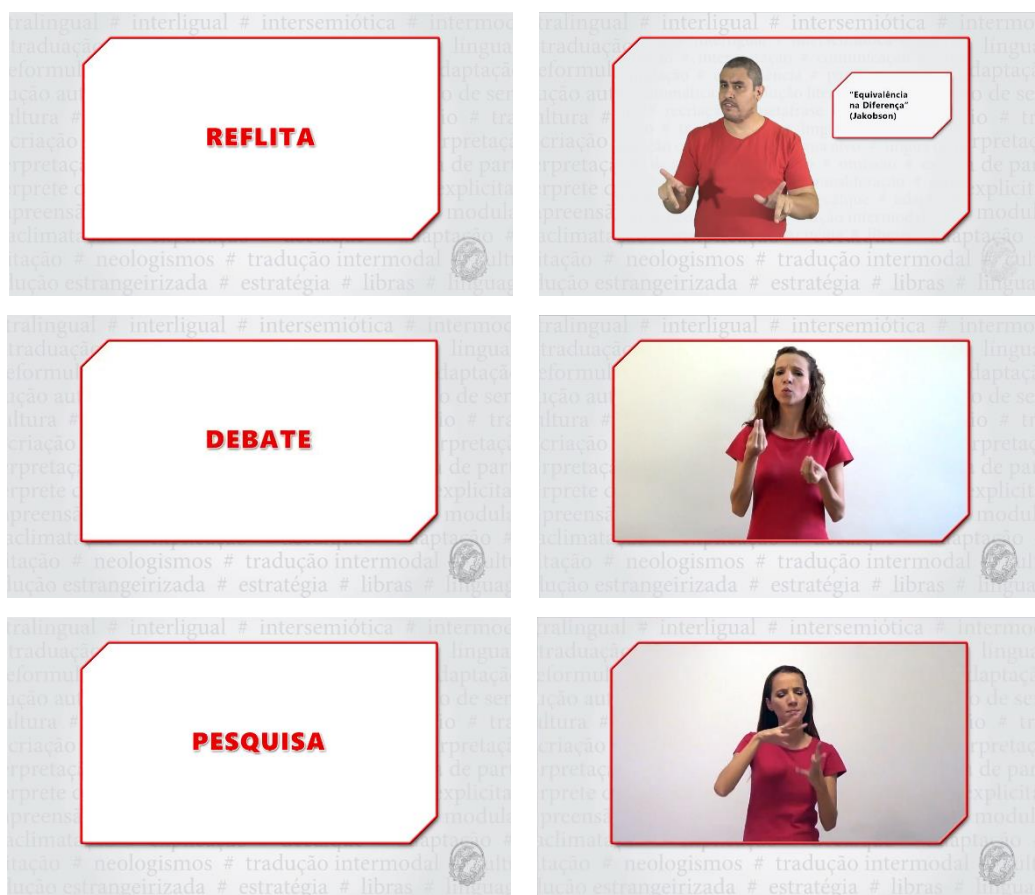


Figura 22: Exemplos de caixas de texto na AIET em Libras

A respeito das citações diretas (destacadas com recuo), pude observar que, ao longo das traduções, elas aparecem de maneiras diferentes. Em algumas situações, sobretudo naqueles vídeos de publicação mais antiga, entra em tela uma cartela de fundo branco e bordas vermelhas, como nas caixas de texto, porém com o conteúdo em português em letras pretas. Depois de alguns segundos em tela, a cartela é retirada dando lugar ao tradutor ou tradutora que segue traduzindo a informação da citação. Na análise feita, pude constatar que, dependendo do vídeo, também há alternância entre tradutores e tradutoras não sendo, portanto, sempre o mesmo profissional a traduzir o texto e a citação. Outra observação que merece destaque é que, para as citações, os tradutores e tradutoras usaram camisa preta. Em tempo, vale ressaltar que uma outra forma de traduzir as citações foi identificada: em alguns casos, aparecem, simultaneamente em tela, citação em português e tradutor ou tradutora sinalizando o seu conteúdo, como pode ser esclarecido na Figura 23. Analisei também que houve casos em que a citação foi traduzida sem que fossem destacadas por meio de cartelas.

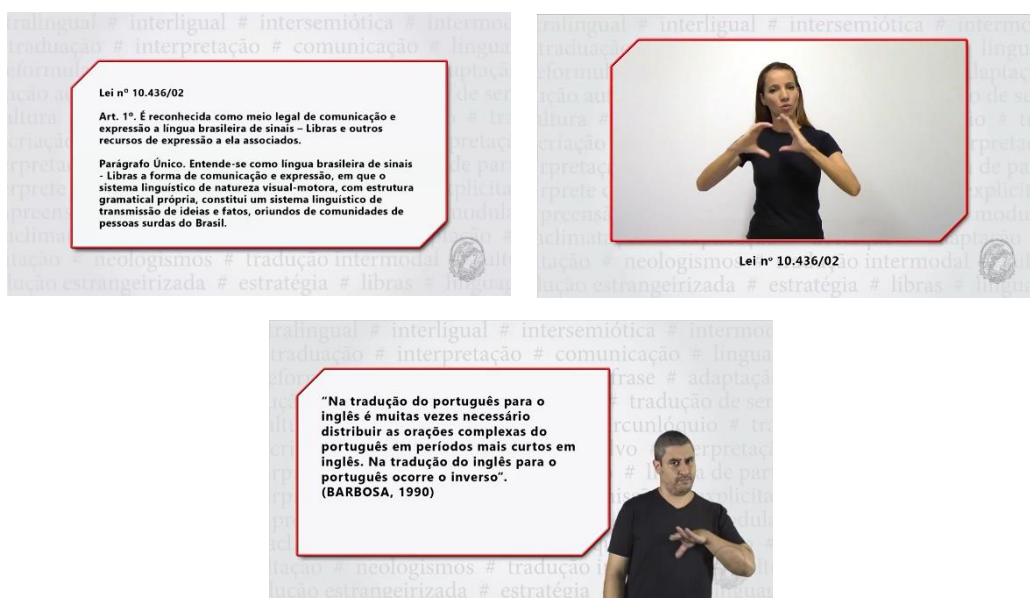


Figura 23: Exemplos de citações na AIET em Libras

Quanto às notas de rodapé, também há variação nas soluções. Em alguns casos, a tradução da informação em nota ocorre logo na sequência em que o termo referenciado aparece na sinalização. Em outros, o tradutor ou tradutora do texto é substituído(a) por outro(a) profissional diferente daquele(a) que sinaliza ao longo do vídeo. Além disso, há ocorrência em que duas notas distintas — que, inclusive, na AIET em português também aparecem em páginas diferentes — foram traduzidas uma após a outra, sem que houvesse interrupção ou inserção de outras informações entre elas. Foi observado também que, geralmente, para as notas, os tradutores e tradutoras vestem camisa de cor preta e aparecem no vídeo envoltos em moldura vermelha como os demais destaques. Em algumas das ocorrências de tradução de notas, determinadas palavras destacadas na apostila em português aparecem em vídeo, na cor preta, abaixo do tradutor ou da tradutora enquanto ele ou ela sinaliza. Outro ponto, por mim, observado foi que houve duas ocorrências de nota de rodapé que constam no texto em português da AIET — “celibatário” (p. 22) e “esta apresentação resumida...” (p. 52) — e não aparecem nas traduções. Possivelmente, o ocorrido se deu pelo fato de os tradutores e tradutoras terem considerado a informação acessória, sem que houvesse comprometimento no entendimento do texto ou por entenderem que a informação já havia sido contemplada ao longo do texto. Ainda sobre as citações, pude observar que — como ocorre no Vídeo 9 (03:49) — o tradutor ou tradutora faz datilologia de determinada palavra, sem a necessidade de dar grandes explicações, aparecendo imagens na tela que dão conta do conceito referenciado. Além disso, há a ocorrência de duas notas de rodapé serem traduzidas em uma única cena: tradutor no centro da tela, informações em português aparecendo tanto ao lado esquerdo quanto ao direito do tradutor, seguido por cartela de fundo branco e bordas

vermelhas trazendo mais informações (por exemplo, Vídeo 10 – trechos 02:05 e 02:19). Por fim, pude analisar que notas de rodapé também podem aparecer em formato de vídeo acrescidas de pequenas informações em português, como ocorre no Vídeo 12 (12:07).

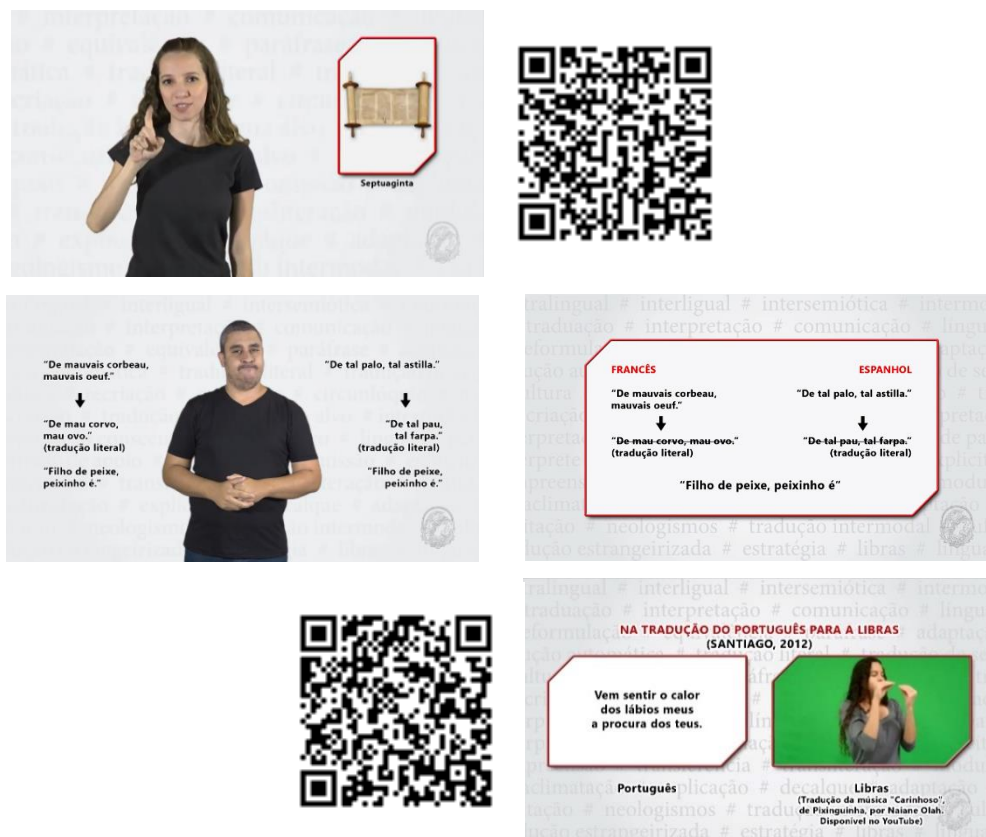


Figura 24: Exemplos de notas de rodapé na AIET em Libras

Dito isso, na categoria destaques/definições de conceitos, da apostila em Libras, uma das possibilidades de ocorrência observadas é a introdução ou não por cartela de fundo branco e bordas vermelhas, como ocorre com as caixas de texto, por exemplo. Os destaques/definições de conceitos são inseridos diretamente no texto com o tradutor ou a tradutora mais uma vez envolto por bordas vermelhas e, como nos outros elementos, em algumas das ocorrências, há troca de tradutores e tradutoras. Em outras palavras, não necessariamente o mesmo tradutor ou tradutora que aparece ao longo do vídeo é o mesmo que sinaliza os destaques. Além disso, há vezes em que o tradutor ou tradutora veste camisa verde, o que não acontece em outras categorias e outras em que veste camisa preta. Em alguns casos, embora no texto em português haja recuo e letras destacadas em negrito, pode acontecer de, na tradução, não aparecer nenhum tipo de destaque como o uso de cartelas ou bordas coloridas, por exemplo. Pude contatar também momentos em que os destaques/definições de conceitos são apresentados com o tradutor ou tradutora recuado à esquerda da tela para que fosse possível a inserção de elementos como imagem de pesquisadores

e ano de seus nascimentos simultaneamente à sinalização. A figura abaixo apresenta alguns dos exemplos observados.



Figura 25: Exemplos de destaques/definições de conceito na AIETem Libras

No que diz respeito às palavras grafadas em negrito na apostila em português — como pode ser observado na seção Apêndices, especificamente, na tabela de detalhamento dos elementos iniciais identificados na AIET em português, foram ao todo quarenta e quatro (44) ocorrências —, não identifiquei nenhum tipo de solução específica para dar conta delas, salvo aquelas que, além de grafadas em negrito, também compunham outros elementos, como é o caso das palavras em negrito das notas de rodapé ou dos destaques/definições de conceitos. Sendo assim, a ênfase ocorreu por se tratar de outro elemento e não, propriamente, por ter sido grafada em negrito no texto de partida. No entanto, na maioria dos casos, elas aparecem no glossário dos vídeos, nas palavras-chave da plataforma ou, eventualmente, ao longo do texto.

Nesse sentido, como enfatizado há pouco, as caixas de texto (reflita, debate, pesquisa), as citações diretas com recuo no texto, as notas de rodapé e os destaques/definições de conceitos aparecem nas traduções por meio de elementos multimodais. Em síntese, eles podem ser

observados por meio de recursos que variam, mas, em geral, configuram-se como mostra a Tabela 7, abaixo.

| AIET em português | AIET em Libras |
|--|--|
| Caixas de texto (reflita, debate, pesquisa) [16 ocorrências] | Destacadas com a entrada de cartela de fundo branco e bordas vermelhas; na maioria dos casos, há alternância de tradutores(as); tradutor(a) emoldurado(a) em retângulo de bordas vermelhas; tradutor(a) trajando camisa vermelha. Geralmente, indicadas, na plataforma, por meio do sumário, onde o leitor pode identificar o tempo, no vídeo, em que as caixas de texto aparecem. |
| Citações [9 ocorrências] | Destacadas com entrada de cartela de fundo branco e bordas vermelhas com a citação escrita em português; na sequência, tradutor(a) surge, envolto por moldura vermelha, sinalizando o conteúdo da citação apresentada anteriormente e, fora da moldura, na parte inferior da tela, aparece o nome do autor(a) à que a citação faz referência; em alguns casos, há alternância de tradutores(as); tradutor(a) trajando camisa preta; em algumas das ocorrências, a citação aparece escrita, em português, na tela e, simultaneamente, o(a) tradutor(a) sinaliza o conteúdo dela; há ocorrência em que a citação foi traduzida sem que o(a) tradutor(a) estivesse destacado(a) por molduras na cor vermelha. |
| Notas de rodapé [9 ocorrências] | Podem aparecer logo na sequência em que determinado termo é referenciado na tradução ou ao final de um bloco de informações; pode ocorrer alternância de tradutores(as); tradutor(a) envolvido(a) por moldura na cor vermelha; tradutor(a) veste camisa preta; palavra referenciada pela nota aparece, escrita em português, na parte inferior da tela; há ocorrências em que notas que, na apostila em português, estavam em páginas diferentes foram traduzidas uma após a outra, no vídeo; há ocorrência em que tradutor(a) não aparece dentro de moldura vermelha; há ocorrência em que, tradutor centralizado em tela, aparecem duas notas na mesma cena, uma ao lado esquerdo e outra ao lado direito do tradutor. |
| Destaques/definições de conceitos [8 ocorrências] | Em algumas das ocorrências, a tradução dos destaques/definições de conceitos não é anunciada por cartela de fundo branco e bordas vermelhas; porém, em outras situações, o conceito foi anunciado em cartela de fundo branco e bordas vermelhas com o conceito a ser definido escrito em português; tradutor envolto por moldura de bordas vermelhas em alguns casos e outros não; há alternância de tradutores(as) em algumas das ocorrências; tradutor(a) trajando camisa verde ou preta. |
| Palavras em negrito [44 ocorrências] | - |

Tabela 7: Síntese de elementos multimodais iniciais

Exposto isso, vale pontuar que, além dos elementos multimodais inicialmente observados na apostila em português e as soluções encontradas pelos tradutores e tradutoras na AIET em Libras, pude constatar que a ideia de multimodalidade esteve presente ao longo das traduções de outras maneiras. Sobre algumas delas, especialmente aquelas que podem indicar tipos de solução de tradução, discorrerei nas linhas que se seguem.

Desse modo, se faz necessário destacar o uso de elementos multimodais não só nas situações já mencionadas como também para acompanhar datilologia de termos, nomes próprios, como se pode observar, por exemplo, no Vídeo 2 (00:48), Vídeo 3 (02:00), Vídeo 5 (01:02) e outros e na Figura 26, abaixo.



Figura 26: Exemplos de elementos multimodais a acompanhados de datilologia

Outra maneira observada de fazer uso de elementos multimodais nas traduções é para estabelecer esquemas — como no Vídeo 2 (01:14) e no Vídeo 4 (06:22) — que não necessariamente aparecem no texto de partida, mas que contribuem para que o tradutor ou a tradutora solucione problemas de tradução e torne a informação mais palatável para o leitor da tradução.

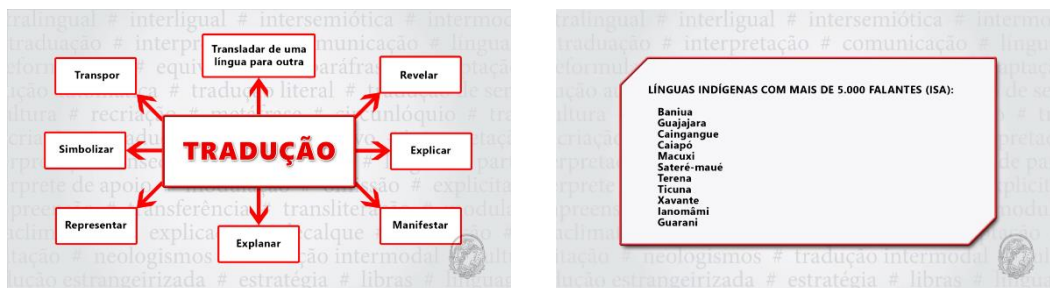


Figura 27: Exemplos de elementos multimodais estabelecendo esquemas

Ainda nesse contexto, constatei a multimodalidade presente não só na inserção de imagens específicas, como ocorre no Vídeo 2 (07:34) e no Vídeo 3 (02:21), como também quando são adicionados trechos de vídeos ou filmes. Em alguns casos, isso ocorre quando o texto de partida faz menção a determinadas obras — por exemplo, no Vídeo 3 (08:59) em que aparece trecho do filme *Avatar* e, no mesmo Vídeo 3 (10:09), quando o filme *A intérprete* é mencionado —, mas também há ocorrências de inserção de vídeo não referenciados pela AIET em português. Para exemplificar, posso destacar o Vídeo 8 (07:23), em que aparece um pequeno vídeo mostrando o uso do Google Tradutor; o Vídeo 11 (09:05), na ocasião em que aparece um vídeo com exemplo de interpretação simultânea; e em outro trecho (10:53), em que aparece um vídeo com exemplo de interpretação consecutiva. Algumas dessas ocorrências podem ser observadas a seguir.

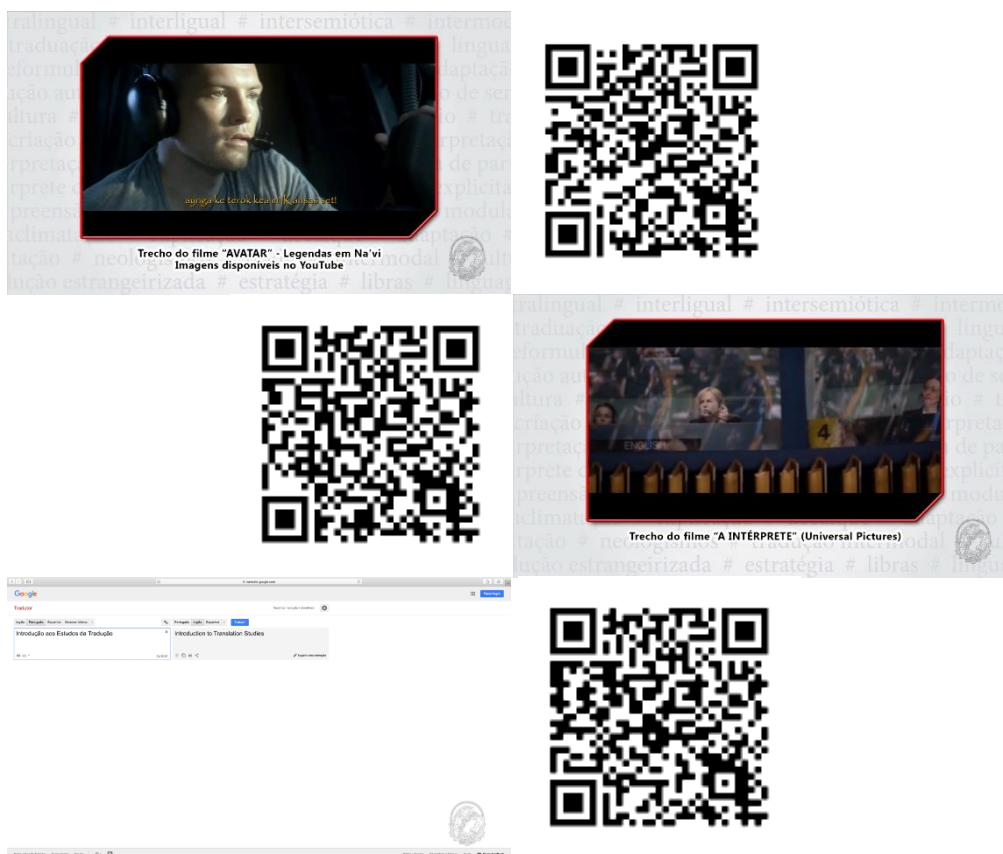


Figura 28: Exemplos de elementos multimodais em inserções de vídeos

Como venho argumentando, parece coerente afirmar que a multimodalidade pode ser útil para tradutores e tradutoras solucionarem problemas tradutórios. Tal argumento parece se confirmar quando, por exemplo, ao longo da apostila em Libras, para darem conta e fazerem referência a ditados populares, frases ou expressões específicas e, portanto, culturalmente marcadas em português ou outras línguas (francês e inglês), os tradutores e tradutoras lançaram mão da multimodalidade, apresentando os termos, por escrito, no vídeo. Isso ocorre, por exemplo, no Vídeo 10 (00:54; 01:06; 03:12; 07: 24), no Vídeo 12 (02: 57) e em outros. A seguir, podem ser visualizados alguns dos exemplos do tipo de solução de tradução utilizado para dar conta de determinadas expressões.

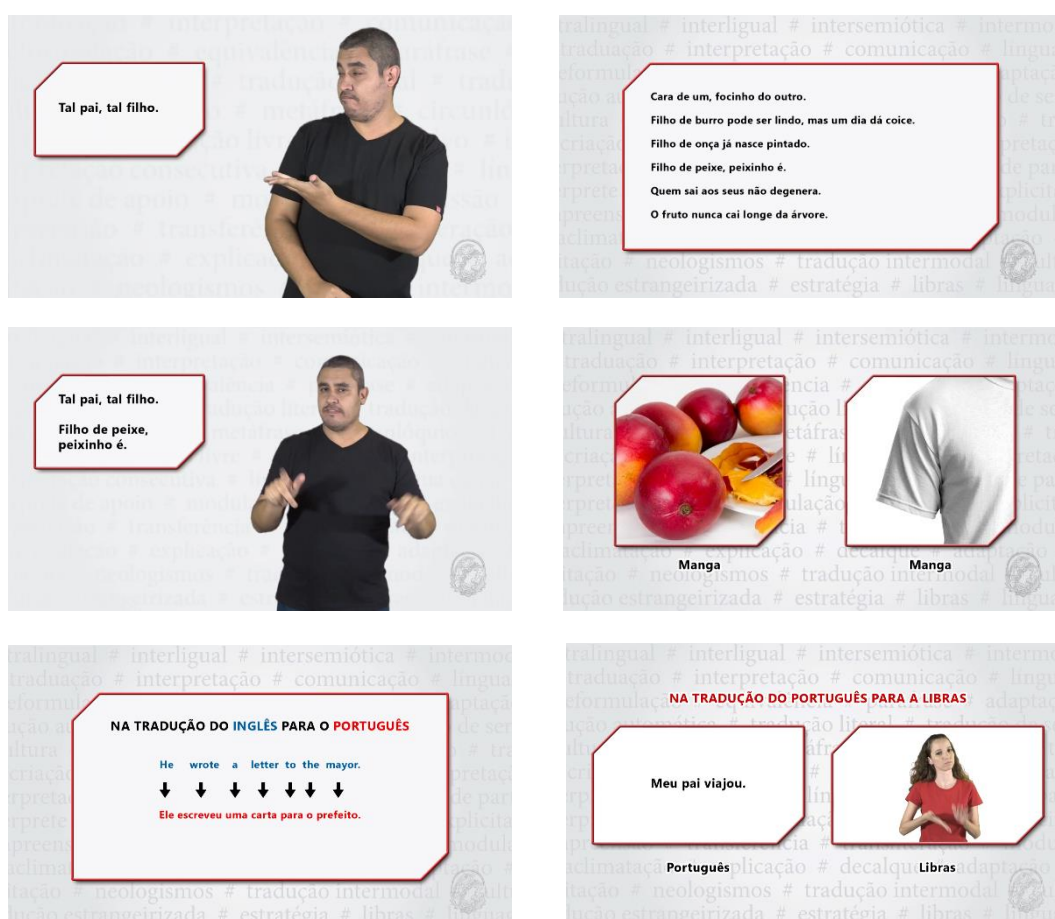


Figura 29: Exemplos de elementos multimodais utilizados em itens culturalmente marcados

Além dos exemplos já mencionados, outro tipo de solução de tradução encontrada fazendo uso de elementos multimodais foi acrescentar mapas e tabelas em tela, o que ocorre, por exemplo, no Vídeo 5 (02:19; 02:57; 09:18) e no Vídeo 6 (01:13). Tais exemplos parecem ser mais um caso em que, não fossem os elementos multimodais, seria dispendioso e contraproducente traduzir cada um dos números, nomes e demais informações de tabelas ou descrever países um a

um. Foram observados também elementos multimodais ao acrescentarem linhas do tempo, marcando períodos cronológicos. As informações que aparecem em texto corrido na apostila em português são transformadas em linhas do tempo ao lado da sinalização dos tradutores e das tradutoras. Isso pode ser constatado, por exemplo, no Vídeo 9 (12:27; 15:16), como também no Vídeo 11 (01:14). Na figura abaixo podem ser observados alguns exemplos.

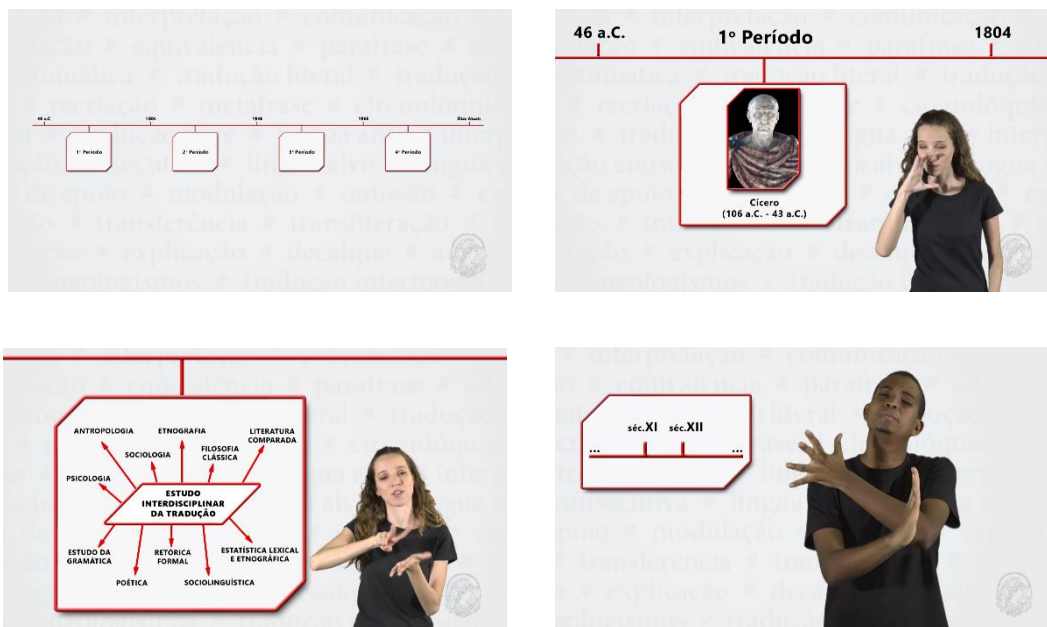


Figura 30: Exemplos de elementos multimodais usados para marcar períodos cronológicos

Por fim, para finalizar esta seção, importa salientar que, durante minhas análises, no que diz respeito à multimodalidade, alguns pontos chamaram atenção. Alguns dos elementos multimodais que aparecem ao longo das traduções parecem seguir um tipo de comportamento que, no presente trabalho, estou definindo como redundante. Por redundante, quero dizer que se repete. Explico: alguns dos grafismos, imagens e elementos multimodais que aparecem durante as traduções repetem ou reforçam o que está sendo sinalizado pelos tradutores e tradutoras. Isso ocorre, por exemplo, no Vídeo 7 (00:49), Vídeo 8 (00:21) ou, ainda no Vídeo 8 (07:15), quando a tradutora sinaliza “Google Tradutor” e aparece o ícone da ferramenta mencionada. O mesmo acontece no Vídeo 9 (06:25) e em outros casos em que o tradutor ou a tradutora sinaliza o nome e/ou sinal de um autor e aparece em tela a foto e o nome de quem foi referenciado. Em outros casos, não só foto como também alguma frase que foi dita por determinado teórico é apresentada em português (escrito na tela) e sinalizada em Libras pelo tradutor ou tradutora. Nesse sentido, me parece coerente afirmar que, mesmo que redundantes, ambas as informações contribuem para a

coesão dos textos. A este comportamento e, ao que parece, a esta característica geral de determinados tipos de solução de tradução nomeio como *multimodalidade redundante*.

Para esclarecer meu argumento, apresento abaixo alguns exemplos de multimodalidade redundante.

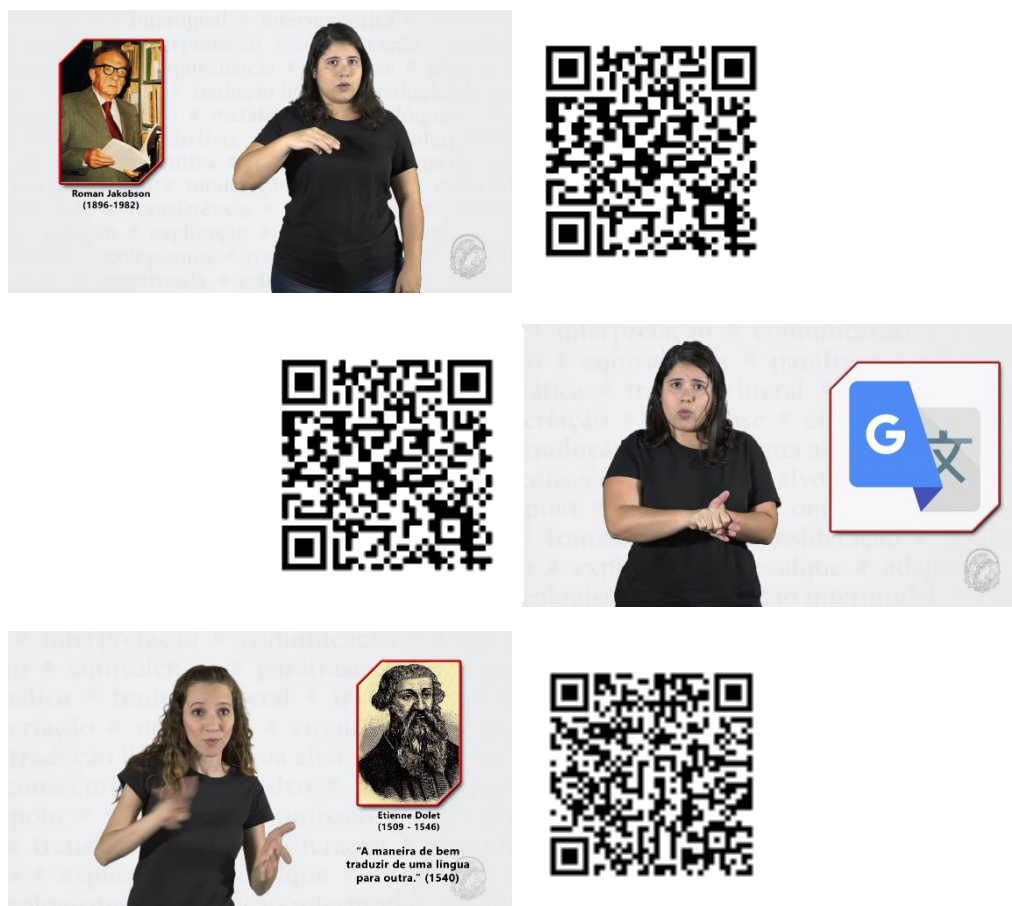


Figura 31: Exemplos de multimodalidade redundante

Por outro lado, alguns dos elementos multimodais observados nas traduções parecem se comportar como em oposição ao comportamento exemplificado acima. Há aqueles trechos na apostila em Libras em que a informação sinalizada pelo tradutor ou tradutora concorre com a informação trazida pelos grafismos e outros elementos que aparecem na tela. Esse comportamento concorrente pode ser identificado, por exemplo, quando, em todo início de vídeo, sem que o tradutor ou tradutora diga o seu nome e/ou sinal, aparece uma espécie de legenda na parte inferior da tela dando os créditos ao tradutor ou à tradutora que aparece. Para citar um exemplo em que isso ocorre, temos o Vídeo 4 (00:34). Já no Vídeo 7 (03:28 até 04:12), aparece uma série de imagens adicionais, que não estão presentes no texto de partida e que não são exatamente citadas na sinalização do tradutor. Mesmo que as informações se complementem, elas parecem estar em

concorrência (grafismos e sinalização do tradutor). É diferente, por exemplo, de quando ocorre de aparecer a imagem e nome de um autor e, durante a sinalização, o tradutor ou a tradutora repetir e reforçar a informação. Ainda no Vídeo 7 (agora no trecho que vai de 09:21 até 09:36), o tradutor, seguindo o texto de partida, fala da pintura que se transforma em romance, de romance que vira filme assim por diante. Parece mais um exemplo em que fica evidente o comportamento de concorrência entre as informações, visto que o tradutor, durante a sinalização, fala de pintura, romance etc., mas em nenhum momento faz menção ou referência específica àquelas imagens. No Vídeo 9, no trecho que vai de 13:43 até 13:54, pode ser observado mais um exemplo do que chamo de comportamento concorrente. Enquanto a tradutora está sinalizando outras informações, vai aparecendo, sem pausa, uma sequência de pelo menos cinco (5) imagens de autores acompanhados pelos seus respectivos nomes e ano de nascimento e morte, sem que seja feita referência explícita aos recursos de multimodalidade em tela. Nesse sentido, é importante dizer que não se trata de um traço negativo ou ruim. Ao contrário, as duas informações concorrentes parecem contribuir para o todo semiótico e compreensão global do texto. Assim sendo, a esse comportamento e, por assim dizer, outra característica geral de determinados tipos de solução de tradução chamo de *multimodalidade concorrente*.

Abaixo pode ser observado um dos momentos em que a multimodalidade concorrente aparece.



Figura 32: Exemplos de multimodalidade concorrente

Concluída a etapa de análises do *corpus* AIET em Libras — disponibilizado no site da ViaLibras — em que busquei responder as perguntas que me impulsionaram a identificar possíveis respostas, retomei os conceitos de tipos de solução de tradução, estilo e multimodalidade aplicados à tradução na tentativa de observar de que maneira eles se relacionavam com a tradução da já referenciada apostila, na próxima seção (4) me dedicarei às conclusões de pesquisa.

Conclusões da pesquisa

Depois do campo dos Estudos da Tradução atravessar diferentes mudanças paradigmáticas ressaltadas, sobretudo, pelo conceito de “viradas” — cultural, do poder, sociológica e outras —, anteriormente sinalizadas por contribuições como as de Snell-Hornby (2006; 2010), por que retomar às teorias de base linguística e analisar tipos de solução de tradução? O que torna o assunto relevante a ponto de fazer jus à reflexão acadêmica? Primeiramente, é necessário dizer que, como destaquei outrora, há valor pedagógico no uso do conceito. Em outras palavras, como destacam Pym e Torres-Simón (2015), a despeito das críticas que muitas das listas de soluções tradutórias recebem — principalmente justificadas por serem desprovidas de base cognitiva ou mesmo por se restringirem a pares linguísticos específicos —, a manutenção das categorias e a reprodução delas em cursos de formação de tradutores e tradutoras sugere, em algum nível, uma dada aplicabilidade didática dos tipos de solução de tradução. Em segundo lugar, embora estejam disponíveis publicações como as de Quadros e Souza (2008), Santiago (2012), Spicacci (2018), Dutra Júnior (2018) e Avelar (2020), até o momento ainda pouca contribuição foi dada no que diz respeito, especificamente, à análise de tipos de solução de tradução — nos termos de Pym (2016; 2018) — entre pares de línguas que contemplem ao menos uma língua de sinais, em especial, o par português-Libras. Nesse sentido, diante de um cenário nacional que parece figurar um aumento na demanda por traduções de textos escritos em português para Libras, a importância da reflexão acadêmica do assunto está tanto na sua aplicabilidade didática quanto, no caso desta dissertação, na expansão do conceito e na definição das categorias de maneira a acomodar o par linguístico específico de minha análise.

Soluções tradutórias, em um contexto mais amplo, têm recebido atenção desde as contribuições de Vinay e Darbelnet (1958), mesmo que, à época, sob a terminologia *procedimentos*. Como destacado ao longo desta dissertação, ocorre certa dificuldade em nomear o fenômeno, o que leva pesquisadores e pesquisadoras a aderirem a diferentes terminologias como *técnicas*, *estratégias*, *modelos de tradução* e outras, cada uma delas conduzindo a implicações diversas e, em alguns casos, tornando a conceituação do fenômeno nem sempre explícita. Aqui, assumidamente, optei pela definição proposta

por Pym (2016; 2018) de *tipos de solução de tradução* por entender que minhas análises desde o início estiveram pautadas na comparação de textos, o que não configura uma pesquisa de processo, embora indícios do processo de tradução possam ter sido evidenciados ao analisar o produto.

Nesse sentido, a seleção do *corpus* se deu não só pelo meu envolvimento pessoal com o projeto (por ter participado da tradução), mas, sobretudo, com o objetivo de que, tendo em vista suas características, — variedade de profissionais envolvidos, que seguiram etapas rigorosas para realização do trabalho e que cederam os direitos de imagem e autoria das traduções para que o material pudesse ser veiculado na internet, além de ser uma apostila completa de sequenciação disponível em um único lugar — pudesse evidenciar tipos de solução de tradução adotados pelos tradutores e tradutoras. Isso implica dizer que, embora a escolha tenha sido por analisar a AIET em Libras, o uso de outros *corpora* seria igualmente válido para análises sob a perspectiva dos tipos de solução de tradução no par português-Libras.

Dito isso, espero que, as discussões travadas ao longo desta dissertação acrescidas das conclusões que apresento nas próximas linhas, possam impulsionar novas contribuições no que diz respeito às pesquisas sobre tipos de solução de tradução, em especial que levem em consideração as especificidades do par linguístico referenciado neste trabalho. Acredito que outras abordagens teóricas possam trazer novas reflexões e diferentes conceitos aplicados à tradução possam, igualmente, promover análises acadêmicas relevantes que, direta ou indiretamente, facilitem a compreensão acerca de soluções tradutórias e que não requeiram o trabalho de tradutores e tradutoras à invisibilidade.

Nesta dissertação, busquei analisar soluções tradutórias e refletir sobre o conceito de *procedimentos* — cujos desdobramentos conduziram à noção de *tipos de solução de tradução* empreendida —, além de abordar os conceitos de *estilo* e de *multimodalidade* aplicados à tradução. Desse modo, para minha investigação, levantei os seguintes questionamentos:

1. Embora Pym (2016; 2018) tenha tentado categorizar tipos de solução de tradução para muitas línguas, as línguas de sinais, sobretudo a brasileira, Libras, é contemplada por sua tipologia?

Acredito que uma resposta inicial para essa pergunta seria sim. Como pude analisar ao longo da seção 3.3.1, de fato, salvaguardadas as especificidades linguísticas

da Libras (modalidade visual-gestual), pude observar mais de um exemplo da tipologia proposta pelo pesquisador sendo utilizada pelos tradutores e tradutoras que compõem o meu *corpus*. Para mim, ficou evidente a habilidade dos profissionais de tradução envolvidos no projeto em lançarem mão de determinados tipos, de maneira consciente ou não, com finalidade estratégica e específica. Mesmo que fazendo uso, por exemplo, da categoria Cópia de Palavras, que, aparentemente, seria a de menor intervenção por parte dos tradutores e das tradutoras, esse tipo de solução foi utilizado de modo intencional e não pela ausência de terminologia específica na língua. Além disso, muitas das categorias utilizadas pelos tradutores e tradutoras foram aquelas listadas na parte inferior da tabela de Pym (2016; 2018), o que sugere maior intervenção por parte dos tradutores e tradutoras.

2. As categorias que identifiquei na ocasião da elaboração do meu trabalho de conclusão de curso de especialização — *Pergunta Retórica*; *Recurso Espaço-visual*; *Repetição/Reforço* e *Transposição Redefinida* — se confirmam?

Parcialmente. Por exemplo, a respeito do que, à época, identifiquei como sendo Pergunta Retórica percebi a necessidade de refinamento na definição do conceito uma vez que, diante de novas leituras sobre o assunto e da maneira como o fenômeno se manifestou por meio dos dados, pude identificar que, em algumas das ocorrências de soluções desse tipo, as perguntas eram seguidas de respostas dadas pelo próprio tradutor ou tradutora, mas em outros casos não. Como pude observar, quando o tradutor ou tradutora lança mão desse tipo de solução sem que dê respostas ao leitor da tradução parece sugerir maior intervenção e manipulação no texto de partida, pelos tradutores e tradutoras, quando comparadas às ocorrências em que os profissionais respondem à pergunta. Desse modo, pareceu coerente não só refinar a explicação do tipo de solução mencionado como sugerir um novo nome para a categoria: *Pergunta Semirretórica/Retórica*. Sobre Recurso Espaço-visual e Repetição/Reforço, a análise do *corpus* permitiu confirmar que, sim, os tradutores e tradutoras lançam mão desse tipo de solução em suas traduções e, portanto, ambas as categorias se confirmam. No entanto, como a tipologia proposta por Pym (2016; 2018) chama atenção para o fato de que não há distinção entre Transposição e Modulação sendo, tanto uma quanto a outra, consideradas como Mudança de Perspectiva, não me pareceu coerente manter a Transposição Redefinida como uma categoria à parte, visto que ela já seria contemplada sob a ótica da Mudança de Perspectiva.

3. De que modo marcas estilísticas podem ser observadas nas traduções?

As marcas estilísticas puderam ser observadas nas escolhas feitas pelos tradutores e pelas tradutoras e, sobretudo, na recorrência de determinados tipos de solução de tradução, como também no próprio uso de recursos multimodais. Nesse sentido, embora o *corpus* selecionado tenha sido suficiente para as análises propostas no escopo deste trabalho, é importante pontuar que — em termos de discussão mais ampla acerca do conceito — seria fundamental analisar outros *corpora* (com os mesmos tradutores e tradutoras) para que, com número maior de dados, fosse possível confirmar a preferência por determinadas soluções no que diz respeito à concepção de estilo como atributo pessoal. Além disso, para aprofundar as investigações quanto à noção de estilo como atributo textual, seria interessante observar outras traduções (de outros tradutores e tradutoras) com a finalidade de destacar proeminências — no que tange ao conceito de estilo — e, assim, identificar marcas estilísticas mais específicas da AIET em Libras que a diferencia de outros textos traduzidos.

Ainda assim, diante das análises feitas sobre o assunto, pude constatar que, mesmo que outras opções estivessem disponíveis, os tradutores e tradutoras apresentaram certa tendência por determinados tipos de solução de tradução. Desse modo, apesar de, em termos probabilísticos, ter sido difícil traçar afirmações — tendo em vista que a quantidade de texto traduzido por cada um dos tradutores e tradutoras não é igual —, de um modo geral, pareceu interessante ir além de contar ocorrências, mas sim tentar identificar o que elas poderiam significar. Nesse sentido, pareceu evidente que, tanto pelos tipos de solução adotados quanto pelo uso de recursos de multimodalidade — sendo a escolha de ambos facultativa e não obrigatória —, ficou assinalada a possibilidade de intervenção e manipulação por parte dos profissionais no texto e sua utilização com finalidades específicas. Além de indicarem uma preocupação direcionada ao texto de chegada e não restrita ao texto de partida, o que pode informar o tipo de concepção de tradução que esse grupo de profissionais assume e sua preferência pela fluência do texto em Libras.

4. Além de elementos linguísticos, tais marcas também sugerem alguma espécie de componente social?

Diante das análises, parece coerente dizer que sim. Especificamente sobre esse ponto, a concepção de *habitus* da Sociologia da Tradução se mostrou bastante relevante

ao longo de minhas investigações. Entendendo que o referido conceito sugere que as performances praticadas pelo indivíduos são estruturadas por meio de esquemas compartilhados e internalizados sob condições históricas semelhantes e partilhadas, a própria habilidade dos tradutores e tradutoras da AIET em Libras em fazer escolhas, preferir determinados tipos de solução de tradução, por exemplo, pode ser impactada por sua filiação a certos grupos. Seguindo essa linha de raciocínio, parece coerente dizer que, baseado no meu *corpus*, sobretudo, quando considerada a maneira como a ViaLibras foi se constituindo, a AIET em Libras reflete não só as experiências formativas do grupo de tradutores e tradutoras que participaram do referido projeto de tradução, como também práticas coletivas apreendidas em contato com outros tradutores e tradutoras. Nesse sentido, se considerarmos cada tradutor e tradutora individualmente, observaremos que, internamente, eles estiveram em contato uns com os outros dentro do âmbito do projeto. Porém, importa dizer que o grupo, de um modo ou de outro, também estabeleceu contato com tradutores e tradutoras externos ao projeto. Isso fica evidente, por exemplo, quando considerado o contexto inicial da ViaLibras, em que houve a busca por referências bibliográficas que tratassem sobre metodologias de tradução bem como a consulta a outras instituições.

Portanto, parece coerente dizer que as dimensões estruturante e estruturada do conceito de *habitus* se mostram ressaltadas quando consideramos tanto a AIET em Libras quanto a ViaLibras. Ou seja, o *habitus* do tradutor ou tradutora não é inato, mas sim apreendido e, paralelamente, contribui para a formulação de novas normas e convenções. Assim sendo, a busca por metodologias para que, seguidamente, fosse possível estabelecer a sua própria pode ter influenciado a maneira como a atividade de tradução ocorre no contexto da ViaLibras enquanto Projeto de Extensão, mas, uma vez adaptada à sua realidade e estabelecida, também exerce influência sobre o campo.

Desse modo, retomando à pergunta, sim, as marcas estilísticas evidenciadas por meio das escolhas adotadas pelos tradutores e tradutoras do *corpus* analisado também sugerem a presença de componentes sociais envolvidos, visto que, como observado na discussão teórica do assunto (seção 2.4) e comprovado com as análises, existem camadas para além das linguísticas que merecem atenção na investigação do estilo e, algumas delas — embora não tenha aprofundado, mas deixo como sugestão — só podem ser encontradas na formação sociocultural e na ideologia dos tradutores e das tradutoras. Nesse sentido, o conceito de *habitus* se configurou bastante operacional

contribuindo para a formulação de uma espécie de elo entre aquilo que é individual e aquilo que é coletivo.

5. De que maneira a multimodalidade aparece nos textos traduzidos?

Inicialmente, minha hipótese era de que os elementos multimodais que compunham a apostila em português — caixas de texto, citações (com recuo), notas de rodapé, destaques/definições de conceitos e palavras em negrito — pudessem sugerir elementos multimodais também no texto traduzido. O que, de fato, se confirmou por meio de inserção de cartelas, alternância de tradutores e tradutoras e de cor da vestimenta e outros detalhes já sinalizados ao longo da seção 3.3.3. No entanto, foi possível observar o uso de elementos multimodais para além de dar conta daqueles presentes no texto de partida. Esses elementos aparecem também acompanhando a datilologia de determinados termos; para apresentar esquemas e, assim, tornar informações mais palatáveis ao leitor da tradução; na inserção de vídeos e filmes; para fazer referência a ditados populares e expressões culturalmente marcadas quer seja em português quer seja em outras línguas; no acréscimo de mapas e tabelas, sem as quais seria dispendioso traduzir cada uma das informações que as compõe; no uso de linhas do tempo, marcando tempo cronológico de determinados períodos históricos e assim por diante.

Além disso, a análise empreendida permitiu identificar dois tipos de comportamento distintos desses elementos que aparecem em tela. Um deles, denominei de *multimodalidade redundante*. Defini tal conceito como sendo uma espécie de comportamento de determinados elementos. Alguns dos grafismos e recursos multimodais repetem ou reforçam a informação trazida pelo tradutor ou pela tradutora. É o caso, por exemplo, de situações em que se faz datilologia do nome de determinado autor (que não possui sinal específico em Libras) e aparece em tela sua respectiva imagem reforçando a informação que está sendo apresentada no texto em Libras.

Por outro lado, pude observar que certo elementos multimodais se manifestam como em oposição ao comportamento redundante. A esses denominei de *multimodalidade concorrente*. Tal característica pode ser percebida nas ocasiões em que o tradutor ou tradutora está sinalizando uma dada informação e os grafismos ou outro elementos que aparecem em tela não são mencionados pelo tradutor ou tradutora. Em outras palavras, o conteúdo da sinalização do tradutor ou tradutora concorre com a informação trazida pelos elementos multimodais em tela. Isso ocorre, por exemplo,

quando a cada início de vídeo aparece uma legenda com o nome do tradutor ou da tradutora sem que haja uma referência específica, como também em situações em que, à medida que o tradutor ou a tradutora está sinalizando, vão aparecendo sequências de imagem sem que sejam referenciadas durante a sinalização. Pelo que pude analisar, mesmo que as informações estejam em concorrência, ainda assim são complementares. Desse modo, não parecem figurar um traço negativo, mas, ao contrário, podem contribuir para o todo semiótico e a compreensão global do texto. No entanto, é importante considerar que, no caso da multimodalidade concorrente, embora possa ser um recurso bastante útil para soluções do tipo Mudança de Densidade, por exemplo, ela pode exigir, sobretudo quando os elementos adicionados em tela não são estáticos, mais esforço cognitivo para o leitor da tradução, que pode ter que dividir o esforço de sua atenção para absorver ambas as informações.

6. Se aparece, pode fomentar soluções tradutórias para além de apenas compor, esteticamente, o produto?

Acredito que a resposta da pergunta anterior já responda esta, mas, sim. Com base em minhas análises, parece coerente dizer que, para além de compor, esteticamente, o produto, os elementos multimodais podem auxiliar na compreensão do todo semiótico, contribuindo, portanto, na constituição de sentidos. Mas, especialmente, no que diz respeito às soluções tradutórias, sobretudo, com base nos tipos de solução de tradução discutidos ao longo deste trabalho, os elementos multimodais podem ser recursos importantes por meio dos quais tradutores e tradutoras podem solucionar determinados problemas de tradução. No caso, por exemplo, do tipo Mudança de Densidade, o uso de elementos multimodais pode ser bastante eficaz para, de maneira objetiva, tornar mais compreensível determinado conteúdo. A utilização de elementos multimodais se mostrou bastante efetivo também para fazer referência às expressões culturalmente marcadas.

Exposto isso, acredito ser importante destacar que, ao longo de todo o trabalho, as análises empreendidas não foram desprovidas de reflexão. Durante esta dissertação, ressalttei a importância da tradução de textos escritos para Libras e o que as justifica; descrevi as especificidades linguísticas da Libras e suas implicações para a concepção de tradução e, assim, propus a ampliação do conceito de maneira que as línguas de sinais pudessem ser contempladas; considerei as diferentes perspectivas de

equivalência, que, muitas das listas de soluções tradutórias, implicitamente, carregam; além de apresentar como surgiu o interesse acadêmico por procedimentos de tradução — Vinay e Darbelnet (1958) — e suas implicações para que, diante do panorama de pesquisa, pudesse me debruçar sobre os tipos de solução de tradução refletindo acerca dos conceitos de estilo — influenciado não só por componentes linguísticos, como também sociais — e multimodalidade aplicados à tradução.

Desse modo, vale ressaltar que pesquisas futuras, que tenham por objetivo investigar tipos de solução de tradução, sobretudo, de português-Libras devem considerar que a sobreposição de determinados tipos pode se estabelecer como questão, mas, como o próprio Pym (2016; 2018) chama atenção, a coocorrência de certas categorias é natural, visto que elas não são estanques. Além disso, é importante considerar que, analisar soluções tradutórias de uma língua oral para uma língua de sinais ou entre línguas de sinais — à luz das contribuições de Pym (2016; 2018) — parece permitir uma ampliação do leque de possibilidades dessas soluções ou mesmo uma expansão da proposição do teórico, mas é preciso estar atento àqueles tipos de solução que possam ser específicos das línguas de modalidade visual-gestual. Como o supracitado teórico salienta, o significado do termo *tradução* não é universal, logo, os tipos de solução de tradução também não o são. Nesse sentido, pesquisadores e pesquisadoras que, futuramente, se debrucem sobre o assunto traçando paralelos com a Libras ou outras línguas de sinais devem ter em mente que contribuições como as de Pym (2016; 2018) podem impulsionar nossas reflexões, como também o contrário é verdadeiro: nossas contribuições podem fornecer dados importantes para os Estudos da Tradução em sentido lato.

Além disso, considerar o uso de *softwares* — ELAN, por exemplo — pode facilitar a análise de dados e contribuir para investigações mais precisas.

Caso haja interesse específico em identificar marcas estilísticas de tradutores e tradutoras individuais, talvez seja importante considerar mais de um *corpus* de texto traduzido pelo mesmo tradutor ou tradutora, de modo que facilite a observação de tendências e escolhas tradutórias mais proeminentes; sem esquecer, obviamente, dos componentes sociais envolvidos na atividade de tradução — observados, por exemplo, por meio dos conceitos de *habitus* e *campo* — de maneira que não se tornem pontos cegos ao longo das investigações. Além disso, algo que não foi, efetivamente, investigado ao longo do presente trabalho tem relação com as escolhas inconscientes.

Nesse sentido, parece interessante que, pesquisas futuras, possam aprofundar a reflexão acerca do assunto.

Outro ponto que me parece interessante observar, embora não tenha sido meu objetivo nesta dissertação, diz respeito a tipos de solução de tradução de textos em Libras para o português escrito (para legendagem, para trabalhos acadêmicos etc.), de modo a identificar se os tipos observados neste trabalho se confirmariam ou se outros seriam evidenciados. Além disso, se impõe relevante investigar um número maior de gêneros textuais bem como a maneira como os tipos de solução de tradução se caracterizam nos diferentes gêneros.

A respeito, especificamente, do conceito de multimodalidade, pode ser interessante aprofundar a discussão, sobretudo, no que diz respeito ao comportamento redundante e concorrente dos recursos multimodais e suas implicações para a atividade de tradução.

Por fim, vale pontuar a necessidade de comprovar a eficácia dos tipos de solução de tradução — levantados aqui — em cursos de formação de tradutores e tradutoras (português-Libras). Fazer isso pode contribuir para identificar não só a aplicabilidade didática da tipologia por si, como também para observar se os alunos encontram ou não dificuldades no entendimento dos conceitos, se as categorias auxiliam a prática profissional e assim por diante.

Sendo assim, certo de que pouco foi feito em relação àquilo que, potencialmente, é válido ser estabelecido daqui por diante, espero ter contribuído para trazer luz ao trabalho de tradutores e tradutoras de português-Libras, em especial no que tange às discussões acerca de soluções tradutórias e, conseqüentemente, potencializar o campo dos Estudos da Tradução em Línguas de Sinais.

Referências bibliográficas

AIXELÁ, J. F. Itens culturais-específicos em tradução. Tradução de Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. **In-Traduções**, Florianópolis, v. 5, n. 8, p. 185-218, [1996] 2013.

ARAUJO, A. S.; FREITAG, R. M. Ko. Quem pergunta quer resposta!” — perguntas como estratégias de interação na escrita. **Via Litterae (ISSN 2176-6800): Revista de Linguística e Teoria Literária**, v. 2, n. 2, p. 321-335, 2010.

ARROJO, R. **Oficina de tradução**: a teoria na prática. São Paulo: Ática. 1986.

AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teoria e resultados. **TradTerm**, v. 5, n. 1, p. 99-128/129-157, 1998.

AVELAR, T. F. **Análise da Tradução Intermodal de Texto Acadêmico do Português Escrito para a Libras em Vídeo**. 2020. 218 p. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.

BAKER, M. Towards a Methodology for Investigating the Style of a Literary Translator. **Target**, Amsterdam, v. 12, no. 2, p. 241-266, 2000.

BAPTISTA, G. S. **Multimodalidade, visualidade e tradução**. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2015. 85 p.

BARBOSA, H. G. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. Campinas: Pontes, [1990] 2020.

BARCELLOS, C. P. **O estilo de tradutores**: apresentação do discurso no corpus paralelo Heart of darkness /(No) Coração das trevas. 2011. 154f. Dissertação de Mestrado (Linguística Aplicada) – FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2011.

_____. **Estilo da tradução, convencionalidade e mudanças na tradução: um estudo de caso sobre os padrões de escolhas do tradutor Paulo Henriques Britto**. 2016. 196f. Tese de Doutorado (Linguística Aplicada) –

FALE/UFGM, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-A8KMMS>. Acesso em: 17/10/2021.

BARDAJI, A. G. Procedures, techniques, strategies: Translation process operators. **Perspectives: Studies in Translatology**, v. 17, n. 3, p. 161-173, 2009.

BARROS, C. G. P. de. Capacidades de leitura de textos multimodais. **Polifonia**, v. 16, n. 19, 2009. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/view/986>. Acesso em: 15/07/2022.

BEHARES, L. E. A educação e os direitos linguísticos dos surdos: relações, princípios e políticas públicas, in **Políticas Educativas**, Santa Maria, v. 11, n. 1, p. 193-208, 2017.

BLAUTH, T. **A paisagem indizível em duas traduções brasileiras de Heart of Darkness**: uma análise de estilo com base em corpus. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFGM, 2015.

BOASE-BEIER, J. Translation and style: a brief introduction. **Language and Literature**, SAGE Publications (London, Thousand Oaks, CA and New Delhi), v. 13 (1), 2004. p. 9-11.

_____. **Stylistics Approaches to Translation**. New York: Routledge, [2006] 2014.

BORIA, M.; TOMALIN, M. Introduction. BORIA *et al.* (Ed.) **Translation and Multimodality**: beyond words. New York: Routledge, 2020, p. 1-21.

BOWKER, L.; PEARSON, J. **Working with specialized language**: a practical guide to using corpora. Routledge, 2002.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a língua brasileira de sinais - Libras, e o art. 18

da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, 23 dez. 2005.

BRASIL. Lei nº 12.319, de 1 de setembro de 2010. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. **Diário Oficial da União**, Brasília, 2 set. 2010.

BRASIL. Lei nº. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, 7 jul. 2015.

BRASIL/MEC/SECADI. **Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue – Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa**, Grupo de Trabalho designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013 do MEC/SECADI. Brasília, DF: MEC/SECADI, 2014.

BRASIL. **Projeto de Lei nº 4909/2020**. Altera a Lei nº 9.394/1996 para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. DF: Congresso Nacional, 2021.

BRASIL. Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. **Diário Oficial da União**, Brasília, 04 ago. 2021.

CAMPELLO, A. R. e S.; CASTRO, N. P. Introdução da glosinais como ferramenta de tradução/interpretação das pessoas surdas brasileiras. **Revista Escrita**, n. 17, p. 1-14, 2013.

CARNEIRO, T. D.; SALDANHA HESPANHOL VITAL, D.; PEREIRA LEAL DE SOUZA, R. O processo de produção de textos traduzidos para Libras em vídeo no Departamento de Letras-Libras (UFRJ) comparado ao processo de produção de traduções editoriais entre línguas orais. **Belas Infieis**, Brasília, Brasil, v. 9, n. 5, p. 135–166, 2020. DOI: 10.26512/belasinfieis.v9.n5.2020.31990. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/belasinfieis/article/view/31990>. Acesso em: 17 out. 2021.

CATFORD, J. C. **A linguistic theory of translation**. Oxford, Oxford University, 1965.

CAVALLO, P.; REUILLARD, P. C. R. Estudos da Interpretação: tendências atuais da pesquisa brasileira. **Letras & Letras**, v. 32, n. 1, p. 353-368, ago. 2016.

DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. **Os tradutores na história**. Trad. Sergio Bath. São Paulo: Ática, 2003, p. 113-141.

DIAS, B. **O discurso do analista pode implicar alguma forma de resistência ao discurso capitalista? Sobre a dimensão política da psicanálise freudo-lacanianana**. 2016. Tese de Doutorado – Programa de Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/18888/2/Brendali%20Dias.pdf>. Acesso em: 20/03/2022.

DINIZ, R. S.; CARNEIRO, T. D. Uma “virada multimodal” nos Estudos da Tradução. **Revista Espaço**, Rio de Janeiro, nº 55, p. 95-120, 2021.

DORIA, Patricia. Consideraciones sobre moda, estilo y tendencias. **Cuadernos del Centro de Estudios de Diseño y Comunicación**, n. 42, p. 101 a 105-101 a 105, 2012. Disponível em: <https://pub.palermo.edu/ojs/index.php/cdc/article/download/1428/1227>. Acesso em: 24/10/2021.

DUARTE, P. M. T. Estilística ou estilísticas? **Revista Philologus**, Rio de Janeiro, ano 12, n. 34, p. 40-56, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/26296>. Acesso em: 05/12/2021.

DUTRA JÚNIOR, G. C. **Análise da estratégia da tradução de cem títulos de filmes de português para Libras**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução); orientador: Dr. Markus Johannes Weininger; (250p.) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2018.

ENKVIST, N. E. et al. **Lingüística e Estilo**. Trad. Wilma Assis. São Paulo, Cultrix-Edusp. 1974.

FERREIRA-BRITO, L. Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS. **Série Atualidades Pedagógicas**, 4(3), p. 19-61, 1997.

FERREIRA, D. D.; SILVA, R. J. da; CARRIJO, C. O estilo em psicanálise: o discurso do analista como arte do bem dizer. **Psicologia USP**, v. 25, p. 71-76, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642014000100008>. Acesso em: 25/10/2021.

GALASSO, B. J. B. et al. Processo de Produção de Materiais Didáticos Bilíngues do Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Revista Brasileira de Educação Especial** [online]. 2018, v. 24, n. 1 [Acessado 23 fevereiro 2022], pp. 59-72. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000100006>>. ISSN 1980-5470. <https://doi.org/10.1590/S1413-65382418000100006>.

GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

_____. Testando a hipótese da “corda bamba” do modelo dos esforços na interpretação simultânea: uma contribuição. Trad. Santos, G. B. F., e BARBOSA, D. M. **Cadernos de Tradução**, v. 35, n. 2, p. 590-647, [1999] 2015.

GIMENEZ, F. A. P. Escolhas estratégicas e estilo cognitivo: um estudo com pequenas empresas. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 2, p. 27-45, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rac/a/tCZRbVps8jbXdkLbzXSJnWx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 25/10/2021.

GOUANVIC, J. M. A Bourdieusian theory of translation, or the coincidence of practical instances: Field, ‘habitus’, capital and ‘illusio’. **The translator**, v. 11, n. 2, p. 147-166, 2005.

HARDEN, A. R. O. brasileiro tradutor e/ou traidor: Frei José Mariano da Conceição Veloso. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 1, n. 23, p. 131-148, 2009. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2009v1n23p131>

HIRSCH, I. A tradução e a Inconfidência Mineira. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 1-10, 2008. DOI: <https://doi.org/10.17771/PUCRio.TradRev.12699>

JÄÄSKELÄINEN, R. Looking for a working definition of translation strategies. In: MEES, I. M.; F. Alves & S. Göpferich (eds.) **Methodology, Technology and**

Innovation in Translation Process Research. Copenhagen: Samfundslitteratur, 2009, p. 375–387.

JEWITT, C.; BEZEMER, J.; O'HALLORAN, K. **Introducing Multimodality.** London and New York: Routledge, 2016.

JOLY, J. F. Prefácio. In: DELISLE, J.; WOODSWORTH, J. **Os tradutores na história.** Trad. Sergio Bath. São Paulo: Ática, 1998. p. 9-12.

KAINDL, K. A Theoretical Framework for a Multimodal Conception of Translation. In: BORJA *et al.* (Ed.) **Translation and Multimodality: beyond words.** New York: Routledge, 2020, p. 49-70.

KRESS, G. Transporting Meaning: Translation in Multimodal Semiotic Landscape. In: BORJA *et al.* (Ed.) **Translation and Multimodality: beyond words.** New York: Routledge, 2020, p. 24-48.

KRUSSER, R. S. **Design editorial na tradução de português para libras.** Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2017. 410 p.

LACAN, J. **O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise.** Versão brasileira de Ari Roitman; consultor, Antônio Quinet. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda. [1969-70] 1992.

LAVIOSA, S. **Corpus-Based Translation Studies: Theory, Findings, Applications.** Amsterdam & New York: Rodopi, 2002.

LEECH, G.; SHORT, M. **Style in Fiction: A Linguistic Introduction to English Fictional Prose.** Harlow: Pearson/Longman, 2nd edition, [1981] 2007.

LILLO-MARTIN, D. Where are all the modality effects?. In: MEIER, R. P. *et al.* (Eds.) **Modality and structure in signed and spoken languages.** Cambridge University Press, 2002, p. 241-262.

LOPEZ, M. R. S.; SEVERINO, R. M. Tradução de/para Língua de Sinais no Ensino Superior: experiências compartilhadas. **Revista Arqueiro**, Rio de Janeiro, v. 38, p. 46-57, 2018.

LÓPEZ-VARGAS, O.; HEDERICH-MARTÍNEZ, C.; CAMARGO-URIBE, Á. Estilo cognitivo y logro académico. **Educación y educadores**, v. 14, n. 1, 2011. Disponível em:

<https://educacionyeducadores.unisabana.edu.co/index.php/eye/article/view/1830/2372>.

Acesso em: 24/10/2021.

LOUREIRO, M. Charles Bally: um discípulo da estilística saussureana?. In: **Revista de Letras**, N.º 7 de 2008. Vila Real: Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro / Centro de Estudos em Letras: p. 65-74, 2008.

MARQUES, R. R.; OLIVEIRA, J. S. A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de corpus de referência para tradutores. In: **Congresso nacional de pesquisas em tradução e interpretação de Libras e Língua Portuguesa**. 2012.

MARTINS, N. S. **Introdução à Estilística: a Expressividade na Língua Portuguesa**. – 4. ed. rev. 2. reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012. (Acadêmica; 71)

MAURANEN, A.; KUJAMÄKI, P. (eds) **Translation Universals. Do They Exist?**, Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2004.

McBURNEY, S. L. Pronominal reference in signed and spoken language: Are grammatical categories modality-dependent?. In: MEIER, R. P. *et al.* (Eds.) **Modality and structure in signed and spoken languages**, 2002, p. 329-369.

MEDEIROS, J. R. Tradução e letramento acadêmico: uma proposta metodológica do processo tradutório do par linguístico Língua Portuguesa/Libras. **Revista Espaço**, p. 133-158, 2018.

MUNDAY, J. **Style and Ideology in Translation: Latin American Writing in English**. New York: Routledge, 2008.

_____. Main Issues of Translation Studies. In: _____. **Introducing Translation Studies** – Theories and Applications. Fourth edition. London/New York: Routledge, 2016, p. 8-10.

NEWMARK, P. **A textbook of translation**. New York, Prentice Hall, 1988.

NIDA, E. A. **Toward a science of translating**: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating. Leiden, Brill, 1964. 331p.

NOGUEIRA, T. C. **Intérpretes de Libras-português no contexto de conferência**: uma descrição do trabalho em equipe e as formas de apoio na cabine. Tiago Coimbra Nogueira; orientadora, Audrei Gesser – Florianópolis, SC, 2016. 213 p.

OLIVEIRA, J. S.; SILVA, R. C. Equipe de tradução do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (Org.). **Letras Libras**: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2014. p. 93-111.

O'SULLIVAN, C. Introduction: rethinking methods in translation history. **Translation Studies**, v. 5, n. 2, p. 131-138, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1080/14781700.2012.663594>.

PAGURA, R. A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores. **DELTA: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada**, v. 19, n. SPE, p. 209-236, 2003.

PYFERS, L. Guidelines for the production, publication and distribution of Signing Books for the Deaf in Europe. In: **Signing books for the Deaf (Guidelines)**, 2000.

PÖCHHACKER, F. Evolution of Interpreting Research. In: MIKKELSON, H.; JOURDENAIS, R. (eds.) **The Routledge Handbook of Interpreting**. New York: Routledge, 2015, p. 62-76.

_____. **Introducing interpreting studies**. Routledge, 2016.

PRUNC, E. Priests, princes and pariahs. Constructing the professional field of translation. In: WOLF, Michaela; FUKARI, Alexandra (Eds.) **Constructing a Sociology of Translation**. New York/Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 39-56.

PYM, A.; TORRES-SIMÓN, E. The pedagogical value of translation solution types. **Perspectives**, v. 23, n. 1, p. 89-106, 2015.

PYM, A. **Translation solutions for many languages: Histories of a flawed dream**. Bloomsbury publishing, 2016.

_____. **Explorando Teorias da Tradução**. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri, Cláudia Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

_____. A Typology of Translation Solutions. **The Journal of Specialised Translation**. p 41-65, 2018.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira: estudos lingüísticos**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

_____; SOUZA, S. X. Aspectos da tradução/encenação na língua de sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras. In: QUADROS, R. M. (Org.) **Estudos Surdos III**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008.

RAKEFET, S. S. How to be a (recognized) translator: Rethinking habitus, norms, and the field of translation. **Target** 17:1, 2005, 1-26.

RAMOS, R. As partículas modais como co-indicadores ilocutórios: O caso das perguntas retóricas. In: CASTRO, R. V. de; BARBOSA, P.; GUIMARÃES, Z. (Org.). **Actas do XV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística**. Braga: Associação Portuguesa de Lingüística, v. II, p. 225-242, 2000.

RIGO, N. S. Tradução de libras para português de textos acadêmicos: considerações sobre a prática. **Cadernos de Tradução**, v. 35, p. 458-478, 2015.

_____. Tradução de textos acadêmicos de Português para Língua Brasileira de Sinais: o emprego de elementos do design editorial como soluções tradutórias. **Translatio**, v. 1, p. 173-196, 2018.

RODRIGUES, C. H.; BEER, H. Os estudos da tradução e da interpretação de línguas de sinais: novo campo disciplinar emergente? **Caderno de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. spe. 2, p. 17-45, jul-dez, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2015v35n2p17/30707>. Acesso em: 10 ago. 2021.

_____.; SANTOS, S. A. A Interpretação e a Tradução de/para Línguas de Sinais: contextos de serviços públicos e suas demandas. **Tradução em Revista**, v. 24, p. 1-29, 2018. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/34535/34535.PDF>. Acesso em: 05 ago. 2021.

_____. Translation and Signed Language: highlighting the visual-gestural modality. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 38, p. 294-319, 2018. DOI: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2018v38n2p294>.

SALDANHA, G. Translator Style: Methodological considerations. **The Translator**. Vol. 17, nº 1, 2011. p. 25-50.

_____. Style in, and of, Translation. **A companion to translation studies**, p. 95-106, 2014.

SALDANHA, G.; O'BRIEN, S. **Research methodologies in translation studies**. New York: Routledge, 2014. DOI: <https://doi.org/10.4324/9781315760100>.

SANTIAGO, V. A. A. Português e Libras em diálogo: os procedimentos de tradução e o campo do sentido. In: ALBRES, N. A.; SANTIAGO, V. A. A. (Org.). **Libras em estudo: tradução/interpretação**. São Paulo: FENEIS, 2012, pp. 35- 55.

SEGALA, R.R.; QUADROS, R.M. Tradução intermodal, intersemiótica e interlinguística de textos escritos em português para Libras oral. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 35, n. 2, 2015, p. 354-386.

SEVERINO, R. M. **Estilo dos tradutores: tradução de PT-BR > Libras como processo criativo**. Monografia (Especialização em Letras). Rio de Janeiro: Faculdade de Letras (UFRJ), 2019.

SEVERINO, R. M.; CARNEIRO, T. D. Considerações sobre a perspectiva histórica acerca da tradução português-libras em instituições brasileiras. **Letras & Letras**, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 461–482, 2021. DOI: 10.14393/LL63-v37n2-2021-23. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/57522>. Acesso em: 16 fev. 2022.

SILVA, V. A. e. O ressurgimento contemporâneo da estilística: novos horizontes para o ensino do texto literário. In: NÚÑEZ SABARÍS, X. *et al.* **Horizontes científicos y planificación académica en la didáctica de lenguas y literaturas**. Ribeirão – Vila Nova de Famalicão: Edições Húmus, p. 17-30, 2015.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. **Brazilian Journal of Development**, v. 5, n. 10, p. 22111–22127, 2019.

SILVA-REIS, D.; MILTON, J. História da tradução no Brasil: percursos seculares. **Translatio**, Porto Alegre, n. 12, p. 2-42, 2016.

SIMEONI, D. The Pivotal Status of the Translator's Habitus. **Target** 10:1, p. 1-39, 1998.

SNELL-HORNBY, M. **The Turns of Translation Studies**: New Paradigms or shifting viewpoints? Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.

_____. The Turns in Translation Studies. In: GAMBIER, Yves; VAN DOORSLAER, Luc (Eds.). **Handbook of Translation Studies, Volume 1**. Amsterdam: John Benjamins, 2010. p. 366-370.

SOARES, L. A. A. Português e Libras: distorções e supergeneralizações. In: FREITAS JÚNIOR, R.; SOARES, L. A. A.; NASCIMENTO, J. P. S. (Org.). **Aprendizes surdos e escrita de L2**: reflexões teóricas e práticas. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020, p. 70-80.

SOUZA, R. P. L.; VITAL, D. S. H. O processo de tradução para Libras por meio de vídeos. In: SEMINÁRIO UFRJ FAZ 100 ANOS: HISTÓRIA, DESENVOLVIMENTO E DEMOCRACIA. **Anais**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, v. 3, p. 110–119, 2018.

SOUZA, S. X. de. **Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de Letras-Libras**. Dissertação (mestrado em Estudos da Tradução). Florianópolis: UFSC, 2010.

SPICACCI, A. A. C. **Tirinhas da Turma da Mônica**: tradução do português para a Libras por meio da EliS, 2018, 85 f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

TYMOCZKO, M. Reconceptualising Translation Theory: Integrating Non-Western Thought about Translation", in HERMANS, Theo. **Translating Others (Volume 2)**. Routledge, 2014 [2006], p. 13-32.

_____. **Enlarging Translation, Empowering Translators**. 2nd ed. New York: Routledge, 2014 [2007].

UNESCO. **Declaração Universal dos Direitos Linguísticos**. 1996. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/deconu/a_pdf/dec_universal_direitos_linguisticos.pdf
Acesso em: 22 janeiro 2022.

VÁSQUEZ-AYORA, G. **Introducción a la traductología**: curso básico de traducción. Washington Georgetown University, 1977.

VENUTI, L. A invisibilidade do tradutor. Trad. Carolina Alfaro. In: **Revista PaLavra**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 1996, p.111-134.

WALDER, C. A Timbre of Its Own: investigating style in translation and original writing. In: **New Voices in Translation Studies** 9, 2013. p. 53-68.

WEININGER, M. J. Estrela guia ou utopia inalcançável. Uma breve reflexão sobre a equivalência na tradução. In: CARDOZO, M. M.; HEIDERMAN, W.; WEININGER, M. J. (Org.). **A Escola Tradutológica de Leipzig**. 1ed. Frankfurt/Main: Peter Lang Verlag, 2009, v. 1, p. 19-28.

WOLF, M. Introduction: The emergence of a sociology of translation. In: _____; FUKARI, Alexandra (Eds.) **Constructing a sociology of translation**. New York/Amsterdam: John Benjamins, 2007. p. 1-36.

_____. The sociology of translation and its “activist turn”. **Translation and Interpreting Studies. The Journal of the American Translation and Interpreting Studies Association**, v. 7, n. 2, p. 129-143, 2012.

WURM, S. **Translation across Modalities**: The Practice of Translating Written Text into Recorded Signed Language. An Ethnographic Case Study. PhD Thesis (Doctor of Philosophy) - Heriot-Watt University, Department of Languages and Intercultural Studies, 2010.

ANEXO I



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Faculdade de Letras – FL
Departamento de Letras-Libras – LEB
Setor de Produção de Vídeos em Libras



DEPARTAMENTO DE
LETRASLIBRAS
UFRJ

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TRADUÇÃO E USO DE VOZ E IMAGEM

Tradutor(a):

RG: CPF:

E-mail:

Título(s) do Vídeo(s):

Informar ao lado do(s) título(s) o tempo do vídeo em minutos/segundos.

Por meio deste documento, declaro que:

- a) a obra entregue é meu trabalho e que detenho a permissão de conceder os direitos contidos nesta licença. Declaro também que esta autorização não infringe, tanto quanto me é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- b) estou ciente de que o material identificado acima será disponibilizado sem nenhuma renda associada ou angariada;
- c) estou ciente de que o material será disponibilizado publicamente, não sendo de responsabilidade do Departamento de Letras-Libras controlar seu acesso ou utilização.

Termo de autorização

Venho por meio deste documento AUTORIZAR, sem ônus, o Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro a divulgar, disponibilizar, utilizar ou não, publicar e/ou veicular o material produzido conforme sua necessidade ou interesse, para fins acadêmicos e de promoção institucional, o material visual digital identificado acima, produzido no âmbito das minhas atividades no projeto de extensão "Videoteca Acadêmica em Libras". AUTORIZO também, sem ônus, o uso da minha imagem e/ou voz no material visual digital identificado acima. A presente autorização é concedida a título gratuito de maneira irrevogável e irretratável para ambas as partes bem como para meus herdeiros e sucessores. A obra original continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Local

Data

Assinatura

ANEXO II



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
Faculdade de Letras – FL
Departamento de Letras-Libras – LEB
Setor de Produção de Vídeos em Libras



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA TRADUÇÃO

Autor(a):

RG: CPF:

E-mail:

Título(s) do Texto(s):

Por meio desse documento, declaro que:

a) a obra entregue é meu trabalho original, e que detenho o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declaro também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto me é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detenho os direitos de autor, declaro que obtive autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à Universidade Federal do Rio de Janeiro os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

c) se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal do Rio de Janeiro, cumpra quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Termo de autorização

Na qualidade de titular dos direitos de autor do conteúdo supracitado, AUTORIZO o Departamento de Letras-Libras da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro a realizar tradução para a Libras do material identificado acima, podendo divulgar, disponibilizar, utilizar ou não, publicar e/ou veicular a tradução produzida e/ou a obra original, objeto deste termo de autorização, conforme sua necessidade ou interesse, para fins acadêmicos e de promoção institucional. A autorização é feita sem contrapartida monetária, a título gratuito e de forma irrevogável e irretroatável para ambas as partes bem como para meus herdeiros e sucessores. A obra original continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Local

Data

Assinatura do(a) Autor(a) e/ou Detentor(a) dos Direitos Autorais

APÊNDICE I

- Etiquetas dos vídeos traduzidos da Apostila de Introdução aos Estudos da Tradução (AIET) — *corpus* de análise da presente dissertação — disponível na Videoteca Acadêmica em Libras (ViaLibras). Elaboração própria, a partir das informações contidas no site da Videoteca. As etiquetas aqui apresentadas têm início no segundo vídeo, pois o que na videoteca é chamado de Vídeo 1 trata, especificamente, de uma apresentação. Portanto, a tradução da AIET começa, de fato, no Vídeo 2.

| VÍDEO 2 | |
|--|---|
| TÍTULO | O conceito de tradução |
| TEMPO | 10min.02 |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Dafny Saldanha Hespanhol Vital e Rodrigo Pereira Leal de Souza |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2016 |
| PALAVRAS-CHAVE | Torre de Babel; Tradução |
| SUMÁRIO | 00:00 – Introdução 00:24 – O conceito de tradução 07:18 – Reflita 08:17 – Reflita 08:46 – Conclusão |
| GLOSSÁRIO | 1. Latim 2. Babel 3. Mito 4. Gênesis |
| REVISÃO E CONSULTORIA LINGÜÍSTICA | Heloise Gripp Diniz |
| ROTEIRO | Dafny Saldanha Hespanhol Vital, Rodrigo Pereira Leal de Souza e Natália Maia Silva Moraes de Souza |

| | |
|-------------------------------|------------------|
| IMAGENSE EDIÇÃO | João José Macedo |
| PROGRAMAÇÃO VISUAL | João José Macedo |

| VÍDEO 3 | |
|--|---|
| TÍTULO | O sonho da língua universal |
| TEMPO | 12min.24 |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Rodrigo Pereira Leal de Souza e Dafny Saldanha Hespanhol Vital |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2016 |
| PALAVRAS-CHAVE | A intérprete; Avatar; Sinais Internacionais; Gestuno; Esperanto; Língua artificial |
| SUMÁRIO | 00:00 – Introdução 00:35 – O sonho da língua universal 07:44 – Língua artificial criada com finalidade artística 11:18 – Conclusão |
| GLOSSÁRIO | 1. Língua artificial 2. Polônia 3. Federação Mundial de Surdos (WFD) 4. Gestuno/Língua de Sinais Internacionais |
| REVISÃO E CONSULTORIA LINGÜÍSTICA | Heloise Gripp Diniz |
| ROTEIRO | Dafny Saldanha Hespanhol Vital, Rodrigo Pereira Leal de Souza e Natália Maia Silva Moraes de Souza |
| IMAGENSE EDIÇÃO | João José Macedo |
| PROGRAMAÇÃO VISUAL | João José Macedo |

| | |
|--|---|
| | |
| VÍDEO 4 | |
| TÍTULO | A Língua Portuguesa: usos e mitos (parte I) |
| TEMPO | 12min.36 |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Natália Maia Silva Moraes de Souza e Dafny Saldanha Hespanhol Vital |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2016 |
| PALAVRAS-CHAVE | Línguas majoritárias; Línguas minoritárias; Línguas autóctones; Línguas alóctones |
| SUMÁRIO | 00:00 – Introdução 00:28 – A língua portuguesa: usos e mitos 01:39 – A língua portuguesa é a única falada no Brasil? 03:32 – Mas, no Brasil, são faladas quantas línguas? 10:25 – Pesquisa 10:44 – Debate 11:09 - Conclusão |
| GLOSSÁRIO | - |
| REVISÃO E CONSULTORIA LINGÜÍSTICA | Heloise Gripp Diniz |
| ROTEIRO | Dafny Saldanha Hespanhol Vital, Rodrigo Pereira Leal de Souza e Natália Maia Silva Moraes de Souza |
| IMAGEM E EDIÇÃO | João José Macedo |
| PROGRAMAÇÃO VISUAL | João José Macedo |
| VÍDEO 5 | |

| | |
|--------------------------------|--|
| TÍTULO | A Língua Portuguesa: usos e mitos (parte II) |
| TEMPO | 10min.54 |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Natália Maia Silva Moraes de Souza e Dafny Saldanha Hespanhol Vital |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2016 |
| PALAVRAS-CHAVE | Lusofonia |
| SUMÁRIO | 00:00 – Introdução 00:53 – A língua portuguesa é falada somente em Portugal e no Brasil? 05:45 – Países que falam crioulo com vocabulário da língua portuguesa 09:18 – Língua Portuguesa no mundo lusófono 09:28 - Conclusão |
| GLOSSÁRIO | - |
| REVISÃO | Rodrigo Pereira Leal de Souza e Heloise Gripp Diniz |
| CONSULTORIA LINGÜÍSTICA | Heloise Gripp Diniz |
| ROTEIRO | Dafny Saldanha Hespanhol Vital, Rodrigo Pereira Leal de Souza e Natália Maia Silva Moraes de Souza |
| IMAGEM E EDIÇÃO | João José Macedo |
| PROGRAMAÇÃO VISUAL | João José Macedo |

| VÍDEO 6 | |
|----------------|---|
| TÍTULO | Quais são as línguas mais faladas no mundo? |
| TEMPO | 06min.25 |

| | |
|--|---|
| | |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Dafny Saldanha Hespanhol Vital e Rodrigo Pereira Leal de Souza |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2016 |
| PALAVRAS-CHAVE | Língua franca |
| SUMÁRIO | 00:00 – Introdução 00:30 – Quais são as línguas mais faladas no mundo? 04:25 – Reflita 04:40 – Debate 04:57 - Conclusão |
| GLOSSÁRIO | - |
| REVISÃO E CONSULTORIA LINGÜÍSTICA | Heloise Gripp Diniz |
| ROTEIRO | Dafny Saldanha Hespanhol Vital, Rodrigo Pereira Leal de Souza e Natália Maia Silva Moraes de Souza |
| IMAGEM E EDIÇÃO | João José Macedo |
| PROGRAMAÇÃO VISUAL | João José Macedo |

| VÍDEO 7 | |
|--------------------------------|--|
| TÍTULO | Os tipos de tradução, segundo Jakobson |
| TEMPO | 11 min.38 |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Rodrigo Pereira Leal de Souza |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2019 |

| | |
|-------------------------------|---|
| PALAVRAS-CHAVE | Equivalência na diferença; Reformulação; Circunlóquio; Paráfrase; Tradução intersemiótica; Tradução interlingual; Tradução intralingual; Roman Jakobson |
| SUMÁRIO | 00:00 – Introdução 00:40 – Os tipos de tradução, segundo Jakobson 01:54 – Tradução intralingual 04:13 – Reflita 06:51 – Tradução interlingual 07:47 – Reflita 08:41 – Tradução intersemiótica 09:47 – Reflita 10:06 – Conclusão 11:20 – Referências bibliográficas |
| GLOSSÁRIO | 1. Tradução intralingual 2. Tradução interlingual 3. Tradução intersemiótica 4. Paráfrase 5. Sinônimo 6. Equivalência 7. Jargão 8. Sistema de signos |
| REVISÃO LINGÜÍSTICA | Clarissa Luna Borges Fonseca Guerretta |
| REVISÃO COPIDESQUE | Dafny Saldanha Hespanhol Vital |
| SUPERVISÃO DE FILMAGEM | Maria Helena Paes da Silva Mora |
| ROTEIRO | Dafny Saldanha Hespanhol Vital, Rodrigo Pereira Leal de Souza e Natália Maia Silva Moraes de Souza |
| IMAGEM E EDIÇÃO | João José Macedo |
| PROGRAMAÇÃO VISUAL | João José Macedo |

| VÍDEO 8 | |
|----------------|--------------------------|
| TÍTULO | Outros tipos de tradução |

| | |
|--------------------------------|---|
| TEMPO | 09min.10 |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Maria Helena Paes da Silva Mora |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2018 |
| PALAVRAS-CHAVE | Tradução automática; Tradução intermodal; Rimar Ramalho Segala; Roman Jakobson |
| SUMÁRIO | 00:00 – Introdução 01:08 – Outros tipos de tradução 02:16 – Tradução intermodal 04:30 – Tradução automática 07:40 – Conclusão 08:57 – Referências bibliográficas |
| GLOSSÁRIO | 1. Tradução intermodal 2. Tradução intralingual 3. Tradução interlingual 4. Tradução intersemiótica 5. Tradução automática 6. Software |
| CONSULTORIA LINGÜÍSTICA | Clarissa Luna Borges Fonseca Guerretta |
| REVISÃO LINGÜÍSTICA | Clarissa Luna Borges Fonseca Guerretta |
| REVISÃO COPIDESQUE | Rodrigo Pereira Leal de Souza |
| SUPERVISÃO DE FILMAGEM | Da fny Saldanha Hespanhol Vital |
| ROTEIRO | - |
| IMAGEM E EDIÇÃO | João José Macedo |
| PROGRAMAÇÃO VISUAL | João José Macedo |

| VÍDEO 9 | |
|--------------------------------|---|
| TÍTULO | O conceito de “tradução” ao longo do tempo |
| TEMPO | 22min.37 |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Dafny Saldanha Hespanhol Vital |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2018 |
| PALAVRAS-CHAVE | Fidelidade; Umberto Eco; Linha do tempo; Walter Benjamin; Recriação; Imitação; Metáfrase; John Dryden; Etienne Dolet, Friederich Schleiermacher; Alexander Fraser Tyler; São Jerônimo; Cícero; Tradução intermediária; Tradução de sentido; Tradução literal; Paráfrase; Horácio; Tradução |
| SUMÁRIO | - |
| GLOSSÁRIO | <ol style="list-style-type: none"> 1. 12 tribos de Israel 2. Ocidente 3. Tradução literal 4. Texto-fonte ou Texto de partida 5. Texto de chegada 6. Bíblia 7. Hebraico 8. Cristianismo 9. São Jerônimo 10. Paráfrase 11. Lawrence Venuti 12. Tradução estrangeirizadora 13. Tradução domesticadora 14. Babel 15. República Tcheca 16. Estética 17. Unida de (apostila) 18. Fidelidade 19. Conceito |
| REVISÃO LINGÜÍSTICA | Clarissa Luna Borges Fonseca Guerretta |
| REVISÃO COPIDESQUE | Maria Helena Paes da Silva Mora |
| SUPERVISÃO DE FILMAGEM | Rodrigo Pereira Leal de Souza |

| | |
|---------------------------|------------------|
| | |
| ROTEIRO | - |
| IMAGEM E EDIÇÃO | João José Macedo |
| PROGRAMAÇÃO VISUAL | João José Macedo |

| VÍDEO 10 | |
|--------------------------------|--|
| TÍTULO | Tradução, língua e cultura |
| TEMPO | 12min.42 |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Rodrigo Pereira Leal de Souza |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2018 |
| PALAVRAS-CHAVE | Lawrence Venuti; Tradução estrangeirizadora; Tradução domesticadora; Língua alvo; Língua fonte; Língua de chegada; Língua de partida; Provérbios; Ditados populares |
| SUMÁRIO | 00:00 – Introdução 00:33 – Tradução, língua e cultura 03:53 – Reflita 06:41 – Polissemia x Homonímia 08:12 – Reflita 09:55 – Lawrence Venuti 10:59 – Reflita 11:22 – Conclusão 12:21 – Referências bibliográficas |
| GLOSSÁRIO | 1. Tradução literal 2. Equivalência 3. Língua-fonte/Língua de partida 4. Língua-alvo/Língua de chegada 5. Tradução palavra por palavra 6. Polissemia 7. Homonímia 8. Expressão idiomática 9. Tradução domesticadora 10. Tradução estrangeirizadora 11. Lawrence Venuti |

| | |
|-------------------------------|--|
| REVISÃO LINGÜÍSTICA | Clarissa Luna Borges Fonseca Guerretta |
| REVISÃO COPIDESQUE | Rafael da Mata Severino |
| SUPERVISÃO DE FILMAGEM | Dafny Saldanha Hespanhol Vital |
| ROTEIRO | - |
| IMAGEM E EDIÇÃO | João José Macedo |
| PROGRAMAÇÃO VISUAL | João José Macedo |

| VÍDEO 11 | |
|--------------------------------|--|
| TÍTULO | Tradução e interpretação |
| TEMPO | 14min.05 |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Rafael da Mata Severino |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2018 |
| PALAVRAS-CHAVE | Versão voz; Interpretação sussurrada; Interpretação consecutiva; Interpretação simultânea; Interpretação; Tradução |
| SUMÁRIO | 00:00 – Introdução 00:12 – Tradução e interpretação 02:10 – Versão voz 08:22 – Interpretação simultânea 09:11 – Interpretação consecutiva 10:46 – Interpretação sussurrada 13:01 – Conclusão |
| GLOSSÁRIO | 1. Interpretação simultânea 2. Interpretação consecutiva 3. Interpretação sussurrada |

| | |
|-------------------------------|---------------------------------|
| | 4. Versão voz |
| REVISÃO | Rodrigo Pereira Leal de Souza |
| SUPERVISÃO DE FILMAGEM | Maria Helena Paes da Silva Mora |
| ROTEIRO | - |
| IMAGEM E EDIÇÃO | João José Macedo |
| PROGRAMAÇÃO VISUAL | João José Macedo |

| VÍDEO 12 | |
|--------------------------------|---|
| TÍTULO | Procedimentos técnicos da tradução |
| TEMPO | 23min.35 |
| TRADUÇÃO E APRESENTAÇÃO | Da fny Saldanha Hespanhol Vital e Rodrigo Pereira Leal de Souza |
| ANO DE PRODUÇÃO | 2018 |
| PALAVRAS-CHAVE | Equivalência; Adaptação; Decalque; Explicação; Transliteração; Estrangeirismos; Transferência; Melhoria; Reconstrução de períodos; Compensação; Explicação; Omissão; Modulação; Transposição; Tradução palavra por palavra; Heloisa Gonçalves Barbosa; Tradução literal |
| SUMÁRIO | 00:05 – Introdução 02:04 – 1. Convergência do sistema linguístico, do estilo e da realidade extralinguística 02:09 – 1.1 Tradução palavra por palavra 03:12 – 1.2 Tradução literal 03:41 – 2. Divergência do sistema linguístico 04:19 – 2.1 Transposição 05:39 – 2.2 Modulação 06:16 – Modulação obrigatória 06:42 – Modulação facultativa 07:11 – 2.3 Equivalência 08:05 – 3. Divergência de estilo 08:09 – 3.1 Omissão x Explicação |

| | |
|--------------------------------|---|
| | <p>10:28 – 3.2 Compensação 13:08 – 3.3 Reconstrução de períodos 15:00 – 4. Divergência da realidade extralinguística 15::54 – 4.1 Transferência 15:58 – Estrangeirismo 16:50 – Estrangeirismo transliterado (transliteração) 17:16 – Estrangeirismo aclimatado (aclimatação) 18:24 – Estrangeirismo + Explicação 19:08 – 4.2 Explicação 19:58 – 4.3 Decalque 20:37 – 4.4 Adaptação 22:11 – Reflita 22:32 – Conclusão 23:21 – Referências bibliográficas</p> |
| GLOSSÁRIO | <ol style="list-style-type: none"> 1. Heloisa Gonçalves Barbosa 2. Frase 3. Oraçã o 4. Período 5. Semântica 6. Gramática 7. Léxico 8. Tradução literal 9. Morfologia 10. Sintaxe 11. Sistema linguístico 12. Equivalência 13. Língua-fonte/Língua de partida 14. Língua-alvo/Língua de chegada 15. Expressão idiomática 16. Pronomes pessoais 17. Rima 18. Vânia de Aquino Albres Santiago 19. Locução adverbial 20. Metáfora |
| CONSULTORIA LINGUÍSTICA | Bruno Ferreira Abrahão e Heloise Gripp Diniz |
| REVISÃO LINGUÍSTICA | Clarissa Luna Borges Fonseca Guerretta |
| REVISÃO COPIDESQUE | Dafny Saldanha Hespanhol Vital |
| SUPERVISÃO DE FILMAGEM | Dafny Saldanha Hespanhol Vital |
| ROTEIRO | - |
| IMAGENS E EDIÇÃO | João José Macedo |

| | |
|-------------------------------|------------------|
| PROGRAMAÇÃO VISUAL | João José Macedo |
|-------------------------------|------------------|

APÊNDICE II

- Tabelas de detalhamento dos tipos de solução de tradução a partir de Pym (2016; 2018) e Severino (2019) aplicados à tradução português-Libras (cotejamento).

PYM (2016; 2018)

| CÓPIA | | | Nº da página AEIT (português) | Tempo do vídeo AIET (Libras) |
|----------------------|----|----------------------------------|--|---------------------------------------|
| CÓPIA DE PALAVRAS | 1 | traduzir | pág. 06 | 00:40 [vídeo 2] |
| | 2 | traducere | pág. 06 | 00:47 [vídeo 2] |
| | 3 | Aurélio (dicionário) | pág. 06 | 00:53 [vídeo 2] |
| | 4 | traduzir | pág. 06 | 01:47 [vídeo 2] |
| | 5 | tradução | pág. 06 | 01:21 [vídeo 2] |
| | 6 | ou | pág. 06 | 02:11; 02:18 [vídeo 2] |
| | 7 | código | pág. 06 | 02:14; 02:19 [vídeo 2] |
| | 8 | Babilônia | pág. 06 | 03:24 [vídeo 2] |
| | 9 | Noé | pág. 06 | 03:29 [vídeo 2] |
| | 10 | Senaar | pág. 07 | 05:58 [vídeo 2] |
| | 11 | modalidades | pág. 08 | 08:35 [vídeo 2] |
| | 12 | [língua] franca | pág. 08 | 01:11 [vídeo 3] |
| | 13 | esperanto | pág. 08 | 01:46; 01:55 [vídeo 3] |
| | 14 | [Ludwik Lejzer] Zamenhof | pág. 08 | 02:00 [vídeo 3] |
| | 15 | Bialystok | pág. 08 | 02:06 [vídeo 3] |
| | 16 | ... | ... | ... |
| | 1 | Comissão de Unificação de Sinais | pág. 9 | 05:59 [vídeo 3] |
| | 2 | Língua de Sinais Americana | pág. 9 | 07:13 [vídeo 3] |
| | 3 | Tradução intermodal e | pág. 26 | 02:32 |

| | | | | |
|---------------------------|----------|--|---------|--------------------|
| COPIA DE ESTRUTURA | | intersemiótica/interlingual: português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais | | [vídeo 8] |
| | 4 | Prefácio às Cartas de Ovídeo | pág. 29 | 08:50 [vídeo 9] |
| | 5 | The Principles of Translation | pág. 29 | 09:52 [vídeo 9] |
| | 6 | Sobre os diferentes métodos de tradução | pág. 30 | 10:31 [vídeo 9] |

| MUDANÇA DE EXPRESSÃO | | | Nº da página AEIT (português) | Tempo do vídeo AIET (Libras) |
|-------------------------------|----------|--|--------------------------------------|-------------------------------------|
| MUDANÇA DE PERSPECTIVA | 1 | “mais conhecida” → “mais famosa” [Mudando o Foco Semântico] | pág. 8 | 01:40 [vídeo 3] |
| | 2 | “esperantista” → “grupo + a favor + <u>esperanto</u> ” | pág. 8 | 03:05; 03:37; 04:25 [vídeo 3] |
| | 3 | “não [...] recentes” → “...existem há anos” | pág. 26 | 03:29 [vídeo 8] |
| | 4 | “bem acessível” → “qualquer pessoa pode usar” | pág. 27 | 07:19 [vídeo 8] |
| | 5 | “invisibilidade do tradutor” → “apagamento do tradutor” | pág. 40 | 10:25 [vídeo 10] |
| | 6 | “atividades se confundiam” → “[atividades] não eram separadas” | pág. 44 | 00:55 [vídeo 11] |
| MUDANÇA DE DENSIDADE | 1 | Ludwik Lejzer Zamenhof → Zamenhof [Implicação e Cópia de Palavras] | pág. 8 | 02:00 [vídeo 3] |
| | 2 | Acréscimo de informações de ano de nascimento e morte de inventor do esperanto. [Explicação] | - | 02:21 [vídeo 3] |
| | 3 | Organização da Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura → UNESCO | pág. 9 | 03:53 [vídeo 3] |
| | 4 | Sinais Internacionais e Gestuno, em Libras, possuem o mesmo sinal. [Explicação] | - | 07:05 – 07:07 [vídeo 3] |
| | 5 | Marshall School of Business → Faculdade que trata de empresas/negócios [Generalização/Tradução Múltipla(?)] | pág. 10 | 08:22 [vídeo 3] |
| | 6 | Inserção de trecho dos filmes “Avatar” e “A Intérprete” | - | 08:58; 10:09 [vídeo 3] |
| | 7 | República Federativa do Brasil → Brasil | pág. 10 | 01:01 [vídeo 4] |
| | 8 | Lei de Diretrizes e Bases → LDB | pág. 12 | 07:26 [vídeo 4] |
| | 9 | Comunidade Econômica Europeia → CEE | pág. 14 | 04:12 [vídeo 5] |

| | | | | |
|---------------------------------|----|---|--------------|-----------------------------|
| | 10 | Religião <u>islâmica</u> → religião + <u>árabe</u> + <u>islamismo</u> (datilologia) [Generalização/Explicitação/Mudança de Perspectiva/Trad. Múltipla (?)] | pág. 18 | 03:31 [vídeo 6] |
| | 11 | John Dryden → Dryden | pág. 29 | 08:42 [vídeo 9] |
| | 12 | Friedrich Schleiermacher → Schleiermacher | pág. 30 | 10:18 [vídeo 9] |
| | 13 | Sinal de Walter Benjamin | pág. 30 | 11:02 [vídeo 9] |
| | 14 | Sinal de Lawrence Venuti | pág. 30 | 11:18 [vídeo 9] |
| | 15 | Linha do tempo [Acréscimo/Explicitação] | - | 12:26 [vídeo 9] |
| | 16 | Série de nomes e imagens de autores passando em tela [Multimodalidade concorrente] [Otimização de tempo + aumento de esforço cognitivo e de atenção] | pág. 30 | 13:43 – 13:54 [vídeo 9] |
| RESSEGMENTAÇÃO | 1 | Junção de frases a partir da palavra “esperanto” | pág. 8 | 01:47 – 01:54 [vídeo 3] |
| | 2 | Inversão na ordem de informações do parágrafo e interrupção de parágrafo por inserção de cartela | pág. 16 | 01:00 – 01:10 [vídeo 6] |
| | 3 | Parágrafo longo ressegmentado por meio de cortes transformando em cenas menores e mudança no plano de filmagem ou pela posição do tradutor em tela | pág. 45 | 05:13 – 07:39 [vídeo 11] |
| COMPENSAÇÃO | 1 | Notas de rodapé “autóctone” e “alóctone” | pág. 11 e 12 | 04:19; 04:55 [vídeo 4] |
| | 2 | Nota de rodapé “lusofonia” | pág. 14 | 01:28 [vídeo 5] |
| | 3 | Compensação com uso de cartela [línguas indígenas] | pág. 12 | 06:23 [vídeo 4] |
| | 4 | Compensação com uso de cartela [países onde a língua portuguesa é oficial] | pág. 14 | 02:18 [vídeo 5] |
| | 5 | Compensação com uso de cartela [comunidades em que a língua portuguesa é falada] | pág. 14 | 02:58 [vídeo 5] |
| | 6 | Compensação com uso de cartela [países em que fala-se crioulo com vocabulário da língua portuguesa] | pág. 15 | 05:45 [vídeo 5] |
| | 7 | Compensação com uso de cartela [dialetos crioulos falados na Angola] | pág. 15 | 06:48 [vídeo 5] |
| | 8 | Compensação com uso de cartela [dialetos crioulos em Cabo Verde] | pág. 15 | 07:23 [vídeo 5] |
| CORRESPONDÊNCIA CULTURAL | 1 | “Cara de um focinho de outro...” | pág. 35 | 01:05 [vídeo 10] |
| | 2 | Expressões em francês escritas em tela | pág. 36 | 02:05 [vídeo 10] |
| | 3 | Expressões em espanhol escritas em tela | pág. 36 | 02:19 [vídeo 10] |
| | 4 | Exemplos de polissemia e | pág. 37 | 07:00; 07:24 |

| | | | | |
|--|---|---|---------|---------------------|
| | | homonímia | | [vídeo 10] |
| | 5 | “Quebrar galho” e outras expressões escritas em português na tela | pág. 38 | 08:27 [vídeo 10] |
| | 6 | Expressões em inglês e tradução para o português em tela | pág. 53 | 02:57 [vídeo 12] |
| | 7 | Expressão em português e tradução para Libras em tela | pág. 53 | 03:05 [vídeo 12] |
| | 8 | <i>keyhole</i> (inglês) e tradução para o português <i>buraco da fechadura</i> (português) escritos em tela | pág. 56 | 06:20 [vídeo 12] |
| | 9 | Expressão “Melhor que nada” em português e correspondente “P-I-O-R nada” em Libras na tela | - | 06:36 [vídeo 12] |

| MUDANÇA DE MATERIAL/CONTEÚDO | | | Nº da página AEIT (português) | Tempo do vídeo AEIT (Libras) |
|------------------------------|----|---|-------------------------------|------------------------------|
| ADAPTAÇÃO DE TEXTO | 1 | Inserção do Vídeo 1 [Adição de Conteúdo] | - | [vídeo 1] |
| | 2 | Introdução ao Vídeo 2 [Adição de Conteúdo] | - | 00:06 – 00:24 [vídeo 2] |
| | 3 | Introdução ao Vídeo 3 [Adição de Conteúdo] | - | 00:06 – 00:35 [vídeo 3] |
| | 4 | Introdução ao Vídeo 4 [Adição de Conteúdo] | - | 00:06 – 00:28 [vídeo 4] |
| | 5 | Introdução ao Vídeo 5 [Adição de Conteúdo] | - | 00:05 – 00:52 [vídeo 5] |
| | 6 | Introdução ao Vídeo 6 [Adição de Conteúdo] | - | 00:05 – 00:28 [vídeo 6] |
| | 7 | Introdução ao Vídeo 8 [Adição de Conteúdo] | - | 00:16 – 01:05 [vídeo 8] |
| | 8 | Introdução ao Vídeo 9 [Adição de Conteúdo] | - | 00:09 – 00:56 [vídeo 9] |
| | 9 | Conclusão do Vídeo 2 [Adição de Conteúdo] | - | 08:47 – 09:50 [vídeo 2] |
| | 10 | Conclusão do Vídeo 3 [Adição de Conteúdo] | - | 11:18 – 12:13 [vídeo 3] |
| | 11 | Conclusão do Vídeo 4 [Adição de Conteúdo] | - | 11:10 – 12:24 [vídeo 4] |
| | 12 | Conclusão do Vídeo 5 [Adição de Conteúdo] | - | 09:28 – 10:33 [vídeo 5] |

| | | | | |
|--|-----------|---|---|--------------------------------|
| | 13 | Conclusão do Vídeo 6 [Adição de Conteúdo] | - | 04:57 – 06:13 [vídeo 6] |
| | 14 | Conclusão do Vídeo 7 [Adição de Conteúdo] | - | 10:06 – 11:18 [vídeo 7] |
| | 15 | Conclusão do Vídeo 8 [Adição de Conteúdo] | - | 07:40 – 08:57 [vídeo 8] |
| | 16 | Conclusão do Vídeo 9 [Adição de Conteúdo] | - | 20:56 – 22:19 [vídeo 9] |
| | 17 | Conclusão do Vídeo 10 [Adição de Conteúdo] | - | 11:22 – 12:19 [vídeo 10] |
| | 18 | Conclusão do Vídeo 11 [Adição de Conteúdo] | - | 13:01 – 13:50 [vídeo 11] |
| | 19 | Conclusão do Vídeo 12 [Adição de Conteúdo] | - | 22:29 – 23:16 [vídeo 12] |

| SEVERINO (2019) | | | Nº da página AEIT (português) | Tempo do vídeo AEIT (Libras) |
|------------------------------------|-----------|---|--|---------------------------------------|
| PERGUNTA SEMIRRETÓRICA/RETÓRICA | 1 | “Atualmente, seu leque de significados [...] só? não é... ” | pág. 6 | 01:06 [vídeo 2] |
| | 2 | “Para superar [...] aconteceu? Dificuldades de comunicação... ” | pág. 8 | 00:41 [vídeo 3] |
| | 3 | “o sonho dos esperantistas é o que?... ” | pág. 9 | 04:45 [vídeo 3] |
| | 4 | “Gestuno o que?... ” | pág. 9 | 05:18 [vídeo 3] |
| | 5 | “Congresso Mundial da [sinal WFD]. O que?... ” | pág. 9 | 05:48 [vídeo 3] |
| | 6 | “[...] tendo como parâmetro/regra o que?... ” | pág. 9 | 06:07 [vídeo 3] |
| | 7 | “[...] objetivo igual. O que?... ” | pág. 9 | 06:41 [vídeo 3] |
| | 8 | “[...] proposta o que?... ” | pág. 10 | 08:33 [vídeo 3] |
| | 9 | “[...] como meio legal de comunicação e expressão o que? A Língua Brasileira de Sinais... ” | pág. 11 | 02:57 [vídeo 4] |
| | 10 | “[...] comunicação e expressão como? Sistema linguístico... ” | pág. 11 | 03:12 [vídeo 4] |
| | 11 | “língua s minoritárias o que?... ” | pág. 13 | 09:43 [vídeo 4] |
| | 12 | “posição da língua portuguesa entre as línguas mais faladas | pág. 16 | 00:43 [vídeo 6] |

| | | | | |
|-------------------------------|-----------|--|---------|--------------------------------|
| | | no mundo, qual? ” | | |
| | 13 | “mas sempre foi assim? não... ” | pág. 18 | 02:52 [vídeo 6] |
| | 14 | “... se uma língua é falada por várias pessoas significa que ela é importante, superior, É? ” | pág. 17 | 01:29 – 01:37 [vídeo 6] |
| | 15 | “...pergunto: ditado popular [ele] traduzir COMO? ” | pág. 35 | 00:40 – 00:49 [vídeo 10] |
| RECURSO ESPAÇO-VISUAL | 1 | Distinção entre os conceitos de “línguas artificiais” e “línguas naturais”. | pág. 9 | 07:18 – 07:42 [vídeo 3] |
| | 2 | Africa, Asia, Europa e Oceania fazendo uso do espaço de sinalização | pág. 18 | 03:17 – 03:22 [vídeo 6] |
| | 3 | “ou o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele” e “ou o tradutor deixa o leitor em paz e leva o autor até ele” | pág. 30 | 10:38 – 10:55 [vídeo 9] |
| REPETIÇÃO/ REFORÇO | 1 | “... algumas línguas africanas são faladas em rituais de cultos afro-brasileiros como também em comunidades quilombolas. Nos dois casos, línguas africanas são faladas.” | pág. 12 | 07:57 – 08:09 [vídeo 4] |
| | 2 | “...[ela] fidelidade não leva a uma única tradução aceitável não...” | pág. 32 | 19:52 – 19:57 [vídeo 9] |
| | 3 | “No caso das línguas de sinais, pode haver as duas atividades, tradução e interpretação, pode... ” | pág. 44 | 01:58 – 02:03 [vídeo 11] |

APÊNDICE III

- Tabelas de detalhamento dos elementos multimodais iniciais (cotejamento).

| | | CAIXAS DE TEXTO [reflita, debate, pesquisa] | Nº da página AEIT (português) | Tempo do vídeo AIET (Libras) |
|-----------------|-----------|---|---|--|
| REFLITA | 1 | Como entendemos esse mito da Torre de Babel?... | pág. 7 | 07:18 [vídeo 2] |
| | 2 | Você tem ideia da quantidade de material traduzido a que estamos expostos no dia a dia?... | pág. 8 | 08:17 [vídeo 2] |
| | 3 | Existe a possibilidade de o inglês perder seu posto de língua franca para outra língua no futuro?... | pág. 18 | 04:26 [vídeo 6] |
| | 4 | Você conhece algum caso de tradução intralingual que já tenha feito, presenciado ou lido?... | pág. 22 | 04:13 [vídeo 7] |
| | 5 | Como você entende a expressão “equivalência na diferença”?... | pág. 24 | 07:47 [vídeo 7] |
| | 6 | Você lembra de algum exemplo concreto de tradução intersemiótica que conheça?... | pág. 25 | 09:47 [vídeo 7] |
| | 7 | Como você traduziria para Libras esse provérbio?... | pág. 36 | 03:53 [vídeo 10] |
| | 8 | [...] Você consegue lembrar de outros casos de polissemia em Libras?... | pág. 38 | - [vídeo 10] |
| | 9 | Como você traduziria para Libras as expressões [...]? | | 08:12 [vídeo 10] |
| | 10 | Os colegas da turma conhecem versões da oração Pai Nosso para Libras?... | pág. 40 | - [vídeo 10] |
| | 11 | [...] Em sua opinião, a tradução para Libras deve ser mais domesticadora ou estrangeirizadora?... | pág. 41 | 10:59 [vídeo 10] |
| | 12 | E você? Pode apresentar algum exemplo de uso de procedimentos técnicos da tradução diferente dos apresentados nesta Unidade 5? | pág. 69 | 22:11 [vídeo 12] |
| DEBATE | 13 | Qual a importância de os surdos brasileiros aprenderem o português, já que existe a Língua Brasileira de Sinais (Libras)? [...] Vamos debater nossas experiências e expectativas em relação ao ensino de português. | pág. 13 | 10:14 [vídeo 4] |
| | 14 | Qual a importância da tradução/interpretação no mundo globalizado? Para pensar a resposta a essa pergunta, pense em tudo que foi discutido nesta Unidade 1. | pág. 18 | 04:40 [vídeo 6] |
| | 15 | Esta unidade modificou o seu conceito de tradução de alguma forma? Explique. | pág. 32 | 20:40 [vídeo 9] |
| PESQUISA | 16 | Você conhece casos no mundo em que línguas minoritárias ganharam força e se impuseram perante as línguas majoritárias oficiais de seus países? Procure pesquisar a esse respeito. | pág. 13 | 10:25 [vídeo 4] |

| CITAÇÕES [destacadas com recuo] | | Nº da página AEIT (português) | Tempo do vídeo AEIT (Libras) |
|--|---|--|---|
| 1 | Gênesis 11 | pág. 7 | 04:13 [vídeo 2] |
| 2 | Art. 13 – Constituição Federal Brasileira | pág. 10 | 00:51 [vídeo 4] |
| 3 | Art. 1º – Lei nº 10.436 e Parágrafo Único | pág. 11 | 02:22 [vídeo 4] |
| 4 | Roman Jakobson (1999) | pág. 21 | 02:30 [vídeo 7] |
| 5 | Umberto Eco (2007) | pág. 32 | 19:19 [vídeo 9] |
| 6 | Santiago (2012) | pág. 61 | 12:41 [vídeo 12] |
| 7 | Barbosa (1990, p. 70) | pág. 62 | 13:29 [vídeo 12] |
| 8 | Barbosa (1990, p. 74) | pág. 65 | 17:53 [vídeo 12] |
| 9 | Barbosa (1990, p. 76) | pág. 68 | 21:18 [vídeo 12] |

| NOTAS DE RODAPÉ | | Nº da página AEIT (português) | Tempo do vídeo AEIT (Libras) |
|------------------------|--|--|---|
| 1 | Autóctone | pág. 11 | 04:19 [vídeo 4] |
| 2 | Alóctone | pág. 12 | 04:36 [vídeo 4] |
| 3 | Lusofonia | pág. 14 | 01:28 [vídeo 5] |
| 4 | Celibatário | pág. 22 | - [vídeo 7] |
| 5 | Septuaginta | pág. 28 | 03:49 [vídeo 9] |
| 6 | Tra duzindo literalmente: “De mau corvo, mau ovo” | pág. 36 | 02:05 [vídeo 10] |
| 7 | Tra duzindo literalmente: “De tal pau, tal farpa” | | 02:19 [vídeo 10] |
| 8 | Esta apresentação resumida, com fins didáticos [...] | pág. 52 | - [vídeo 12] |
| 9 | A tradução a qual o texto de Santiago (2012) se refere [...] | pág. 61 | 12:07 [vídeo 12] |

| DESTAQUES/DEFINIÇÕES DE CONCEITO | | Nº da página AEIT (português) | Tempo do vídeo AEIT (Libras) |
|----------------------------------|--------------------------------|----------------------------------|---------------------------------|
| 1 | Línguas artificiais [...] | pág. 9 | 07:16 [vídeo 3] |
| 2 | Língua franca [...] | pág. 18 | 02:27 [vídeo 6] |
| 3 | Tradução intralingual [...] | pág. 21 | 01:54 [vídeo 7] |
| 4 | Tradução interlingual [...] | pág. 24 | 08:29 [vídeo 7] |
| 5 | Tradução intersemiótica [...] | pág. 25 | 09:37 [vídeo 7] |
| 6 | Polissemia x Homonímia [...] | pág. 37 | 06:41 [vídeo 10] |
| 7 | Lawrence Venuti [...] | pág. 40 | 09:55 [vídeo 10] |
| 8 | Tradução x Interpretação [...] | pág. 44 | 02:10 [vídeo 11] |

| PALAVRAS EM NEGRITO | | Nº da página AEIT (português) |
|---------------------|--|----------------------------------|
| 1 | Esperanto | pág. 8 |
| 2 | Sinais Internacionais | |
| 3 | Língua artificial | |
| 4 | Sinais Internacionais | pág. 9 |
| 5 | Línguas autóctones | pág. 11 |
| 6 | Línguas alóctones | |
| 7 | Línguas autóctones (repete) | |
| 8 | Línguas alóctones (repete) | pág. 12 |
| 9 | Línguas minoritárias | pág. 13 |
| 10 | Línguas majoritárias | pág. 14 |
| 11 | América | |
| 12 | Europa | |
| 13 | Ásia | pág. 15 |
| 14 | Oceania | |
| 15 | África | |
| 16 | 4ª língua mais falada do planeta. * | pág. 16 |
| 17 | Chinês | |
| 18 | Espanhol | |
| 19 | Inglês | pág. 17 |
| 20 | Hindi | |
| 21 | Árabe | |
| 22 | Português | |
| 23 | Bengali | |
| 24 | Russo | |
| 25 | [...] o fato de uma língua ser falada por muitas pessoas não significa que ela seja a mais importante. * | |
| 26 | Língua franca | pág. 25 |
| 27 | Adaptação | |
| 28 | Tradução intermodal | pág. 26 |

| | | |
|----|---|---------|
| 29 | Tradução automática | |
| 30 | Língua de partida | pág. 36 |
| 31 | Língua de chegada | |
| 32 | ...mesmos efeitos * | pág. 37 |
| 33 | Tradução domesticadora | pág. 40 |
| 34 | Tradução estrangeirizadora | |
| 35 | Interpretação simultânea | |
| 36 | Interpretação consecutiva | pág. 46 |
| 37 | Interpretação sussurrada | |
| 38 | Interpretação simultânea (repete) | |
| 39 | Interpretação consecutiva (repete) | pág. 47 |
| 40 | Interpretação sussurrada (repete) | pág. 48 |
| 41 | Estrangeirismo | pág. 64 |
| 42 | Estrangeirismo transliterado (transliteração) | pág. 65 |
| 43 | Estrangeirismo aclimatado (aclimatação) | |
| 44 | Estrangeirismo + explicação | pág. 66 |

APÊNDICE IV

- Termo de consentimento, assinado pelo idealizador da ViaLibras, para o uso das informações prestadas para contextualização histórica da criação da videoteca.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Eu, _____, portador do CPF de número _____, declaro, para os devidos fins, estar em pleno acordo com o uso das informações concedidas, por mim, através de conversa informal com o pesquisador Rafael da Mata Severino (mestrando em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio), para fins de sua pesquisa intitulada *Tipos de solução de tradução no par linguístico português-Libras: uma reflexão a respeito dos conceitos de procedimentos, estilo e multimodalidade aplicados à tradução*, sob orientação da professora Dr^a. Teresa Dias Carneiro.

Atesto que fui informado dos objetivos estritamente acadêmicos do uso das informações prestadas e afirmo, portanto, não ter recebido incentivo financeiro de qualquer natureza que justificasse minhas declarações.

Afirmo, então, estar ciente de que o uso dos esclarecimentos prestados cumprirá critérios éticos rigorosos.

Assinatura

Rio de Janeiro, _____ de _____, 2022